

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Juliana de Aquino Fonseca Doronin

A velhice e a produção contemporânea de subjetividades: experiências
universitárias e educação aberta.

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÃO PAULO - SP

2021

Juliana de Aquino Fonseca Doronin

A velhice e a produção contemporânea de subjetividades: experiências universitárias e educação aberta.

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Silvana Maria Corrêa Tótoro, com filiação ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais.

SÃO PAULO -

2021

Banca examinadora

Aos velhos e velhas da minha pesquisa, pela disponibilidade,
Aos meus familiares, pelo apoio emocional e incondicional,
Aos amantes pela vida como complexidade da existência.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, minha avó Tina (*in memoriam*), pelas boas vibrações.

Aos meus familiares, pelo apoio emocional e incondicional, cada um de sua forma, me compreendendo, amparando, fortalecendo e me fazendo acreditar que tudo seria possível (mãe-Nilza, pai-Antonio, irmã gêmea-Giovanna, esposo-Gleb, filhos-Andrei e Alina, afilhado-Heitorzinho).

Agradeço à minha querida orientadora Prof^a. Dra. Silvana Maria Corrêa Tótor, por ter “apostado” em mim, que venho de outra área de formação, acreditando nos mundos interconectados da ciência, através das novas ideias, da criação, da potência...

Aos velhos e velhas de minha pesquisa e, também, aos seus familiares, pela disponibilidade nas entrevistas, pela troca de energia, pelas vivências experimentadas.

Às IES, que me abriram as portas, possibilitando a experimentação da observação, pela via dos coordenadores de cursos, professores das disciplinas que acompanhei na observação participante, palestrantes dos cursos de que participei.

Aos professores da banca pela leitura atenta e contribuições.

Ao Programa de Estudos Pós-Graduação em Ciências Sociais e à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professores, colegas de turma e funcionários (Kátia e Rafael), pela acolhida desde o momento da seleção.

À CAPES e depois ao CNPQ, pelo auxílio financeiro. O presente trabalho foi realizado inicialmente com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e atualmente pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) - Número do processo- 140024/2019-0.

Aos “anjos” em forma de gente, que cruzaram o meu caminho nas estradas, quando eu viajava cerca de 1.000 km semanalmente para aulas e orientações, como: motoristas de ônibus, pilotos de avião e tripulação; motoristas de Uber, táxi e transporte coletivo na cidade; atendentes de lanchonetes que preparavam café e leite quente para eu tomar, depois de vinte horas intermináveis de viagem, entre ida e volta; e tantos outros anjos que estiveram nessa longa e desafiadora caminhada.

Não sei

Não sei se a vida é curta ou longa para nós,
mas sei que nada do que vivemos tem sentido,
se não tocarmos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser: colo que acolhe,
braço que envolve, palavra que conforta,
silêncio que respeita, alegria que contagia,
lágrima que corre, olhar que acaricia,
desejo que sacia, amor que promove.
E isso não é coisa de outro mundo,
é o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela não seja nem curta,
nem longa demais, mas que seja intensa,
verdadeira, pura enquanto durar.

Feliz aquele que transfere o que sabe
e aprende o que ensina.

CORA CORALINA

RESUMO

A velhice na contemporaneidade pode ser percebida pelas múltiplas subjetivações de poder, como: a velhice como capital humano fabricado pelo mercado; a velhice como sujeito de direitos, ligada à dimensão sistematizada por estatuto jurídico “engessado e padronizado”, que não considera as singularidades desse sujeito de direitos; e a velhice como estética da existência, ligada à produção da subjetividade no “artista da vida”, com vontade de potência, aumentando positivamente ou negativamente à condução de sua vida, independentemente de sua idade cronológica. A pesquisa empírica foi realizada de setembro de 2016 a novembro de 2018, com idosos participantes dos grupos em duas Instituições de Ensino Superior, Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e o projeto de extensão “Viver Melhor” da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), ambos com foco em cidadania. Realizada pesquisa documental, observação e vinte entrevistas com e alguns familiares dos idosos, com o objetivo de perceber o impacto que essas experiências trouxeram para suas vidas e de que maneira elas são conduzidas na prática. O uso da poesia neste estudo demonstra “nova ferramenta” para fazer ciência, acompanhando três movimentos de pensamento a partir do “como”: a velhice se introduziu no debate das políticas públicas e educacionais?; como essa política se insere dentro de uma política de gestão no governo de condutas?; e como são adotados essa política em modos de experiências de vida (de modificações)? A hipótese inicial era de que as IES possibilitavam o estímulo e a promoção de idosos críticos e conhecedores do seu papel como cidadãos, atuando no desenvolvimento das práticas fortalecidas pelas políticas públicas existentes no Estado brasileiro. Porém, essa criticidade mostrou-se limitada no nas ações, sem questionamentos e avanços no campo de novas propostas a partir das necessidades dos sujeitos individuais e suas atuais necessidades, considerando as transformações societárias. As percepções múltiplas trazidas nas narrativas dos participantes demonstraram concepção da política de vida, através do ser bifurcado, oposto e complementar – singular e múltiplo ao mesmo tempo. Após análise consideramos que não há convicções prontas e acabadas que respondam objetivamente à inquietação inicial, pois somos seres bifurcados e em constante movimento de experimentações, movidos por impulsos da subjetividade ainda é necessário avançar, diante da complexidade da pesquisa e das suas diversas formas de experimentações e principalmente a concepção de que velhos (a) estão sujeitados às políticas públicas “engessadas”, porém, as singularidades da existência provocam em alguns a potência de perceberem que, mesmo estando submetidos aos mecanismos de controle da biopolítica–, utilizam-se da política da vida como estratégia de enfrentamento, através da recriação do momento.

Palavras-chave: Velhice/envelhecimento; Universidade Aberta à Terceira Idade; Políticas Públicas.

ABSTRACT

Contemporary age can be perceived by the multiple subjectivations of power, such as: old age as human capital manufactured by the market; old age as a subject of rights, linked to the dimension systematized by a “plastered and standardized” legal statute, which does not consider the singularities of this subject of rights; and old age as aesthetics of existence, linked to the production of subjectivity in the “artist of life”, with a desire for power, increased positively or negatively to the conduct of his life, regardless of his chronological age. An empirical research was carried out from September 2016 to November 2018, with elderly participants of the groups in two Higher Education Institutions, Universidade Aberta a Terceira Idade (UNATI) of the State University of Maringá (UEM) and the extension project “Viver Melhor ”From the State University of Paraná (UNESPAR), both with a focus on citizenship. Documentary research, observation and twenty meetings were carried out with and some relatives of the elderly, with the aim of realizing the impact that these experiences brought to their lives in what way they are conducted in practice. The use of poetry in this study demonstrates a “new tool” to do science, following three movements of thought based on the “how”: has old age been introduced into the debate on public and educational policies? How does this policy fit into a management policy in the conduct government? and how are policies adopted in ways of life experiences (of modifications)? The initial hypothesis was that as the HEI made it possible to stimulate and promote old age and are aware of their role as citizens, acting in the development of practices strengthened by public policies existing in the Brazilian State. However, this criticism is known to be limited in actions, without questioning and advancing in the field of new proposals based on the needs of individuals and their current needs, considering societal transformations. The multiple perceptions brought up in the participants' narratives demonstrated a conception of life policy, through being bifurcated, opposite and complementary - singular and multiple at the same time. After the analysis, we believe that there are no ready and finished convictions that respond objectively to the initial concern, because we are bifurcated beings and in constant movement of experimentation, driven by impulses of subjectivity, it is still necessary to advance, given the complexity of the research and its various forms of experiments and mainly the conception that old people are subject to “plastered” public policies, however, as singularities of existence they provoke in some the power of perception that, even obtained through the mechanisms of biopolitics control-, use politics of life as a coping strategy, through the recreation of the moment.

KEYWORDS: Old age/aging; Open University for Seniors; Public policy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - UNATI/UEM.....	58
Figura 2 - Roda de Conversas com Idosos – UNATI/UEM.....	64
Figura 3 - Café Filosófico-UNATI/UEM.....	67
Figura 4 - Matéria no Jornal Noroeste sobre o Projeto Viver Melhor/UNESPAR	68
Figura 5 - Tour do Viver Melhor /UNESPAR no Campus (Auditório).....	69
Figura 6 - Tour do Viver Melhor /UNESPAR no Campus (Laboratório).....	69
Figura 7 - Tour do Viver Melhor /UNESPAR no Campus (biblioteca).....	70
Figura 8 - Tour do Viver Melhor /UNESPAR no Campus (enfermagem).....	70
Figura 9 - Ensaio Fotográfico 1.....	124
Figura 11 - Ensaio Fotográfico 3.....	125
Figura 12 - Ensaio Fotográfico 4.....	126
Figura 13 - Ensaio Fotográfico 5.....	126
Figura 14 - Ensaio Fotográfico 6.....	127
Figura 15 - Ensaio Fotográfico 7.....	127
Figura 16 - Ensaio Fotográfico 8.....	128
Figura 17 - Capa livro de cordel.....	208

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descritivo relacionando aos objetivos específicos x resultados encontrados e/ou encaminhados para CMDI (Viver Melhor/UNESPAR)	72
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPC	Benefício de Prestação Continuada
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil
CATI	Centro Acadêmico da Terceira Idade
CF	Constituição Federal
COU	Conselho Universitário
CMDI	Conselho Municipal de Direitos do Idoso.
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa PUC-SP.
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DA	Diretório Acadêmico
DFL	Departamento de Filosofia
EJA	Ensino Jovens e Adultos
HUM	Hospital Universitário no Pronto Socorro
HSR	Hospital Santa Rita
IR	Imposto de Renda
IPVA	Imposto Sobre a Propriedade de Veículos Automotores
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IES	Instituições de Ensino Superior
DHM	Índice de Desenvolvimento Humano de Maringá
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação e Cultura

ONG	Organização Não-Governamental
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas.
PEP	Projeto ético-político
PNI	Política Nacional do Idoso
PUCSP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PSF	Posto de Saúde da Família
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PNI	Plano Nacional do Idoso
SUS	Sistema Único de Saúde
SPA	Saúde pela água
SESC	Serviço Social do Comércio
SEMAS	Secretaria Municipal de Assistência Social
SEDS-PR	Secretaria de Desenvolvimento Social do Paraná.
SBGG	Sociedade Brasileira de geriatria e Gerontologia
TIDE	Tempo Integral de dedicação Exclusiva
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.
UNOPAR	Universidade Norte do Paraná
UNICESUMAR	Centro Universitário de Maringá.
UNIASSELVI	Centro Universitário Leonardo da Vinci
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná
UNATI	Universidade Aberta a Terceira Idade
UNAI	Programas de Universidades para Idosos
UAMA	Universidade Aberta à Maturidade
UNOPAR	Universidade Norte do Paraná
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UEM	Universidade Estadual de Maringá

UBS Unidade Básica de Saúde

UNFPA United Nations Population Fund

SUMÁRIO

<u>PREÂMBULO</u>	17
<u>INTRODUÇÃO</u>	22
<u>PARTE I: CAPÍTULO I - PANORAMA DAS EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS VOLTADAS PARA POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL</u>	45
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA IDOSOS	48
1.2. UNATIS: PERCEPÇÕES, DISCUSSÕES E ANÁLISE DE DADOS	52
<u>CAPÍTULO II - CONHECENDO OS DOIS PROJETOS</u>	56
2.1. UNATI/UEM	58
2.2. VIVER MELHOR/UNESPAR	68
2.3. O ENTRELAÇAMENTO DAS EXPERIÊNCIAS	75
<u>PARTE II: CAPÍTULO III - “UNIVERSIDADE DOS IDOSOS”</u>	80
3.1. UNIVERSIDADE E EXPRESSÕES SOBRE OS PROJETOS	82
3.2. UNIVERSIDADE: DEVIR E ÓCIO CONQUISTADO	84
3.3. UNIVERSIDADE: CONHECIMENTO INACABADO E PERMANENTE PARA A VIDA DE ARTISTA	89
3.4. UNIVERSIDADE: DISPOSITIVOS DE RESISTÊNCIA À INSTITUCIONALIZAÇÃO E BUROCRATIZAÇÃO	96
3.5. UNIVERSIDADE: COLETIVIDADE, SOCIALIZAÇÃO E CIDADANIA	106
<u>CAPÍTULO IV - VELHICE E SUAS EXPRESSÕES</u>	116
4.1 A VELHICE: CORPO FINITUDE	118
4.2 VELHICE: VELADA OU NEGADA	138
4.4 VELHICE COMO POLÍTICA DE VIDA	158
<u>CAPÍTULO V - A “POLÍTICA” E SUAS SUBJETIVIDADES</u>	170
5.1. A POLÍTICA	173
5.1.1. POLÍTICA DE CONDUTA	180
5.1.2. POLÍTICA DE GOVERNO	186
5.1.3. POLÍTICA DA VIDA	197

<u>PARTE III:</u>	203
<u>CAPÍTULO VI - A RIMA DA VELHICE/ENVELHECIMENTO</u>	203
6.1. A POESIA DE CORDEL COMO INSPIRAÇÃO	203
6.1.1. A VELHICE, NIETZSCHE E EU	208
<u>ANEXOS</u>	240
<u>ANEXO 1 - PARECER DO CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA PUC-SP</u>	241
<u>ANEXO 2 - AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NO VIVER MELHOR/UNESPAR</u>	246
<u>ANEXO 3 - AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA UNATI/UEM</u>	247
<u>ANEXO 4 - COMPROBATÓRIO DE OBSERVAÇÃO NO GRUPO DE ESTUDOS EM FILOSOFIA “REPENSAR A TERCEIRA IDADE” (UNATI/UEM)</u>	248
<u>ANEXO 5 - COMPROBATÓRIO DE OBSERVAÇÃO NA RODA DE CONVERSA (UNATI/UEM)</u>	249
<u>ANEXO 6 - COMPROBATÓRIO DE PARTICIPAÇÃO NO GRUPO DE EXTENSÃO VIVER MELHOR/UNESPAR</u>	250
<u>ANEXO 7 - RESOLUÇÃO Nº 034/2009-COU, SOBRE CRIAÇÃO DA UNATI/UEM</u>	252
<u>ANEXO 8 - PLANO DE CURSO DO GRUPO DE ESTUDO FILOSOFIA: “REPENSAR A TERCEIRA IDADE” (2018)</u>	262
<u>ANEXO 9 - LISTA DE CURSOS OFERTADOS (2019-2)</u>	265
<u>ANEXO 10 - LISTA DE TEMAS DISCUTIDOS NA RODA DE CONVERSA PARA IDOSOS</u>	268
<u>APÊNDICES</u>	269
<u>APÊNDICE 1- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</u>	270
<u>APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM IDOSOS</u>	271

APÊNDICE 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM FAMILIARES **278**

APÊNDICE 4- LISTA DE TEMAS DISCUTIDOS NO VIVER MELHOR/UNESPAR
280

APÊNDICE 5 - LISTA DE TEMAS DISCUTIDOS NO CAFÉ FILOSÓFICO
(UNATI/UEM) **281**

PREÂMBULO

Eis um pouco dos encontros, desencontros e reencontros com a velhice/envelhecimento.

Chamo-me *Juliana de Aquino Fonseca Doronin*, o meu primeiro nome – *Juliana* – é o que está nos documentos, porém, às vezes tenho dúvida, pois sou gêmea univitelina de outra menina e, às vezes, me pergunto: “sou eu mesma ou será que eu sou minha irmã e minha irmã, sou eu?!”, apesar de que me identifico muito com “**Juliana**”. Os nomes do meio – *Aquino e Fonseca* – são da família de minha mãe e do meu pai, respectivamente e, sobre o último nome – *Doronin* – ele é “herança em vida” do meu esposo Gleb Doronin, russo, naturalizado brasileiro. Somos casados civilmente e no religioso há 22 anos e temos um casal de filhos Andrei (19 anos) e Alina (10 anos). Natural de Campina Grande, interior da Paraíba, resido há 17 anos em Maringá, também interior, só que do Paraná. Entrei recentemente na “era dos enta”, estou com quarenta e quatro anos de “estrada”.

Desde criança sentia ter aptidão para minha profissão: liderava as discussões em sala de aula levantando reivindicações, promovendo debates, ouvindo os que “não tinham voz”, elaborando propostas e buscando soluções coletivas para as turmas – tanto que fui por muito anos representante dos colégios que estudei. Ali, sem que eu percebesse já se anunciava características da minha futura profissão, escolhida após o término do Ensino Médio.

Aprovada no primeiro vestibular e passados quatro anos tornei-me bacharel em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), campus de Campina Grande, interior da Paraíba. Ufa! Isso já faz vinte e um anos, e parece que foi ontem!

Identifiquei-me tanto com o curso que já havia passado pelo momento de reconceituação na tentativa de romper com a teoria e prática positivista – tradicional rumo à teoria crítica marxista.

Os últimos dois anos de faculdade me auxiliaram em meu primeiro trabalho após graduada, pois fiz estágio curricular no Posto de Saúde da Família (PSF) e estágio remunerado no Serviço Social do Comércio (SESC) e Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS), todos com idosos que sempre me inspiraram. Cabe ressaltar que a escolha da profissão também partiu do meu desejo de trabalhar com idosos, motivada pela saudade de minha avó materna Joana conhecida como Tina (*in memoriam*).

Foi esse o meu primeiro encontro como estagiária com aqueles que viriam a ser objeto da presente pesquisa – os velhos! Ali tratados por mim ainda como idosos ou terceira idade.

Ao concluir minha graduação fui convidada a trabalhar em equipamento público municipal “Centro de Convivência do Idoso”, sendo esse o meu primeiro encontro com os idosos na condição de profissional do Serviço Social. Na sequência, prestei assessoria para implantação do Setor de Serviço Social em policlínica particular na cidade de Recife, capital Pernambucana – nesse momento tive meu primeiro filho Andrei, quando ainda residia em Campina Grande.

Pouco depois vim morar em Maringá, interior do Paraná, cidade onde resido atualmente. Aqui, trabalhei inicialmente em Saúde pela Água (SPA), com escritório sede em Maringá e unidade do SPA no município de Água Boa - PR. Lá foi meu segundo encontro, como Assistente Social, com idosos – idosos estes, em sua grande maioria, usuários da Política da Assistência Social. Assim, desenvolvi projeto de intervenção de inclusão desses idosos nesse espaço ocupacional de atuação profissional. Continuava, dessa forma, minha inspiração em trabalhar com a velhice/envelhecimento, motivada pela troca de energia e vivências.

Foi a realização de um sonho, num misto de sensações! Pois, ao mesmo tempo que eu possibilitava àqueles idosos a ida a lugares nunca visitados e, talvez, impossíveis de serem alcançados, considerando que eles eram “seres marginais aos olhos do capital”, não possuidores de recursos financeiros suficientes para comprarem “pacotes antiestresse ou de “emagrecimento naquele Spa”.

Com a realização de meu trabalho de inserção desses grupos excluídos aos “olhos do capital”, senti minha alma transcender para o universo desses sujeitos. Senti-me de certa forma acolhida e acalentada por eles, nos momentos que me encontrava vulnerável emocionalmente na adaptação de uma “nova vida”, devido à mudança de residência, cidade, estado, novos vínculos, novo trabalho etc. Foi, sem dúvida, uma relação de troca de emoções, sensações, sentimentos, afetos e vivências, ultrapassando qualquer clichê restrito a “Programações de Spa para melhoramento de Qualidade de Vida”, como mecanismo de controle. Ou seja, eu sentia que era muito mais que isso, sentia que era esse trabalho era a possibilidade de vivências intensas e únicas, nunca experimentadas, nem por mim nem por eles!

Na sequência, trabalhei em hospitais, no Hospital Santa Rita (HSR) na função de Assistente Social e, depois, no Hospital Universitário no Pronto Socorro (HUM), realizando atendimentos a pacientes e familiares, experimentando sensações de lidar

“com o risco de morte, no limite de muitas vidas, que completavam seus ciclos”, inclusive, pacientes idosos, sendo este o meu terceiro grande encontro com esses sujeitos!

Ainda quando estava no HSR, senti necessidade de me aprofundar em leituras específicas da área da saúde, realizando curso de especialização em saúde coletiva pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Minha profissão possibilita atuar em diversas áreas ligadas à condução das políticas sociais públicas e privadas, como planejamento, organização, execução, avaliação, gestão, pesquisa e assessoria, isso favorece a ampliação do conhecimento, troca de experiência e constante aprendizado. Nesse sentido, participei de seleção para área de educação, tendo sido aprovada como docente colaboradora no Curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) campus de Paranavaí, e também no Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR).

Nessa época também fui trabalhar no Colégio Marista de Maringá, atuando como Assistente Social por sete anos em dois momentos, pois houve um intervalo após nascimento de minha filha Alina e entrada no mestrado em Ciências Sociais (UEM). Nesses anos, me desencontrei da minha paixão, que sempre foram os velhos, até então tratados por mim como idosos, devido às “amarrações do termo encontrado na Política do Idoso”.

Continuei no caminho profissional da área de educação, retomando a docência no curso de Serviço Social da Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), participando de bancas de graduação da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), do Curso de Especialização Gestão Social: Políticas Públicas, Redes e Defesa de Direitos. Realizei também trabalho temporário na função de Assistente Social no Colégio Sagrado Coração de Jesus, localizado no município de Nova Esperança - PR.

E, finalmente, retornei à docência pela segunda vez, no curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) Paranavaí, momento em que também retomei minha grande paixão: o trabalho com idosos. Esse foi o primeiro encontro no qual estive na condição de docente e coordenadora, desenvolvendo o meu “Tempo Integral de Dedicção Exclusiva” (TIDE) com o projeto intitulado “Viver Melhor com Cidadania”, junto aos idosos do projeto de extensão “Viver Melhor”. Por meio dele, orientei equipe de discentes, participando e contribuindo com a construção da Política Municipal da Pessoa Idosa daquele município, além de lecionar disciplinas para o bacharelado.

Naquele momento, percebi que era a minha “grande chance” de me reencontrar e me aproximar do que foi minha maior motivação profissional: minha atuação com os idosos, agora na área da pesquisa!

Foi então que iniciei o doutorado em Ciências Sociais, na área de Política, iniciado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), sob orientação da Profa. Dra. Silvana Tótora, com o projeto intitulado inicialmente por: “A arte de viver: experiências universitárias com a educação aberta às velhices”, tendo como universo de pesquisa o trabalho na extensão na UNESPAR.

Na ocasião, pude perceber aproximações nos objetivos gerais dessas experiências¹ (DORONIN, 2018), tanto da extensão quanto da pesquisa, pois além de ambas terem como foco o grupo de idosos, possuíam também a necessidade de perceber de que forma os projetos têm impactado a vida desses sujeitos, através de discussões e reflexões para além da temática de garantia de políticas públicas, incentivando igualmente o exercício da cidadania do idoso, buscando, além disso, que esse universo de políticas seja ampliado com a participação desses sujeitos, a fim de garantir as necessidades desses cidadãos, que são singulares e múltiplos, ao mesmo tempo!

Os estudos me inspiraram e me possibilitaram algumas produções científicas durante a elaboração da pesquisa, como a publicação de diversos artigos, bem como os livros *A Velhice, Nietzsche e Eu* e *Demarcações Sociais De Velhice(s)*. Mas, principalmente, me possibilitaram a ampliação da percepção da velhice para além de “determinações cronológicas engessadas”, pautadas em manuais de saúde e/ ou de política pública, até então vistos!

¹ O projeto “Viver Melhor com Cidadania”, vinculou-se ao “Projeto de extensão Viver Melhor”, acrescentando o objetivo específico do exercício da cidadania, procurando oferecer à população com mais de sessenta anos o espaço de inserção como sujeitos protagonistas de suas vidas e, ao mesmo tempo, permitir ao aluno de Serviço Social o aprendizado a partir do contato cotidiano com essa população. E o 2) “A Arte de Viver: experiências universitárias com a educação aberta à terceira idade”, trata-se de projeto de pesquisa de investigação de doutorado em Ciências Sociais da PUC-SP (2016-2020) cujo objetivo geral foi avaliar o impacto que experiências com educação (UNATI-UEM) e de assessoramento à comunidade idosa (Viver Melhor) promovem na vida desses sujeitos, além perceber de que maneira se evidencia na prática tal ação contribuindo, em perspectiva crítica, para formulação de novas propostas de políticas públicas, integrando o idoso como ser único, independentemente de sua realidade histórico-cultural. DORONIN, Juliana A. F. Discutindo Cidadania enquanto Arte de Envelhecer. REVISTA PORTAL de Divulgação, v. 55, p. 59-61, 2018. Disponível em <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/699/769>. Acesso em: 3 de setembro de 2019.

Após todos esses encontros, desencontros e reencontros, seja na condição de neta, estagiária, assistente social, docente e, atualmente, pesquisadora, percebo que esses encontros estavam marcados e, por isso, apesar dos desencontros, os reencontros aconteceram, aproximando-me mais e mais do meu “objeto de estudo”, que ultrapassaram o termo “idoso” e se tornaram os “velhos” e “velhas”. Essa aproximação fez com que eu me identificasse com isso tudo, na perspectiva de perceber naturalmente que esses encontros, desencontros e reencontros com os velhos são reencontros comigo mesma e com o meu processo de envelhecimento. Como tudo, aliás, que vive, nesse planeta e até em outros, talvez...

Escrever sobre velhices me fez perceber que, apesar de aparentemente minha vida ter sido construída de forma linear, a realidade diz justamente o contrário, como num plano anticartesiano. Refletir sobre isso é perceber que me aproximo do “homem da bifurcação”, longe do equilíbrio e das normas, numa tentativa de me encontrar, desencontrar e reencontrar com o que me afeta. Sou um ser bifurcado, entre o “molar” e os “fluxos moleculares”, o formal – quando estruturei esse texto que agora inicio – e o informal – nos meus pensamentos, discursos, argumentos, reflexões, afeições.

Pensar na minha trajetória de vida é perceber que ora eu fui “destruída” – quando me desliguei de alguns trabalhos profissionais – ora eu fui “reconstruída” – quando iniciei novos projetos, novas inspirações, novas motivações vice-versa.

Sinto-me um “ser bifurcado”, pois ao mesmo tempo sou mulher, mãe, profissional, estudante, pesquisadora, cidadã, ética ou, simplesmente, ora não sou nada disso...

“Sou ‘ordem’ e ‘desordem’, ao mesmo tempo”, o bifurcado da pesquisa, de casa, e da vida...

Percebendo os sonhos como reorganizações ocultas diante da complexidade da vida!

Isso tudo me faz sentir, levitar, refletir, impactar, ser impactada, viver, interpretar, inventar, reinventar, perceber, fluir e movimentar-me agora para além da pesquisa, dando lugar às vivências apreendidas, nas quais meus quarenta e três anos passaram a ter um grande significado: *A afirmação da existência como potência de vida!*

INTRODUÇÃO

*As velhices têm poder,
Por vezes sujeitado,
Ao capital humano,
Fabricado pelo Mercado!*

*Sujeitado também,
aos Estatutos Jurídicos,
De códigos de conduta,
Pouco esclarecido,
Padronizando o “rebanho”
E o tornando “emburrecido”!*

*Talvez a saída esteja,
No artista legislador,
Sujeitado à existência,
Na alegria, ou na dor!²*

A maioria dos trabalhos com a temática da velhice e/ou envelhecimento são iniciados pelos autores justificando que o envelhecimento na atualidade é tratado como fenômeno social mundial, em decorrência das estatísticas que, objetivamente, apresentam aumento populacional de pessoas acima de 60 anos no Brasil (IBGE, 2015) e no mundo (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005), após a Segunda Guerra Mundial e redução de fecundidade.

Dessa forma, há necessidade evidente de os países “se prepararem” para atenderem essa geração dos “matusaléns”, dando um “fim do culto à juventude” (SCHIRRMACHER, 2005), através de políticas públicas adequadas para necessidades desses idosos.

Essa “preparação” por vezes ocorre na negação da própria velhice, carregada de estereótipos e manuais que se fundamentam em *slogans* apelativos, por exemplo: como envelhecer rejuvenescendo; uma velhice ativa como sendo via única para o sucesso de uma velhice saudável, dentre outros.

Após a Primeira Assembleia Mundial Sobre o Envelhecimento, convocada pela ONU em 1982, e elaboração do plano de controle da população idosa pelos países, o centro da preocupação foi associar a longevidade à manutenção de uma “vida ativa”.

² Epígrafe no formato de poesia de autoria própria.

Segundo Tótorá (2014, p. 247) “longe de abordagens que reclama o consenso inclusivo da participação de todas as idades num programa comum de envelhecimento ativo e saudável”, referindo-se à análise sobre Programa de Saúde do Idoso como Envelhecimento OPAS-OMS (2005) e seus desdobramentos no Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde (2015), no qual traz reflexões, problematizações e contribuições sobre o “envelhecimento ativo” defendido nesses documentos, podendo ser questionado e repensado a partir de algumas abordagens conceituais de Nietzsche³, Deleuze⁴, Guattari⁵ e do próprio Foucault⁶, no tocante à necessidade de refletir sobre um percurso singular para o envelhecimento e a velhice, com base na potência e na ética como estética da existência, aproximando-se de um envelhecimento artista, isto é, promovendo a substituição do termo ativo, atribuído ao envelhecimento, por artista (TÓTORA, 2017).

Sabe-se que no Brasil há um verdadeiro “dossiê” de legislações com base na Proteção Constitucional da Pessoa Idosa, porém, percebe-se também que estas se mostram ainda ineficientes, tendo em vista o “engessamento” das suas implementações: “Partem, por exemplo, do princípio da definição de ‘pessoa idosa’ com base na definição cronológica do sujeito – a saber – pessoa com idade igual ou superior a sessenta anos” (OMS, 2006).

Esse limite cronológico ocorre em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Assim, a legislação sendo um mecanismo de controle passa a não reconhecer a condição da velhice como categoria social – destacada pelo termo idoso – e como direito.

Vários termos estereotipados sobre velhice são encontrados, carregados de subjetivações de poder. Contudo, recorrendo a Birman (1995, *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 25), é possível refletir sobre os conceitos:

Velho na percepção dos ‘envelhecidos’ das camadas médias e superiores está associada à pobreza, à dependência e à incapacidade, o que implica que o velho é sempre o outro. Já a noção de “terceira idade” torna-se sinônimo dos ‘jovens velhos’, os aposentados dinâmicos que se inserem em atividades sociais, culturais e esportivas. Idoso, por sua vez, é a designação dos ‘velhos respeitados’. **A expressão ‘idoso’ designa uma categoria social, no sentido de uma corporação, o que implica o desaparecimento do sujeito, sua história pessoal e suas particularidades. Além disso, uma vez que é considerado apenas como categoria social, o idoso, é alguém que existiu no passado, que**

³ A vida como obra de arte, vontade, potência...

⁴ Sociedade de controle como dispositivo de poder.

⁵ Servidão maquínica.

⁶ E sua análise dos mecanismos de poder, governo de condutas e capital humano.

realizou o seu percurso psicossocial e que apenas espera o momento fatídico para sair inteiramente da cena do mundo (grifo nosso).

Nesse sentido, o idoso passa a ser respeitado como o sujeito de direitos, porém, sujeitado aos padrões legislativos, independentemente de suas singularidades. Contudo, essa percepção, no nosso entendimento, descontrói a sentença “passa a ser respeitado”, considerando que, por vezes, suas necessidades e singularidades deixam de existir, sobretudo quando é atribuído apenas o critério de idade, segundo a legislação – acima de sessenta anos – como perspectiva de “velhice restrita ao sujeito de direitos⁷”. Destacamos que, ser sujeito de direitos é importante, desde que esses direitos não sejam apenas uma formalidade legal.

Esse determinante etário atribuído na legislação é limitante e demonstra claramente a maneira, por vezes equivocada, como instituições, alguns especialistas em envelhecimento ou até mesmo gestores “lidam” com a definição de tempo, isto é, como um todo “amorfo ou homogêneo”, sem diferenças ou antagonismos, gerando, inclusive, uma visão acrítica da questão e repercussões equivocadas⁸ sobre a reclassificação da velhice, como foi o caso, recentemente da circulação de notícia falsa, por meio do aplicativo WhatsApp intitulado “OMS reclassifica o conceito de Jovem/idoso”, no qual os idosos passavam a ser pessoas de 80 a 99 anos de idade.

A velhice restrita à classificação etária nos limita de pensarmos nas subjetividades e nas relações sociais nas quais esses sujeitos se inserem e também na sujeição social inerente⁹ a esses sujeitos.

Nesse raciocínio, se fizermos uma análise das subjetividades no sistema capitalista atual, percebemos que os sujeitos passam a fazer parte do mecanismo de produção e de poder do modo de produção capitalista para além da força de trabalho, por serem sujeitados aos dispositivos formados. Por exemplo, através da biopolítica, em ações que visam o controle das doenças, evitando e postergando a morte.

Na nossa sociedade disciplinar, esses mecanismos ditam manuais de “velhice ativa”, que regulam os indivíduos, sendo considerados, ainda, como uma “via única para

⁷ Esclarecemos que ser sujeito de direitos é importante desde que esses direitos não sejam apenas uma formalidade legal, restrita à tentativa de cumprimento do universalismo formal e legal que, por vezes, não dão conta das singularidades.

⁸ Disponível em: <http://www.saude.gov.br/fakenews/45542-oms-reclassifica-conceito-de-jovem-idoso-e-fake-news>. Acesso em 10 de setembro de 2019.

⁹ LAZZARATO, Maurício. *Signos, máquinas, subjetividades*. Tradução Paulo Domenech Oneto. São Paulo, n.1, SESC Edições, 2014. p. 13-51.

o envelhecimento com sucesso”. Diferentemente da perspectiva de vida de Foucault, por exemplo, que percebe a velhice como estética da existência, como é utilizado por Tótorá (2015) para pensar a velhice.

Nessa perspectiva, compactuamos que o envelhecimento precisa ser considerado como processo de “unidade na diferença” e “com diferenças” (TEIXEIRA, 2017), principalmente como processo e resultado da vida individual e social, marcado pelas desigualdades sociais, de classes (e nos seus segmentos de classe), gênero, raça, etnia etc.

Apesar das justificativas mencionadas por vários autores no que se refere à necessidade de os países se “prepararem” para o grande contingente de idosos que “ora”, se anuncia – no qual me incluo como processo natural de vida –, através das demandas cotidianas de políticas públicas adequadas e outras situações – como o cultivo das relações geracionais; o incentivo a programas de qualidade de vida para idosos; a diminuição da “cultura da institucionalização”; a defesa da velhice ativa e bem-sucedida etc. – é crucial nos indagarmos: de que velhices eles estão falando? Que sujeitos são esses? Quais as singularidades e subjetividades que perpassam esses sujeitos? Que vivências eles trazem e quais estão por vir?

Dessa forma, os estudos precisam ultrapassar as mudanças demográficas, que já são claras quanto a revelação do aumento populacional dos sujeitos idosos, para uma concepção de que esses sujeitos de direitos, além de seres coletivos representados nos dados censitários, também possuem suas singularidades, ou seja, há uma necessidade eminente de pesquisas e estudos que ultrapassem a justificativa de pensar a velhice, objetivada exclusivamente como “fenômeno social em um coletivo de sujeitos”, com “necessidades iguais” e que estas podem ser atendidas dentro da padronização de “políticas públicas eficientes”.

Contudo, embora haja a necessidade de pesquisas e estudos na área do envelhecimento devido ao aumento populacional dessa parcela de sujeitos de direitos, é necessário destacar a seguinte problemática: apesar da projeção de numeroso contingente de idosos, nem todos percebem, experimentam vivenciam a velhice/envelhecimento da mesma forma. Portanto, além de fundamentações e justificativas para a necessidade de a sociedade estar preparada para “lidar com esses velhos”, é fundamental trazermos algumas reflexões e debates sobre que velhos estão sendo mencionados.

Apesar da conquista do Serviço Social como campo de conhecimento científico¹⁰, segundo Teixeira (2017, p. 22), “ainda é precoce produção acadêmica sobre a temática do envelhecimento fazendo com que, pesquisadores apreendam o envelhecimento na perspectiva da totalidade, demarcando as diferenças entre as abordagens pela via do método histórico-dialético e a gerontologia”, com aporte também, muitas vezes nas Ciências Sociais (Antropologia, Política e Sociologia).

Nesse sentido, na perspectiva dialética marxista, Teixeira (2017):

[...] pensar o *envelhecimento na perspectiva da totalidade social*, segundo Haddad (1986), Teixeira (2008) e Paiva (2014), implica *romper com a homogeneização a - histórica atribuída ao processo de envelhecimento e à população idosa, como se o envelhecimento biológico e demográfico fosse uma condição unificadora, e a toda a população que envelhece. Uma população sem classes, sem os diferenciadores socioeconômicos, ou seja, sem relação com as condições de produção e de reprodução da sociedade capitalista é um todo caótico, imediato, uma mera aparência fenomênica*, que, tanto com as categorias mais simples quanto as mais complexas, é possível resgatar as mediações e as determinações, tornando - os um todo rico de determinações ou síntese de múltiplas determinações, um todo pensado, o verdadeiro ponto de partida, embora não sendo dado a ver, nesse início de partida, se não por meio da análise mediante método histórico-dialético. *Nesse sentido o envelhecimento é um processo que é resultado da vida individual e social, profundamente marcado pelas desigualdades sociais* de - classes (e nos seus segmentos de classes), gênero, raça, etnia, regionais. Essas singularidades ligam a totalidade, trata-se de uma unidade na diferença e com diferenças (p. 23, grifo nosso).

Na perspectiva da totalidade social crítica, a velhice é abordada como construção social cultural e, conseqüentemente, como questão social. Isso é percebido nas fundamentações de vários autores, como cita Oliveira (2016)¹¹, autores que trabalham

¹⁰ O Serviço Social, desde a década de 1980, vem avançando na crítica ao conservadorismo da profissão e constituiu, no trânsito para os anos 1990, o Projeto ético-político (PEP) da profissão, uma direção hegemônica, porém, não unívoca e uniforme, uma vez que comporta o respeito e o pluralismo de perspectiva teórico-metodológicas, embora haja a direção e uma orientação pela teoria marxiana e tradição marxista compatível com a direção ética-política, e por um debate frontal com as demais teorias. Veja em Teixeira (2017, p. 21).

¹¹ Messy (1999 *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 21): “[...] Se o envelhecimento é o tempo da idade que avança, a velhice é o da idade avançada, entenda-se, em direção a morte. No discurso atual, a palavra envelhecimento é quase sempre usada num sentido restritivo e em lugar da velhice. A sinonímia dessas palavras denuncia a denegação de um processo irreversível que diz respeito a todos nós, do recém-nascido ao ancião”; Costa (1999 *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 22): “Envelhecimento: processo evolutivo, um ato contínuo, isto é, sem interrupção, que acontece a partir do nascimento do indivíduo até o momento de sua morte [...] é o processo constante de transformação. Velhice: é o estado de ser velho, o produto do envelhecimento, o resultado do processo de envelhecer”.

com a distinção entre **envelhecer** como processo biológico e **velhice** como processo social. Salgado (2007, p. 68) considera o envelhecimento como:

[...] Um processo multidimensional, ou seja, resulta da interação de fatores biológicos, psicoemocionais e socioculturais. Executando a razão biológica que tem caráter processual e universal, os demais fatores são composições individuais e sociais, resultado de visões e oportunidades que cada sociedade atribui aos seus idosos.

O envelhecer como processo biológico e inexorável nos remete inicialmente ao fato de que, todos nós sujeitos que estamos diante do experimento da vida, estamos envelhecendo, pois, o contrário disso significa a nossa finitude, portanto, não envelhecer é o mesmo que morrer. Porém, há diversas maneiras de experimentar esse processo com perdas mais ou menos acentuadas da capacidade funcional física e mental.

Já a velhice, além do aspecto físico e biológico, ocorre através do processo social da fase do envelhecer. Ou seja, o experimento de vida, social, econômica, cultural, política, que pode ser criativa ou limitada, participativa ou dependente, dominada ou violenta, representa a velhice.

Além disso, existem diferentes formas de velhices, que decorrem das desigualdades de classe, em que ela representa realidades diferentes. Essa ambivalência passa a ser percebida a partir no século XIX e é recorrente no século XXI.

Na sociedade contemporânea pós-industrial vive-se uma nova fase do capitalismo. No Brasil, experimentamos desde o ano de 1990, o modelo de acumulação flexível, financeirizado e globalizado, no qual se acentuam as fragmentações da classe trabalhadora e as desigualdades – de classe, gênero, etnia, ração, gerações etc. –, desmontando as políticas públicas pela via da precarização, focalização e refilantropização ou privatização, ampliando a população excedente excluída e dominada, fazendo uma releitura dos direitos sociais, na perspectiva liberal da responsabilidade individual.

Todos esses aspectos são percebidos na questão do “envelhecimento ativo”, tão propagado pela Mídia, Governo e Mercado, elucidado, inclusive, pelo discurso nos sites da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e no documento *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*, em que o conceito é relacionado a imagens de idosos brancos, burgueses e felizes, praticando alguma atividade física para promoção

da saúde e qualidade de vida. Como se a “velhice bem-sucedida” estivesse ligada ao estilo e vida do sujeito idoso como questão de escolha ou resultado de sua conduta corporal.

Esse tipo de leitura afasta, portanto, qualquer viés crítico, relacionado aos fatores condicionantes e seus múltiplos componentes da vida. Ou seja, homogeneiza e vincula a velhice ao padrão pré-definido de qualidade de vida e, quem estiver fora desse conceito, é porque “não se cuida” ou “não se cuidou” adequadamente, responsabilizando, portanto, o sujeito por sua velhice.

O envelhecimento e a velhice, além de etapa de vida, representam processos biopsicossociais, uma vez que são experimentados os efeitos do envelhecimento fisiológico e reportadas as diferenças relacionadas a fatores socioeconômicos, psicológicos, genéricos, biológicos etc. Nesse sentido, o critério de classe é capaz de diferenciar o envelhecimento, mas também de homogeneizar – se não para uma classe inteira, ao menos para frações de cada classe, em relação aos problemas que enfrentam pela vivência de situações comuns (TEIXEIRA, 2017).

Essa discussão significa que a velhice se refere a uma construção social e cultural diversificada no interior de uma mesma sociedade, conforme as classes sociais. E não é só isso: entre frações de uma mesma classe. Assim, envelhecimento não é uma condição inexorável que atinge a todo o grupo etário.

Sobre isso, Simone de Beauvoir (1990) destaca que a velhice, como destino biológico, é uma realidade que transcende a história. Não é menos verdade que esse destino seja vivido de maneira variável, que “[...] **imprimam um estatuto social à velhice, ou estatutos diferenciados, conforme as classes, status e hierarquia sociais**” (BEAUVOIR, 1990, p. 13, grifo nosso).

O homem não vive e não se reproduz da mesma maneira, pelo contrário¹². São relações distintas que se estabelecem na produção de sua sociabilidade fundada pelo capital, em que as condições de desigualdade, exclusão e pobreza são reproduzidas e ampliadas no envelhecimento do trabalhador.

A velhice também se dá, por inversos, como: “vida x morte”, “dependente x violenta”, “criativa x limitada”, “participativa x dependente”. Porém; apesar de sermos

¹² Ver DAL BELLO, M; SILVA, R (2008), quando aponta na pesquisa sobre família contemporâneas e suas interfaces com a pobreza, para um grande contingente de família pobres que se viram nesta condição em decorrência das mudanças de ordem econômica cujos efeitos mais perversos têm sido o fortalecimento da lógica individualista e a desigualdade social associada à perda gradativa da eficiência do Estado na provisão de serviços públicos.

contrárias a essas “dicotomias”, por acreditarmos que elas favorecem a relação de poder, fragmentando e fragilizando o lado suprimido, degradado e inferiorizado¹³. Utilizamos, apenas, para elucidar nossa explicitação, no sentido de expressar que para trabalharmos a temática do envelhecimento, é necessário irmos além de justificativas sobre projeções do aumento populacional, que já é fato.

É preciso que nos conscientizemos de que somos todos¹⁴ sujeitos em processo de envelhecimento, experimentando diversas maneiras de velhice – e, ainda, por sermos pessoas, nas diversas singularidades, o mais apropriado é nos referirmos a velhice(s), no plural.

Essas experimentações nos faz repensar sobre a ideia de velhice como construção e questão social¹⁵, pois, ao mesmo tempo em que a pessoa velha é estigmatizada como improdutiva aos “olhos do capital”, ela também faz parte do “poder” desse sistema de controle e de consumo, subjetivado, por exemplo, ao mercado de cosméticos, indústria farmacêutica, agências de turismo etc. – ainda que não sejam todos, nem da mesma forma ou com a mesma intensidade, tendo em vista as questões multifacetadas, multidirecionadas e contraditórias da(s) realidade(s) de cada um.

Dessa forma, no século XXI, na sociedade contemporânea, potencializar a longevidade através de ferramentas de controle pelo Estado não é sinônimo de “vantagem” para todos os velhos, considerando que, o envelhecimento, em seu papel social, como a “melhor fase da vida”, “idade do prazer”, do “lazer”, das “realizações”, do

¹³ Ver BAUMAN (1999), sobre exclusão.

¹⁴ Incluímo-nos nesse contexto, por nos encontrarmos em estado ativo de vitalidade, portanto em constante processo de transformação (do “Eu” para consigo e para com o “outro”), como definição de vida para além do estado natural, mas de natureza constantemente transformada pelo trabalho – que, no caso da velhice, trata-se de trabalho acumulado ao longo dos anos. Considerando, portanto, o idoso trabalhador, como aquele que vendeu sua força de trabalho para o capital.

¹⁵ O termo questão social é tratado como conjunto de problemas políticos, sociais e econômicos que o surgimento da classe operária impôs no curso da constituição da sociedade capitalista. Assim, a “questão social” está fundamentalmente vinculada ao conflito entre capital e o trabalho. (CERQUEIRA FILHO, 1982, p. 21 *apud* NETTO, 1996, p. 13). “[...] Ela emerge na passagem do capitalismo concorrencial para o capitalismo de monopólios e por volta da década de 1970, ocorre uma reordenação da questão social e suas expressões em virtude das transformações que ocorreram no capitalismo contemporâneo, e que trouxeram mudanças no mundo do trabalho e na sociedade (OLIVEIRA, T. F. S.; DORONIN, JULIANA A. F. “A velhice como questão social, frente ao capitalismo”. *Revista Portal de Divulgação*, v. 54, Ano VIII Out/Nov/Dez. 2017, pp. 20-28. Disponível em: <https://revistalongeiver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/684/754>. Acesso em: 18 de outubro de 2019.

“bem viver”, é realidade apenas para alguns os idosos, em geral¹⁶ com boa condição financeira, social, cultural.

Para os idosos pobres, considerados como improdutivos¹⁷, restam a realidade de uma velhice de carências e fragilidades que, por vezes, ocasionam depressão, solidão, exclusão e isolamento – características facilmente encontradas no processo de envelhecimento da classe trabalhadora. Conforme afirmam os autores (DORONIN; OLIVEIRA, 2017):

[...] A sociedade capitalista não percebe o ser humano na sua subjetividade, mas sim como uma máquina produtiva e lucrativa que quando não possui mais capacidades de gerar lucros é desvalorizado e deixado de lado.

Dependendo da história de vida do sujeito, bem como das variáveis envolvidas, a velhice possui diversos significados, estágios, momentos, percepções, vivências, elucidações, projeções, impactos e sensações – isso para um mesmo sujeito ou para vários.

Por isso, acreditamos que a preparação de uma sociedade para interpretar a velhice restrita ao prisma de “sujeitos de direitos”, aliada ao “engessamento estatal” de políticas públicas, significa a limitação para pensar a velhice sob a perspectiva de padronização desses sujeitos, possuidores de características distintas. Em outras palavras, sujeitos de direitos de uma mesma política pública se distinguem em suas características, experimentando a velhice de formas diferentes, nas suas singularidades e vivências.

Contudo, esses aspectos não são considerados no “engessamento da legislação” e talvez isso explique, parcialmente, a ineficiência tanto das políticas públicas no atendimento das demandas, como na “preparação da sociedade” para o aumento populacional de idoso.

Em resumo, destacamos que explicitar o contexto geral da velhice na contemporaneidade é apresentar a velhice em suas múltiplas subjetivações de poder: a) A velhice como capital humano fabricado pelo mercado; b) A velhice como “sujeito de direitos”, ligada à dimensão governamental, amparada por estatuto jurídico “engessado e padronizado”, que não considera as singularidades desses sujeitos; e c) A velhice como

¹⁶ O termo em geral, significa que essa afirmação não se aplica para todos os casos, considerando a realidade como múltipla.

¹⁷ Improdutivo para o trabalho e para o consumo.

estética da existência, ligada à produção da subjetividade no “artista da vida”, com vontade de potência, aumentando positivamente ou negativamente a condução de sua vida, independentemente de sua idade cronológica.

Portanto, é necessário pensar os sujeitos em suas singularidades e relações políticas, sociais e culturais; seus modos de vida e existência, mais livres de códigos e “amarras” e mais próximos da ética como política de vida. Essa política considera o “artista legislador”, ou seja, os sujeitos coletivos são protagonistas e gestores das políticas, criadas em consonância com a vida e a história.

Em todo o mundo, o número de pessoas com 60 anos ou mais tem crescido mais do que o de qualquer outra faixa etária. Estima-se que em 2025 haverá 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos no planeta e o Brasil será o sexto país com o maior número de idosos, com cerca de 34 milhões de idosos em 2025 (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005).

De acordo com dados do último censo¹⁸ do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) do ano de 2010, estima-se que a população idosa brasileira está envelhecendo e em um ritmo acelerado, uma vez que o Brasil atingiu marca de 190.755.799 habitantes e, destes, 7,4% são pessoas com 65 anos ou mais (IBGE, 2011). A projeção, segundo os dados que o IBGE divulgou em 2018¹⁹, é a de que a população idosa (acima de 60 anos) deve dobrar no Brasil até o ano de 2042, em comparação com os números de 2017²⁰.

A Organização Mundial da Saúde orienta que esse envelhecimento deve ocorrer de maneira saudável. Nesse sentido, de acordo com os princípios das Nações Unidas em prol das pessoas idosas, estão em pauta não somente questões relacionadas diretamente à saúde, mas também à independência individual, à oportunidade de trabalho remunerado, além do acesso à educação e à formação desses sujeitos ativos. As políticas públicas de atendimento ao idoso foram implementadas no Brasil a partir da Constituição de 1988 e

¹⁸ No ano de 2020 (em curso), os dados censitários, serão atualizados pelo IBGE. Porém até o momento, os dados de 2010, são os oficiais, pois são do último censo realizado. Qualquer outro dado são projeções e/ou levantamentos, uma vez que o censo é realizado à cada década.

¹⁹ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 10 de abril de 2020.

²⁰ De acordo com o levantamento, o país tinha 28 milhões de idosos em 2017 ou 13,5% do total da população. Em dez anos, chegará a 38,5 milhões (17,4% do total de habitantes). Em 2042, a projeção do IBGE é de que a população brasileira atinja 232,5 milhões de habitantes, sendo 57 milhões de idosos (24,5%). Em 2031, o número de idosos (43,2 milhões) vai superar pela primeira vez o número de crianças e adolescentes, de 0 a 14 anos (42,3 milhões) e antes de 2050, os idosos já serão um grupo maior do que a parcela da população com idade entre 40 e 59 anos.

da elaboração do Estatuto do Idoso em 2003, desde então é possível perceber avanços nas conquistas dos direitos.

No entanto, para que de fato a execução das políticas ocorra, são necessárias pesquisas e experiências que contribuam na direção do esclarecimento desses direitos à população idosa, caracterizada com mais de 60 anos de idade²¹ e, para além disso, é necessária também a ampliação desse debate, com o propósito de fomentar reflexões que ultrapassem o entendimento limitado da legislação, isto é, no sentido de considerar apenas a idade cronológica, como condição necessária e determinante para à entrada na velhice, desconsiderando que esse processo perpassa por vários fatores, sendo muitas vezes considerado como construção social (TEXEIRA, 2017). De acordo com ZIMERMAN (2000, p. 24):

[...] O aumento de número de velhos no Brasil, até há pouco era considerado um país de jovens, começa a dar lugar a uma realidade diferente e traz a consciência de que a velhice existe e é uma questão social que pede uma atenção muito grande.

Algumas práticas já vêm acontecendo como as políticas de assessoramento à comunidade, previstas por diversos profissionais, por exemplo: o assistente social em virtude de sua formação para a sociedade; advogados, juristas e psicólogos; médicos não apenas hospitalares, mas também domiciliares; profissionais da área de interação e lazer – representados pelos Centros de Convivência –; e profissionais da educação, com a instalação de cursos de formação continuada – representados pelas Universidades Abertas à Terceira Idade.

Percebe-se, contudo, que diante do crescimento populacional dos idosos no Brasil, o foco da Organização Mundial de Saúde passa a ser o “envelhecimento saudável” que, de acordo com a apresentação do Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde (2015), deve ultrapassar a noção de ausência de doenças para “manutenção da habilidade funcional”. Ou seja, apesar das limitações naturais do processo de envelhecimento, há uma “corrente” de recomendações de estudiosos no assunto para que esse processo seja “menos impactante” e mais otimista.

Esses discursos têm em sua raiz, a ideia do envelhecimento como “um problema do presente”, considerando isso, os padrões de envelhecimento são impostos na

²¹ Marco cronológico considerado pela legislação brasileira (PNI: 1994 e Estatuto do Idoso: 2003), como requisito determinante para condição de “entrada na velhice”.

contramão do processo natural da potência da velhice como obra de arte e de existência. Dessa forma, são utilizados clichês que associam “envelhecimento saudável” e “envelhecimento ativo”, como foi mencionado anteriormente, na condição de modelos que representam o combate ao próprio envelhecimento (TÓTORA, 2015). Em outras palavras, nos tornamos alvos de controle e monitoramento do governo, mercado e demais instituições, é o que Foucault, chamou de “biopolítica”²².

Tótorá (2015) faz uma conexão entre os conceitos “vida” e “tempo” que compõem o conceito de “velhice como acontecimento”. Concebe-se o “tempo como exterioridade pura” e “tempo como essa exterioridade de fora”, isso sob a condição da dobra, ou seja, é um tempo saído dos gozos que dobra e se desdobra em acontecimentos novos e subjetividades por vir. Considerando essas coordenadas, com base em Deleuze, a autora formula: “uma velhice existência como dobra do tempo do acontecimento, atualizando, a cada momento vivido (*kairós*), a vida como [d] obra de arte” (p. 75). E completa: “Portanto, envelhecemos, sim, em nosso corpo biológico, mas a vida como acontecimento renova nossas existências. O tempo passa como as idades, mas nada passa e tudo muda com o tempo da velhice como acontecimento” (p. 15).

Extraímos desses conceitos, para além do que tínhamos em nosso repertório quanto “à necessidade da garantia de políticas públicas no exercício da cidadania do idoso” e “à necessidade de que essas ‘garantias’ no universo de políticas fossem ampliadas para os cidadãos nas suas singularidades e subjetividades”, também a necessidade de considerar a velhice como acontecimento e, por fim, a necessidade de refletirmos com esses sujeitos sobre os mecanismos de controle.

Neste contexto emerge a relevância dessa pesquisa, na qual tínhamos como primeira hipótese o fato de que as universidades que realizam atendimento aos idosos com foco na cidadania – seja por intermédio do assessoramento nas comunidades, seja as por intermédio da Universidade Aberta –, possibilitavam, através de suas experiências, o estímulo e a promoção de idosos críticos e conhecedores de seus papéis como cidadãos, atuando no desenvolvimento das práticas fortalecidas pelas políticas públicas existentes no Estado brasileiro.

Porém, essa criticidade acaba não sendo tão fértil, uma vez que é limitada no sentido de ações que promovem apenas reflexões para o campo da avaliação e controle

²² Foucault (2008, *apud* TÓTORA, 2015, p. 13) enuncia a biopolítica como “O conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder”.

da formalização da legislação – o que está sendo cumprido e o que não está –, sem problematizações e avanços no campo de novas propostas, com base nas necessidades atuais dos sujeitos, considerando, inclusive, as transformações societárias. Ou seja, se essas experiências focam apenas nas legislações, que trazem a integração da pessoa idosa em uma “padronização” e “engessamento” desses sujeitos, como se as necessidades e as concepções de velhice fossem a mesma para todos e a todo o tempo, há a legitimação, portanto, dos mecanismos de controle.

Partimos, portanto, da tese principal de que: idosos ativos vinculados à experiências promovidas por instituições públicas de ensino superior possuem comportamento político ativo, nas ações/reivindicações de cidadania, em seus cotidianos. Em outras palavras, essas experiências²³ de assessoramento e de troca de conhecimento na área de políticas públicas, propiciam aos idosos a oportunidade de se tornarem mais politizados para reivindicarem a garantia de seus direitos coletivos. Porém, essas ações de assessoramento acabam por exaltar a padronização presente no formato das políticas públicas, formato este que impõe certo “engessamento” às necessidades individuais desses sujeitos, desconsiderando, por vezes, suas realidades culturais, históricas e sociais.

Assim, o objetivo geral dessa pesquisa consistiu em avaliar o impacto que essas experiências trazem na vida dos idosos e de que maneira elas são evidenciadas na prática, isto é, no caminho da criticidade ou apenas reproduzindo o que traz as legislações sobre velhice, integrando o idoso na perspectiva de ser único independentemente da sua realidade histórico-cultural, na perspectiva de “padronização” e “engessamento”, em que as necessidades e concepções tornam-se as mesmas para todos e a todo o tempo.

A investigação foi feita com base nas duas experiências de educação aberta a velhices, desenvolvido por Instituições de Ensino Superior (IES) públicas: 1) Universidade aberta à Terceira Idade: projeto “UNATI”, já consolidado desde 2009 na UEM (Universidade Estadual de Maringá), de cunho permanente; e 2) O projeto de extensão “Viver Melhor”, mais recente (2015-2018), da UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná-Campus Paranavaí).

O método escolhido para realização da pesquisa foi o qualitativo descritivo,

²³ Referente ao Projeto de Extensão Viver Melhor (UNESPAR/PARANAVAÍ/BRASIL) e Universidade Aberta à Terceira Idade (UEM /MARINGÁ/BRASIL).

utilizado nas Ciências Sociais, com ênfase na pesquisa de campo ²⁴ através da observação participante²⁵ das experiências, a saber: UNATI: com o Grupo de Estudos em Filosofia “Repensar a Terceira Idade”²⁶ e roda de conversa²⁷; entrevistas no grupo de extensão “Viver Melhor”²⁸, por compreendermos que nosso vínculo²⁹ com um dos grupos contribuiria para realização da pesquisa³⁰, na qual foram realizadas 20 entrevistas³¹ e pesquisa documental sobre as experiências investigadas. . Como fonte primária de investigação, foi aplicada a entrevista elaborada a partir de roteiro semiestruturado (Apêndices 2 e 3), incluindo questões fechadas e abertas. Para a identificação dos depoentes foram utilizados pseudônimos, garantindo, assim, anonimato. Privilegiou-se a contribuição da história oral tópica³², pois entendemos que esta metodologia – história oral – é a mais adequada para a pesquisa com idosos, valorizando suas memórias, em uma interlocução de exercício entre o presente e o passado. Além disso, foi realizada também uma revisão bibliográfica – fontes secundárias – de obras publicadas, estudos científicos, periódicos e fontes multimídia, através de periódicos on-line e sítios na internet. Também foram utilizados arquivos de documentos institucionais sobre as experiências investigadas. Por fim, após pesquisa de campo, foi feito um levantamento de categorias mais presentes nas narrativas dos entrevistados – nesse sentido, realizamos uma observação participante, fundamentando ou refutando nossa hipótese para fortalecer a análise investigada.

Na observação participante e entrevista, algumas questões nortearam a pesquisa, como: de que forma a velhice é sentida na atualidade por esses sujeitos em relação a eles mesmos e suas famílias? Em relação à sociedade e ao Estado? Que mudanças em suas vidas e em suas subjetividades esses idosos experimentam ao participarem dos projetos pesquisados? Quais as percepções a partir de experiências vivenciadas por esses sujeitos

²⁴ Com aprovação: da CEP - Comitê de Ética em Pesquisa PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), conforme parecer: 2.991.642 (Anexo 1); Autorização individual de todos os idosos (as) e familiares entrevistados com assinatura em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1) e autorização para realização da observação participante, das Instituições nos quais os grupos de idosos pesquisados estão vinculados (Anexos 2 e 3).

²⁵ Observação participante, utilizando diversos materiais de pesquisa e alguns instrumentais específicos, como: diário de campo, livro Ata; registro de atividades, junto à UNATI: Com o Grupo de Estudos em Filosofia “Repensar a Terceira Idade” e Roda de Conversa. E no grupo de extensão “Viver Melhor”.

²⁶ Nas aulas do 1º Semestre de 2018 (Anexo 4).

²⁷ Roda de Conversa no 2º Semestre de 2018 (Anexo 5).

²⁸ Pelo ano letivo de 2016 e 2017, enquanto estivemos à frente da coordenação, como docente responsável pelo Projeto de Extensão e realização do Projeto Viver Melhor com Cidadania (TIDE) (Anexo 6).

²⁹ Motivações /vínculos explicitado no preâmbulo dessa tese.

³⁰ Conferir May (2004) sobre o debate da questão da intimidade e envolvimento do pesquisador e o grupo.

³¹ Sendo 12 com idosos participantes das experiências e 8 com familiares.

³² Sua principal função é retratar as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações. Existem dois tipos de HV: a completa, que retrata todo o conjunto da experiência vivida e a tópica, que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão (MINAYO, 1993).

nos grupos que evidenciam necessidade de proposições de novas políticas para idosos e quais ações realizadas nesse sentido?

As entrevistas foram agendadas e algumas delas realizadas nas residências dos entrevistados, com direito a café da tarde mais “requintado”, como no caso de dona Teodora, 63 anos - UNATI/UEM, ou um simples, porém, delicioso copo de alumínio com água “friazinha” da relíquia do filtro de barro do sr. Wilson, 67 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR, em dia quente de verão, de sol “escaldante”, na região noroeste do Paraná. Outras entrevistas aconteceram na própria universidade e apenas duas (mãe e filha) em local secundário (um bistrô café, próximo à universidade). A maioria das entrevistas foram gravadas³³ e todas as respostas anotadas, após a autorização.

Foi interessante perceber que, durante a realização dessas entrevistas, nenhuma delas cumpriu o prazo³⁴ estimado, pois a maioria ultrapassou o prazo que seria de trinta minutos, chegando há duas horas e quarenta minutos, como foi o caso do sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM. Isso ocorre talvez pela necessidade dos idosos de serem ouvidos, diferentemente dos familiares que, quando mais jovens, respondiam rapidamente à pesquisa. Os familiares mais idosos também se alongaram mais nas entrevistas.

A esse respeito, a antropóloga Mirian Goldenberg, professora da UFRJ e especialista nos estudos sobre o envelhecimento, citou em entrevista³⁵ que um idoso de sua pesquisa disse: “[...] É difícil encontrar alguém que goste de conversar, que tenha interesse pela vida dele. É muito bom conversar com você, muitas vezes me sinto um lixo quando sou ignorado pelos mais jovens. Parece que não existo, que não tenho importância, que sou invisível, descartável”. Ela questiona: “Será que é tão difícil deixar de lado o celular e prestar atenção nos velhos?”. E complementa que foi definida por uma pesquisada de 93 anos como sendo “escutadora dos velhinhos”.

Na observação participante, procuramos nos aproximar dessas experiências por um longo tempo e, diferentemente do que Valladares (2005) traz em *Os dez mandamentos da*

³³ Com exceção de uma que a entrevistada não permitiu o registro manuscrito pela pesquisadora. Algumas foram transcritas, mas nem todas, tendo em vista alguns problemas técnicos com equipamento que impossibilitaram a reprodução do áudio. Porém não houve comprometimento para pesquisa, uma vez que todas as respostas foram anotadas pela pesquisadora. O que rendeu arquivo com aproximadamente cinquenta laudas, na íntegra.

³⁴ Somando todos os áudios reproduzidos, estimava-se 390 minutos (se considerássemos trinta minutos para cada entrevista). Ocorre que chegou a 434 mil minutos, dos quais 418 mil minutos foram das entrevistas com idosos. Isso significa que a estimativa para todas as entrevistas transcritas era de 6h30 e, na realidade, foi de 10h, aproximadamente – sendo que dessas 7 horas e 10 minutos foram com os idosos, utilizado apenas 3 horas para os familiares.

³⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2019/02/como-ser-uma-boa-escutadora-de-velhinhos.shtml>. Acesso em: 07 de setembro de 2019.

observação participante sobre essa ferramenta de pesquisa, quando afirma as dificuldades mais comuns sobre a resistência do grupo com a presença do pesquisador, ou até mesmo que o grupo fica pouco à vontade para expressar-se diante da presença do pesquisador, interferindo na “fidedignidade da observação”. Pelo contrário, me senti acolhida nas experiências que, por vezes, me impactou, como no primeiro dia que fui à Roda de Conversa da UNATI e ao final do encontro, fui homenageada pelo sr. Arnaldo, conhecido como “o cantor” que puxou – à capela – a canção *Asa Branca* de Luiz Gonzaga, foi emocionante!

Nesse mesmo dia, o professor me pediu que eu me apresentasse, falasse sobre mim e sobre minha pesquisa. Cometi a falha de me estender bastante na minha explanação, aproximadamente uns quinze minutos, e logo minha atenção foi chamada por uma idosa (a), participante do projeto, que me disse diante de todos os presentes: “Você deve ter percebido que aqui não nos alongamos muito na fala, falas longas nos desviam a atenção, porque não gostamos!” E complementou: “Não gostamos porque aqui todos têm que participar, e temos que dá tempo de ouvir todo mundo! (sic)”. Naquele momento, percebi que meu papel ali era de observação e participação, contudo, para participar eu precisava observar a dinâmica interna. Além disso, aqui há uma conexão com o tempo das entrevistas e a necessidade de os idosos de se expressarem, sendo aquele momento destinado a isso e por isso tão valorizado pelos mesmos (a).

Ainda sobre os procedimentos metodológicos, percebemos em um primeiro momento, quando pensamos a tese, que se pautava em uma teoria social crítica, por fundamentar-se na ideia que a educação não formal e permanente utilizada nas experiências com idosos nas universidades permite maior grau de flexibilidade e liberdade do sujeito. Essa educação é concebida em um contexto educativo global, sem limite de idade³⁶, e surge da necessidade do acompanhamento das rápidas transformações que estão acontecendo no mundo, relacionadas aos aspectos econômico, político, social e cultural, através do pensamento crítico, objetivando a melhoria das condições de vida desses sujeito nas suas singularidades e do coletivo, no lócus em que se encontra inserido.

Porém, na realização da pesquisa e leituras mais aprofundadas, percebemos que as teses são provisórias e por isso os conceitos acabam por se tornarem “máscaras”, como no teatro grego. Isso significa que o conceito é a preparação do devir, no entrelaçamento entre a arte, a filosofia e a ciência.

³⁶ Apenas o mínimo de idade, no qual a maioria dos regulamentos menciona, “acima de 60 anos” e outros “acima de 65 anos”, não limitando a idade máxima para participação.

Nesse sentido, e no entendimento do conceito como sobrevoo, nossa tese não se pauta em uma teoria única, mas em uma concepção de auto-organização (ordem e desordem) para criação, sem lamentação³⁷, isso talvez justifique a ausência de capítulo teórico, exclusivo nessa tese.

Os motivos que nos inspiraram na elaboração do projeto de investigação foram muitos, destacam-se: a) As diversas pesquisas relacionadas ao crescimento da população idosa no Brasil, justificando que haja cada vez mais pesquisas e trabalhos nos cuidados com esta população, nas diversas esferas da federação brasileira, implementando o que se está legitimado na Constituição de 1988, quanto à responsabilidade do Estado na garantia dos direitos sociais, porém, nessa pesquisa, na perspectiva da velhice como obra de arte da existência; b) A execução³⁸ na coordenação, como docente³⁹, junto ao projeto de extensão “Viver Melhor” e o “Viver Melhor com Cidadania” (TIDE), promovido com idosos do município de Paranavaí, região Noroeste do Paraná, vinculados à UNESPAR/PARANAVAÍ. Dessa forma, percebemos a necessidade de pesquisas na área, circunscrita no âmbito da integração entre universidade e comunidade, uma vez que se tinha como proposta de ação no projeto “Viver Melhor”, que já estava em andamento, a realização de reuniões ampliadas⁴⁰, com foco na identificação de demandas recorrentes dos idosos e suas necessidades (coletivas), para estas serem encaminhadas para lideranças, plenárias de assembleias e fóruns dos conselhos de direitos, com o objetivo de implementar políticas públicas para pessoa idosa. Nesse sentido, podemos contribuir, em virtude de nossa formação em Serviço Social, profissão regulamentada pela lei 8662, de 7 de junho de 1993, que nos permite avançar nas pesquisas⁴¹ e assessoria da população, com investigações que contribuem para o conhecimento, discussão e elaboração de

³⁷ Recorte de trecho registrado no caderno de Seminário de Pesquisa (2º Semestre/2017), ministrado pelo Professor Dr. Edgard de Assis Carvalho. Na ocasião, eu refletia sobre o conceito na minha pesquisa, a partir da contribuição das obras: *O que é a filosofia?* (DELEUZE, GILLES, *et al*, 1994) e *A noção de sujeito* (MORIN, Edgard, 1996)

³⁸ Projeto de Extensão Viver Melhor, implantado em setembro de 2015 à Agosto de 2016 e renovado de Setembro de 2016 à Outubro de 2018, porém foi encerrado em Outubro de 2017, conforme relatório final, entregue de acordo com o protocolo nº 57316 e o Projeto: “Viver Melhor com cidadania” de dedicação exclusiva (vinculado ao projeto de extensão “Viver Melhor”), implementado em Junho/2016 e finalizado em outubro 2017, conforme relatório final, entregue em 28 de Setembro de 2017, de acordo com o protocolo nº 57317 para Direção de Centro de Areas e em seguida para Pró-reitoria de Extensão.

³⁹ Contratação temporária como professora colaboradora até Outubro de 2017.

⁴⁰ De acordo com cronograma do projeto original aprovado nº 045/2016, pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

⁴¹ Estudos intensivos e vasta discussão no aprofundamento da temática, com produção de vários trabalhos publicados em anais de eventos, periódicos e livros, na área da velhice/envelhecimento, Política Pública; Serviço Social etc. Com autoria e em co-autoria.

propostas que subsidiam a política local, regional e nacional sobre os direitos da pessoa idosa e; c) As reflexões pessoais e o desejo intuitivo de reencontrar com a temática da velhice, me reconhecendo nesse processo de envelhecimento, em uma conexão de ordem, desordem, interação e organização⁴².

Sem medo de cometermos “ecletismo teórico” sobre os referenciais da pesquisa, optamos por não seguir uma única linha de conhecimento ou uma única linha teórica, pois acreditamos que não existe conceito simples, qualquer conceito sempre tem o contorno irregular, como um todo fragmentado que se complementa com outros, haja vista que a característica da totalidade nunca é idêntica.

À vista disso, compreendemos que o caminhar da nossa pesquisa se deu no entrelaço do universo da ciência, arte e filosofia, pois as narrativas e nossas observações nos impulsionaram para esse movimento, diante do sistema dinâmico, complexo e imprevisível da realidade.

Em meio à *solitude*⁴³, procuramos extrair de alguns referenciais teóricos já consagrados⁴⁴, e outros mais recentes⁴⁵, as contribuições sobre a temática, além de referências acerca da cidadania (MARSHALL 1967), bem como discussões sobre participação política (AVRITZER, 1999) e movimentos sociais, (GOHN 2003) como referências de análise.

⁴² Recorte de trecho registrado no caderno de Seminário de Pesquisa (2º Semestre/2017), ministrado pelo Professor Dr. Edgard de Assis Carvalho. Na ocasião, eu refletia sobre as motivações da minha pesquisa e como escrever a tese, a partir da contribuição das obras: O processo criatividade e a tessitura de projetos acadêmicos de pesquisa interface- Comunicação, Saúde, Educação (ALVES, 2005) e Escrever (AUDEN, 2014).

⁴³ DURAS, 2014, sobre o termo “solitude”, numa perspectiva de “solidão criativa”, à “solidão como companhia”, acompanhada da escrita.

⁴⁴ Alguns como: “A Velhice” de Simone de Beauvoir (1970); “Memória e Sociedade: Lembranças de velhos” de Ecléa Bosi (1979).

⁴⁵ Outros (a) mais contemporâneos (a), como: “Qualidade de Vida e idade Madura” ANITA NERI (1993) e “Desenvolvimento e envelhecimento” ANITA NERI (2001).”SILVANA TÓTORA (2015), BELTRINA CÔRTE, ELISABETH FROHLICH *et alii* (2006) na área das Ciências Sociais. MEDEIROS (2013), sobre as estratégias e normas de educação na invenção de subjetividades saudáveis, verificando o que motiva idosos a voltarem ao espaço escolar depois de atingirem à maturidade; CACHIONI (2006) sobre estratégias pedagógicas utilizadas por educadores de Universidade Aberta a Maturidade; CASTRO (2004), que difere os processos de educação permanente; CORTELLETTI e CASARA (2006), sobre projeto pedagógico como fator educativo de promoção para bem-envelhecer; CORTELLI (2006) sobre a função social da universidade e a promoção da velhice; BOTH (2006) sobre escola e currículo: pedagogia de vida e da velhice ativa; KACHAR (2001) sobre longevidade e um novo desafio para educação; CURY, OLIVEIRA E COENGA (2013) sobre as interfaces da velhice na pós-modernidade); TAAM (2008) sobre a educação do idoso como questão contemporânea; VELLAS (2009) sobre as oportunidades da terceira idade e alguns sobre conceitos de Educação em geral: FREIRE (2003) no campo da Pedagogia da Educação popular e da educação permanente como ato de coexistir com a vida; SANTOS (2002) no campo das pedagogias da prática; LIBANÊO (2002) sobre democratização da escola pública, no campo da Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e SAVIANI (2000) no campo da Pedagogia Histórico-Crítica, fazendo distinções e aproximando na discussão para proposta das Universidades Abertas para Idosos; e discussões sobre participação e cidadania por AVRITZER (1999), GOHN (2003), MARSHALL (1967).

Pudemos perceber nas leituras de outros autores e escritos atuais sobre a velhice e envelhecimento o quanto está “enraizado” no argumento de alguns deles o conceito de velhice/envelhecimento numa via – única – de “velhice ativa”, como padrão a ser seguido. Desconsiderando, portanto, a complexidade do pensamento e da argumentação, pautados em dispositivos de controle, dispositivos conhecidos por Foucault (2005) como “biopolítica”⁴⁶; por Deleuze (1992) como “sociedade de controle”; ou, ainda, por Passeti (2013) como “ecopolítica”⁴⁷. Trata-se, agora, de um controle contínuo do curso da vida, tanto biológica quanto ambiental, em um jogo de relações variáveis que favoreçam a “obtenção da melhor qualidade de vida possível e para o maior número de pessoas possível” (OPAS-OMS, 2005, *apud* TÓTORA, 2017, p. 247).

[...] o envelhecimento ativo é, portanto, a fabricação de uma subjetividade modulável aos comportamentos tidos como responsáveis por prolongar a vida com qualidade. E somente dessa forma se justifica viver muito. Ativa é a adjetivação da vida que seguiria um curso normal e linear do nascimento à morte. Vidas conformadas pelo marketing que vende a promessa de um futuro, fazendo das velhices bem-sucedidas a isca para capturar e governar a conduta dos demais viventes [...] ativa é intervenção sobre o fluxo de produção e consumo da subjetividade. As multiplicidades de relações — de forças, de potências e de afetos — que atravessam o corpo de cada um ou de uma coletividade são postas sob a direção de um governo externo. Cada um e todos atrelados à política ativa dos governos de Estado e empresas privadas que dirigem a conduta de cada um e de todos para o mercado de produção e consumo não somente de bens materiais, mas dos imateriais, dentre outros: bem-estar, felicidade, bom humor... [...] Velhos(as) e jovens podem igualmente ser considerados ativos, desde que empreendam esforços no investimento sobre si mesmos — aquisição de conhecimentos e habilidades —, sejam bons gestores de sua saúde, empresários de si mesmos e empreendedores (2015, p. 249, grifo nosso).

Tal assunto está institivamente conectado com o objetivo geral dessa pesquisa e seguirá o curso dessa tese como um fio condutor, porém, utilizando a interdisciplinaridade⁴⁸ e dialogando com filósofos, cientistas sociais, cientistas políticos, assistentes sociais, especialistas em gerontologia e, principalmente, nossos entrevistados.

⁴⁶ Tratado por Deleuze também, quando se reporta a Foucault em sua terceira fase por “Modos de Subjetivação” na ideia ‘de vergar às forças do mundo’ e criar uma força de “si”. O sujeito para ele é uma subjetividade é uma relação de força sobre si mesmo. Dobrando a linha de força como invenção de possibilidade de vida (recorte de trecho das anotações retirados do caderno do curso ministrado pela Profa Silvana Tótora para pós-graduação em gerontologia, na qual estive na condição de ouvinte, quando ela trabalhava as contribuições de Op.Cit, LAZZARATO, 2014 com o texto: Signos, máquinas, subjetividades).

⁴⁷ Cujo alvo é fazer viver ou prolongar a vida biológica da espécie humana.

⁴⁸ Pautamo-nos, em parte, nas reflexões e provocações de LODOVICI, Moreira; SILVEIRA, Nádia, 2011 com o texto: Interdisciplinaridade: desafios na construção do conhecimento gerontológico, quando

Estaremos dialogando procurando perceber a contribuição e impactos dessas experiências (UNATI/UEM e Viver Melhor/UNESPAR) na vida desses sujeitos, como dispositivos de controle e reprodução do que está posto – nas legislações e no “engessamento” de normas e padrões – ou como possibilidade de criarem uma singularidade de existência, isto é, tornando-os capazes de se reconhecerem como artistas na condução de suas próprias existências, inventando regras facultativas capazes de resistir aos poderes que os aprisionam, na perspectiva da estética da existência⁴⁹, como política não gerida, enfim, a política de vida, perspectiva que nos associa à Tótorá (2015).

Compartilhando da ideia da tese como “obra inacabada e aberta à vida”, é chegada a hora de escrever, contando com ajuda dos passos no roteiro de pesquisa, proposto por Calvino (1990), sobre a estrutura da tese para o próximo milênio, destacamos alguns elementos necessário como “[...] leveza; rapidez; exatidão; visibilidade; multidisciplinaridade e consistência”. E as sugestões de NEVES (2001, p. 180):

[...] é preciso romper com o véu protetor das estruturas disciplinares, ignorando as rígidas fronteiras que impedem a produção compartilhada do saber, inclusive entre as ciências exatas, ciências naturais e ciências humanas e sociais. Além disso, ousam propor uma nova perspectiva pluralista e, portanto, universalista de difusão do conhecimento, para além das fronteiras acadêmicas e universitárias. Para tanto, sugerem: – ligação mais sólida entre ensino, investigação e sociedade; – maior liberdade dos pesquisadores em relação a cânones préestabelecidos; – vinculação umbilical entre os investigadores e a realidade a que estão integrados; – rompimento com idéias que afirmam a possibilidade da neutralidade no terreno da epistemologia; – ultrapassagem das divisões estanques de domínios supostamente autônomos do político, do social, do econômico e do cultural. Apresentam ainda as seguintes proposições, como desdobramentos necessários das propostas nucleares que integram sua visão epistemológica acima discriminada: adoção de uma perspectiva transdisciplinar; recusa da distinção ontológica entre ser humano e natureza; rompimento com moldes analíticos presos aos estados nacionais (visão estadocêntrica), através da afirmação de uma nova lógica, traduzida pelo seguinte postulado: “Pensar globalmente; agir localmente”; rompimento com fórmulas de pensamento endocêntricas, como, por exemplo, o eurocentrismo; adoção de posturas de índole mais “multicultural” ou “intercultural”; respeito aos particularismos, através da consciência de que o universal apresenta-se amalgamado por um conjunto de pluralidades;

expressam nos seus estudos que os principais resultados revelam que, apesar das dificuldades de implementação da interdisciplinaridade, encontram-se procedimentos de exercitação desta abordagem em projetos de formação acadêmica que formalizam propostas potencializadoras desta prática científica indispensável diante da complexidade do mundo contemporâneo.

⁴⁹ Conceito formulado por Foucault.

rompimento com a visão dicotômica que contrapõe objetividade a subjetividade.

Nesse momento, suspiro e penso em tudo que vivi até aqui e o desejo de escrever esse texto, estruturando-o de forma que atenda aos meus anseios de pesquisadora e dos pesquisados desta tese.

Uma estrutura de texto que expresse toda dinâmica da pesquisa, aliado a capacidade de motivar e ser motivado, de criar e recriar novos conceitos, novas alternativas, novas possibilidades.

Eis que vivo um momento de introspecção, singularidade e *solitude*!

Nesse sentido reflito: quais as subjetivações presentes na minha pesquisa? Que forças me impactam? Que forças me estimulam? Quais as forças que me aprisionam? Quais as forças que me provocam? Que forças me afrontam?

Todas as perguntas e respostas impulsionam-me a lutar por mais potência e, dessa forma, vencer o desejo de romper, em parte, com os formatos tradicionais de estrutura de tese que já vi até hoje no mundo acadêmico.

Fui impactada nesse processo de doutorado por uma força que me desafiava a romper com tudo que aprendi até então e que já não fazia mais sentido para mim, me proporcionando a reflexão de que, se os textos cartesianos já não tinham mais significado para mim, provavelmente também não fariam sentido para os leitores, pesquisadores ou simplesmente curiosos, que queiram refletir sobre minha tese. Isso me deixou, portanto, em uma “encruzilhada”.

Entrei em um “embate de força” e “contraforça”, que me fez descobrir um talento: o de conseguir pensar e expressar o conhecimento apreendido nessa pesquisa, recriando-o, através da arte das rimas, poesia e do cordel encantado.

Encontrei, assim, na minha “veia nordestina”, à saída para “encruzilhada”, justificada pelo estereótipo do “ser nordestino”, como “guerreiro e criativo”, que foi desafiador e inspirador... foi fascinante!

Mantive-me no desejo de fazer ciência, sim, porém, com pulsão pela criação e recriação.

Nessa caminhada cruzei com a leitura de alguns autores que me impulsionaram, por exemplo, Dyson (2009) em *O cientista rebelde*. Ele me inspirou a liberdade de incluir nesta tese, as minhas poesias, minhas criações e recriações, como “nova ferramenta da ciência”: [...] “os cientistas devem ser artistas e rebeldes, obedecendo aos próprios instintos” (2009, p. 164); [...] “os cientistas são homens comuns, nem demônios, nem

santos, mas seres humanos que compartilham as fraquezas comuns da nossa espécie” (2009, p.165) ; [...] “A ciência é uma forma de arte, não um método filosófico. Os grandes avanços científicos em geral resultam de novas ferramentas” (2009, p.166), encontrei aqui a possibilidade de interlocução entre o erudito e o popular!

Há de se esclarecer que poesia segundo Auden (2014, p. 201), não é mágica: “Na medida em que se pode dizer que a poesia, ou qualquer outra arte, possui um propósito velado, para dizer a verdade, desencantar e desintoxicar [...] a arte da literatura, oral ou escrita, é ajustar a língua de forma que ela dê corpo ao que indico”.

Dessa maneira, a poesia, passa a ser, para mim, uma “nova ferramenta” de fazer ciência, na qual me sinto inspirada a incorporá-la à estrutura dessa tese, que acompanha três movimentos de pensamento a partir do “como”: 1) Como a velhice se introduziu no debate das políticas públicas e educacionais?; 2) Como essa política se insere dentro de uma política de gestão no governo de condutas?; e 3) Como são adotados essa política em modos de experiências de vida (de modificações)?

A caminhada da tese pretende perceber se essas experiências as quais os sujeitos idosos participam, alteraram a vida deles e suas relações na perspectiva do conhecimento, da família, das amizades, possibilitando algo novo no cotidiano ou se essa participação apenas reproduz o que está posto, em um formato engessado e “longe” das singularidades e multiplicidades.

Nesse sentido, a tese está estruturada em três partes a primeira trazendo panorama das experiências educacionais voltadas para população idosa no Brasil e, também a descrição das duas experiências pesquisadas, a saber – Universidade aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e projeto de Extensão “Viver Melhor” da Universidade Estadual do Paraná-Campus Paranavaí (UNESPAR) –, respectivamente. Na segunda parte, por sua vez, buscou-se trazer reflexões a partir das apreensões feitas com base nas narrativas dos sujeitos pesquisados e observação participante, sobre temas relacionados à: universidade, velhice e política. A esse respeito, cabe ressaltar que, há em um primeiro momento as percepções dos sujeitos sobre o contexto da universidade, posteriormente, as múltiplas expressões da velhice e, por fim as percepções de política como conduta, governo e de vida, percebida nas experiências. Finalmente, na terceira parte há a presença de duas poesias de autoria própria, que possibilita perceber alguns elementos assimilados na pesquisa e reflexões em direção à velhice como existência em uma perspectiva de velhice na política da vida.

Parte I: Capítulo I - Panorama das experiências educacionais voltadas para população idosa no Brasil

*A Unati nasce na França,
E depois na Argentina,
No Brasil têm mais de duzentas,
Desde a década de oitenta.*

*Os velhos no Brasil,
São chamados de idosos,
Melhor Idade, Terceira Idade ou Maturidade,
Tudo tá restrito apenas à idade.*

*Estão nas Universidades,
No Ensino Informal das Unatis,
Na Educação permanente,
pra toda Vida.
Motivado pelo conhecimento,
do dia a dia.*

*Faltam dados transparentes,
No Censo da Educação,
Interferindo nas Políticas Públicas,
E orçamentos em questão.*

*Reforçando a desigualdade,
Permitindo à concentração,
Da Educação nas grandes cidades,
Reforçando o preconceito,
Do capitalismo no sujeito⁵⁰.*

Contextualizamos anteriormente a necessidade de discutirmos a velhice para além de dados demográficos, trazendo reflexões sobre velhice e envelhecimento como um processo de construção social multifacetado, na contramão da percepção restrita à definição etária implementada na legislação, que atende aos mecanismos de controle, subjetivando e carregando estereótipos de velhice ativa como sendo a única possibilidade para a “velhice de sucesso”. Tal velhice é uma tendência do mercado, apoiada pelas “amarras governamentais” e vice-versa, diferente da velhice como estética da existência, “sem amarras” ou qualquer tipo de gestão que seja diferente das escolhas do próprio indivíduo e do que ele considera importante para sua vida e seu meio em uma relação de ética e vida.

⁵⁰ Epígrafe no formato de poesia de autoria própria.

Neste capítulo será apresentado um levantamento das experiências com idosos no Brasil em universidades, com foco na cidadania, com o propósito de mapeá-las e identificá-las, para em seguida trabalhá-las relacionando com as experiências da nossa pesquisa empírica.

Esse levantamento foi realizado a partir de revisão bibliográfica; contatos informais⁵¹ com funcionários do MEC/Inep⁵², SEDS-PR e alguns coordenadores/funcionários de algumas UNATIS no Brasil⁵³, por telefone e correio eletrônico, além de busca em sítios virtuais governamentais.⁵⁴

Acreditava-se, em um primeiro momento, que esse levantamento resultaria em um panorama atualizado das UNATIS no Brasil, trazendo informações como: lista de IES que possuem experiências com idosos, vinculadas a Pró-Reitoria de Ensino e/ou de Extensão; perfil dos idosos (a) e docentes envolvidos; número de vagas ofertadas; cursos e carga horária disponibilizados; resultados atingidos; valor de repasse de subvenção etc. Esses dados facilitariam a percepção do universo da velhices nas IES, trabalhado em pesquisa empírica.

Porém, ao confrontar a realidade, foi constatada a ausência de dados, o que permitiu a compreensão de que “corresponder à realidade, não é enquadrá-la”, como diria Popper (2007) quando retrabalha a visão de Kant sobre verdade objetiva, redefinindo a preposição e complexando-a a partir da teoria dos três mundos e ideia da interconexão.

Acompanhando esse raciocínio, constata-se que esse levantamento de dados das realidades de experiências com idoso em IES avançou, se não nos dados, mas na complexidade da ausência deles, pois percebemos diante das nossas reflexões, que: apesar de não existir causalidade ou determinação entre o que havíamos proposto como certeza e o que de fato encontramos como verdade, sabemos que tudo está conectado, e, portanto, “as verdades são incertezas”. Ou seja, o que hipoteticamente pensávamos encontrar no

⁵¹ As fontes e os canais informacionais podem ser categorizados em dois tipos: formais e informais. Fontes formais são aquelas obtidas através de publicações, livros, periódicos, teses, patentes, entre outras. Fontes informais são conversas, seminários, contatos telefônicos, fornecedores, folders, entre outras. O que difere uma da outra basicamente são o suporte e o nível de processamento ao qual a informação foi submetida. Informação disponibilizada de forma organizada e estruturada é considerada formal (FULD 1994 *apud* CANONGIA, 1998, p.38) apresentou dois tipos de informações: primária e secundária, e diz que “A primária é apresentada como a fonte original de informação e a secundária como a fonte que registra ou interpreta a informação primária”. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/480/613>. Acesso em 07 de Junho de 2019.

⁵² Coordenação de Controle de qualidade do Inep; Diretoria de avaliação do Ensino Superior; Estatística; Diretoria de Políticas e Programas do Ensino Superior do Inep; Canal – Fale conosco do MEC.

⁵³ UNATI/Uem-PR; UNATI/Unespar- Pr; UNATI /Puc-SP e UNTI/Ucs-RS.

⁵⁴ Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-da-educacao-superior>. Acesso de janeiro a maio de 2019.

nosso levantamento de dados, tornou-se a ausência dos próprios dados, nos direcionando para refletirmos que uma tese nunca é marcada pela certeza, uma vez que tudo aquilo que têm a marca do humano é falho. E combater a falha (o erro) significa buscar a verdade e não à certeza.

Dessa forma, trouxemos as percepções encontradas no levantamento das experiências com idosos em IES no Brasil. Além disso, discutimos e problematizamos a ausência de dados formais no acesso de informações das plataformas do MEC/Inep, no tocante a essas experiências, bem como as consequências dessa lacuna para os idosos.

1.1. Contextualização da Educação para Idosos

A educação para idosos no Brasil⁵⁵, no lócus da Universidade, acontece segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC) em dois formatos: i) Formal, através do ensino regular, com entrada por meio de exame de vestibular, independentemente da idade, em ampla concorrência ou por cotas (caso estejam dentro dos critérios das legislações sobre essa pauta) e, para isso, o aluno idoso necessita ter concluído o Ensino Médio em escola pública e/ou privada, ou no Ensino de Jovens e Adultos (EJA), assim, ao final do curso são titulados como graduados; e ii) Informal, através de projetos de educação continuada, conhecidos como Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATIS), cuja admissão ocorre mediante comprovação dos alunos possuírem mais de sessenta anos de idade⁵⁶ e, dependendo do programa terem concluído o ensino fundamental, médio ou nenhum desses. O presente texto abordará esse segundo formato, ou seja, o das UNATIS e das experiências atuais de educação continuada com idosos⁵⁷, vinculadas às universidades formais, ainda que sejam tratadas de modo informal pelo MEC.

Os projetos de Universidades para idosos tiveram suas origens na França, com a Universidade da Terceira Idade, criada em 1973. O objetivo desse projeto era tirar os idosos do isolamento, proporcionando-lhes saúde e interesse pela vida, modificando sua imagem diante da sociedade. Em 1980, o Programa Universidade da Terceira Idade chegou à América Latina com as Universidades Abertas em Montevideú⁵⁸.

No Brasil, as Universidades da Terceira Idade têm sua origem, segundo Cachioni (2005), na Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 1982. Atualmente, os

⁵⁵ Com base na legislação: Lei no 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a PNI, e a Lei no 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso no qual os idosos têm direito à educação, previsto no Capítulo V, Artigos 20 a 25, ambas gerando repercussões em termos legais e políticos. A Constituição foi o primeiro mecanismo legal a garantir os direitos da pessoa idosa (LOBATO, 2011).

⁵⁶ Alguns programas admitem acima de 55 anos, a exemplo da UNESPAR (Campus e Paranaguá-PR).

⁵⁷ São experiências, que “tendem a recuperar a ideia inicial da gênese da universidade, pois mesmo considerando que os idosos embora sejam tidos como seres ‘improdutivos’ aos ‘olhos’ do capital e, portanto, fora do contexto do papel da universidade atual, que está mais preocupada com a formação de sujeitos para o mercado de trabalho, esses mesmos idosos, permanecem nesses espaços universitários através dessas experiências de extensão e, portanto, vinculadas ao lócus formal da universidade” (DORONIN, 2017)

⁵⁸ Ver VELLAS, Pierre. *As oportunidades da Terceira Idade*. 1o ed. Paraná: Eduem, 2009.

programas das Universidades da Terceira Idade Brasileiras⁵⁹, possuem propostas de educação permanente⁶⁰ ou continuada⁶¹.

Sobre a educação permanente verifica-se que ela foi legitimada no ano de 1988, na ocasião da Conferência Mundial sobre Educação Superior, realizada em Paris pela UNESCO, quando essa foi reconhecida como direito humano constitutivo da cidadania⁶².

Segundo documento da UNESCO, a educação superior deve ser um espaço democrático de aprendizagem permanente na qual as pessoas podem ter acesso em qualquer momento da vida; preconiza um mundo de aprendizagem em que todos os indivíduos possam desenvolver seu potencial não apenas por uma única vez na vida, mas como oportunidade vitalícia.

A UNESCO determina, portanto, que ninguém pode ser excluído da educação superior devido à etnia, ao sexo, à língua, à religião, à idade ou qualquer forma de diferença social, econômica e, finalmente, por qualquer tipo de necessidade especial.

As instituições de ensino superior devem, nesse sentido, redefinir seu papel visando a criação de um sistema de acesso aberto e permanente, dando aos estudantes um vasto campo de ação, assim como flexibilidade para ingressar e sair em portas diversas do sistema de ensino.

Além disso, as instituições devem, sobretudo, criar formas de acesso aos estudantes mais idosos que não tenham tido educação formal, fomentando a educação de adultos de forma flexível, aberta, criativa.

Com base nessas perspectivas, as Universidades Abertas foram criadas no Brasil atendendo às seguintes legislações: Constituição de 1988 (CF/1988), Política Nacional do Idoso (PNI/1999) e o Estatuto do Idoso (2003), que determinam, em seus artigos, o direito do idoso à educação e deliberam sobre a obrigatoriedade do Estado apoiar a criação de Universidades Abertas à Terceira Idade. Conforme explicita a Lei nº 10.741, de 1.º de outubro de 2003, em seu Cap. V, dispõe sobre Educação, Cultura, Esporte e Lazer:

⁵⁹ Com abordagem de gerontologia alimentam, experiências multidisciplinares, com temática principal sobre velhice, o envelhecimento, a longevidade e suas interfaces com várias ciências aplicadas, entre elas a Psicologia, a Sociologia, a Biologia, a Geriatria (CASTRO: 2004).

⁶⁰ Instrumentalizando o homem para o convívio da vida humana, no nível cultural, político e econômico.

⁶¹ Equivale à educação de adultos, como prolongação do sistema escolar.

⁶² Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html>. Acesso em: 19 de março de 2020.

Art. 20. **O idoso tem direito a educação**, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade. Art. 21. **O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação**, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados. **§ 1.º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna [...]** Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria. Art. 23. A participação dos idosos em atividades culturais e de lazer será proporcionada mediante descontos de pelo menos 50% (cinquenta por cento) nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, bem como o acesso preferencial aos respectivos locais. Art. 24. Os meios de comunicação manterão espaços ou horários especiais voltados aos idosos, com finalidade informativa, educativa, artística e cultural, e ao público sobre o processo de envelhecimento. Art. 25. **O Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual** (BRASIL, 2003, grifo nosso).

O termo velhice foi substituído por terceira idade e, mais recentemente, por maturidade – o que denota, no nosso entendimento, o preconceito, corroborando a ideia da velhice que destacamos, isto é, como construção social. Segundo Cachioni (2003), é possível avaliar a leitura social que as instituições têm sobre seu alunado através da organização das atividades e até mesmo nos nomes dados aos programas, aos quais enumera: Universidade com Melhor Idade; Curso de Extensão Rejuvenescer a Velhice; Universidade da Maior Idade – alguns eufemismos, estereotipados de forma positiva em um primeiro momento, mas que sugerem interpretações preconceituosas. Porém, independentemente da nomenclatura utilizada, Veras & Caldas (2004 *apud* TONI, 2019), garantem que o crescimento desses programas universitários traduz o interesse e motivação das pessoas idosas por conhecimento, interação social, atividades recreativas e de lazer, por eles oferecidos.

De acordo com o IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2016), sobre Política do Idoso no Brasil, a discussão das universidades abertas é trazida como avanços na conquista de direitos desde a Constituição Federal de 1988 (CF/1998), a Política Nacional do Idoso (PNI/1999) e no Estatuto do Idoso (2003), porém ressalta o hiato existente entre o conteúdo das leis e sua efetiva implementação, considerando que existem mais de duzentas instituições de ensino superior desenvolvendo programas nas

universidades de forma distintas, nas quais os investimentos para essas experiências são heterogêneos – tudo isso implica, portanto, na falta de acesso universal aos direitos.

Ressaltamos que, não defendemos padrões igualitários de políticas e serviços, desconsiderando as necessidades peculiares das comunidades, pois tal ação, no nosso entendimento, “engessaria” os processos. O que queremos destacar é que a gestão dos recursos expressa a prioridade e força política da Instituição. Em outras palavras, o recurso para as experiências com idosos nas universidades dependem de força e vontade política, colocando o idoso na posição de ser sujeitoado a essas “vontades” e negociações orçamentárias.

Dessa maneira, entendemos a necessidade imediata de estudos que possam, de forma transparente, revelar informações formais levantadas a partir de plataformas governamentais, sobre as experiências de idosos nas UNATIS, informações essas que se assemelhem ao censo da educação – por estarem sendo desenvolvidas em IES –, e que revelem o dimensionamento atual das Universidades para Terceira Idade no país, bem como o perfil dos idosos que a frequentam; dos docentes envolvidos; o número de vagas ofertada; carga horária; resultados atingidos; número de idosos matriculados; nome das IES que possuem essas experiências vinculadas a Pró-Reitoria de Ensino e/ou de Extensão; repasse de subvenção etc.

1.2. UNATIS: Percepções, discussões e análise de dados

De acordo com os dados do Censo-2010 do INEP, o total de brasileiros matriculados no ensino superior é de 6.407.733, em Cursos de Graduação Presenciais e à Distância. Desses, cerca de 16.171 correspondem a alunos idade superior ou igual a 60 anos. Sobre os Cursos de Graduação Presenciais da Região Sudeste, há um total de 2.656.231 matrículas em instituições públicas e privadas. Desse total, 5.283 são alunos com 60 anos ou mais. As matrículas em Cursos à Distância representam 343.400, sendo 2.122 de alunos idosos, o que totaliza 7.405 matrículas na Região, com predomínio do sexo feminino.

Os estudos de Raymundo *et al.* (2012) para presença crescente de idosos, na educação formal no Brasil, porém, afirmam que ainda carece de estudos e investigações, pois não há muita literatura publicada, necessitando recorrer a dados secundários a fim de apresentar o contexto nacional e em especial na Região Sudeste. Ao comparar as demais regiões do país, apresenta percentual de 46% de matrículas de idosos nas universidades da Região, com predominância de 53% para mulheres, em decorrência da longevidade feminina.

De acordo com os dados do Censo 2010 do INEP, o total de brasileiros matriculados no ensino superior é de 6.407.733, em Cursos de Graduação Presenciais e à Distância. Desses, cerca de 16.171 correspondem a alunos idade superior ou igual a 60 anos. Sobre os Cursos de Graduação Presenciais da Região Sudeste, há um total de 2.656.231 matrículas em instituições públicas e privadas. Desse total, 5.283 são alunos com 60 anos ou mais. As matrículas em Cursos à Distância representam 343.400, sendo 2.122 de alunos idosos, o que totaliza 7.405 matrículas na Região, com predomínio do sexo feminino.

Os estudos de Raymundo *et al.* (2012) apontam para presença crescente de idosos na educação formal no Brasil, porém, tais estudos afirmam também que essa presença ainda carece de pesquisas e investigações, pois não há muita literatura publicada, havendo a necessidade de recorrer a dados secundários a fim de apresentar o contexto nacional e, em especial, na Região Sudeste. Ao comparar as demais regiões do país, essa apresenta percentual de 46% de matrículas de idosos nas universidades da Região, com predominância de 53% para mulheres, em decorrência da longevidade feminina.

Sobre as Universidades Abertas à Terceira Idade, esse mesmo estudo afirma que são programas com currículo diferenciado e específico ao público idoso, voltados às questões culturais, sociais e de saúde, pouco divulgados no país e que ainda não foram regulamentados e reconhecidos pelo MEC.

Possivelmente, essa flexibilidade ocorre justamente por essas universidades destinadas aos idosos não serem regulamentadas sendo, portanto, informais, apesar de serem executadas em espaço físico de IES formalizadas pelo MEC. Nesse sentido, essas universidades e/ou experiências de educação continuada e/ou permanente, não “aparecem”⁶³ nas consultas em base de dados do MEC/Inep e em nenhum censo educacional, apesar de serem emitidos relatórios anuais de prestação de contas, segundo as coordenações (Sic)⁶⁴, para o MEC.

Em revisão bibliográfica, encontramos um artigo no livro do Inep (2016) que faz alguns apontamentos críticos para essas experiências com grande proliferação em universidades IES, devido a não garantia de acesso igualitário e universal aos idosos, considerando a ausência de referência ao envelhecimento ou às Universidades Abertas à Terceira Idade no Plano Nacional de Educação (2014-2024), apesar da ampliação de seu protagonismo.

Além disso, há concentração dessas Universidades nos grandes centros e, nas diferentes regiões brasileiras uma distribuição heterogênea, totalizando cerca de duzentas universidades no Brasil. Porém, tais programas ainda não ocupam todas as regiões do Brasil, nem contemplam pessoas idosas com diferentes perfis socioeconômicos. O estudo destaca a necessidade de realização de um levantamento oficial sobre essas Universidades, a fim de ser utilizado para implementação de políticas públicas efetivas.

Apesar de não existirem dados oficiais com o perfil desses cursos, Búfalo (2013) aponta que “os programas das Universidades da Terceira Idade nem sempre têm coordenadores com especializações em Gerontologia ou formação em Pedagogia” e faz crítica sobre o formato, pois devido ao fato de não serem reconhecidos pelo MEC, ou seja, pelo sistema regular (formal), há um reforço de preconceitos e desigualdades, que reproduzem preceitos do sistema capitalista em virtude da ausência de título acadêmico ou aperfeiçoamento profissional. Em outras palavras, tais programas possibilitam para os participantes idosos, apenas aprofundamento para monitoria ou voluntariado.

Sobre dados atualizados do panorama das UNATIS no Brasil, encontramos apenas uma fonte e destacamos sobre os programas os seguintes dados:

[...] tipologias das IES que possuíam o programa: 22 Universidades, 4 Centros Universitários 12 - Instituições particulares e 14 são públicas (11 são federais e 3 são estaduais). Localização: 8 - Sul, 6 - Sudeste, 3-

⁶³ Verificado para essa pesquisa, nos sites de busca, plataformas governamentais e informações trocadas com MEC/Inep em contato telefônico, troca de mensagens eletrônicas (e-mail) e canal fale conosco.

⁶⁴ Relatado informalmente por dois dos Professores coordenadores de UNATIS da região Sul.

Centro-oeste, 3 -Nordeste e 6 –Norte. Nomenclaturas - “Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI)”. Fundação: 1982 (1), 2000 (16) e 2012 (2), projetos. Número de vagas ofertadas: Alguns 1300 e outros 30 a 40. Idade mínima de 60 anos (para maioria). Projetos ligados à extensão - educação continuada. Motivações: 1- Aumentar conhecimentos, 2- Desenvolvimento pessoal, 3- Ajudar o próximo; 4- Contato social; e 5- Ocupar o tempo livre de forma útil (Ordonez, & Cachioni, 2011). Considerações: Baixo número de IES que participaram da pesquisa, sendo necessários novos estudos sobre mapeamento das UNATIs no Brasil para que apresentem um panorama ampliado da temática no contexto brasileiro, suas características, contribuições, limitações e desafios [...]. (ELTZ, G.D., ARTIGAS, N.R., PINZ, D.M., MAGALHÃES, 2010, p. 87).

Após esse levantamento através de revisão bibliográfica; contatos informais com funcionários do MEC/Inep; e alguns coordenadores/funcionários de UNATIs no Brasil, além de busca por sítio virtual governamental, com o propósito de conseguirmos informações sobre onde encontrar banco de dados que pudessem expressar um panorama atualizado das UNATIs no Brasil, é possível dizer que não foram encontradas respostas, exceto nas revisões bibliográficas de alguns artigos que, apesar de apresentarem parcialmente alguns dados, alertam que esses não representam a realidade fidedigna, em virtude da falta de participação de algumas IES na resposta de questionários. Isso reitera, portanto, a ausência de banco de dados formais em que se tenha esse panorama nacional, semelhante ao Censo da Educação.

Sobre as percepções levantadas por alguns autores quanto à ausência de dados para o MEC/Inep, essas se referem aos dados sistematizados, devido aos programas não estarem vinculados ao sistema formal e regular de ensino – apesar de acontecerem no ambiente de IES – e, também, aos fatos de os coordenadores e/ou funcionários dos programas relatarem o desconhecimento dos motivos pelos quais os dados não se encontrarem organizados pelo MEC, pois encaminhariam anualmente as informações dos programas.

Dessa forma, esse levantamento sugere a ausência de transparência na sistematização de informações sobre panorama nacional em base de dados formais, sobre experiência com idosos em Universidades Abertas à Terceira Idade no Brasil – fato que implica na falta de acesso universal aos direitos por esses sujeitos, que são submetidos às decisões de Censos para a implementação de políticas públicas que atendam às suas necessidades.

Sabe-se que tais políticas, por vezes, “engessam” e “padronizam” os processos, sem considerarem as singularidades dos sujeitos. Porém, a ausência de dados de forma transparente, nesse caso, acaba por legitimar o não reconhecimento desses idosos nos

espaços, tornando-os cada vez mais “invisíveis” diante dos requisitos do próprio funcionamento da máquina capitalista e dos dispositivos de poder de subjetivação. Dessa forma, eles passam a ser sujeitos às relações de “barganha” e “politicagem” subliminares dos orçamentos públicos.

Esses seres “invisíveis” e “irreconhecíveis” são a reiteração do “ser sujeito aos Estatutos Jurídicos e códigos de conduta”, regidos pelo Estado e Mercado e vice-versa, conforme foi mencionado anteriormente. Portanto, nossa reflexão se dá no sentido de percebermos o poder subjetivado do velho – utilizado como estratégia desses mecanismos para o seu controle. Ou seja, no nosso entendimento, a falta de transparência em uma base de dados acessível para os idosos se reconhecerem representa uma omissão estratégica, necessária para o Estado e Mercado se manter no controle, aprisionando, portanto, a velhice à submissão de fatias orçamentárias com base em critérios que esses próprios sujeitos desconhecem.

Capítulo II - Conhecendo os dois projetos

*Duas experiências com velhos,
De tamanhos diferentes,
Pertencem ao ensino não-formal,
Da educação permanente!*

*De um lado a Unati,
Com aulas e Roda de conversas,
Acontecem na Uem,
Há mais de uma década!.*

*Do outro lado o Viver Melhor,
Que pouco tempo durou,
Mas aqui, lá e acolá deixou,
A essência da sua existência!*

*Pra quem sabe um dia recomeçar,
E quem sabe lá mesmo voltar,
Praticando Cidadania,
Com efervecência!⁶⁵*

Finalizamos o capítulo anterior destacando a ausência de dados formais na plataforma do MEC/Inep que sejam acessíveis à população, com informações sobre as experiências com idosos em Universidades – no âmbito da educação permanente –, algo que se assemelhe ao Censo da Educação e, além disso; a ausência de um delineamento do perfil dos idosos e docentes e envolvidos; número de vagas ofertadas; cursos e carga horária disponibilizada; resultados atingidos; valor de repasse de subvenção etc. Apesar de as Universidades relatarem que encaminham relatórios, esses dados sistematizados não foram encontrados em nosso levantamento nem no MEC, tampouco em suas plataformas oficiais⁶⁶.

Dessa forma; acreditamos que essa ausência impacta diretamente no direito desses sujeitos terem suas necessidades reconhecidas, gerando políticas públicas ineficientes, uma vez que [...] “às Universidades Abertas à Terceira Idade, nem estão inclusas no Plano

⁶⁵ Epígrafe no formato de poesia de autoria própria.

⁶⁶ Reiterando que foram verificados sites de busca, plataformas governamentais e informações foram trocadas com MEC/Inep em contato telefônico, mensagens eletrônicas (e-mail) e canal Fale Conosco e não foram encontradas informações sobre esses e nenhum outro projeto de Universidades Abertas à Terceira Idade, apesar das experiências estarem vinculadas às Universidades, porém, no ensino informal–educação continuada.

Nacional de Educação (2014-2024), apesar da ampliação do protagonismo” (ASSIS *et al.*, 2016, p. 202).

Nesse sentido, procuramos apresentar nesse capítulo breves informações descritivas das experiências da nossa pesquisa – UNATI/UEM e Viver Melhor/UNESPAR –, coletadas através de: levantamento documental institucional; reunião com coordenadores⁶⁷; observação participante⁶⁸; informações em sítios virtuais dos programas e periódicos sobre as experiências.

Essas experiências fundamentam-se nos princípios da educação permanente e não-formal, reconhecida na Conferência mundial sobre educação superior realizada pela UNESCO em 1988, como direito humano constitutivo da cidadania e normativas da Constituição de 1988 (CF/1998), Política Nacional do Idoso (PNI/1999) e no Estatuto do Idoso (2003), que determinam em seus artigos de nº 20 a 25 o direito do idoso à educação, e deliberam sobre a obrigatoriedade do Estado apoiar a criação de Universidades abertas à Terceira Idade. (BRASIL, 2003).

Porém, reiterando a crítica que destacamos, anteriormente apoiada pelo caderno do IPEA (2016), sobre:

[...] o hiato existente entre o conteúdo das leis e sua efetiva implementação, considerando que existem mais de duzentas instituições de ensino superior desenvolvendo programas nas universidades de forma distintas, nas quais os investimentos para essas experiências são heterogêneos, impactando, portanto, na falta de acesso universal aos direitos”, perceberemos essas diferenças nas descrições das experiências de nossa investigação (p. 201).

Longe de defendermos padrões igualitários de políticas e serviços, o que destacamos é que é perceptível o quanto a estrutura organizacional, gestão de recursos e autonomia depende de força e vontade política, influenciando diretamente nos direitos desses idosos que são submetidos a essas correlações de forças Institucionais.

⁶⁷ UNATI/UEM - Professora Dra. Regina Taam (Membro do grupo de Professores fundadores da UNATI e ex-coordenadora, atualmente afastada devido à aposentadoria) e Viver Melhor /UNESPAR- Juliana Doronin (autora dessa tese, quando estive à frente da coordenação do Projeto de Extensão).

⁶⁸ UNATI - Grupo de Filosofia (no período de 03 de abril de 2018 à 17 de julho de 2018), conforme anexo 4 e Roda de Conversa (no período de 17 de agosto de 2018 à 09 de novembro de 2018), conforme anexo 5 e o VIVER MELHOR (no período de 01 de setembro de 2016 à 14 de outubro de 2017), conforme anexo 6. Totalizando 20 meses de observação nas duas experiências em IES.

Descrevemos a seguir, de forma breve, as experiências – ambas com foco em cidadania – trabalhando alguns elementos como: Fundação e Estrutura organizacional; Proposta Pedagógica (cursos/áreas oferecidas); e Dinâmica de desenvolvimento.

2.1. UNATI/UEM

A UNATI/UEM foi fundada no ano de 2009 como órgão suplementar da Reitoria, e permite presença institucional mais sólida tanto do aspecto pedagógico quanto político. Ela possui orçamento próprio para execução de projetos e conta com estrutura docente de professores de diversos cursos da UEM, que ministram aulas com disponibilidade direta de carga-horária. Para sua implementação contou, na época, com o apoio e intervenção do Conselho Municipal da Pessoa Idosa que, através de seus conselheiros, reivindicaram essa pauta.⁶⁹ Atualmente a UNATI/UEM possui 472 idosos realizando cursos em diferentes áreas⁷⁰.

Figura 1 - UNATI/UEM



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Sobre o histórico de fundação e estrutura organizacional da UNATI/UEM, encontramos no Manual do Aluno (2013), breve contextualização:⁷¹

⁶⁹ Segundo expôs Profa Regina Taam, coordenadora da UNATI (na época) , em reunião realizada em 07 de junho de 2016, no prédio administrativo da UNATI / UEM com pesquisadora.

⁷⁰ Segundo informações fornecidas por e-mail pela secretária da UNATI, referente ao semestre 2019-2.

⁷¹ MANUAL DO ALUNO, UNATI-UEM, MARINGÁ-PR, 2013

[...] Em 25 de setembro de 2007 o Prof. Dr. Décio Sperandio, reitor da Universidade Estadual de Maringá, instituiu um grupo de trabalho para elaborar um projeto de criação, na UEM, da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). Depois de quase dois anos de estudos e pesquisas, o grupo de trabalho apresentou o projeto solicitado. Em 25 de setembro de 2009 o Gabinete da Reitoria (GRE) encaminha à Câmara de Planejamento (PLAN) do Conselho Universitário (COU) o processo contendo o projeto. Depois de três meses de tramitação o projeto foi aprovado por unanimidade em 14 de dezembro de 2009 pelo COU. A UNATI foi oficialmente criada como órgão complementar da Reitoria conforme preconizou o projeto. Em 22 de fevereiro de 2010 a UNATI abriu as inscrições para a primeira turma de alunos. Em 16 de março, com uma aula inaugural, realizou-se a abertura do primeiro ano letivo da UNATI (p. 12) .

[...] Constitui-se da seguinte **estrutura organizacional: I - Colegiado de Ensino, Pesquisa e Extensão (COEPE)- Instância deliberativa máxima da UNATI, compõe-se dos seguintes membros: 1 Coordenador geral da UNATI; 2. Coordenador pedagógico; 3. Quatro docentes do quadro efetivo da UEM, vinculados à UNATI; 4. Um representante (titular e suplente) de cada centro de ensino da UEM (7); 5. Um representante da Secretaria Municipal de Educação; 6. Um representante da Secretaria Municipal da Saúde; 7. Um representante de movimentos sociais; 8. Um representantes dos alunos da UNATI; II- Coordenação Geral; III- Coordenadoria Pedagógica; IV- Secretaria** (p. 15-17, grifo nosso).

O fato de a UNATI ser um órgão complementar da Reitoria, difere das demais experiências no Brasil, uma vez que a maioria das experiências brasileiras com idosos na educação permanente-informal em Universidades está vinculada à extensão, exceto a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com temática na área médica.

As demais Universidades Abertas no Brasil se vinculam à extensão na condição de projeto com tempo de execução e, portanto, necessitam do cumprimento de várias condicionalidades internas e externas, – institucionais e políticas –, para garantir sua continuidade, principalmente por geralmente pertencerem a uma “fatia” menor do financeiro, considerando que o orçamento da Universidade é dividido no tripé institucional do Ensino-Pesquisa-Extensão, de forma não equitativa, pois depende de demanda e força política. O que não ocorre com a UNATI, devido ao fato de se vincular direto à Reitoria, de acordo com resolução nº 034/2009-COU (Conselho Universitário)⁷².

Em buscas virtuais, encontramos breve apresentação sobre a UNATI⁷³:

⁷² Sobre criação da UNATI/UEM: “[...] Aprova criação da UNATI/UEM e adota outras providências, Considerando o conteúdo do Processo nº 2.345/2008-PRO [...] **Art. 1º Aprovar a criação da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Maringá (UNATI/UEM), como órgão complementar, vinculado a Reitoria**” - Cópia digital de documentação institucional disponibilizada pela coordenação pedagógica da UNATI para pesquisa (Anexo 7).

⁷³ Disponível em: <http://www.unati.uem.br/index.php/historico-unati>. Acesso em 18 de Setembro de 2019.

[...] A UNATI/UEM foi criada pelo Conselho Universitário, como um órgão suplementar da reitoria, na gestão do professor Décio Sperandio, de quem partiu a iniciativa de sua criação. Após uma gestação de risco e das dores do parto, em 14 de dezembro de 2009, o projeto pedagógico da UNATI saiu do papel e passou a fazer parte da vida da Universidade, apresentando-se como **educação permanente, não – formal**. A UNATI/UEM oferece a 400 alunos (300 de Maringá e 100 de Cianorte) **40 cursos em diferentes áreas do conhecimento, organizados em seis eixos temáticos:1.Arte e cultura;2.Processos e procedimentos comunicativos;3.Saúde física e mental;4.Meio físico e social;5.Direito e cidadania;6.Humanidades**. Os cursos são oferecidos de segunda à sexta, nos turnos da manhã e da tarde; **a carga horária varia de acordo com a natureza do curso e o conteúdo programático: 17h, 34h, 68h ou 102h. As aulas são ministradas por professores da UEM e computadas em suas atribuições de ensino. O aluno da UNATI escolhe os cursos que deseja fazer**. Todo material necessário, livros, cópias de textos, argila e material para pintura e desenho, e muito mais, **tudo é disponibilizado gratuitamente. Na UNATI/UEM nada é cobrado do aluno; fazê-lo seria reproduzir o longo e doloroso processo de exclusão vivido por muito dos nossos alunos. Há que considerar, ainda, que a UEM é uma instituição pública, mantida com o dinheiro de impostos pagos pela população, o que nos leva a concluir que os discentes da UNATI já pagaram e continuam pagando pelos seus serviços. Uma característica das turmas da UNATI/UEM é a diversidade: de nível de escolaridade, de nível socioeconômico, de idade, de experiências de vida, de capacidades fisiológicas e condições físicas**. A diversidade é um desafio para os docentes da UNATI. Somos um órgão de uma universidade pública, realizando tudo o que dela se espera. **Atendemos ao que está na Constituição Brasileira, de 1988 e no Estatuto do Idoso, oferecendo educação superior gratuita, de qualidade a cidadãos da terceira idade. A UNATI participa das lutas políticas da comunidade maringaense, liderando ou associando-se a campanhas como a recuperação e reabertura do Horto Florestal e a prevenção da cegueira e reabilitação visual da pessoa idosa. Fazemos isso dialogando intensamente com a comunidade externa, especialmente com o Conselho Municipal do Direito da Pessoa Idosa e a Pastoral do Idoso (grifo nosso)**.

Referente à proposta pedagógica-de cursos e áreas oferecidas-, a UNATI orienta-se pelos princípios da educação não formal, que propõe desenvolver o sistema de ensino aberto, não vinculado a grades curriculares e sistemas de pré-requisitos, sendo, então, oposto ao ensino formal, que visa à profissionalização. Dessa maneira, há a possibilidade de o aluno participar do mesmo curso por diversas vezes, caso queira, além disso; a UNATI visa que o aluno escolha as atividades de acordo com suas necessidades e singularidades. De acordo com o Manual do Aluno (2013):

[...] **finalidade é oferecer às pessoas a possibilidade de desenvolver competências intelectuais, artísticas, físicas que gostariam de ter desenvolvido no curso de sua vida e, por várias razões, não puderam realizar.** É da escolha do aluno frequentar às aulas de informática, de filosofia, de nutrição, de inglês, de economia, entre outras. **Um dos objetivos da UNATI é oferecer às pessoas a oportunidade de desenvolverem-se através de uma existência ativa, mental e fisicamente prazerosa, melhorando, assim, sua qualidade de vida.** A educação não-formal não é, em nenhum aspecto, uma educação de qualidade inferior, pois a qualidade de todos os cursos e atividades da UNATI equipara-se à dos cursos de nível superior (graduação) e também são ministrados por professores altamente qualificados como especialistas, mestres e doutores [...] (p. 13, grifo nosso).

O foco em cidadania como princípio pedagógico e político da UNATI/UEM se embasa nas ações educativas objetivando a “emancipação” do sujeito, através do conhecimento, para além da execução do cumprimento das leis:

[...] A UNATI está engajada na luta não apenas pela preservação e ampliação dos direitos da pessoa idosa como de todos os direitos humanos. Opõe-se a qualquer forma de discriminação e de exclusão social, seja étnica, de gênero, de opção sexual, sócio-econômica ou de confissão religiosa. A orientação política da UNATI opõe-se ao assistencialismo, desenvolvido por meio da prática paternalista e relação de poder. **A UNATI é uma ação educativa com caráter político, que abraça a idéia de ser humano emancipado, pela elevação do nível de conhecimentos, pelo aumento da possibilidade de acesso às informações e aprofundamento da consciência cívica.** É uma educação que visa ampliar a consciência para atuar com mais eficiência sobre os problemas sociais que afetam não apenas a pessoa idosa, mas qualquer segmento social. **A UNATI é um órgão que tem o compromisso de atender todos os diferentes estratos sociais da população e, desta forma, constituiu-se em um espaço realmente democrático; um lugar de construção de uma consciência crítica capaz de desenvolver uma prática que conduz à mobilização social e à participação efetiva na elaboração e execução das políticas públicas do interesse, não só da terceira idade, como também de toda a classe trabalhadora, atual e futura. A UNATI deverá, assim, cumprir um papel importante na consolidação da sociedade civil e na formação de uma cidadania que não seja apenas retórica da lei [...] (p. 14, grifo nosso).**

Aqui, temos associação direta com o objetivo de nossa pesquisa, a saber: avaliar o impacto que experiências com educação e de assessoramento a comunidade idosa

promovem na vida desses sujeitos, e perceber de que maneira se evidencia na prática tal ação, contribuindo através da criticidade para formação de novas propostas de políticas públicas ou reproduzindo o que traz as legislações sobre velhice, que integram o idoso na perspectiva de ser único independente da sua realidade histórico-cultural. O termo cidadania surge nos objetivos específicos do Manual do Aluno de 2013, com destaque nos objetivos específicos da UNATI/UEM:

Propiciar à população de adultos idosos uma educação permanente, gratuita, de excelente nível e qualidade; • Desenvolver trabalhos educativos que favorecem a promoção da saúde; • **Produzir e socializar o conhecimento norteando-se pelo princípio da inter e transdisciplinaridade**; • Desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de gerontologia e geriatria; • **Promover as ações necessárias objetivando concretizar e ampliar os direitos dos idosos**; • **Contribuir para a mobilização social dos idosos a fim de que possam conhecer e exercer seus direitos de cidadão**; • Promover eventos de caráter científico, jurídico-político e cultural para discutir questões relativas ao processo de envelhecimento, **à velhice e ao direito dos idosos**; • **Estimular a participação idosa nas atividades sócio-políticas, econômicas e culturais da sua comunidade**; • Cumprir o Estatuto do Idoso e a Política Nacional do Idoso (p. 14-15, grifo nosso).

Isso sugere que é discutido, trabalhado e/ou tratado o tema “cidadania” na execução das aulas e/ou ações, tema que possibilita a mobilização dos participantes para tratarem das políticas públicas para pessoa idosa, e outras políticas na execução dos cursos oferecidos, para além do cumprimento da legislação como “letra morta”. Com essa postura, o processo torna-se mais dinâmico e participativo. Segundo TAAM(2009):

[...] “A UNATI participa das lutas políticas da comunidade maringense, liderando ou associando-se a campanhas como a recuperação e reabertura do Horto Florestal e a prevenção da cegueira e reabilitação visual da pessoa idosa. **Fazemos isso dialogando intensamente com a comunidade externa, especialmente com o Conselho Municipal do Direito da Pessoa Idosa e a Pastoral do Idoso**” (grifo nosso).

A dinâmica de desenvolvimento no ensino não formal, nos cursos (anuais e/ou semestrais) se dá, mediante oferta de vagas sugerida pelo professor que irá ministrar o curso e matrículas efetivadas gratuitas no campus da UEM.

Geralmente o professor é vinculado ao quadro de docentes da UEM. se dispõe a ministrar aulas para os alunos matriculados da UNATI/UEM e, em contrapartida, fica

dispensado do cumprimento dessa carga-horária no seu colegiado de origem. Porém, a prioridade das aulas, ocorre no seu colegiado, nesse sentido, quando ultrapassar a carga-horária ou caso sobre carga-horária, esse docente passa a ser aproveitado na UNATI/UEM. Há também os docentes voluntários⁷⁴, externos à UEM, que se disponibilizam a ministrarem cursos semestrais e ou /anuais para os idosos, sem ganho monetário na execução da atividade.

Ressaltamos que geralmente a frequência dos alunos inscritos nos diversos cursos é controlada pelos professores que os ministram, cumprindo, assim, o que conhecemos como as “amarras” institucionais e burocracia. No entanto, ao contrário do que se pensa, essa é uma ferramenta, explicitada pela coordenação, que é usada como “termômetro” para saber o andamento do curso e, por vezes, necessária para resistir às possíveis “ameaças do governo” de extinguir a UNATI/UEM⁷⁵, e não para “reprovar” aluno por infrequência escolar.

Os cursos oferecidos são de várias áreas, conforme lista atualizada, disponibilizada pela secretaria semestralmente (Anexo 9). As aulas acontecem em salas de aula da UEM e são ministradas de segunda à sexta-feira, no período integral (matutino e vespertino) com carga horária de acordo com a natureza do curso e o conteúdo programático: 17h, 34h, 68h ou até 102h.

Além do ensino não formal, a UNATI, dispõe de projeto de extensão, como a “Roda de Conversa para Idosos ⁷⁶” que, de forma resumida, consiste em:

⁷⁴ A exemplo do Professor Paulo Pedrozo, que ministrou curso intitulado Grupo de estudo filosofia: “Repensar a Terceira Idade”, com disponibilidade de 20 vagas, estando matriculados (a) 12 alunas (o), no ano de 2018 (curso que realizamos observação participante), conforme plano de curso (anexo 8).

⁷⁵ Em aula inaugural realizada em 26 de Março de 2019, no qual acompanhamos na observação – participante, para o ano letivo de 2019, intitulada: “UNATI, UEM e o Exercício da Cidadania”, ministrada pelos atuais coordenadores, Prof. Paulo Lopes (Coordenador geral) e Prof. Raymundo de Lima (Coordenador Pedagógico), que discutiam a precarização no repasse da verba de custeio do atual governador Ratinho Junior para UEM, no qual foi cortado 20% do repasse impactando diretamente no orçamento, como por exemplo à diminuição de professores temporários nos departamentos, obrigando os professores que estavam na UNATI, retornarem para seus departamentos de origem e assumirem suas respectivas carga-horárias. Isso implica, atualmente, em dez disciplinas a menos na UNATI, com projeção para o encerramento daqui há 3 anos. Os coordenadores então, fazem um apelo, para que os idosos cumpram os 75% mínimo de frequência, afim de garantirem a justificativa para manutenção da UNATI. Do contrário, ela estará sujeita ao fechamento.

⁷⁶ De acordo com o resumo do Projeto TIDE (Dedicação Exclusiva), intitulado “ Roda de Conversa para idosos”, autorizado pela Pró-Reitoria de Extensão, conforme Nº 304/2014-PRO coordenado pelo Prof. Dr. Raymundo de Lima, - coordenador pedagógico da UNATI /UEM, na fase dessa pesquisa-, vinculado ao Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, no Departamento de Teoria e Prática da Educação. Este projeto foi iniciado em 10/02/2014 à 09/02/2015, prorrogado p/ 08/02/2017 à 09/02/2018. E atualmente de: 10/02/2018 a 09/02/2019, tendo sido renovado novamente em vigor até o momento da realização da observação participante , que realizamos nas reuniões que acontece semanalmente nas quartas-feiras.

[...] destinado à inserção social e cultural da pessoa idosa. **Contribui para o estabelecimento de vínculos afetivos e sociais, o desenvolvimento do senso crítico diante dos acontecimentos de nossa época, que direta ou indiretamente afeta toda a sociedade, especialmente os idosos, com repercussões principalmente na saúde física e mental dos participantes. Sua metodologia baseia-se, primeiramente, na experiência dos círculos de cultura, desenvolvidos por Paulo Freire.** Em segundo plano, este nosso formato da Roda de Conversa também recebe influências de outras teorias e autores, a saber: a Psicanálise (S. Freud, W. Bion, J. Lacan, E. Pichon-Rivière, entre outros), a Psicodinâmica dos Grupos (Gerard Mailhiot, Kurt Lewin, entre outros). **Os conteúdos das conversas podem ser extraídos das vivências pessoais e do próprio grupo, dos interesses e das inquietudes de cada idoso, dos problemas comuns aos idosos, dos relacionamentos humanos que afetam os idosos, cada assunto pode ser trabalhado no sentido de gerar pensamento reflexivo e crítico, com possibilidade de desenvolver soluções mais elaboradas ou criativas.** A ideia fundamental da Roda de Conversa é: **conversando a gente aprende, ensina e compartilha experiências de vida. Assim, a existência pessoal ganha um novo sentido e o tempo se torna aliado da busca pela qualidade de vida, porque a terceira idade ainda é um tempo de aquisição de conhecimentos e de novos relacionamentos** (2018, p. 3, grifo nosso).

Figura 2 - Roda de Conversas com Idosos – UNATI/UEM



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Os temas trabalhados partem da existência dos idosos participantes, ou seja, eles mesmos têm a autonomia e propõem temáticas diversas ⁷⁷ a serem trabalhadas e o professor age como mediador, conforme metodologia a seguir:

[...] A Roda de Conversa, que dá título ao projeto, é uma metodologia **inspirada nos círculos de cultura, implantados por Paulo Freire. Desse modo, os participantes são organizados numa roda; as discussões são lideradas por um facilitador que planeja e coordena as atividades: “quebra-gelo”, questões provocativas e quase-fechamento. Os conteúdos são propostos pelos próprios participantes, cabendo ao facilitador trazer o “tema de dobradiça”, que fará avançar a reflexão para além do senso comum, para provocar o desenvolvimento de pensamento mais consistente, reflexivo, instigar a memória e o senso-crítico, visando trazer novos elementos sobre os assuntos debatidos.** O grupo pode sempre receber novos participantes, o que contribui para sua revitalização do próprio, desde que o conjunto não ultrapasse 25 pessoas, o que dificultaria fazer trocas dialógicas. Além da base paulofreireana, mencionada, entendemos que a Roda de Conversa também deve se orientar por teorias e autores, a saber: a Psicanálise (S. Freud, W. Bion, M. Klein, J. Lacan, entre outros), a Psicodinâmica dos Grupos (K. Lewin, G. Mailhiot, entre outros) (LIMA, 2018, p. 6, **grifo nosso**).

É importante lembrar que a roda de conversas para idosos não funciona como atividade terapêutica, possuindo como objetivos:

[...] Geral: **Contribuir para a saúde social, física e mental da população idosa**, principalmente da região de Maringá. ESPECÍFICOS: **1.Melhorar a capacidade de interação social dos participantes da Roda de Conversa; 2.Diminuir os potenciais riscos para a saúde produzidos pelo isolamento (solidão e solidão), condição a que muitos idosos estão sujeitos; 3.Estabelecer novos vínculos afetivos e sociais, assentados em relações horizontais de respeito e colaboração; 4.Elevar o nível de consciência crítica dos sujeitos envolvidos na discussão de temas de interesse coletivo. 5.Possibilitar conversas pontuais de assuntos que no dia a dia não são possíveis de serem sustentados por conhecimentos sistemáticos (filosóficos e/ou científicos).** Noutros termos, **exercitar com os participantes a superar o senso comum que sustenta nossas opiniões (gr.;doxa) e polarizações, para o desenvolvimento de um pensamento amplo e lógico (gr.;episteme). Contribuir para a elaboração de pensamentos e ações consistentes e equilibrados, não preconceituosos** (2018, p. 7, **grifo nosso**).

⁷⁷ Lista de temas discutidos na Roda de Conversa para Idosos (Anexo 10), disponibilizada para pesquisa, pelo Prof. Raymundo Lima, atual coordenador.

A roda também não tem número fixo de participantes, nem lista de frequência. O tema é sugerido pelo próprio grupo, a cada encontro e é feito um acordo de confiabilidade (sigilo), sobre as vivências compartilhadas em cada roda. No final de cada encontro, os participantes são convidados a participarem de um lanche coletivo trazido por eles mesmos, no qual são partilhados os alimentos e, principalmente, suas impressões sobre as vivências da roda.

No campo da pesquisa, não encontramos produções dos participantes da UNATI/UEM, exceto produções literárias mencionadas por uma idosa entrevistada, na área da poesia, e um livro, mencionado por idoso entrevistado, como proposta cumprida de fechamento de curso, contudo, nenhuma dessas produções foi publicada⁷⁸, o que nos sugere que os idosos são mais pesquisados do que pesquisam. A exemplo dos ensaios teóricos⁷⁹ mencionados e produzidos pelo coordenador Lima com base nas observações e vivências provocadas pela Roda de Conversa.

Além dos cursos no ensino e roda de conversa na extensão, a UNATI e o Departamento de Filosofia (DFL) da UEM, organizam o Projeto “Café Filosófico”, com a parceria do Serviço Social do Comércio (SESC). A atividade acontece mensalmente, às vezes no auditório do SESC e, às vezes, na UEM.

Os participantes da UNATI são convidados a participarem do “bate-papo” com um palestrante que aborda temas⁸⁰ relacionados à velhice/envelhecimento e, no fim, todos participam de café com biscoitos.

Acreditamos que o objetivo da atividade é provocar reflexões críticas nos idosos e promover novos conceitos filosóficos, epistemológicos, sobre a vida e as vivências, na tentativa de, por vezes, ultrapassar as “amarras institucionais” que se fazem presentes nos rituais de apresentações dos palestrantes e até mesmo em suas falas.

⁷⁸ Sobre isso será mencionado na Parte II deste trabalho, na ocasião das narrativas dos entrevistados.

⁷⁹ Relacionamentos doentes (rev. Maringá Missão, jan.-fev./2015); Depressão é perigosa? (rev. Maringá Missão, maio/2015); Gerações em conflito. (rev. Maringá Missão, set./2016). Disponível em: <http://maringamissao.com.br/arquivos/863> A patada dos filhos (rev. Maringá Missão, jul./2016). Disponível em: <http://maringamissao.com.br/arquivos/704> Brasil: depressão, melancolia ou luto? (rev. Maringá Missão, jul./2016). Disponível em: <http://maringamissao.com.br/arquivos/629>. A dignidade da velhice. (rev. Maringá Missão, nov./2016). Disponível em: <http://maringamissao.com.br/arquivos/1049> Autoengano normal e patológico. Maringá Missão, 02/12/2016. Disponível em: <http://maringamissao.com.br/arquivos/1134> Para que serve a empatia? Disponível em: <http://maringamissao.com.br/arquivos/1214> (rev. Maringá Missão, jan.fev./27/01/2017). Disponível em: <http://maringamissao.com.br/arquivos/1214> Obsolescência programada: o que é isso? (rev. Maringá Missão, jan/2018) O lado ruim do jeitinho brasileiro. (rev. Maringá Missão, fev/2018). O perigo das falsas notícias na internet. (rev. Maringá Missão, 2018)

⁸⁰ Lista de temas discutidos no Café Filosófico, no período de observação – participante junto a UNATI. (Apêndice 5).

Alguns palestrantes trazem a emoção em forma de pulsão, o desejo de rememorar, através da plateia, lembranças de seus avós que já partiram. Já outros, a exemplo do médico geriatra⁸¹, apesar de tentarem se aproximar do debate político, em alguns momentos acabam por reforçar as receitas e manuais de como manter uma velhice ativa e bem-sucedida, com foco na saúde, responsabilizando em parte de sua fala, o sujeito idoso como “protagonista de sua própria vida” no que se refere ao cuidado e gerenciamento de seu corpo.

Observa-se que, ele mesmo – o palestrante médico geriatra – através de sua fala, passa, de certa maneira, a gerenciar parte desses sujeitos, uma vez que, ao trazer discursos de manuais prontos sem problematizações sobre as demais condicionalidades da velhice como construção social, que são inerentes aos cuidados desses indivíduos “[...] o corpo humano se introduziu duas vezes no mercado: a primeira, através do assalariado, quando o homem vendeu sua força de trabalho, e a segunda por intermédio da saúde” (FOUCAULT, 2010 *apud* TÓTORA, 2015, p 252), passa a padronizá-los e assujeitá-los às receitas e condutas, como se estivesse em seu consultório, prescrevendo tratamentos⁸² “[...] a medicalização da vida amplia as sujeições e assujeitamentos [...] a medicina se impõe aos indivíduos, doentes ou não, como ato de autoridade” (FOUCAULT, 2010 *apud* TÓTORA, 2015, p. 251).

Figura 3 - Café Filosófico-UNATI/UEM.



Fonte: Disponível em:

http://noticias.uem.br/index.php?option=com_content&view=article&id=22177:cafe-filosofico-sera-realizado-na-flim&catid=987&Itemid=101. Acesso em 18 de dezembro de 2019.

⁸¹ 21ª edição do Café Filosófico com palestra ministrada pelo médico geriatra Prof Dr. Marcos Cabrera (UEL), intitulada "Envelhecimento Saudável: Protagonismos e Empoderamento", em 27 de Março de 2017, promovida pela UNATI/ UEM no SESC EM Maringá-PR e contou com 117 ouvintes, que registraram seus nomes no livro de presença.

⁸² Vale registrar que não podemos generalizar e foi encontrada algumas contribuições dele por nós observadas, relacionadas nas narrativas dos entrevistados evidenciadas no capítulo intitulado “A política e suas subjetivações”.

2.2. Viver Melhor/UNESPAR

O Viver Melhor foi iniciado em 2015⁸³, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Paranavaí, localizado na região Noroeste do Paraná, com idosos⁸⁴.

Trata-se de um projeto de extensão elaborado por iniciativa do curso de bacharelado em Serviço Social, com equipe de discente e docentes, cujo objetivo geral consiste em “[...] oportunizar a efetiva relação entre Comunidade e Universidade, permitindo ao aluno o aprendizado a partir do contato cotidiano com a população, bem como, oferecer a população acima de sessenta anos espaço para se colocarem enquanto sujeito protagonista de sua vida” (PROJETO, 2016). Tendo, portanto, a Universidade como “novo” espaço de discussão, conforme matéria publicada na coluna do CMDI (Figura 4):

Figura 4 - Matéria no Jornal Noroeste sobre o Projeto Viver Melhor/UNESPAR



Fonte: Pasta de arquivos do Projeto Viver Melhor (2016).

Inicialmente, o projeto foi elaborado com o intuito de atender à população idosa do Jardim Morumbi no Município de Paranavaí- PR, oferecendo a ela espaço para se colocar na condição de sujeito protagonista de sua vida. Nesse sentido, o projeto trabalha demandas materiais dos idosos do Jardim Morumbi, garantindo espaços de troca de saberes entre os participantes do grupo e contribuindo para vivência da cidadania.

⁸³ Pensado inicialmente pela Professora Dra. Ana Patrícia Nalesso, do curso de Serviço Social e executado inicialmente pelas Professoras Priscila Semzezem e Thais Gaspar. Em seguida pela professora Jaqueline Zuin e por último, foi coordenado pela Professora Juliana Doronin (autora dessa Tese).

⁸⁴ Idosos, autônomos (a), com capacidade física e intelectual para realização das atividades cotidianas, sem distinção de gênero, escolaridade e /ou, classe social.

Em 2016, quando foi iniciada a segunda fase o projeto (2016-2018), que foi ampliado para todos os idosos interessados do Município de Paranavaí- PR⁸⁵, O Viver Melhor deixou o local anterior – Salão Paroquial da Igreja Católica, no bairro do Morumbi –, e passou a ser executado no campus da IES, conforme Figuras 5, 6,7 e 8, da primeira reunião no campus, na qual os participantes fizeram um tour pelas instalações.

Figura 5 - Tour do Viver Melhor /UNESPAR no Campus (Auditório)



Fonte: Arquivo Digital do Projeto - Viver Melhor/UNESPAR (2017).

Figura 6 - Tour do Viver Melhor /UNESPAR no Campus (Laboratório)



Fonte: Arquivo Digital do Projeto - Viver Melhor/UNESPAR (2017).

⁸⁵ Segundo dados do IBGE (2015), tem uma população estimada de aproximadamente 87 mil pessoas. Dessas, 11.030 possuem acima de 60 anos de idade, o que corresponde em média a 13% da população total.

Figura 7 - Tour do Viver Melhor /UNESPAR no Campus (biblioteca)



Fonte: Arquivo Digital do Projeto - Viver Melhor/UNESPAR (2017).

Figura 8 - Tour do Viver Melhor /UNESPAR no Campus (enfermagem).



Fonte: Arquivo Digital do Projeto - Viver Melhor/UNESPAR (2017).

A estrutura organizacional da última versão do Projeto Viver Melhor/UNESPAR (2016-2018) encontrava-se vinculada à Pró-Reitoria de Extensão e contava com 66 idosos cadastrados, 3 discentes e 2 docentes.

Diferentemente da UNATI/UEM, o Viver Melhor/UNESPAR encontra-se vinculado à extensão que, para muitos, ainda é considerada o elo fraco do tripé da Universidade, tido como indissociável. No entanto, Demo (2004) diz que se a extensão for considerada apenas como “primo pobre”, como transferência do ensino, isso mostra

o empobrecimento do ensino e, ao mesmo tempo, nega o papel e o espírito da extensão universitária.

Esse termo atribuído como extensão enquanto “primo pobre” da Universidade, ilustra a falta de equidade no orçamento público destinado à “fatia” da extensão, em detrimento da pesquisa e do ensino. Isso sugere a falta de autonomia na execução dos projetos e, principalmente, à continuidade destes. Conforme ocorreu com o Projeto Viver Melhor/UNESPAR, que foi encerrado antes do tempo planejado, devido à impossibilidade de continuidade⁸⁶. Além disso, outras dificuldades foram apontadas pela equipe, dificuldades estas referentes à falta de autonomia orçamentária que influenciou no desenvolvimento do projeto⁸⁷.

Sobre a proposta pedagógica, o projeto possuía como metodologia⁸⁸: 1) Ampliação e divulgação do projeto junto aos grupos de idosos (institucionalizados ou não institucionalizados), na expectativa de ampliação do projeto; 2) Identificação dos idosos com habilidade de liderança; 3) Sistematização e catalogação das demandas apresentadas pela população idosa para implementação de políticas públicas. Durante a realização do projeto de extensão foi feita com periodicidade revisão bibliográfica sobre os temas pertinentes ao projeto, tendo como base a identificação do conceito de idoso na legislação brasileira, bem como nas diferentes produções relacionadas ao tema. A cada encontro com os idosos, era levantada as demandas que gostariam de tratar nos próximos encontros.⁸⁹ E, ao final de cada encontro, era partilhado um lanche coletivo fornecido pela instituição.

⁸⁶ O projeto de extensão VIVER MELHOR/UNESPAR, havia sido renovado de setembro de 2016 a agosto de 2018, porém; foi encerrado antecipadamente, em Outubro de 2017, devido contrato PSS e TIDE da Profa Ms Juliana Doronin (coordenadora) e autora dessa tese, ter sido encerrado em 14 de outubro de 2017 e Professora Dra. Marília Dal Bello, vice coordenadora – docente do projeto, não possuir disponibilidade de carga-horária, além dos (as) demais membros efetivos, do colegiado do curso de Serviço Social.

⁸⁷ Rotatividade de orientadores na primeira versão do projeto no período de 09/2015 à 08/2016 (anterior à renovação), devido número de professores do colegiado limitado para demanda do curso; Encerramento antecipado por falta de Professor; Ações futuras limitadas, devido coordenadora possuir vínculo de trabalho temporário; Insuficiência de disponibilidade de bolsa permanência para alunos no qual apenas uma bolsa foi disponibilizada para uma única aluna, durante 12 meses; Apesar disso, a equipe teve total de 8 alunos em diversos períodos, finalizando com 3; Falta de recursos financeiros para equipamentos, materiais pedagógicos, transporte etc.; Falta de recursos para custear participação em eventos, despesas tanto dos discentes como da docente coordenadora, pois devido condição de colaboradora não pôde concorrer a nenhum edital que permitisse qualquer tipo de custeio; Evasão dos idosos, após renovação do projeto, quando houve ampliação do Viver Melhor, deslocando as reuniões para UNESPAR (campus). Talvez isso tenha ocorrido devido o campus ser muito afastado do centro. Foi incluído nas proposições para o plano municipal do Idoso no eixo de transporte, uma linha direta de transporte público para as IES (DORONIN, Juliana).

⁸⁸ Recorte do Projeto Viver Melhor (versão atualizada).

⁸⁹ Apêndice 4 - Lista de temas discutidos no Viver Melhor/UNESPAR.

Quanto à dinâmica de desenvolvimento, as reuniões aconteciam mensalmente com os idosos na UNESPAR, campus de Paranavaí, e semanalmente com os discentes envolvidos⁹⁰, para o aprofundamento das temáticas.

Nos últimos doze meses – 2016 a 2017 –, foram realizadas algumas ações com base nos objetivos específicos, propostos para execução do projeto, conforme descrito no Quadro 1.

Quadro 1 - Descritivo relacionando aos objetivos específicos x resultados encontrados e/ou encaminhados para CMDI (Viver Melhor/UNESPAR)

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	RESULTADOS E/OU ENCAMINHAMENTO
1- Ampliar o número de idosos atendidos no Projeto, conforme demanda, mantendo o critério de idade.	Foi ampliado e divulgado junto à Rede Socioassistencial (Secretaria de Assistência; Conselho Municipal dos Direitos do Idoso; entidades); Unidade Básica de Saúde; Meios de Comunicação (Jornal impresso e Rádios). A partir de julho de 2016 as reuniões com os idosos passaram a acontecer regularmente no Campus Universitário, sala 40.
2- Identificar e trabalhar com demandas recorrentes dos idosos com mais de 60 anos do bairro do Morumbi.	Aplicado instrumental de escuta para idosos do grupo Viver Melhor atualmente ampliado, porém, foi aplicado no Morumbi e idosos de outras localidades se deslocaram para o referido bairro. Na sequência foi sistematizado conforme objetivo específico 4.
3- Garantir espaço de troca de saberes entre os idosos residentes do Jardim Morumbi.	Esse objetivo foi ampliado para todos os idosos do grupo Viver Melhor, no qual a cada reunião acontecia o momento de troca de saberes promovidos nos momentos de dinâmica.
4- Assessorar os idosos na materialização de propostas de intervenção para política do idoso.	Foi realizado trabalho no GT onde foi adaptado/reelaborado instrumental de escuta aos idosos aplicado conforme explicitado no objetivo 2 e analisado as ações propostas nas conferências Municipais do Idoso realizada em Paranavaí (2008-2015). Esse material foi analisado e sistematizado por eixos (Saúde; Educação, Ciência e Tecnologia; Justiça e Segurança Pública; Cultura, Esporte e Lazer; Promoção e Assistência Social; Habitação, Transporte e Urbanismo; Ações transversais e financiamento; Trabalho e Previdência Social) e encaminhado para o CMDI, como proposições de ações para compor o plano municipal da pessoa idosa gestão (2017-2021).
5- Formar lideranças valorizando o protagonismo.	Percebemos que alguns idosos se destacaram na frequência/participação dos encontros, consideramos que se tratava de “idosos protagonistas”
6- Levantar indicadores que possam justificar a possibilidade futura da implantação de Universidade Aberta à Terceira Idade e Núcleo de atendimento sociopsicológico	Foi elaborado instrumental, aplicado e sistematizado a fim de percebermos quais os assuntos de maior interesse dos idosos, no levantamento de demandas de e mentas para Universidade Aberta.

⁹⁰ Graduandos do curso de Serviço Social da UNESPAR e docente-coordenadora.

e jurídico ao Idoso no campus de Paranavaí.	
7- Motivar discentes para pesquisa e extensão da temática envelhecimento, considerando relevância do tema nesse milênio.	Destacamos que das 17 produções, 8 foram de discentes com coautoria da coordenadora no período de junho/2016 a outubro/2017, o que demonstra êxito no objetivo proposto.

Fonte: Relatório Final - Projeto Viver Melhor/UNESPAR (2017, grifo nosso).

Com destaque para: O item 4 do Quadro 1: Os idosos foram provocados por meio de discussões sobre as legislações que tratam dos direitos dos idosos no Brasil – Constituição de 1988, Estatuto do Idoso e Política Nacional do Idoso – e a importância de suas participações em conferências como ferramenta para alcançar o “empoderamento” e “protagonismo social”; foi abordada a importância da rede e a necessidade da participação nos espaços de construção da política, assim como apresentado um levantamento que conferia baixa participação na última conferência realizada no município (2015); os idosos foram convidados a participarem dos debates e discussões que estavam ocorrendo no Conselho Municipal dos Direitos do Idoso (CMDI), no qual a equipe executora do projeto era membro do Grupo de Trabalho (GT) a fim de contribuir na elaboração do Plano Municipal da Pessoa Idosa (gestão 2017-2022). Eles foram ouvidos após aplicação de instrumental, que gerou como resultado diversas proposições de ações a serem incluídas no plano municipal local.

Os idosos destacaram a necessidade de ações voltadas à melhoria dos serviços públicos de saúde, com inclusão de mais médicos especialistas, acompanhamento por psicólogas, tratamento com fonoaudiólogo. Na área de educação indicaram que gostariam de ter acesso à informática e à Universidade Aberta, com transporte adequado para locomoção, entre outras questões.

E o item 6 do Quadro 1 no qual os idosos puderam expressar suas preferências e necessidades relativas aos assuntos a serem debatidos no projeto em curso, e nas proposições de ementas futuras em caso de implantação de Universidade Aberta à Terceira Idade no campus de Paranavaí⁹¹, chegando às seguintes considerações, de acordo com Doronin, Oliveira e Araújo:

⁹¹ As atividades foram realizadas no período de 21 de Junho de 2017 à 05 de Julho de 2017 e utilizada metodologia qualitativa, por meio da observação participante, com discentes e docentes envolvidos presencialmente nos planejamentos e nas reuniões em grupo (DORONIN, Juliana A. F.; ARAÚJO,

[...] Os assuntos de maior interesse dos idosos vinculam-se às áreas das Ciências Humanas, Sociais e Saúde e, de menor interesse, relacionado à área das Ciências Exatas; Destaca-se como maior interesse de discussão e debate os assuntos sobre: Política do idoso; Concepções e percepções sobre velhice na contemporaneidade; Relações intergeracionais; Ética educativa crítica e idoso; Leituras e produção de poesias, contos, fábulas e cordel; Noções e prevenções à doenças associadas ao envelhecimento; Velhice: vida e morte e Relações sociais na velhice. De menor interesse assuntos como jogos de raciocínio lógico e rápido; comunicação e marketing e terceira idade. Supõe-se que o maior interesse em assuntos das áreas de Humanas, Sociais e de Saúde se dê devido às necessidades mais urgentes na área do cuidado com a saúde e com as relações humanas, tão urgentes no mundo contemporâneo diante dos desafios “avassaladores do capital”, na busca pela sobrevivência”[...] ‘99% de interesse na temática de política pública, demonstrando a tentativa de aprofundamento nas principais causas da questão social, corroborando com o ‘levante para a almejada transformação social’[...]’ Notamos muito interesse por parte dos idosos em debater e aprofundar-se em assuntos vinculados aos cursos das áreas de Ciências Humanas e Sociais, que buscam a promoção do bem-estar ante as exigências ‘desumanas’ do capitalismo na sociedade contemporânea, enquanto ‘estratégias de sobrevivência’ subjetivas impostas pela ordem. Além disso, esse interesse no cuidado com a saúde e com as relações sociais, encontrados no resultado dessa experiência, leva a refletir se essa necessidade que se evidencia do corpo é uma visão pragmática de velhice, vinculada ao marketing do ‘padrão de qualidade de vida longa e ativa’ ou se ultrapassa essa visão para o campo do corpo e sua dimensão política enquanto potência, Sugestão de problemática para futuras pesquisas (2019, p. 54-55).

Esses dois itens de destaque – 4 e 6 – referente a algumas dinâmicas de desenvolvimento do Viver Melhor/UNESPAR, sugerem iniciativas de pensar a velhice na perspectiva de vivências/existências como “obra de arte” – sinalizando, com isso, novas possibilidades, isto é, quando os idosos assumem a função de “protagonista de suas escolhas”, realizando um “levantamento de necessidades”, na proposição de políticas públicas⁹².

Giovanna; SANTOS, R. S.. Proposta de Educação Continuada: As áreas de conhecimento e o interesse dos idosos. Revista Longevidade, v. Ano I, p. 49-56, 2019).

⁹² Porém, precisamos considerar que essas afirmações são ainda “suposições”, a partir das descrições das experiências citadas. Uma vez que a avaliação do impacto dessas experiências na vida dos sujeitos será feita com base nas perspectivas subjetivas trazidas nas narrativas desses sujeitos e de seus familiares, na segunda parte desta tese.

2.3. O entrelaçamento das experiências

Percebe-se que os formatos das experiências são diferentes, considerando a fundação e estrutura organizacionais; proposta pedagógica (cursos/áreas oferecidas) e dinâmica de desenvolvimento. Com destaque para a estrutura organizacional que, de certa forma, acaba “prejudicando” as experiências, uma vez que a UNATI/UEM, como foi dito por Taam⁹³:

[...] Fundada em 2009 é como órgão suplementar da Reitoria, o que permite presença institucional mais sólida tanto do aspecto pedagógico quanto político. Possui orçamento próprio para execução de projetos e conta com estrutura docente de professores de diversos cursos da UEM ministrando aulas com disponibilidade direta de carga-horária.

Diferentemente, do Viver Melhor /UNESPAR que, por ser projeto de extensão, tornou-se vulnerável, precisando ser finalizado antecipadamente em 2017, mesmo tendo sido renovado até 2018- devido ao encerramento do contrato temporário de coordenadora e por não possuir outros professores que pudessem dar continuidade, devido falta de carga-horária disponível.

Nesse sentido, é necessário perceber que o que aconteceu com o Viver Melhor poderá ocorrer também com a UNATI/UEM nos próximos três anos, devido aos cortes nas verbas do governo do Estado do Paraná⁹⁴. Porém, o que difere⁹⁵ uma da outra, nesse momento, é que para UNATI/UEM, o encerramento das atividades ainda é uma projeção, uma “ameaça”, enquanto para o Viver Melhor/UNESPAR já ocorreu.

Dessa maneira, percebemos que as experiências, possuem três elementos entrelaçados: 1) Tratam de velhice/ envelhecimento; 2) Possuem vínculo com Universidades Públicas; e 3) Possuem foco em cidadania, conforme foi percebido nas discussões dos documentos institucionais e na observação participante.

A cidadania, destacada nos artigos 5º, 6º e 7º da Constituição de 1988, quando tratada no âmbito dos direitos fundamentais do cidadão, sejam eles políticos, civis e os sociais, reitera a clássica tripartição feita por T. H. Marshall em 1949: “A cidadania civil é expressão do direito à liberdade; a política é expressão do voto; a social é garantia da

⁹³ Em reunião realizada em 07 de junho de 2016, no prédio administrativo da UNATI/UEM.

⁹⁴ Reflexões trazidas pelos coordenadores atuais da UNATI: Professor Paulo Lopes e Professor Raymundo de Lima, em Aula Inaugural realizada em 26 de março de 2019.

⁹⁵ Esses formatos estruturais diferenciados de UNATIS, também é evidenciado em RAMOS, Vânia (2008), em relação a USP e a PUC/SP.

educação e de mínimos sociais”. A cidadania civil, se constituiu no século XVIII, a política no século XIX e a social no século XX” (MARSHALL, 2002, p. 9).

Esta divisão tripartite, segundo Barbalet (1989 *apud* FALEIROS, 2007, p. 39), não levou em conta as lutas sociais e as lutas de classes na implementação da cidadania nem uma visão da cidadania como participação. A dinâmica de construção da cidadania, de fato, passa pelo reconhecimento de direitos do ponto de vista jurídico, implicando, no entanto, uma dinâmica contraditória de lutas e de forças entre estruturação legal e a vida social real, pois no art. 8º do Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 está explicitado que “o envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, nos termos desta Lei e da Legislação vigente” (BRASIL, 2003, p 2).

Porém, sabemos que na prática os direitos são violados de formas diversas, seja pelo poder público, pela família ou pela sociedade – é o que ocorre, por exemplo, quando é encerrado projeto com idosos em IES ou quando este recebe “ameaças” de ser encerrado por falta de investimentos financeiros, falta de prioridade no orçamento, apesar de a legislação “assegurar o incentivo”, conforme Cap. V, art. 25, da Lei nº 10.741, de 1.º de outubro de 2003.

Nesse sentido, o direito de acesso à educação, passa a ser reduzido à sua cidadania e, não o ter significa a inviolabilidade dessa cidadania, independentemente da tipologia da educação – formal ou não formal.

Igualmente, percebe-se que a cidadania descrita nos documentos institucionais, no que se refere a essas experiências investigadas, propõe subjetivamente algo mais profundo do que o direito do idoso à educação, no caso – permanente e de qualidade. É algo que deseja ultrapassar os dispositivos da biopolítica na perspectiva de tentativa do rompimento com as “amarras” institucionais de uma sociedade de controle.

Complementando ainda a descrição das experiências ⁹⁶ desta pesquisa, destacamos a contribuição de Doronin e Tótora (2019) que demonstraram empiricamente⁹⁷ que as

⁹⁶ UNATI/UEM e VIVER MELHOR/UNESPAR.

⁹⁷ Através das demarcações sociais que compõem a realidade socioeconômico dos idosos pesquisados, integrantes dos grupos: VIVER MELHOR (UNESPAR) e UNATI (UEM). Foi descrito quantitativamente características do coletivo dos sujeitos pesquisados, suas “aproximações” e “distanciamentos” considerando os indicadores sociais presentes nas experiências investigadas. Foi percebido que apesar da educação para idosos no Brasil (Op. Cit. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994) que dispõe sobre a PNI, e a Op.Cit.Lei no 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, garantirem repercussões em termos legais e políticos da inserção dos idosos(a), no lócus da Universidade, *foi identificado mais distanciamentos entre as realidades* – a saber: Participação em grupos sociais; conhecimento de políticas públicas do idoso / participação em conselhos-conferências, situação domiciliar, arranjos familiares, renda e origem, grau de dependência; gastos, escolaridade, interesse de voltar a estudar, meios de comunicação e lazer. *Do que aproximações*, - a saber: gênero, idade, situação conjugal; relação

experiências com velhice/envelhecimento investigadas, apesar de acontecerem no lócus de IES, terem foco em cidadania e pertencerem a mesma política pública, possuem diferentes realidades socioeconômicas, reiterando, portanto, que a velhice e formas de envelhecimento investigadas são múltiplas e correspondem às construções sociais, diferentemente do entendimento que é apresentado nas legislações, restrito à idade cronológica.

Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2013), divulgado pelo PNUD, são considerados indicadores de longevidade: saúde, renda e educação. Isso é percebido em nossa pesquisa bibliográfica e de campo, contudo, ampliando esse conceito para longevidade na condição de construção social, ela está relacionada a diversos fatores para além daqueles mencionados, como: moradia; relação de dependência; arranjos familiares (se o idoso mora sozinho ou acompanhado e quem mora com ele); comprometimento de renda (despesas mensais); participação política do idoso no cenário das políticas públicas; envolvimento em grupos sociais, meios de comunicação, lazer; entre outros. Em outras palavras, acreditamos que um conjunto de condicionalidades tem impacto na temática da longevidade, incluindo a história de vida dos sujeitos.

Considerando as microrregiões, percebemos que existem diferenças sobre a longevidade. Por exemplo, as duas experiências pesquisadas se encontram localizadas na mesma região – Noroeste do Paraná –, porém, as correlações com a saúde, habitação, renda, escolaridade etc., são diferentes. É o que demonstra Doronin e Tótorá⁹⁸ (2019), reiterando

e tipo de dependência. O distanciamento das realidades pesquisadas reitera a velhice na perspectiva de construção social e, portanto, não homogênea, evidenciado nos indicadores socioeconômicos. DORONIN & TÓTORA (Ibid., 2019)

⁹⁸ Sobre **Maringá-PR**, de acordo com o Censo do IBGE - 2010, o município possui cerca de 357.077 habitantes. Desses, 43.373 (12,2%), pertencem ao grupo de pessoas com mais de sessenta anos, subdivididos em 19.169 (5,4%) - Homens e 24.204 (6,8%) - mulheres. A expectativa de vida do maringaense está acima de 77 anos de idade. Quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano de Maringá - IDHM de 2013, segundo o Programa das Nações Unidas de Desenvolvimento - PNUD, a cidade está na 23ª posição no ranking, entre todos os 5.565 municípios do país, com o índice de 0,808 e 2ª posição do Paraná (a primeira colocação ficou com a Capital Curitiba) e o Produto Interno Bruto - PIB do Município é de R\$ 15,4 bilhões, em 2015. Sobre o envelhecimento em **Paranavaí-PR**, também de acordo com o Censo do IBGE - 2010, o município possui cerca de 81.590 habitantes. Desses, 10.993 (13,4%), pertencem ao grupo de pessoas com mais de sessenta anos, subdivididos em 4.905 (6,0%) - Homens e 6.088 (7,4%) - Mulheres. A expectativa de vida do paranavaense está acima de 80 anos de idade. Quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano de Paranavaí - IDHM de 2013, segundo o Programa das Nações Unidas de Desenvolvimento - PNUD, a cidade está na 320ª posição no ranking, entre todos os 5.565 municípios do país, com o índice de 0,763 e 13ª posição do Paraná e o Produto Interno Bruto - PIB do Município é de R\$ 2.131.06,00 em 2015. De acordo com dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico Social - IPARDES, entre 2000 e 2010, verificou-se a ampliação da população idosa de Paranavaí-PR, cresceu 3,30% em média ao ano. Em 2000, este grupo representava 10,5% da população, em 2010 - 13,5% do total da população municipal. E sobre a taxa de Envelhecimento em Paranavaí (Fonte IPARDES, em 2000 era

Teixeira (2015), que o envelhecimento deve ser considerado como processo de uma unidade na diferença e com diferenças. Ou seja, ele decorre de resultado da vida individual e social, marcado pelas desigualdades sociais, de classes (e nos seus segmentos de classe), gênero, raça, etnia etc. Isso sugere que os idosos pesquisados possuem experimentações da velhice de formas diferentes, o que acarreta, por vezes, possíveis equívocos de estarem sendo vinculados às mesmas políticas públicas, de forma “engessada” e padronizada, sem preconização das suas necessidades, a partir das frações de classe e singularidades⁹⁹ (DORONIN; TÓTORA, 2019).

Apesar disso, essas experiências, que possuem diferenças também nas estruturas organizacionais e dos sujeitos participantes, encontram-se entrelaçadas nas suas essências, no qual apesar de encontrar-se vinculadas as exigências burocráticas institucionais, e “obedecerem” critérios políticos por vezes, “padronizados” e “engessados”, procuram criar espaços de diálogo entre os participantes, propondo na sua raiz, à possibilidade de criação e valorização das vivências de existência apreendidas enquanto potência de vida. Essa possibilidade, talvez se justifique, pelo fato de ser uma educação não formal e permanente, onde os sujeitos são indagados sobre seus interesses, suas prioridades, suas necessidades.

[...] Os conteúdos são propostos pelos próprios participantes, cabendo ao facilitador trazer o “tema de dobradiça”, que fará avançar a reflexão para além do senso comum, para provocar o desenvolvimento de pensamento mais consistente, reflexivo, instigar a memória e o senso-crítico, visando trazer novos elementos sobre os assuntos debatidos (LIMA, 2018, p. 6, Sobre a Roda de Conversas da UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] A cada encontro com os (as) Idosos, era levantado com os (as) mesmos (as), as demandas que gostariam de tratar nos próximos encontros. (DORONIN, 2017, p. 13, sobre o VIVER MELHOR/UNESPAR, grifo nosso).

[...] Foi elaborado instrumental, aplicado e sistematizado a fim de percebermos quais os assuntos de maior interesse dos idosos, no levantamento de demandas de ementas para Universidade Aberta

7,07, em 2007 subiu para 8,62, chegando em 2010 a 9,43). Esse percentual indica uma crescente evolução da população de 65 anos ou mais e a população total. Os dados demonstram que os dois municípios são incomparáveis, do ponto de vista demográfico, porém trouxemos os dados, com objetivo de informar brevemente características das cidades no qual as experiências das IES, estão localizadas e dialogar com os mesmos” DORONIN & TOTORA (p. 33-37, 2019).

⁹⁹ Apesar de constar no art. 8º Do Estatuto do Idoso de 2003, que “o envelhecimento é um **direito personalíssimo**” e a sua proteção um direito social, nos termos desta Lei e da Legislação vigente”. Isso será mencionado e discutido no capítulo adiante, intitulado: A política e suas subjetividades.

(DORONIN, 2017, p. 9, sobre o VIVER MELHOR/UNESPAR, grifo nosso).

Percebe-se também que o Conselho Municipal da pessoa idosa, citado nas duas experiências, na condição de esfera de participação pública e ferramenta de reivindicação de direito, é abordado pelas experiências, de acordo com as necessidades e singularidades dos sujeitos para com o coletivo. Nessa perspectiva, as experiências investigadas, passam a fazerem parte do processo de mediação:

[...] a UNATI deverá, assim, cumprir um papel importante na consolidação da sociedade civil e na formação de uma cidadania que não seja apenas retórica da lei” [...] p.14 e no VIVER MELHOR [...] 1-Assessorar os idosos na materialização de propostas de intervenção para política do idoso [...] Foi realizado trabalho no GT onde foi adaptado/reelaborado instrumental de escuta aos idosos, aplicado e analisado as ações propostas nas conferências Municipais do Idoso realizada em Paranavaí (2008-2015). Esse material foi analisado e sistematizado e encaminhado para o CMDI, como proposições de ações para compor o plano municipal da pessoa idosa gestão (2017-2021). (DORONIN, 2017, p. 7)

Porém, ressaltamos que veremos como isso é percebido pelos entrevistados na parte II desta tese – ou seja, se essas experiências reproduzem o que está posto na legislação ou se estimulam o artista legislador e criador.

Dessa forma, finalizamos a primeira parte desta tese, na qual se buscou traçar um breve panorama das experiências educacionais voltadas para população idosa no Brasil e a descrição das duas experiências investigadas.

Parte II: Capítulo III - “Universidade dos Idosos”

*O conhecimento,
Para uns é mais razão,
Para outros é emoção,
Enquanto ato de criação!*

*O conhecimento hoje é usado,
Na reprodução do capital,
Formando homens para o mercado,
Da mídia e do imediato!*

*Eis um “flecho de luz” que ora avistamos,
Velhos e velhas no descompasso
Dessa lógica desastrosa,
Desse mundo “mediatizado”!*

*Esses velhos vivenciam,
Nesses mesmos espaços,
A ideia do conhecimento,
Longe do imediato!*

*O conhecimento permanente,
Expressado nas vivências,
Do ato em si,
Enquanto vontade de potência!*

No capítulo anterior realizamos breve descrição das duas experiências investigadas – UNATI/UEM e Viver Melhor/UNESPAR –, trazendo elementos como: fundação e estrutura organizacionais; proposta pedagógica (cursos/áreas oferecidas) e dinâmica de desenvolvimento. Nesse sentido, percebemos que, apesar de diferenças inerentes ao “corpo institucional” das experiências, as duas possuem em seu cerne, alguns entrelaçamentos como: 1) Tratam de velhice/envelhecimento; 2) Possuem vínculo com Universidades Públicas; e 3) Possuem foco em cidadania, conforme foi percebido nas discussões dos documentos institucionais e observação participante.

Notamos, a priori, que tais experiências institucionais, apesar de serem burocráticas por “obedecerem” critérios políticos e, por vezes, “padronizados” e “engessados”, procuram criar espaços de diálogo entre os participantes, propondo em sua essência a possibilidade de criação e valorização das vivências de existência apreendidas como potência de vida. Essa possibilidade, como dissemos anteriormente, talvez se

justifique pelo fato de tratar-se de educação não formal e permanente, na qual os sujeitos são indagados sobre seus interesses, prioridades e necessidades.

Diante disso, será trabalhado neste capítulo, por meio das narrativas dos entrevistados participantes dessas experiências e seus familiares, as suas percepções em relação aos projetos – especificamente sobre o tema da “Universidade dos idosos” – e o impacto dessas experiências na vida de cada um. Isso foi feito a fim de compreendermos se essas experiências agem como dispositivos de controle e reprodução do que está posto – nas legislações, normas e padrões – ou são possibilidades desses sujeitos criarem uma singularidade de existência, ou seja, são experiências capazes de fazer com que eles se reconheçam como subjetividades na condução de suas próprias existências, inventando regras facultativas para resistirem aos poderes que os aprisionam, na perspectiva da estética da existência.

3.1. Universidade e Expressões sobre os Projetos

Como já afirmado em capítulo anterior, os projetos das Universidades executados para a comunidade idosa tiveram sua origem na França, como “Universidade da Terceira Idade” em meados de 1973. Esse projeto tinha como objetivo tirar os idosos do isolamento, proporcionando-lhes saúde e interesse pela vida e modificando sua imagem diante da sociedade. Posteriormente, as Universidades passaram por mudanças quanto aos objetivos: atualização de conhecimento, inserção social, gestão de pesquisas de gerontologia e a criação de cursos universitários formais com direito a créditos e diplomas.

No Brasil, diversas são as nomenclaturas reconhecidas como espaço estratégico da Política Nacional do Idoso. São elas: Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATIs), Programas de Universidades para Idosos (UNAI), Universidade Aberta à Maturidade (UAMA) ou Universidades para Terceira Idade (UNATI), vinculados à núcleos de Estudos ou Centro de Referência de Envelhecimento.

Algumas fundamentações¹⁰⁰ expressam que as Universidades propõem assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover autonomia, integração e participação efetiva na sociedade, por meio de ações globais e acompanhamento interdisciplinar de saúde, saúde mental, social e jurídico, de forma continuada e especializada, na tentativa de articular alguns serviços governamentais e não governamentais que integram a rede de atendimento à pessoa idosa, pautando-se no entendimento de que o envelhecimento populacional é uma questão de interesse da sociedade como um todo.

As experiências investigadas, tanto a UNATI/UEM como o Viver Melhor/UNESPAR, caracterizam-se pela condição do ensino não formal e permanente no Brasil, não reconhecidas pelo MEC, diferentemente de alguns outros países, onde as Universidades Abertas à Terceira Idade são formais e possuem emissão de diplomas. Apesar dessa diferença, acreditamos que tanto em outros países como no Brasil essas experiências podem ser a possibilidade desses sujeitos criarem uma singularidade de existência, para que sejam capazes de se reconhecerem como artistas na condução da sua

¹⁰⁰ Verificado em diversos sites de busca aleatória na web, sobre Universidade Aberta a Terceira Idade no Brasil, localizados em “históricos” e “missão”.

própria existência, inventando regras facultativas capazes de resistir aos poderes que os aprisionam¹⁰¹.

Contudo, uma vez que esses projetos não estão vinculados ao ensino formal, apesar de acontecerem no lócus de IES, é possível perceber que não há o acompanhamento da perspectiva da formação dos sujeitos para atender ao mercado de trabalho, como ocorre no ensino formal, embasado nas exigências da política externa, organizações como Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial (DORONIN, 2017).

Nesse sentido, precisamos compreender empiricamente¹⁰² de que forma os idosos e seus familiares percebem essas experiências em IES e quais as possíveis contribuições em suas vivências.

¹⁰¹ Essa reflexão, aparece como “fio condutor”, em vários trechos na construção dessa tese, na perspectiva dessas experiências serem a possibilidade de resistência da biopolítica tratada por Foucault (2008, *apud*. TÓTORA, 2015, p. 13)

¹⁰² Com base nas entrevistas realizadas, da segunda parte do roteiro de entrevista semiestruturada (questões abertas) e observação participante, utilizando diversos materiais de pesquisa e alguns instrumentais específicos, como: diário de campo, livro Ata; atividades. Junto à **UNATI**: Com o Grupo de Estudos em Filosofia “Repensar a Terceira Idade”, nas aulas do 1ºSemestre de 2018 e Roda de Conversa no 2º Semestre de 2018. E no **Viver Melhor** no período do ano letivo de 2016 e 2017, enquanto estivemos à frente da coordenação, como docente responsável pelo Projeto de Extensão e realização do Projeto Viver Melhor com Cidadania (TIDE).

3.2. Universidade: Devir e Ócio Conquistado¹⁰³

As primeiras aproximações realizadas foram sobre a análise dos conteúdos ministrados para o grupo de participantes idosos da UNATI/UEM, no curso “Estudos da filosofia”¹⁰⁴, revelam conteúdos da filosofia antiga, trazendo o conhecimento de filósofos como: Sócrates, Platão, Aristóteles (Ocidente), Confúcio (Oriente), e outros mais antigos como Buda (Índia), dentre outros.

O professor trabalhou no curso uma breve retrospectiva filosófica sobre o processo do envelhecimento, considerando a época em que cada um dos filósofos viveu e as influências que cada um recebeu de sua própria civilização, ou seja, fazendo tentativas de relacionar essas reflexões filosóficas da história universal com o envelhecimento na contemporaneidade.

Ele afirmava para a turma de idosos, que os ensinamentos filosóficos trazem, em geral, a ideia de o ócio como possibilidade para os homens exercerem a plenitude da vida: “Quando eu nego o ócio, eu nego a capacidade de estudar” (sic).

Nesse sentido, percebemos que a velhice, e em particular o grupo da UNATI/UEM”, são “privilegiados”, pois subentende-se que os alunos possuem tempo, para cultivar seus talentos, suas capacidades e vivê-las de forma intensa, uma vez que o momento de trabalharem e produzirem para o capital, já passou¹⁰⁵. Consequentemente, os bens materiais deixam de serem importantes, pois são considerados passageiros, haja vista que “se desgastam”, dando lugar aos relacionamentos e àquilo que “se vai levar de cada um”, no que diz respeito à união dos pensamentos e almas, como uma forma de acesso ao conhecimento:

[...] conhecer à filosofia, as teorias do Prof. Paulo, ter conhecimento dos relacionamentos como funciona, **entender tudo isso de uma forma gostosa. Aplico hoje nos meus diálogos, entendendo o porquê das coisas** [...] (Dona Teodora, 63 anos- UNATI/UEM).

[...] O curso oferece oportunidade de nós nos inteirmos sobre os diversos pensadores e a troca de ideias em sala de aula é bastante dinâmica. Ao longo da história da filosofia, como também em outras

¹⁰³ Devir e Ócio, apesar de ao “pé da letra”, tratarem de definições duais, aparentemente opostas, no qual o primeiro trata-se de “fluxo permanente, movimento ininterrupto, atuante como uma lei geral do universo, que dissolve, cria e transforma todas as realidades existentes; devenir, vir a ser”. E o segundo, “a cessação do trabalho; folga repouso, quietação, vagar espaço de tempo em que se descansa”. Nesse texto, trazemos elas de forma conectadas e complementares, não dual.

¹⁰⁴ Ministrado pelo professor Paulo Pedrozo, que estava ministrando as aulas para o grupo de 6 alunas, idosas mais assíduas, semanalmente da UNATI/UEM, no ano letivo de 2018.

¹⁰⁵ Essa realidade não é padronizada, inclusive dentro do próprio grupo, com as frações de classe.

áreas. **Há sempre uma sucessão de ideias, sempre aprimoradas ou derrubadas, conforme os tempos e os valores de cada época.** Gosto de Platão, e nem sei dizer porque. Penso que é o mais acessível e mesmo com o tempo, o mais atual. **Esses estudos tratam especificamente de ‘vidas’, e o que é bom em qualquer idade. Saber que alguns filósofos e pensadores que mesmo em idade avançada souberam manter a lucidez e produtividade intelectual é estimulante [...] Gostar do que se faz é mais importante do que fazer o que se gosta**¹⁰⁶ (Dona Isis, 71 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

O ócio conquistado na velhice, nessas experiências, passa a ser entendido como a possibilidade de usufruir e gerar conhecimento entre seus pares, com responsabilidade e compromisso. O “ócio para o prazer”, que possibilita para alguns participantes a recondução de suas vidas, dando sentido e significado ao presente, do repouso sem vergonha ou qualquer remorso no ato de meditar.

A partir da velhice como obra de arte, pensada por Tótora (2017), fundamentada em Nietzsche¹⁰⁷, em que ela aproxima a discussão de um envelhecimento artista em substituição ao termo ativo, expandimos a ideia de que esses sujeitos, ao usufruírem do ócio conquistado, estão realizando a afirmação da vida, sem culpa ou constrangimento de não estarem mais produzindo diretamente para a máquina do capital, no que se refere à formação para venda da sua força de trabalho, como ocorre no ensino formal.

Pelo contrário, estão se “munindo”, através do conhecimento, nesses espaços de educação permanente, de elementos de coragem para “[...] roçar a vida com intensidade, e assim experimentar algo grande demais [...] ‘com a coragem dos que estão dispostos a correr o risco de viver’ [...] ‘e encontrar potências do tempo e intensidade do devir” (TÓTORA, 2017, p.257).

Destacamos nossa percepção na narrativa acima de Dona Isis, 71 anos e Dona Teodora, 63 anos, ambas da UNATI/UEM, na qual demonstram experimentarem esse devir através do ócio conquistado, relacionando os conteúdos das aulas de filosofia, com a “vida”. Ressaltam o prazer de estudar filosofia, “**entendendo tudo isso e de uma forma gostosa**”, e complementam “é bom, em qualquer idade, pois o importante é **“gostar do que se faz, mais do que fazer o que se gosta”**. Ainda, exemplificam que “**alguns filósofos e pensadores que mesmo em idade avançada souberam manter a lucidez e produtividade intelectual e que isso é estimulante**”.

¹⁰⁶ Recorte do registro de atividade do curso de filosofia, cedido pelo Professor Paulo Pedrozo, para essa pesquisa, compondo o meu diário de campo

¹⁰⁷ A vida como obra de arte, vontade, potência...

Essa produtividade intelectual estimulante foi mencionada no Café Filosófico¹⁰⁸ para os (a) participantes da UNATI, quando o palestrante afirma que “o que desenvolve a inteligência e a atividade da psicomotricidade, como uma ‘ginástica para a mente’, é o estímulo intelectual que a UNATI promove, através do afeto, valorizando também o momento, conteúdos e humor”.

Porém, percebe-se em algumas narrativas a relação da ideia do ócio conquistado como condicionante para a produtividade intelectual. Observamos diferentes interpretações e percepções, o que nos leva a imaginar o quanto ainda existe, de certa forma, para alguns velhos e/ou seus familiares, mesmo que de forma inconsciente, uma cobrança indireta, no direito ao ócio – cobrança vinculada à produtividade, como se o segundo fosse condicionante para que o primeiro seja permitido. Ou seja, para alguns perpetua-se a ideia de que a velhice está associada ao tempo livre, ao tempo de não fazer nada, sem compreender que deveria ser o contrário, pois, esse tempo que chamamos aqui de ócio conquistado, é resultante do trabalho realizado ao longo da vida, de contribuições a partir do assalariamento¹⁰⁹, no qual encontraram nessas experiências as potências do tempo e a intensidade do dever.

[...] É um compromisso que tenho, que me faz me sentir útil, ou uma obrigação. Já que assumi eu tenho que fazer! E não conseguiria ficar preso em casa! (Sr. Aurélio- 88 anos- UNATI/UEM)

[...] A essência da UNATI que é justamente aprender a envelhecer com qualidade de vida [...] O que me motiva a continuar é justamente essa perspectiva de continuar aprendendo a envelhecer, sobre tudo à partir dessas observações ou dessa convivência, e das conversas e diálogos que tenho com os colegas (Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM)

[...] Quando alguém quer desistir, eu pergunto:- ‘ Vai ficar em casa?! Vai criar mofo? Para que vai ficar em casa? Pra que têm inteligência?’ (Sra. Iulia, 82 anos- UNATI/UEM)

[...] Nossa, mudou tanta coisa, muita coisa depois que comecei no grupo... mudou parece, à mente da gente! Porque a gente tava ‘parada no tempo’ e agora mexeu na mente da gente que tá evoluindo (Sra. Tina, 72 anos, Viver Melhor/UNESPAR)

[...] Eu, acho que é importante sim. Porque ele tem que se ocupar em alguma coisa. Falam que mente vazia é oficina do diabo. Então ele tendo alguma coisa pra fazer, pra se ocupar. Quando é para ir lá, ele fica alegre, hoje eu vou lá, hoje eu vou lá. Eu acho que para alguma coisa tá

¹⁰⁸ 29ª edição do Café Filosófico com palestra ministrada pelo médico psiquiatra Dr. Hélio Borges intitulada “O papel dos avós na modernidade”, realizado 25 de maio de 2019, no anfiteatro da UEM.

¹⁰⁹ Percentual dos salários recolhidos pelos cofres públicos e privados mensalmente para aposentadoria.

sendo bom para ele, né?! (Dona Zuide, 61 anos - Esposa do Sr. Wilson, 67 anos- VIVER MELHOR)

Consideramos que não deva existir qualquer relação de causalidade entre o ócio e a produtividade, pois ela enfraquece o dever, uma vez que o reduz e simplifica ao raciocínio lógico da causa e efeito, polarizando e limitando a força das possibilidades de criação e recriação, aproximando-a das exigências do capital.

Nem sempre esse ócio, é aceito e/ou compreendido, inclusive por questões financeiras, comerciais e até mesmo por familiares que dependem socialmente e/ou economicamente desse idoso, como foi verificado por Doronin e Tótora (2019)¹¹⁰ sobre a relação de dependência cada vez mais presente nos arranjos familiares contemporâneos, interferindo, em alguns casos, para que os idosos usufruam do direito ao ócio, “abrindo mão” de participarem inclusive dessas experiências universitárias, perdendo a possibilidade e o direito de usufruí-las, por forças das circunstâncias. Essa condição é narrada por seus pares, quando indagado sobre quais argumentos utilizados para evitar alguém desistir.

[...] Maria da Sé, quando começou a desistir, falei para ela que lá a gente aprende mais, porque ela queria aprender violão, daí falei:- ‘Quem sabe mais pra frente, têm, né?! Mas daí **ela desistiu porque não tinha quem pegasse o neto na creche, porque a filha dela trabalha. Então só tinha ela para pegar e não dava tempo de participar** (Dona Tina, 72 anos, Viver Melhor/UNESPAR).

Pensando na vida desses velhos a partir das narrativas, compreendemos com a

¹¹⁰ [...] “nas entrevistas realizadas para o (as) idoso (as) da *UNATI*, questionamos dois tipos de *dependência*, a saber: - *social e financeira*, a primeira consideramos estar relacionada ao idoso (a) que é cuidador (a) de terceiros, ou que é cuidado (a) por terceiros e a segunda, relacionado à dependência na manutenção de gastos do idoso (a) por terceiros ou do idoso(a) mantêm os gastos dele e de terceiros. Sobre os entrevistado (as), da *UNATI*, verificamos que os idosos(as) quando indagados sobre sentirem-se dependentes financeiramente de terceiros, nenhum deles (as) consideram-se, apenas relataram dependência social em 28,57% dos casos e 71,42% não se consideram dependente nem socialmente. Sobre dependência de terceiros em relação a eles(a), consideram que 85,71% possuem alguma dependência com destaque para a financeira em 57,14% em relação a social que é de 28,57%. Sobre os idosos (as) do *VIVER MELHOR*, de acordo com Oliveira (2016, *apud.* DORONIN & TÓTORA, 2019) “[...] “ a maioria do(as) idosos, em cerca de 90% dos casos, não se consideram dependentes de terceiros, contra apenas em 10% que se consideram, porém no relato, percebeu-se que essa dependência era social. E sobre os terceiros dependerem dele (a), consideram que 80% dependem deles, contra apenas 20% que não dependem. De maneira que, percebemos **aproximação no que se refere a maior incidência em ambas as experiências, dos idosos não se considerarem muito dependentes de terceiros**, apenas 19,28% - média das duas experiências - das quais apresentam essa dependência ser social, ou seja; da necessidade de companhia para não sentirem-se sozinhos, e em nenhum dos casos, consideram possuírem dependência financeira de terceiros. Pelo contrário, **constatou-se incidência de que, a maioria dos idosos(as) considera que o(as) terceiros dependem deles, socialmente e financeiramente**, em cerca de 82,5% - média das duas experiências”. DORONIN&TÓTORA (2019, p. 50-51).

ajuda de Martins (1991):

[...] a nossa vida tem dois tempos. Um tempo externo marcado por datas, eventos, acontecimentos, regido por regulamentos e leis, que o autor deu o nome de *cronos*, um tempo delimitado [...] ‘*cronos* torna nossa vida legal do ponto de vista jurídico, nos fornece carteira de trabalho, carteira de motorista, etc. coisas imprescindíveis para viver em sociedade. Mas também somos o resultado de um tempo vivido ‘uma consciência que é tempo e indica novas direções. A esse tempo que acolhe o ser e suas possibilidades no qual o professor chamou de *kairós*. É a nossa vida, que construímos com nossas experiências, com nossas alegrias e sofrimentos, com afetos e nossos labores. O resultado de tudo isto guardamos em memória e no coração (MARTINS, 1991, *apud* MEDEIROS, 2003, p. 188).

Dessa forma, a ideia do ócio conquistado se aproxima ao *kairós* que, quando usufruído e sem cobranças, possibilita aos sujeitos dessas experiências pesquisadas o ato de pensar, filosofar e criar, sem se preocuparem com o *cronos*. Constatado essa afirmação nas falas já citadas, de Dona Isis, 71 anos e Dona Teodora, 63 anos, quando se referem ao privilégio do estudo da filosofia.

Percebemos também que os participantes colocam o conhecimento como objetivo central, discutindo e ampliando. Não se limitam, portanto, a “saberes fracionados”, dirigido à “profissionalização de conteúdos”, tampouco à submissão de atribuir ao professor a competência da avaliação em decidir se eles – alunos – possuem ou não o conhecimento satisfatório exigido para não precisarem refazer o curso. Não necessitam, portanto, – mesmo que eles desejem – refazer o curso, como ocorre no ensino formal.

3.3. Universidade: Conhecimento inacabado e permanente para a vida de artista

As experiências de educação permanente com idosos partem da afirmação que o conhecimento não é algo acabado, o que permite com que eles permaneçam nos “bancos escolares”, como dissemos, até o final de suas vidas. Portanto, cabe a eles – os participantes idosos – a tarefa de se autoavaliarem e perceberem seus interesses nos cursos, refazendo-os quantas vezes se sentirem motivados e motivando seu pares, conforme relatos a seguir:

[...] Então, **faz oito anos que faço as aulas da professora Terezinha**¹¹¹ é muito boa, porque ela faz o seguinte, no início do ano ela sempre dá uma relação de livros para a gente ler e depois você senta e discute com ela. Teve uma vez que ela deu o livro e depois foi discutir e eu falei para ela:- professora porque a senhora não faz isso sempre? E ela respondeu;- Não, eu quero que vocês leiam primeiro para depois debatermos, porque eu quero ver a ideia de vocês! E eu acho que ela tem razão nisso. Porque as vezes lemos e temos uma ideia e ela vêm e explica de uma outra forma! Até teve um ano que ela deu uma relação de quatorze livros e eu disse:- ‘ Professora nós estamos saindo de férias (risos)! Daí ela respondeu:- ‘Então aproveita as férias para ler esses livrinhos” (risos)! **É a história que as vezes você não lembra exatamente, mas daí você vai lendo e tendo as discussões, e vai ficando mais claro”!** (Sr. Aurélio- 88 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] **ao longo dos anos**, essa coisa do relacionamento humano, dado pelo Raymundo é muito interessante [...] Ele representa, ele vai aliviando, ele não gosta muito do embate. Ele vai dando dicas de filmes, música, trabalha na perspectiva da pós-modernidade. Isso **ao longo dos anos** eu fui vendo, e a partir dessas duas experiências, **por uma série de circunstâncias eu não ia fazer mais os cursos da Terezinha, e os do Raymundo continuo fazendo** Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] Participo desde 2014, quando vinha com meu marido (Dona Isis, 71 anos- UNATI/UEM).

Percebemos nas narrativas do Sr. Aurélio- 88 anos, Sr. Bino, 71 anos e Dona Isis, 71 anos, todos da UNATI/UEM, que as motivações para participarem dos cursos, e a permanência nestes, são experimentadas de formas diferentes. Porém, trazem em comum a percepção de que os conteúdos são trabalhados em formatos diferentes pelos professores e que, ao contrário dos cursos do ensino regular, os alunos têm a possibilidade

¹¹¹ Referindo-se ao curso de história medieval (UNATI/UEM).

na educação permanente, de se “dobrarem sobre si mesmos” e refletirem sobre o conhecimento sem se preocupar com notas, médias, conceitos ou qualquer tipo de resultado a partir desses e, muitas vezes, essa autorreflexão provoca a percepção de que ainda há algo para aprender, discutir, argumentar, refletir, criando e recriando possibilidades de compreensão diferentes, permanecendo por anos, às vezes, voluntariamente nos mesmo cursos.

Portanto, percebe-se que essas experiências contemporâneas com idosos pauta-se no deslocamento de grupos de pessoas com costumes diferenciados que se reúnem em busca do conhecimento sem estarem vinculados a grades curriculares ou muito menos ao que esse conhecimento pode gerar como “fim” (produto), pelo contrário.

Trata-se da ideia do *conhecimento permanente*, ou seja, o conhecimento para toda vida – ou o que resta dela –, no qual o aprendizado é aplicado na dinâmica da vida – seja nas relações sociais, no cuidado com a saúde, o corpo, a mente, as emoções. Tudo isso promove ao sujeito a descoberta de prazeres e habilidades, inclusive, até então desconhecidos.

[...] A atividade, escrever... que me tirou minha inibição”. A Unati me incentivou a escrever, me deu a possibilidade de reconhecer que eu estava em um local que proporcionou escrever, me deu abertura, me deu coragem para escrever, para eu me expressar escrevendo. Porque se tu vai para uma reunião social, não vai te apetercer à escrever e **lá como trazia assuntos de emoção, me deu abertura pra isso. Os assuntos lá me estimulam à refletir, escrever** (Dona Iulia, 82anos-UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] A gente aprende muita coisa. **Fica sabendo de muita coisa que a gente não sabia** (Dona Tina, 72 anos, Viver Melhor/UNESPAR, grifo nosso).

[...] **Sempre aprendo alguma coisa!** (Sr. Aroldo, 79 anos – Viver Melhor/UNESPAR).

[...] Claro que sim, esse aprendizado todo. Eu passei a conhecer mais a perspectiva de vida do idoso com o idoso. Daí eu faço minha própria reflexão, mas procuro compreender da melhor maneira possível os textos e por onde passa a cabeça do pessoal, qual que é o nível de informação ou desinformação, qual que é o nível de acomodação e essa coisa da autoestima e continuar aprendendo a envelhecer (Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...]Adquirir conhecimento foi o que me motivou a entrar e o que me motiva a continuar é que me sinto bem e que lá fluem melhor as coisas que não dão certo em casa, porque todos tem a mesma idade, as coisas fluem melhor, a gente encontra companheiros de vida (Dona Iulia, 82anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] **Aprender mais** (Dona Tina, 72 anos, Viver Melhor/UNESPAR, grifo nosso).

[...] A Unati para mim é terapêutica, preciso de uma coisa diferente do que estou vivendo em casa¹¹² e complementa:- ‘ **A Unati promove à leveza que preciso para me ajudar à ‘lidar’ com os problemas de casa. Gosto dos assuntos debatidos sobre filosofia, relacionamento, autoajuda, solidariedade humana** (Dona Isis, 71 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] **Pra continuar aprendendo coisas.** É bom participar, eu fico muito quieta, aí a pessoa incentiva eu falar, senão fica parada (Dona Sara Miko, 80 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] Sim, que **a aprendizagem é um processo. Desde o momento que nascemos até o momento que morremos. Mas essas experiências, sempre te soma algo**, de qualquer maneira” (Dona Maria Amélia, 64 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

O aprender algo novo ou mesmo se redescobrir, faz parte do movimento artista desses velhos, alimentados pela busca da pulsão pela vida e fazendo dela uma grande obra de arte, com a leveza e a força necessária para orquestrar as vivências de aprendizado singular e, ao mesmo tempo, coletivo em suas vidas.

Ressaltamos que percebemos nas narrativas sobre o conhecimento adquirido que gera o aprendizado, citado pela maioria dos entrevistados, que não buscam pela posse da verdade, pois esta – a verdade – se afasta do viver, vincula-se ao poder, o que não interessa para esses velhos. Segundo Mosé (2018) para Nietzsche, “ser maior do que o outro não torna alguém maior do que é muitas vezes o torna menor, especialmente quando o que está em questão é a posse da verdade”. Portanto, eles buscam um saber que intensifique a vida, que a valorize como potência.

Além disso, trata-se de pessoas aposentadas que não mais dependem, ou têm interesse, de estar na universidade com o propósito de inclusão no mercado de trabalho e nas relações de competitividade em decorrência do capital. Eles passam, portanto, a considerar este espaço como um meio que produz civilidade convergindo para o bem da sociedade, como mais pura essência, para si e para o meio em que vivem.

[...] **Que essa oportunidade que a Unati dá ao idoso é muito boa, pois nunca pensei que poderia voltar para universidade e descobrir me sentir tão bem, fazendo uma comparação de quando fiz o curso de psicologia na própria UEM. De fato, agora é outro momento!** (Dona Isis, 71 anos - UNATI/UEM, grifo nosso)

¹¹² Referindo-se à rotina enquanto cuidadora do companheiro acamado em decorrência do Alzheimer.

[...] Não quero esses cursos com diploma, quero esses cursos que têm lá na UNATI, **porque já me faz estudar, a gente ler muito...** (Dona Iulia, 82 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] Eu era da UNATI, **depois saí para fazer faculdade e depois que me formei no curso de Serviço Social e me aposentei, voltei para UNATI novamente.**” (Dona Teodora, 63 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

Essa ideia de conhecimento permanente – para a vida –, é percebida também nas narrativas dos familiares, quando indagados sobre a percepção deles, em relação às contribuições dessas experiências na vida dos idosos participantes.

[...] Sim, sim... (pausa), pela troca de experiência, de conhecimento. Minha mãe é muito culta, assim ela transmite também aos outros. Ela gosta de conversar, sobre cultura mesmo, não futilidades (Maria Valentina, 53 anos – Filha de Dona Iulia de 82 anos da UNATI/UEM).

[...] Sim, há porque ensina bastante coisa. Assim, pra ela, na parte dela (Zonica, 24 anos- Filha de Dona Teodora de 60 anos - Viver Melhor/UNESPAR).

[...] Ele comenta coisa boa, hoje foi assim, foi assado. Nós ´fizemo` isso ´fizemo` aquilo. Igual ao dia da horta, ele chegou aqui todo animado pra fazer aquela horta. Aí eu fiz, porque ele não saber fazer nada, mas ele ficou comentando que foi ele que fez (risos) (Dona Zuide, 61 anos - Esposa do Sr. Wilson, 67 anos- Viver Melhor/UNESPAR).

[...] Fala das brincadeira, alguma coisa que o professor comentou, a explicação, que participou! (Sra. Leila, 41 anos- Filha de Dona Isis, 71 anos- UNATI/UEM)

[...] Há, sim sempre fala. Sobre o foi conversado, sobre os participantes, há ideia dos outros, o que ela aprendeu, o que adicionou ao conhecimento dela (Maria Valentina, 53 anos – Filha de Dona Iulia de 82 anos da UNATI/UEM).

[...] Comenta dos professores, dos amigos, do que aprendeu, do que viu, chega muito contente! (Berenice, 64 anos- Esposa do Sr. Aroldo, 79 anos – Viver Melhor/UNESPAR).

O conhecimento apreendido nessas experiências promove a autoestima e a autoconfiança dos sujeitos, para se expressarem e executarem projetos antigos de vida, até então “adormecidos”. Em outras palavras, eles (a) percebem que o tempo da velhice é o tempo de possibilidade de vida. É o tempo de SER.

[...] Nossa, eu aprendi muito! Falar, socializar... você tem assunto para conversar quando você estuda, adquirindo mais conhecimento me sinto mais confiante para conversar e me despertou o desejo de fazer faculdade.

Eu era da UNATI, depois saí para fazer faculdade e depois que me formei no curso de Serviço Social e me aposentei, voltei para UNATI novamente (Dona Teodora, 63 anos- UNATI/UEM).

[...] A gente é interesseiro nas coisas, tem interesse. Se algum dia, alguém procurar, saber o que a gente fez, eu vou dizer:- ‘Eu fiz o ‘Viver Melhor’, aprendi alguma coisa, para poder falar. Ir lá na frente e falar. Dizer, olhe você tá fazendo errado, porque eu aprendi no projeto que é assim que faz!’ Ajudar o outro porque aprendi alguma coisa, saber o que tem que falar, fazer! (Sr. Wilson, 67 anos- Viver Melhor/UNESPAR).

Vale ressaltar nas narrativas, que apesar de parecer que o Sr. Wilson, 67 anos- VIVER MELHOR/UNESPAR, está em busca da verdade se referindo à demonstração do aprendizado no plantio da horta orgânica em casa – a saber- “[...] Se algum dia, alguém procurar, saber o que a gente fez, eu vou dizer:- ‘Eu fiz o ‘Viver Melhor’, aprendi alguma coisa, para poder falar. Ir lá à frente e falar. Dizer olhe **você tá fazendo errado, porque eu aprendi no projeto que é assim que faz!**’”. Percebemos que ele foi provocado pela curiosidade e afetado pela autoconfiança para o ato da recriação. Isso porque, na observação participante, após essa experiência, ele se sentia motivado a relatar aos participantes do projeto, como estava o desenvolvimento da sua horta orgânica em casa e quais as modificações que ele¹¹³ havia feito, confrontando em alguns momentos, a técnica utilizada na reunião¹¹⁴.

Em síntese, consideramos que as expressões presentes, apresentadas nas narrativas dos sujeitos, quando descrevem os projetos que participam – e também as falas dos seus familiares –, vários aspectos de motivações, aspirações, quanto aos projetos vivenciados, no qual se destaca intrinsecamente o conhecimento como ponto de partida, isto é, como propulsor das expressões.

[,,] Que foi bom, ela conta **as coisas diferentes, do que ela fez, do que ela aprendeu, o que aconteceu** [...] (Alice, 48 anos- Filha de Dona Tina de 72 anos, do Viver Melhor/UNESPAR, grifo nosso)

[...] Então, **ele fica mais alegre, tipo assim:- igual uma criança, quando pega um doce, um presente. Ele fica assim meio tímido, mas acho que ele se sente bem, sim. Porque ele nunca deixou de faltar, né?!** Esses dias ele tava atacado da coluna, disse que não tava

¹¹³ Apesar do relato divergente, da esposa, na entrevista realizada no domicílio que afirma:- a saber- “Ele comenta coisa boa, hoje foi assim, foi assado. Nós ‘fizemo’ isso ‘fizemo’ aquilo. Igual ao dia da horta, ele chegou aqui todo animado pra fazer aquela horta. Aí eu fiz, porque ele não saber fazer nada, mas ele ficou comentando que foi ele que fez (risos). (Dona Zuide, 61 anos - Esposa do Sr Wilson, 67 anos- Viver Melhor).

¹¹⁴ Reunião com idosos do projeto VIVER MELHOR/UNESPAR, realizada em 08 de março de 2017, inicialmente no laboratório de biologia com exposição da Profª Franciele do Projeto “Boa Alimentação” e visitação na Horta Orgânica da UNESPAR/PARANAVAÍ.

aguentando, mas ele foi. (Dona Zuide, 61 anos - Esposa do Sr. Wilson, 67 anos- Viver Melhor/UNESPAR, grifo nosso).

[...] Então, as aulas da professora Terezinha (se referindo ao curso de história medieval) é muito boa, porque ela faz o seguinte, no início do ano ela sempre dá uma relação de livros para a gente ler e depois você senta e discute com ela. Teve uma vez que ela deu o livro e depois foi discutir e eu falei para ela:- professora porque a senhora não faz isso sempre? E ela respondeu;- **Não, eu quero que vocês leiam primeiro para depois debatermos, porque eu quero ver a ideia de vocês! E eu acho que ela tem razão nisso. Porque as vezes lemos e temos uma ideia e ela vêm e explica de uma outra forma!** Até teve um ano que ela deu uma relação de quatorze livros e eu disse:- ‘Professora nós estamos saindo de férias (risos)! Daí ela respondeu:- ‘Então aproveita as férias para ler esses livrinhos’ (risos)! **É a história que as vezes você não lembra exatamente, mas daí você vai lendo e tendo as discussões, e vai ficando mais claro”** (Sr. Aurélio- 88 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] **Que eu sei muito pouco. Que meu saber é muito pouco e que preciso aprender cada vez mais!** Tenho vontade de concluir meu doutorado, mas não tenho disponibilidade, porque tenho que cuidar do neto, e também não tenho muito apoio da família, tenho quatro netos e eles não querem que eu me ausente, invista e depois não tenho mais foco”. (Dona Maria Amélia, 64 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] Há, tem muitas coisas. Eu gosto mais da parte da saúde. **Tem muita coisa que eu aprendi!** (Dona Sara Miko, 80 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] Nossa, tanta coisa, muita coisa... **Mudou parece, à mente da gente! Porque a gente tava ‘parada no tempo’ e agora mexeu na mente da gente que tá evoluindo”** (Sra. Tina, 72 anos, Viver Melhor/UNESPAR, grifo nosso).

[...] Não lembro, são certas coisas, **a gente não lembra mas são situações que você não lembra, mas se o assunto vêm à tona você discute.** Uma vez eu encontrei a Profa. Regina Taam, e ela me perguntou:- ‘Vem cá, você tem curso universitário né?!’ ‘Eu disse:- ‘Não’. Ela disse espantada:- ‘ Como não?! Você sabe coisas que uma pessoa universitária sabe. Eu disse:- Professora, **eu atribuo isso a professora Terezinha, porque lemos livros de história que nos ajuda. Outro dia um cara uma vez estava comentando que a Rússia é um país, que não sei o que e tal, que é um País pequeno e eu disse, perai, Rússia é o maior país do mundo. Ele dá ‘dois brasis e um pouco mais’. Então são coisas que vem a tona, numa conversa, e as pessoas as vezes não sabem, são coisas que você ler, não se fixa naquilo, mas se vier o assunto à tona você lembra! Como o Brasil, que é um país grande mas está em quinto lugar no mundo”**. (Sr. Aurélio, 88 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] **Que tá ‘bão’, que fez desenho e ganhou o prêmio de melhor desenho** (se referindo ao concurso de xilogravura para escolha da log

do projeto¹¹⁵), que gosta dos ‘comes e bebes’, chega e não quer nem jantar, porque tá cheia (risos). (Lisandro, 30 anos- Filho de Dona Josefina de 62 anos- VIVER MELHOR, grifo nosso).

Diante das narrativas acima, percebemos que se trata de um misto de conhecimentos, afetos, criação e arte, que envolvem essas vivências. Movimentando conteúdos de história, relacionamentos, artes, filosofia etc. Trazendo, portanto, inspirações, que se expandem na vida como fenômeno estético.

O que nos faz repensar e reiterar que esses idosos possuem o “poder subjetivo” do conhecimento vivenciado e partilhado, como dispositivo de resistência, face à sociedade de controle, podendo se apresentar de diferentes formas, inclusive no ato de se reinventarem. Mosé (2018, p. 93): “tudo que vive quer mais; o querer da própria vida é expandir, ir além, seguir sempre adiante, se tornar mais forte, se superar. A vontade de vida é vontade de potência. Vida é igual força, intensidade, expansão”.

Porém, é preciso refletir também sobre as forças subjetivas de controle que essas experiências universitárias trazem, haja vista que são vivenciadas em instituições e que possuem características burocráticas, estando, portanto, os velhos, sujeitados, às normas e controle dessas instituições.

¹¹⁵ Reunião com idosos do projeto Viver Melhor/UNESPAR, realizada em 05 de dezembro de 2016.

3.4. Universidade: Dispositivos de Resistência à Institucionalização e Burocratização

A filosofia da *universidade* enquanto *institucionalização*, vinculada à ação humana é diferente do conceito de instituição social. Ou seja, o homem, nesse contexto, precisa ser entendido como um todo e não como um ser fracionado – um ser que passa a ser responsável por sua ação, entendendo que esta ação interfere no coletivo, e que começa a pensar nas suas consequências.

Estamos nos referindo ao conhecimento que tem o final na civilidade, uma vez que ao produzir civilidade com princípios na manutenção do bem comum, esta civilidade converte-se para o bem da sociedade.

Esse sentido de civilidade foi encontrado em algumas das narrativas aproximando-as dessa filosofia da Universidade como institucionalização, que se distancia da ideia da instituição, haja vista que a primeira pauta-se no conhecimento como ato (convergindo para o bem comum) e a segunda no conhecimento como fim (convergindo para o capital - o produto).

[...] Há, sim sempre fala, sobre o foi conversado, sobre os participantes, há ideia dos outros, o que ela aprendeu, o que adicionou ao conhecimento dela [...] minha mãe sempre foi muito culta, muito expansiva, gosta de conversar sobre esses assuntos né [...] -ela faz agora o café filosófico com as amigas (risos). Porque antes tinha só o café, (risos), agora é com filosofia, conversas... (risos). (Maria Valentina, 53 anos – Filha de Dona Julia de 82 anos) e Dona Iulia interrompe e fala: - : - como é uma terapia, aí ficou café filosófico (risos). Maria Valentina retoma a fala e complementa: - “Daí ela reúne até as amigas que não frequentam” (Maria Valentina, 53 anos – Filha de Dona Iulia de 82 anos da UNATI)

[...] Sim. Ela melhorou muito, trouxe sabedoria para lidar com o meu pai¹¹⁶. (Sra. Leila, 41 anos- Filha de Dona Isis, 71 anos- UNATI)

[...] Melhorou o relacionamento com a família e até a igreja, no convívio com os adeptos, tenho entendido que não é porque é igreja que todo mundo pensa igual. Então aprendi a respeitar e me colocar com mais segurança, porque falo com mais conhecimento. – ‘Você fica mais segura né?!’ (Dona Teodora, 63 anos- UNATI/UEM).

[...] Tenho outro grupo da igreja que uso o conhecimento do curso de relacionamento humano na contemporaneidade, que faço aqui, para falar, para ajudar a colegas em depressão (Dona Maria Amélia, 64 anos- UNATI/UEM).

¹¹⁶ Referindo-se ao esposo de Dona Isis que atualmente encontra-se acamado devido às sequelas de Alzheimer avançado.

Esse conhecimento utilizado para alterar seu entorno, carregado de subjetividade, é chamado por alguns autores de “conhecimento em ato”, na luta pelo bem comum – em uma ideia de civilização –, ou seja, o fato de sermos humanos incute uma responsabilidade sobre si e sobre o outro, sobre o mundo. De acordo com Freire (1999) “a educação é simultaneamente um ato de conhecimento, um ato político e um ato de arte”. Isso é perceptível nas narrativas de Dona Iulia, 82anos- UNATI/UEM, Zonica, 24 anos- Filha de Dona Teodora de 60 anos - Viver Melhor e Dona Sara Miko, 80 anos- UNATI/UEM:

[...] A Unati me ajudou na escrita, com o conhecimento e no relacionamento, humano. O conhecimento das relações com o outro. Eu converso muito com as pessoas, e as pessoas se sentem muito abandonadas e eu indico a UNATI, eu acho que isso é uma coisa prática, porque estou indicando algo que existe. Pôxa, não fiz nenhuma aula prática dessas coisas assim, sabe?! Porque lá tem computação, natação, um monte de coisas... mas essas eu não fiz. **Mas o que me ajudou muito, as aulas do Professor Raymundo, que são práticas para o dia a dia, mas daí para o relacionamento humano, que é o que eu faço. Conhecimento muito bom, mundial, como que as pessoas estão se comportando hoje ? Isso me entrou numa compreensão muito boa. Na minha relação com as pessoas. Conhecer porque o comportamento dos jovens são assim? Porque hoje eles querem morar sozinhos? Como as construções hoje são feitas para as pessoas que querem morar sozinhos ? Isso tudo é importante, para o relacionamento social. Sobre política pública me alertou, porque lá na UNATI, a gente sabe que temos direito de usar advogado, dentista, e falo para as pessoas. Nunca precisei para mim, falo para quem precisa, é bom sabermos que temos direito.”** (Dona Iulia, 82 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] Ela fala um monte de coisa para meu pai, para ele se cuidar, de coisas que aprende lá. Ela quer levar ele mais ele não quer ir não. Meu pai para sair de casa é difícil (Zonica, 24 anos- Filha de Dona Teodora de 60 anos - Viver Melhor/UNESPAR, grifo nosso).

[...] Sobre a ‘comunicação não violenta’, aprendi no direito e alimentação como a nutrição e passo isso para os outros (Dona Satiko, 80 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

Porém, é necessário que se tenha atenção para que a responsabilidade com o outro e com o seu entorno não exima a capacidade dos velhos pela não contradição, retirando deles a capacidade de se indignarem, acomodando-os em modelos prontos de

interpretação de mundo, convivência, códigos e signos. Em outras palavras, é necessário que se tenha atenção para não interferir na capacidade criativa desses sujeitos, favorecendo o uso da razão como mecanismo de controle.

Entendemos que a ideia da instituição e institucionalização apesar de em um primeiro momento parecerem paradoxais, na prática nos parece serem complementares, uma vez que não existe institucionalização sem instituição e vice-versa. O que precisa ser percebido, com base nessas experiências investigadas, são as forças que as sobrepõem. Ou seja, se a força que converge para o bem comum é determinante nessas experiências provocando a reflexão, criação, novas possibilidades de reinvenção desses sujeitos; ou se a ideia do produto a que esses sujeitos estão submetidos pelas relações institucionais, objetivadas pelo capital, os acomoda e os paralisa diante da vida.

Em entrevista realizada com Dona Iulia- 82 anos, participante da UNATI/UEM, quando questionada sobre a experiência, externou certa “ambivalência” sobre o projeto, quando expôs sua curiosidade sobre os motivos pelos quais se mantêm essas experiências com velhos em IES:

[...] as pessoas têm interesse em motivar os idosos (se referindo aos professores)” e todas as disciplinas que lá tem, como: fotografia, natação, computação. **Só não entendo por que eles fazem. Por quê? Quem que se dá o trabalho de ensinar isso para uma pessoa de idade? Eu falei com o vice-reitor, eu perguntei: “O senhor me desculpe, mas sinceramente, eu não sei qual é a motivação prática de se trabalhar com o idoso? Nós somos descartáveis, não temos uma utilidade prática numa comunidade. Utilidade prática, não tem! Uma universidade que incentiva uma criação de uma UNATI, vai trazer o que de bem para eles? Ele me respondeu, eu achei, até justo, interessante:- Ele falou, que a pessoa de idade quando frequenta a UNATI que seria a UEM, vai trazer para casa e vai fazer uma ligação da comunidade com a universidade. Daí o velho vai trazer para dentro da família, uma conversa sobre a UEM, então a UEM vai se inserir na comunidade, através do velho (Dona Iulia, 82 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).**

Assim, nos parece que a perspectiva institucional que justifica a manutenção da experiência com idosos na IES, pelo gestor, segundo relato da entrevistada, se dá no contexto de utilizá-lo para dar visibilidade institucional à IES, no cumprimento da instituição como função social, longe de práticas que provoquem mudanças da realidade, a partir do conhecimento apreendido pelos participantes.

Tal situação é reiterada em tom crítico, quando o Sr. Bino, 71 anos, participante da UNATI/UEM, relata que o projeto institucional, caminha em direção à prática pouco

acadêmica, dando lugar a práticas “assistencialistas” e “clientelistas”, com ênfase na autoestima e melhoria da qualidade de vida dos participantes, afastando-se do projeto de universidade, pautado nos três pilares – ensino, pesquisa e extensão –, devido à falta de recursos materiais e humanos; “seleção acidental” dos participantes e pouco interesse político institucional, apesar de encontrar-se vinculado diretamente à Reitoria.

[...] Eu desconfio que a maior parte dos primeiros, já saíram ou se limitaram virem minimamente, que é uma forma de certo modo de desistir né?! Como é o meu caso, **pois deixou de ser uma parte importante da minha vida e venho minimamente, apesar de reconhecer a importância e, portanto, a identidade com os demais.** Acho que a maior parte agora, dos participantes são mulheres, que foi o que vingou, que eu acho que era a porta básica que Regina fazia, **que seja um espaço de convivência**, e um espaço mais amplo possível, inclusive por quem não tiveram escolaridade por essa dimensão do público do social, **numa linha de prestação de serviços à comunidade, que isso tenha propiciado um resgate a autoestima, e melhor qualidade de vida, nesse sentido mais amplo, mas não numa dimensão acadêmica, política e social, enquanto política pública. Eu colocaria numa linha do assistencialismo, do clientelismo. Claro, que isso com ponderações, pois vai depender do curso, do professor, mas do ponto de vista Institucional, em termos de concepção de projeto, a coordenação apostava nisso!** A abertura da UNATI para comunidade externa não se tinha, apesar de quererem inicialmente, mas logo não se concretizou pois não se tinha dinheiro para pagar os bolsistas etc. O Pessoal da Educação Física e da Psicologia, que desenvolvem suas pesquisas, se mantiveram vinculados aos alunos diretamente e não mais via UNATI. Ou seja; A perspectiva hoje dos alunos da UNATI, são basicamente as vindas a universidade para participarem de atividades físicas ou ginástica funcional, tem outros que vem para os cursos pela relação que fizeram com professores e colegas, **mas com predominância nesse universo amplo pela convivência, com características majoritariamente feminina sendo mais intelectualizadas ou não [...]** As pessoas vem aqui para melhorar a autoestima, mas precisaria ser maximalista. Para mim esse ponto forte de abrir para todos os professores que tivessem interesse é muito importante, mas recursos e instrumentos para materializar essa ideia também. Muitos professores vieram apenas para desenvolver a pesquisa, mas não desenvolveram por não ter bolsas etc, ou seja; a perna da pesquisa não se materializou. Outro ponto que merece reflexão é que a UNATI nunca quis assumir nenhum critério seletivo para os participantes, a seleção era feita através da distribuição de senhas após uma palestra numa ‘seleção acidental’. Agora parece que isso mudou porque as pessoas acabaram desistindo e não precisou mais. **De maneira que, penso que a UNATI, se coloca num campo do ‘idealismo da generosidade’,** como se porque você tá no espaço público, não precisa se preocupar com resultados, apesar de que isso é bastante delicado, pois eu acho que é justamente por ser público que

you precisa apresentar resultados, ou melhor; se limitando a resultados rebaixados, que é esse de contribuir com a autoestima, não é?! (Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM, grifo nosso)

Dessa forma, na compreensão deste entrevistado, percebemos que, no fundo, essa realidade transparece o que de fato era a ideia original da coordenação do projeto, afastando a possibilidade da dimensão política do projeto, que trataremos a seguir.

[...] Nós, alunos, nunca fomos colocados na perspectiva política de conselhos, a não ser apenas como avisos da Regina que certamente eram de conhecimento apenas de meia dúzia de alunos mais próximos dos professores. A força da concepção do projeto da UNATI que acho q não deveria se perder é da diversidade e multidisciplinaridade de dimensões. Um eixo estrutural importante que alguns professores, como a Arlete, coloca no resgate da memória é importante [...] **De abrir e mostrar a universidade para comunidade e para os segmentos excluídos não é?! E de ter ainda essa manutenção da oportunidade, que sem sombra de dúvidas, eu reconheço tudo isso, só que eu acho que poderia ser mais e melhor feito do que é hoje. Se tivesse essa compreensão desde logo de um nível maior de participação; houvesse essa compreensão que por maior que seja a expressão desse grupo, que tem essa demanda que tem outros segmentos que têm demandas digamos mais qualificadas, e que se colocaria num contexto de interação entre si.** Porque do contrário, é como se tivesse apostado no processo de ‘seleção natural’, que as pessoas que tivessem mais vivência etc. etc. etc. que são um pouco mais exigentes numa perspectiva de formação da cidadania, que não se coloca para essa maioria e muito menos se coloca para essa minoria e essa minoria vai existindo. **E ao invés de ser uma força complementar para dar sustentação social no limite político e institucional à entidade não tem,** que a meu ver foi o que aconteceu com a política de segurança alimentar e bolsa família (Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

Nos chama atenção, o fato de o entrevistado defender e projetar a UNATI/UEM, em uma dimensão diferente, na perspectiva dele, do que é executado no momento.

Apesar de afirmar que a UNATI, atualmente, se limita a executar práticas clientelistas e assistencialistas, defende a perspectiva dela como mecanismo de força capaz de provocar mudanças internas e para no meio.

Nesse contexto, destaca a necessidade mais efetiva de participação política dos alunos e alunas, como atores sociais do processo, nos levando a compreender que, apesar de na opinião dele a UNATI no momento não corresponder efetivamente ao que esperava,

ele não deixa de vislumbrar uma expectativa de força como possibilidade do projeto.

Ainda sobre a institucionalidade/instituição e suas características, a exemplo da burocratização, existe nas duas experiências, elementos parecidos porém com estruturas pouco diferentes.

Na UNATI/UEM os participantes dos cursos geralmente seguem planos de conteúdos pré-fixados pelos professores¹¹⁷ e, no que se refere à frequência, esta é acompanhada pelos professores através do controle de lista de chamada¹¹⁸; diferentemente do projeto de Extensão da Roda de Conversas, em que os conteúdos trabalhados partem do interesse coletivo. Contudo, nos cursos os professores possuem a flexibilidade de trabalharem os conteúdos de formas diversas, o que é percebido nas narrativas dos participantes.

[...] Os cursos do Claudio, que fez uma compreensão histórica, clássica dos direitos humanos, que fez uma discussão muito legal das origens burguesas etc. Uma outra boa discussão foi sobre transformações da família ao longo dos tempos e sobre sermos responsáveis pela nossa saúde. Mas a professora só deu uma vez o curso, e se aposentou. Os primeiros cursos foram muito legais. E ao longo dos anos, essa coisa do relacionamento humano, dado pelo Raymundo que também é muito interessante. [...] Eu fiz o curso da Profa Terezinha Oliveira, de medieval. E me senti incomodado com a proposta de ler um livro por semana. Apesar disso, percebo que ela nos valoriza do ponto de vista acadêmico. O meu desconforto é pelo exagero, que é para aluno de pós, do mestrado. Nesse sentido, ela acaba falando sozinha, porque os alunos não conseguem um diálogo, à não ser os “pupilos” dela. Mas acho que ela tem mérito, e ao longo dos anos ela foi fazendo a cabeça e estimulando o pensamento das pessoas. O Raymundo, do curso de relacionamento e da roda de conversa, faz isso de uma outra forma, em doses homeopáticas. Ele nos vê como acadêmicos, nos valoriza, faz o roteiro de aula, faz apresentação, coisa de alto nível. Só que daí ele vai se colocando pessoalmente, e conta toda a vida dele e claro, ele leva o grupo com ele. Ele representa, ele vai aliviando, ele não gosta muito do embate. Ele vai dando dicas de filmes, música, trabalha na perspectiva da pós-modernidade [...] antes a Regina precisou demarcar um número máximo de cursos, só quatro cursos que poderíamos fazer, pois a maioria das pessoas tinham o interesse de passar a semana inteira aqui [...] eu penso que hoje em dia, os antigos colegas e os novos, só fazem um ou dois cursos e portanto daí, some aquela percepção de ser um projeto mais amplo, no qual você está inserido e tal [...] - Os professores

¹¹⁷ Conforme documentos institucionais do curso que realizamos observação participante, “Conteúdos e componentes curriculares do Grupo de estudos em Filosofia ‘Repensar a Terceira Idade’ de 68/h aula (Anexo nº05).

¹¹⁸ Conforme exigência expressa no Manual do Aluno da UNATI/UEM, consta no item 8, referente a frequência dos alunos, que; “o aluno que sem justificativa relevante (doença, problema familiar sério) **“poderá exceder o limite de faltas em (25%), nos cursos ou atividades nas quais está matriculado, terá na próxima matrícula sua escolha reduzida em menos um curso ou atividade”**. Ou seja; necessita possuir **75% de frequência**” (p. 19) (grifo nosso)

como a Maria de Jesus, a Terezinha, a Regina, O Raymundo, são os diferenciais, o que teve de melhor até agora!.[...] – A Lígia era da enfermagem, saiu para o doutorado e depois que voltou não se envolveu muito mais, talvez por conta das suas atividades...mas foi uma grande perda, pois esses professores da saúde, nos levava para ver as ações do SUS, que era muito bom e que eu saiba foi ficando para trás. Essa é a diferença do Rio, de onde a Regina se inspirou, que ela é de lá, trazendo a experiência.” (Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM)

[...] O curso de informática. A UNATI, expande o conhecimento, e na época da Profa. Regina ainda era melhor! (Se referindo a fundadora da UNATI, atualmente aposentada) (Dona Isis, 71 anos- UNATI/UEM)

[...] Aconteceu comigo mesmo em relação a professora Terezinha. Fazem oito anos que faço curso com ela, mas às vezes não concordo muito com o jeito dela. Às vezes ela tem um jeito de querer impor as coisas dela e não concordo. Certa vez tive uma discussão devida agrotóxico. Quando ela chamou a gente para fazer comissão contra o agrotóxico e eu não concordo, porque eu disse para ela que o agrotóxico é bom, pois precisamos de alimento. Estamos com sete bilhões e duzentos milhões de seres humanos na terra e precisamos de comida para tudo isso!. Então eu discordo às vezes dela. Acho que se fosse prejudicial o próprio governo proibiria, mas ele é bem melhor do que o mal que ele pode ter’! (Sr. Aurélio- 88 anos- UNATI/UEM).

No Viver Melhor/UNESPAR, os assuntos são debatidos de acordo com a escolha dos participantes e agendados previamente, sendo anunciados com antecedência de um encontro para o outro, porém, também é controlada a frequência¹¹⁹ para emissão de certificação de participação no projeto.

Essa burocratização e “rigor” em relação às normas, regras e condutas éticas, é que dão forma no corpo estrutural das experiências investigadas e são percebidos de diferentes maneiras pelos participantes, sendo naturalizada por alguns e criticada por outros.

[...] Eu tenho um amigo que é muito sincero. O que ele tem de dizer ele diz, e eu acho que de certa forma isso é uma virtude nele. Ele é advogado, engenheiro e trabalha na receita federal. Um outro amigo falou para eu trazer ele para UNATI. Daí eu disse: – Não é levar ele, se ele quiser ir, ele vai ter que fazer vestibular para entrar lá (risos). Daí eu convidei ele, e ele veio aqui, mas como ele é muito expansivo e diz aquilo que pensa, teve uma situação¹²⁰, não deu muito certo e foi

¹¹⁹ Referente a avaliação e acompanhamento, consta no item 2.5.1, do Projeto de Extensão Viver Melhor/Unespar, sobre p público participante que; “será feita avaliação qualitativa permanente através das falas dos idosos e relatórios avaliativos das atividades propostas, assim como avaliação quantitativa que será realizada em relação à meta proposta de participação dos idosos nas atividades propostas, com frequência mínima de **75%. Exigência que disponibilizará declaração /o certificados pela assiduidade aos dos idosos** (p. 10, grifo nosso).

¹²⁰ O entrevistado relata o episódio, porém transcrevemos devido acreditamos não ser oportuno, uma vez que; envolve terceiros e por questões éticas, já que não temos autorização, não detalharemos à situação e

sugerido pelo grupo, que ele não retornasse aos próximos encontros, pois as pessoas se sentiram ofendidas, diante do que ele disse, e também por ter sido observado que não estava com postura adequada – ‘camisa para fora da calça’. Então eu falei para ele:- “Você foi reprovado, no primeiro dia do vestibular” (risos)!(Sr. Aurélio- 88 anos- UNATI/UEM).

[...] A burocratização atinge as duas dimensões. Um espaço de abstração e generalização e o outro da materialidade. Na burocratização, tradicional, enquanto processos administrativos e tal, eu volto à insistir que ela tem essa dimensão burocrática, da coordenação do pedagógico, mais geral, da institucionalização propriamente dito, vista nas suas relações sociais, políticas, desde à clientela que seria os alunos no qual questão da participação é central. A partir dos instrumentos que foram concebidos inicialmente timidamente, e por consequência nada implementados. Eu vejo isso por exemplo sob os representantes de turma, que ao mesmo tempo que foi anunciado, embora houvesse uma grande adesão no início, embora houvesse uma limitação social, à Regina não implementou, controlou! Acontecendo desde então, de maneira meramente formal. Os professores não assumiram o sentido maior, e à participação nunca foi estimulada, à não ser para passar lista de presença, atendendo a burocracia formal. [...] isso também nunca se consolidou pela dualidade de um lado a incorporação da ideia da institucionalização e ao mesmo tempo à falta de condições concretas (Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM)

Porém quando comparadas aos cursos formais das universidades, vinculadas aos critérios do MEC, percebemos novamente na compreensão dos entrevistados a possibilidade da flexibilidade e do rompimento com as “amarras” institucionais, ou até mesmo o encontro de saídas para tomarem outros “voos”, mesmo sob à condição da burocratização.

[...] As pessoas são parecidas como máquinas, como se fossemos um carro, se interagindo com o outro e outro mundo tá acontecendo lá fora. Na UNATI que não é formação, as pessoas não são engessadas, como quando fazem formatura. Os jornais também engessam. Eles passam a notícia do jeito que é conveniente e nas conversas aqui fugimos dessa ‘forma’. A UNATI, têm seus “escapes” e não é engessado. As políticas são limitadas as possibilidades e verbas... quando chega na população idosa a coisa piora. O programa da UNATI é limitado mas não engessa¹²¹”, devido abertura de possibilidades de participação na roda, que não tem limite de vagas para participação. Apesar que também tem

peças envolvidas. Apesar de termos vivenciado na observação participante, repercutindo inclusive, segundo relato de outros participantes, no cancelamento do encontro da Roda de Conversas subsequente, até resolução da questão.

¹²¹ Refere-se à limitação relacionada à burocracia na distribuição das senhas, das limitações sobre número de vagas nos cursos, porém afirma que isso não é engessado,

suas normas internas, chamada de ‘acordos’¹²². (Dona Maria Amélia, 64 anos- UNATI/UEM).

[...] Quando eu vim fazer a minha primeira inscrição na UNATI, há dez anos atrás, cheguei aqui tinha quatrocentos e tantos idosos para se inscreverem em duzentas e cinquenta vagas. Eu peguei a ficha duzentas e quarenta e não conseguí me inscrever em computação, que era o que eu queria, mas não tinha mais vaga. Daí fiz minha inscrição para o curso de história medieval e o curso de história de vida, com a Arlete, que era justamente você contar sua história de vida! Foi tão interessante que acabei escrevendo um livro de trinta e uma páginas, com o título: - “Minha vida e meus amores!”, como atividade final da disciplina!” (Sr. Aurélio- 88 anos- UNATI/UEM).

Mesmo com a burocratização presente, percebemos que para alguns entrevistados a essência principal das experiências de educação permanente possibilitam um caminhar no sentido do conhecimento experimentado e vivenciado em “nascer-modificar-alterar-morrer”, diferentemente do ensino formal que se pauta em “nascer-crescer-morrer”.

Assim, os velhos contemporâneos investigados buscam pelo conhecimento nos espaços da universidade, participando dos debates e trocando experiências de vida, se reinventando na filosofia da vida e nas vivências de “transformar-se”, “modificar-se” antes de “morrer”.

Podemos intuir que possivelmente isso ocorra devido ao fato de Universidades Abertas à Terceira Idade não serem obrigadas a se vincularem na íntegra às exigências do MEC, apesar de acontecerem em IES, promovendo certa flexibilidade que contribui para o não “engessamento” de parte dos processos.

Entretanto, o sentido da participação precisa ser mais bem debatido, conforme relato de alguns participantes da UNATI/UEM e sobre os do Viver Melhor/UNESPAR, esse aspecto sequer foi mencionado¹²³.

¹²² Interpretação feita a partir da observação participante, na qual percebemos que os participantes da roda possuem alguns acordos implícitos para participarem, à exemplo do sigilo, referente ao que é debatido em cada encontro; composição do layout da sala; respeito entre os participantes quanto à posicionamentos contrários sobre o assunto debatido.

¹²³ Isso será mais bem aprofundado nesta tese no capítulo referente à política e suas subjetividades.

3.5. Universidade: Coletividade, Socialização e Cidadania

O conhecimento como ato de filosofar, usado metaforicamente em outros momentos da história, trazia a ideia de “iluminação” e é pautado no pressuposto de que “todos os seres humanos são capacidade de pensar (filosofar)”, uma vez que são seres racionais e, portanto, “seres pensantes” em decorrência do que a ciência chama de sinapse.

Na contemporaneidade tal afirmação é questionada, uma vez que alguns autores defendem que a inteligência pode estar associada e/ou relacionada às condições de classe social ou cultura, e o que diferencia o ser humano que tem inteligência do que aquele que não a tem, são as condições de estímulo para esse desenvolvimento.

Não pretendemos entrar aqui em teorias epistemológicas da educação, porém, é necessário darmos destaque no que tange ao conhecimento, uma vez que ao contrário do que se pensa, ele não precisa ser interpretado como princípio evolutivo dos tempos, pois ele depende da geração do presente, das trocas, dos afetos, das experiências, das vivências.

O conhecimento é percebido nas ações dos homens, ou seja; vincula-se ao que se promove na vida do ser humano e, principalmente, no impacto disso na sociedade – o que tratamos de “conhecimento como ato”, que converge para o coletivo. Entretanto, antes de atingir o coletivo, é necessário que esse conhecimento dê sentido ao ser individual e sua singularidade, repercutindo, na sequência, sobre o coletivo. Isso é percebido nas narrativas dos entrevistados quando expressam as mudanças que as experiências nas IES provocaram em suas vidas no plano individual e, depois, no coletivo, entre seus pares.

[...] Mudou conversar com colegas, saber das coisas, porque eu ‘tava’ muito fechada em casa. Fiquei dez anos cuidando do meu marido que estava doente, depois que ele morreu fiquei cuidando mais sete anos de minha mãe doente. Fiquei dezessete anos fora do mundo das colegas e da igreja, só em função dos outros. Fazem 3 anos que estou na UNATI (Dona Sara Miko, 80 anos- UNATI/UEM).

[...] Mudou na socialização! Considero que os idosos da UNATI são uma extensão da família! Gosto de encontrar com gente que fala ‘à mesma língua’, a mesma linguagem...identidade [...] eu falo que nos ajuda na nossa saúde mental!” (Dona Isis, 71 anos- UNATI/UEM).

[...] Sim. Melhorou a auto-estima, relacionamento com outras pessoas, ficou mais comunicativa (Sra. Leila, 41 anos- Filha de Dona Isis, 71 anos- UNATI).

[...] A convivência com pessoas diferentes e o conhecimento gerado

(Dona Teodora, 63 anos- UNATI/UEM).

[...] Me traz alegria, me sinto ‘mió’. Tenho mais liberdade de falar lá, do que em casa! (Dona Régia¹²⁴, 60 anos- Viver Melhor/UNESPAR)

Sim, ajuda muito a pessoa ter um interesse numa coisa assim, além dela interagir com outras pessoas, ocupa a cabeça e ela vai tão feliz (risos)! É acho muito bom, eu espero que quando eu for de mais idade, eu também vá participar. É bom porque o idoso, quando chega numa certa idade, precisa de alguma coisa, para distrair, ocupar a cabeça. (Alice, 48 anos- Filha de Dona Tina de 72 anos, do Viver Melhor/UNESPAR);

[...] Sim, ela se distraí, conversa... porque ela ‘quase’ não gosta de conversar (risos). [...] ‘Ela não quer perder né?! (risos). Toda vez que tem, ela faz as coisa toda que tem que fazer, para descer. Animada ela tá né?! E quando tem alguém para ir, ela quer levar junto. Nunca quer ir sozinha. (Lisandro, 30 anos- Filho de Dona Josefina de 62 anos-Viver Melhor/UNESPAR).

[...] Sim, porque interage, arruma amigos, chega cantarolando... é bom pra cabeça dele! (Berenice, 64 anos- Esposa do Sr. Aroldo, 79 anos – Viver Melhor/UNESPAR).

[...] O que me motiva a continuar é justamente essa perspectiva de continuar aprendendo a envelhecer, sobre tudo à partir dessas observações ou dessa convivência, e das conversas e diálogos que tenho com os colegas” (Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM)

Essas mudanças no campo da socialização e coletividade foram perceptíveis na observação participante realizada em ambas as experiências investigadas, todavia; no nosso entendimento, ultrapassando a dimensão de entretenimento ou recreativa, como acontece com alguns grupos que envolvem trabalho com velhos¹²⁵.

Parece-nos que tais experiências trouxeram a dimensão do conhecimento, da perspectiva filosófica, da vontade de potência. Não o conceito de potência de Aristóteles, mas a potência no sentido nietzschiniano, como exercício em ato, que é diferente da vontade como fato.

Isso é notável quando indagamos os participantes e seus familiares sobre as contribuições das experiências na prática cotidiana dos sujeitos e a maioria não consegue visualizá-las como ato em si, argumentando mais sobre o poder que essas experiências exercem na vida dos participantes, ultrapassando visões pragmáticas, reducionistas, fragmentadas e positivistas.

¹²⁴ Participante do grupo que possui características de problemas depressivos, talvez por consequência de ser vítima de violência doméstica (Tal suspeita foi relatada por outra entrevistada participante do grupo). A suspeita foi denunciada para a coordenação do projeto que tomou as atitudes cabíveis, acionando a rede de proteção e serviços.

¹²⁵ A exemplo do SESC e outros.

[...] Mudança, mudança, assim não... a gente vê o interesse dela de participar, de aprender, de tá com mais pessoas... de participar da sociedade, sabe? De tá ali... não tá tipo abandonada, que não tem nada mais para fazer, não né?! Sempre tem o que fazer, sempre aprende né? (Alice, 48 anos- Filha de Dona Tina de 72 anos, do Viver Melhor/UNESPAR).

[...] Não comenta nada (Sra. Bira, 86 anos- Mãe de Dona Teodora, 63 anos- UNATI).

[...] Não (Elenice, 48 anos- Filha de Dona Cidalina de 72 anos, do Viver Melhor/UNESPAR)

[...] Não, que eu lembro não! (Zonica, 24 anos- Filha de Dona Teodora de 60 anos - Viver Melhor/UNESPAR).

[...] Não tô lembrando agora, tá longe o pensamento... ‘achi Juliana, é tanta coisa, não tô lembrada agora (risos)!’. (Dona Josefina, 62 anos, Viver Melhor/UNESPAR).

[...] Não lembro, são certas coisas, a gente não lembra mas são situações que você não lembra, mas se o assunto vêm à tona você discute (Sr. Aurélio- 88 anos- UNATI/UEM).

[...] Aprendo à cada aula. No momento não consigo lembrar, aprendi um pouco a ter mais união com as pessoas, independente de renda e cor. Porque lá tem todos os grupos que são diferentes! (Sr. Aroldo, 79 anos – Viver Melhor/UNESPAR).

O ato de pensar que essas experiências trazem, como arte de filosofar, permite que percebamos em nossa observação que as experimentações incorporadas na vivência desses sujeitos nos revelam o quanto elas os motivam, experiências irrestritas ao pragmatismo, ou seja, mesmo que não consigam atribuir aplicabilidade dos projetos.

As contribuições das experiências trazidas até aqui foram narradas, porém, as que não foram evidenciadas não significam que são menos importantes, ou não possuem significados. Pelo contrário, as expressões percebidas nos encontros motivadas por afetos de sociabilidade e coletividade, trazem suas subjetivações, instintos e paixões¹²⁶. Quando expressam, por exemplo, através da arte da xilogravura¹²⁷, pulsões sobre o sentido do projeto em suas vivências e o quanto o contexto do coletivo é importante.

Essa socialização¹²⁸ foi encontrada na experiência do Viver Melhor/UNESPAR, na

¹²⁶ Essa sociabilidade e coletividade é tratada também na tese de doutorado de Ramos, Vânia (2008).

¹²⁷ Atividade que objetivou o Concurso para escolha do slogan do projeto, realizada em 07 de novembro de 2016, cujo encontro intitulou-se: As subjetivações das expressões da Velhice para os participantes do Projeto de Extensão Viver Melhor/Unespar-PR (op. Cit).

¹²⁸ Encontro realizado em 20 de setembro de 2017, com tema: “Relações Interacionais: Processo de reintegração dos velhos na contemporaneidade”, utilizado como referência a contribuição de MATOS,

ocasião do encontro com os velhos participantes do projeto, os quais trouxeram para reunião um familiar mais jovem do que eles, com o propósito de debater e refletir acerca das possibilidades de interação positiva a partir do processo de coeducação entre as gerações, mencionado na legislação para pessoa idosa, porém, pouco realizada no cotidiano – exceto quando o velho é cuidador do neto de menor idade, ou o contrário. Ou seja, percebemos na observação da reunião que a questão intergeracional é pouco vivenciada no âmbito familiar, exceto quando há alguma relação de dependência entre as partes¹²⁹, além de ser pouco vivenciada no lócus da Universidade, apesar de necessária para socialização desses sujeitos.

[...] Os alunos da UNATI tiveram à oportunidade de frequentarem a graduação, como aluno especial, mas esse entendimento não temos mais, não tem mais essa oferta¹³⁰. Eu por exemplo fiz a disciplina de história da República na graduação e foi muito legal! Eu acho que eu e mais dois colegas, **a interação entre as gerações é bom porque tem aquela coisa de os mais jovens mostrar uma curiosidade de coisas que não viveram, de forma mais específica como essa era nessa disciplina.** Essa foi uma negociação que foi feita com uma outra área por alguma Pró-Reitoria' [...] – ‘Acho que no processo da concepção da UNATI, acho que uma das questões principais deveria ser pelo relacionamento entre as gerações. Acho que isso tanto teórico como praticamente deveria ser importante. Porque é aquela coisa, **vai se elevando a autoestima mais ao mesmo tempo vai se isolando, distanciando os idosos dos jovens, apesar de estarmos todos dentro da universidade.** No início do Conselho Estadual do Idoso tinha esse sentido também, mais pelo que me parece, se esvaziou no decorrer da história (Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

Outras narrativas priorizam a necessidade de socialização entre os pares, destacando essa interação entre “os da mesma idade”, como sendo importante e necessária, justamente por não a encontrarem em outros espaços – a exemplo de casa – e pela abertura que há em serem compreendidos no sentido do aprendido e, também, em

Geranne; ALCANTARA, Adriana. Na ciranda da vida: um estudo sobre o papel das relações intergeracias no processo de (re) integração social dos velhos na contemporaneidade. In. A terceira Idade- Estudos sobre o Envelhecimento. V. 22; n. 52. P. 21-31, nov.2011. SESC. São Paulo.

¹²⁹ Inclusive, no caso de Dona Josefina, 62 anos, Viver Melhor/UNESPAR, ela foi a esse e todos os demais encontros, acompanhada de criança de 5 anos que ela é cuidadora.

¹³⁰ Talvez essa afirmação esteja equivocada, considerando à fala do Professor Dr. Paulo Lopes na palestra da aula inaugural para o ano letivo de 2018, quando mencionou sobre o direito do aluno da UNATI/UEM, em pleitear vagas ociosas em disciplina de graduação, como os alunos regulares, de alguns cursos da UEM, à exemplo de letras, matemática e outros, porém.; sem direito a diplomação.

aspectos do envelhecimento. Em outras palavras, eles percebem esses espaços das IES como espaços de socialização e, inclusive, de “fuga”.

[...] Adquirir conhecimento foi o que me motivou à entrar e o que me motiva a continuar é que me sinto bem e que **lá fluem melhor às coisas que não dão certo em casa, porque todos tem à mesma idade, as coisas fluem melhor, a gente encontra companheiros de vida** (Dona Iulia, 82 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] Participo desde 2014, quando vinha com meu marido. Depois ele adoeceu de Alzheimer e eu continuei. A UNATI para mim é terapêutica, preciso de uma coisa diferente do que estou vivendo em casa e complementa:- **‘A UNATI promove à leveza que preciso para me ajudar à ‘lidar’ com os problemas de casa.** Gosto dos assuntos debatidos sobre filosofia, relacionamento, autoajuda, solidariedade humana” (Dona Isis, 71 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] Alegria, me sinto ‘mió’. **Tenho mais liberdade de falar lá, do que em casa!** (Dona Régia, 60 anos- VIVER MELHOR/UNESPAR, grifo nosso).

Talvez a necessidade de dialogar entre os pares, assim como a boa convivência com os mestres se dê devido à relação de respeito mútuo entre os colegas e os professores com os alunos em sala de aula, onde se tem espaço de troca e escuta mútua, diferente do ruído da relação “ensurdecadora” mais presente nos monólogos intergeracionais.

Sobre os professores, a percepção dos entrevistados da nossa investigação traz algumas considerações, como:

[...] Traz alegria para vida dele, porque os professores dá atenção (Berenice, 64 anos- Esposa do Sr. Aroldo, 79 anos – Viver Melhor/UNESPAR).;

[...] Pelo convite, gostei do companheirismo e de sua participação¹³¹(Sr. Aroldo, 79 anos – Viver Melhor/UNESPAR).;

[...] Fala das brincadeira, alguma coisa que o professor comentou, a explicação, que participou! (Sra. Leila, 41 anos- Filha de Dona Isis, 71 anos- UNATI/UEM.

[...] Fiz um curso, que era sobre à idade mesmo. Daí no primeiro dia de aula, a professora foi falar sobre sentidos. Ah eu falei: - ‘Que merda, ela vai falar de algo que eu nasci com isso, que já estou acostumada’. Eu estava tão acostumada com os sentidos que eu não valorizava mais. Daí ela começou a falar e eu pensei:- ‘ Nossa que negligência, eu estava

¹³¹ Referindo a mim, pesquisadora, quando estava na função de coordenadora-docente do projeto VIVER MELHOR/UNESPAR.

esquecida que o tato, à visão, o cheiro... isso é um dom. Daí eu vim para casa e fui escrever sobre isso. Depois mostrei para ela e ela adorou. Ela é uma pessoa amável! Um dia ela chegou com a fisionomia bem triste, ela tinha perdido um tio. E eu escrevi sobre isso. ‘Como essa dor transpareceu na figura dela’! (Dona Iulia, 82anos- UNATI/UEM);

[...] Eu fiz o curso da Profa Terezinha Oliveira, de medieval. E me senti incomodado com a proposta de ler um livro por semana. Apesar disso, percebo que ela nos valoriza do ponto de vista acadêmico. O meu desconforto é pelo exagero, que era nível de pós graduação, do mestrado. [...] Os professores como a Maria de Jesus, a Terezinha, a Regina e o Raymundo, são os diferenciais, o que teve de melhor até agora! (Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM);

[...] No dia que não vou, sinto falta da professorinha¹³²! (Dona Régia, 60 anos- VIVER MELHOR/UNESPAR).;

[...] Que nem eu gostei muito de conhecer à senhora e as meninas¹³³, gosto dos desenhos da animação... (Dona Josefina, 62 anos, Viver Melhor/UNESPAR).

É percebido, portanto, que os mestres possuem significados relevantes nas experiências, agindo como motivadores ou não. Contudo, no que se refere ao foco da cidadania proposto pelos projetos, é possível perceber também que um dos entrevistados destaca, a respeito da atuação dos professores e coordenação, que todos poderiam aproveitar mais as experiências como espaço social de atuação, socialização, motivando os alunos para embates, promovendo maior participação no contexto político.

[...] O Claudio trabalhava uma visão do direito, na perspectiva dos clássicos. E o da Regina trabalhava com a mídia, ela levou a proposta que era interessante mas até certo ponto, pois já era na conjuntura do golpe, que se deu com muita intensidade aqui dentro e a Regina tinha muito receito de ‘segurar o trampo’. E ela assim como o Raymundo, fazia, porém em doses ‘homeopáticas’. **De maneira que; o tal o rigor, digamos: acadêmico, científico e crítico, fica portanto muito ‘contraditado’, termina sendo muito contraditório.** Na verdade, eles todos e me incluo nisso, fizemos uma leitura, eu acho, muito equivocada, da postura que nós deveríamos ter tido diante do golpe. Subestimamos o golpe! E aqui na UNATI, eu pensei, ‘não vamos ter espaço para debater, apenas uns dez companheiros que tinham essa visão mais crítica’; [...] ‘ A ideia do projeto da UNATI a rigor nunca foi assumido por ninguém a não ser pelo Raymundo e pela Regina[...] ‘Desde logo, eu queria dizer que, nós tivemos sempre um problema de coordenação nesse sentido, não só a coordenação burocrática, técnica, pedagógica- teórica, mas no sentido de coordenar como um esforço social mais amplo. Nessa dimensão, então nós fomos, essencialmente

¹³² Referindo-se a mim, pesquisadora, quando estava na função de coordenadora-docente do projeto VIVER MELHOR/UNESPAR.

¹³³ Se referindo à equipe do projeto VIVER MELHOR /UNESPAR (docente e discentes).

públicos prestadores de serviço. Não que eu despreze isso, aliás eu sei que isso é o máximo da nossa possibilidade dada. Mas eu não acredito que esse marco esteja determinado socialmente. **Acho que é possível, é só uma compreensão crítica e disponibilização, de apostar que os alunos poderiam ter uma participação mais efetiva, como foi com a iniciativa do jornalzinho e do café filosófico;**[...]- ‘ O grande problema da nossa institucionalização, à rigor essa tal diversidade por si mesma, por ser multidepartamental, que é uma ideia ambiciosa, interessante, mas que eu diria;- idealista! Na prática, não funciona! Porque, eu acho que os mecanismos que deveria alimentá-la, seja fruto da expressão de poder na mão da coordenação, seja por essa falta de relação com os alunos, **incluindo portanto os alunos como participantes e como a expressão maior digamos, desse processo de cidadania para empoderar a coordenação, os próprios professores e tudo mais, não se deu.** Nesses vários níveis e por várias razões e, portanto, **é um projeto que se deu e que gira falso** (Sr. Bino, 71 anos-UNATI/UEM, grifo nosso)..

É possível notar nas narrativas e na observação participante¹³⁴ que o elemento, “modificar-se”, “antes de morrer”, ainda está tímido na UNATI/UEM, apesar dos dez anos de caminhada, comparado ao Viver Melhor/UNESPAR, mesmo tendo sido antecipada finalização do projeto por falta de recursos para sua continuidade.

[...] Porque assim, a partir da minha própria percepção, a compreensão do projeto da UNATI, em si, nunca foi passado para os alunos. Eu digo:- **‘De uma forma mais articulada, mais consistente’, diferente da experiência do Viver Melhor que vi na explanação de vocês em Paranavaí, naquele seminário de extensão!’** A ideia aqui, da UNATI, é que nós alunos, teríamos a percepção dela na prática. A prática no sentido tradicional, é abrir as inscrições, abrem-se as oportunidades de atividades e os alunos começam a andar. O pressuposto é que nós alunos, estaríamos nas dependências da compreensão dos professores dos diversos cursos ou atividades (recreativas e de lazer). E é evidente que por essa característica dos professores aderirem e a coordenação ter um processo mais frouxo, por várias circunstâncias, físicas e até de tempo mesmo, eu diria assim num contexto mais de procurar por uma generosidade, mais claramente o idealismo filosófico, crítico[...]’ **E por isso que eu dizia desde logo, que aqueles passos que vocês deram em Paranavaí, inclusive por serem preliminares, ao que iria aos poucos se acumulando, me parecia muito mais efetivo, consistente, porque é muito mais real. Esse processo que eu saiba, aqui não houve!** (Sr. Bino, 71 anos-UNATI/UEM, grifo nosso).

¹³⁴ Estivemos com ele na UNESPAR/Paranavaí na ocasião de III Seminário de Extensão e Cultura da Unespar- universidade, Currículo e Sociedade, em agosto de 2017; entrevista realizada em 05 de Setembro de 2018 e Aula inaugural da UNATI/UEM.

O “real” que o depoente adjetiva sobre o Viver Melhor, em detrimento da UNATI relaciona-se à questão da necessidade de maior participação dos sujeitos em relação às modificações que poderiam fazer em seu entorno, na perspectiva da civilidade sob a ótica das políticas públicas, pouco discutidas no projeto.

Ele considera¹³⁵, portanto, que discussões sobre “aprender a envelhecer” valorizam a autoestima, evitando embates mais complexos devido ao fato de acreditarem que são assuntos “menos polêmicos” e “mais sossegados”.

[...] A essência da UNATI é justamente aprender a envelhecer com qualidade de vida. O que me motiva a continuar é justamente a perspectiva de continuar aprendendo a envelhecer, sobretudo à partir dessas observações ou dessa convivência, e das conversas e diálogos que tenho com os colegas”; [...] ‘Com esse grupo mais próximo, a gente conversa, indiretamente, onde uso argumentos para não desistirem, da importância da UNATI enquanto instituição por si mesma e a importância de nos manter ativos na busca do conhecimento e de um espaço social de atuação’; [...] ‘É por isso que a minha avaliação, eu sei talvez eu esteja exagerando, até porque não tenho dado tempo de ir atrás para confirmar essas coisas, mas é como se a gente, embora o nosso marco institucional não seja o da extensão, no sentido mais pobre possível, de ser quase que uma prestação de serviço, entrando no marco do assistencialismo, e tal, é o que mesmo assim a gente tá indo. Na minha visão, a questão da coordenação é central, como aliás é em qualquer outro canto. Porque essa dinâmica dada pelos professores, é evidente que cada um segura o seu nível e ainda é o que mantém, digamos, a diferença efetiva, marca da qualidade, do diferencial da UNATI, são bem ou mal, esses cursos.’; [...,] ‘Eu tô trabalhando com essa percepção, de que a maior parte vem pra cá pra fazer outras atividades e que os mesmos cursos já não têm mais, a não ser o curso do Raimundo, mais ainda da Teresinha e da Maria de Jesus, que digamos que pode estar um pouco no meio dos dois, tá um pouco ali naquela linha, vocês já são idosos mesmo entendeu, querem mais elevar a autoestima de vocês, vocês querem mais é mais paz e sossego, entendeu?!’ (Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM).

Essa questão da “falta de embate”, expressa na narrativa do Sr. Bino, incorre em uma lacuna, motivada segundo ele, pela falta de incentivo à participação promovida pelos professores, coordenação ou mesmo os próprios alunos.

Assim sendo, evidencia-se que essas experiências contemporâneas de educação permanente, de um lado tidas como informais no que se refere ao ensino para o MEC e do outro possuidoras de aspectos da formalidade quando se vinculam à extensão

¹³⁵Referem-se à coordenação, alguns professores e participantes idosos da UNATI/UEM, com exceção dele e de um grupo de pioneiros do projeto que ainda discutem política. Porém, essa deixou de ser a motivação dele em estar na UNATI, por perceber que essas discussões são pouco incentivadas.

universitária, compondo parte do tripé estruturante da universidade (ensino, pesquisa e extensão) – como é o caso do Viver Melhor; ou quando se vincula a reitoria, como é o caso da UNATI –, tratam do conhecimento voltado à formação humana, presente paradoxalmente no ensino formal, no lócus da universidade contemporânea. Essas experiências consideram que os idosos, em sua grande maioria, não estão mais no mercado, superando, portanto, as exigências formais voltadas à formação para o mundo do trabalho exigidas pelo MEC e demais políticas externas, sob influência dos organismos internacionais, como o Banco Mundial. Isso possibilita, portanto, maior flexibilidade e autonomia para o desenvolvimento da filosofia na arte de viver.

As percepções trazidas nas narrativas dos participantes dessas universidades tratadas na nossa investigação são múltiplas sobre os conhecimentos aprendidos e os impactos em suas vidas cotidianas – mais evidente ou menos evidente, percebidos ou não percebidos, narrado ou não narrado.

Isso também ocorre com a percepção da ideia do bem comum relacionada com a civilidade, coletividade e socialização, com foco em cidadania trazida nos projetos, que são tratadas de formas mais subjetivas, e por isso a necessidade de trabalhar mais a compreensão da velhice e suas diversas expressões e na sequência a política.

Contudo, percebemos nas experiências investigadas a possibilidade de os sujeitos participantes recriarem a singularidade de existência, isso é, eles são capazes de se reconhecer como artistas na condução de suas próprias existências, reinventando regras facultativas capazes de resistir aos poderes que os aprisionam, na perspectiva da estética da existência, mesmo estando sujeitados às normas e condutas dessas instituições.

Isso acontece, como dito anteriormente, pelo fato dessas experiências não estarem vinculadas às exigências do MEC, pautadas na formação para o mercado de trabalho – pelo contrário, pautam-se na formação da humanidade como política de vida.

A noção de civilidade, socialização e coletividade com foco em cidadania, encontradas nas narrativas não são unânimes, e é justamente isso o que nos fascina, uma vez que não existem “padrões de entendimento sobre as experiências e suas vivências”. Em outras palavras, essa falta de unanimidade nos leva para o caminho da percepção da argumentação múltipla, na qual os sujeitos passam a compreender, por exemplo, que a ideia do bem comum parte do individual para o coletivo – enquanto outros propõem o inverso.

Destaca-se a compreensão do bem comum individual agindo sobre o coletivo e do quanto existe possibilidade desses sujeitos avançarem em novas compreensões e,

principalmente em suas visões críticas, tomando como base o entrevistado Sr. Bino-UNATI/UEM, cujo tom crítico coloca em questão essas experiências no campo da política pública, e do quanto os participantes poderiam avançar usufruindo desses espaços sociais para o embate, com foco em cidadania¹³⁶, esboçado nos projetos investigados.

¹³⁶ Essa questão será mais bem debatida no capítulo V – “A política e suas subjetividades” – nas narrativas dos sujeitos pesquisados.

Capítulo IV - Velhice e suas Expressões

*A velhice é percebida,
Como fato, corpo e finitude.
Afirmação, castigo ou negação,
A velhice é destinação!*

*É momento, pulsão e emoção,
Longe de qualquer razão,
O velho de hoje é o jovem de ontem,
Que carrega à longevidade,
Como uma grande questão!*

A ciência não dá conta sozinha,

*De manter a longevidade hoje,
Pois importa também atitude,
Que precisa ter a juventude!*

*A velhice como Política de vida,
É um apanhado de experimentos múltiplos,
Em que a potência é percebida,
Pela reinvenção artística,
Dos que foram ontem, juventude!*

No capítulo anterior, observamos que as noções de civilidade, coletividade e socialização com foco em cidadania não são unânimes, pois não existe um único “padrão de entendimento de experiência e vivência”. Ao contrário, tais noções são múltiplas, o que possibilita aos velhos, esses sujeitos participantes, recriarem-se a partir da singularidade de existência.

Esses sujeitos têm, portanto, capacidade de se reconhecer como artistas na condução de suas próprias existências, reinventando regras facultativas. São capazes, ainda, de resistir aos poderes que os aprisionam, mesmo estando submetidos às normas e condutas das instituições.

As singularidades das pessoas idosas como forma de existência e mecanismo de resistência podem ser confrontadas com os padrões e formatos engessados de políticas públicas. Além disso, elas podem ser percebidas nas narrativas desses sujeitos, nas quais existem múltiplas expressões sobre as formas de vivenciar a velhice/envelhecimento.

Na presente pesquisa, consideramos os sujeitos em sua multiplicidade e diversidade de aspectos sociais, políticos, econômicos e de existência, que não são redutíveis ao termo idoso, compreendido com base na idade cronológica, como

explicitado nas legislações brasileiras para pessoa idosa, a saber: Constituição Federal de 1988, Estatuto do Idoso (2003) e Política Nacional do Idoso (1994).

Assim sendo, neste capítulo serão evidenciadas as diversas expressões sobre velhice/envelhecimento, encontradas nas narrativas e observação participante dos sujeitos entrevistados, que abordaremos com base nos seguintes temas: “A Velhice: Corpo e Finitude”; “A Velhice: Velada ou Negada”; “Velhice e Longevidade: o ‘Hoje’ para o ‘Amanhã’” e “A velhice como Política de Vida”.

4.1 A Velhice: Corpo Finitude

Partimos da concepção de que não há uma teoria única sobre o envelhecimento, entendendo que esse processo é complexo, histórico, contraditório, heterogêneo, multidimensional. Por sua vez, é preciso considerar os sujeitos velhos passando por esse processo em um contexto social, econômico e político construído sobre relações de desigualdades, que não se confundem com o sentido de diferença, mas, sim, introduzem injustiças e dominações. Trata-se também, na atualidade, de um envelhecimento considerado como fenômeno populacional mundial.

De acordo com Spirduso (2005, p.52) “[...] existem duas verdades sobre o envelhecimento: a primeira é que todos envelhecem (se não morrerem mais jovens), a segunda é que todos envelhecem de formas diferentes”. Isso significa que viver mais não é sinônimo de viver melhor, uma vez que as condições objetivas de vida não estão se desenvolvendo na mesma proporção que o aumento da expectativa de vida.

Reiteramos, portanto, que: i) O envelhecimento deve ser considerado como processo de uma unidade na diferença e com diferenças; e ii) Esse processo decorre de resultado da vida individual e social, marcado pelas desigualdades sociais, de classes (e nos seus segmentos de classe), gênero, raça, etnia etc.

Tótorá (2015) destaca a produção do sujeito velho, na atualidade, com base nos dispositivos de poder do Foucault. A esse respeito, afirma:

[...] O sujeito velho é uma categoria social produzida pelos dispositivos do biopoder empenhado em majorar a vida, estancar os processos de envelhecimento, controlar, separar e opor os seres humanos. A velhice não é uma essência substantiva, desvinculada de sua produção histórica e cultural [...] há múltiplos modos de experimentos biológicos e cronológicos [...] Reduzir a multiplicidade de modos de envelhecer vem sendo as estratégias das relações de poder, ou seja; separar por segmentos, identificar e controlar os seres humanos, em velhos e jovens. Mas dentro das categorias de velhos existem, por um lado, aquele que são classificados como produtivos e consumidores da indústria de lazer, do rejuvenescimento, da previdência privada e de planos de saúde que oferecem serviços de laboratórios e hospitais cinco estrelas. Estes recusam as denominações de velhos e velhas e acatam os termos, tornados correntes, tais como: terceira idade, melhor idade, maturidade, etc. Por outro lado, o termo velho é reservado para aquele que são tidos como inúteis, improdutivos, doentes dispendiosos para o serviço público de saúde e da previdência (TÓTORA, 2015, p. 48).

Nesse sentido, as formas de experimentações da velhice/envelhecimento são diversas, pois muitas vezes expressam as subjetivações da construção social vivida.

Porém, independentemente da forma de experimentação vivida, a velhice, muito mais do que uma concepção linear e cronológica da vida, referenciada nas legislações, corresponde a um momento de existência que todo ser humano é capaz de vivenciar, mesmo que de formas diferentes. Se tomarmos a concepção filosófica de Sêneca (*apud* TÓTORA, 221) a velhice seria um estado de completude, em que se pode desfrutar com certo gozo uma vida preparada ao longo de uma existência. Assim, podemos entender o filósofo quando este afirma que muitos morrem com idade avançada, sem nunca terem chegado à velhice, por não terem deixado a infância, a tutela da família, ou de qualquer outra instituição.

Já outros autores trabalham a concepção da velhice mencionando ser “[...] a última fase do ciclo vital e é delimitada por eventos de natureza múltipla, incluindo, por exemplo, perdas psicomotoras, afastamento social, restrição em papéis sociais e especializações cognitivas” (NERI, 2001, p. 69).

A velhice, na atualidade, é mais sentida como declínio, haja vista que muitos velhos associam a velhice à perda do estado de saúde, morbidade e imobilidade. Por esse motivo, muitos deles, quando não sentem no corpo as “manifestações” da velhice, não se sentem velhos. É o que ocorre, por exemplo, com Dona Josefina, 62 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR, ao afirmar que “[...] “A gente que tá de idade, se a gente sente dor a gente sente que está velho. Se a gente não sente dor, a gente sente que tá jovem, mesmo”. Segundo Tótora (2015, p. 33), “Pode-se afirmar que a distribuição cronológica da existência dos indivíduos foi concentrada em um único período que se deseja congelar: o da permanência eterna da juventude”, sem experimentar (na nossa concepção) à velhice, nem a vida nem a morte.

Segundo Goldenberg (2013, p. 69), o corpo é uma importante forma de capital (físico, simbólico e social) na cultura brasileira. Ele é desejado por indivíduos de todas as classes sociais e suas frações, além de ser percebido como veículo para ascensão social e, também, importante de capital no mercado de trabalho – no mercado do casamento e no mercado erótico. Talvez por isso, ele – o corpo – seja tão valorizado pela sociedade de diferentes formas, provocando grandes impactos na velhice.

Alguns velhos, quando sentem a velhice, tentam escondê-la, deixando o “menos visível possível” através de colágenos e outras formas de paralisar esse processo, utilizando serviços terceirizados e especializados, que “ditam” padrões e modelos paradoxais de “envelhecer rejuvenescendo” e, segundo Santa’Anna (2006 *apud* Tótora, 2015, p. 46), propagando a velhice como “fase da melhor idade”.

Há, também, os “envelhescentes¹³⁷”, isto é, aqueles que compartilham de uma “nova” tendência de comportamento de consumo, tratados como “agnósticos da idade”. Os envelhescentes correspondem ao grupo de consumidores¹³⁸ com mais de 50 anos, com gostos e valores mais próximos dos *millennials*¹³⁹. Isso nos parece mais uma visão estereotipada da velhice, uma vez que esses indivíduos estão dispostos a “continuar sendo eles mesmos pelo máximo tempo possível”, ou seja, mais uma tendência de “congelar o tempo”.

Contudo, ainda há os que resistem a essas tendências e apresentam o comportamento inverso, assumindo os cabelos brancos e suas singularidades, adversos ao “rebanho emburrecido”¹⁴⁰ cada vez mais comum na nossa sociedade, que supervaloriza a imagem do jovem atrelando-a à beleza e à saúde, restando aos velhos a imagem estereotipada do feio e da doença. Cabe ressaltar que essa visão é um mecanismo de controle que reforça padrões de comportamento vinculados a receitas de qualidade de vida, como a já mencionada tentativa para “enfrentar uma velhice saudável” – que nada mais é do que a própria negação da velhice. Essa questão é bem observada na narrativa de Janete, vizinha de Dona Régia, 60 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR: “velho faz exame para manter os médicos”.

Com isso, não queremos dizer que ser velho é “se entregar” ou negligenciar os cuidados com o corpo ou com a saúde, pelo contrário. Há a necessidade de cuidados na velhice, no entanto, isso não significa a resistência ou a omissão desta fase, mas sim a percepção da potência que há nela quando experimentada nas suas multiplicidades: vivências, afetos, inspirações e motivações como processo multifacetado da existência.

¹³⁷ Termo utilizado na junção de velhos e adolescentes, corresponde a “geração sanduiche” – entre a idade adulta e a velhice (entre 50 e 65 anos). Disponível em:

http://www.releituras.com/marioprata_envelhece.asp. Acesso em 04 de novembro de 2019.

¹³⁸ Trata-se anunciado no “Relatório das 10 principais tendências globais de consumo” da empresa de pesquisas de mercado euromonitor internacional. Disponível em

https://www1.folha.uol.com.br/mpme/2019/11/agnosticos-da-idade-tem-mais-de-50-anos-gostam-de-tecnologia-e-podem-gastar.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa. Acessado em: 04 de

Novembro de 2019.

¹³⁹ Geração Y (nascidos entre 1980 e 1990), também chamada geração do milênio, geração da internet, ou milênicos (do inglês: millennials). Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Gera%C3%A7%C3%A3o_Y. Acessado em 04 de novembro de 2018.

¹⁴⁰ Expressão utilizada por Juliana Doronin em “A Velhice, Nietzsche e Eu”(2018), em adaptação à expressão “rebanho”, citada por Brusotti, quando utiliza Nietzsche a partir de A gaia ciência: com frequentes considerações acerca dos “homens de rebanho” (FW/GC 23, KSA 3.395) e dos “instintos de rebanho” (FW/GC 328, KSA 3.555). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-82422016v37n1mb>. Acesso em 04 de novembro de 2019.

Como já afirmado, o sujeito velho na sociedade atual “é uma produção das relações de poder e de saberes que marcam seus corpos e gestam sua subjetividade” (TÓTORA, 2015, p. 45). Porém, chama a atenção da autora, com base em Foucault, o conceito de “o cuidado em si”: “o exercício de si para consigo, com o objetivo de se transformar, produzir-se e atingir um certo modo de ser, um *ethós*” (TÓTORA, 2015, p. 31). O sentido da qualidade da moral, de potencializar a ética espontânea, diferente da moral do julgamento que regula condutas.

Para captar a percepção dos entrevistados sobre a velhice/envelhecimento, no sentido de verificar como eles apreendem esse processo, optamos por indagá-los se por acaso sentiam algum constrangimento ao serem chamados de velhos. A esse respeito, a maioria verbalizou que não sentia nenhum constrangimento, pois “encaravam” a velhice como fato, como algo natural do qual não se pode escapar, associando-a às limitações e morbidades do corpo.

[...] Não me constrange, ser chamada de velha. É normal, é natural. **Eu deixo o cabelo branco, se eu tivesse constrangimento iria querer ‘tapiar’. O meu neto perguntou:- Vovó a senhora gosta de ser velha? Eu digo:- E qual é outra opção ?! Não, gostaria de voltar para juventude. Eu quero terminar o meu ciclo, não gosto de voltar em nada!** (Dona Iulia, 82 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] Ah, eu acho um privilégio, as pessoas estão morrendo tão novinho, não viveu nada da vida! **Não tenho constrangimento que me chamem de velha, a gente é velho, mesmo!** (Sra. Tina, 72 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR, grifo nosso).

[...] Para mim é uma alegria (risos). Que nem eu já falei lá. Para mim foi uma alegria quando fui chamado de avô. Hoje meu neto tá com vinte e três anos. Falar sogro, tio... Se eu falar para minha esposa de sessenta e um anos, que ela é velha, ela me ‘xinga’ (risos). Mas eu não! É bom envelhecer. **Velho é velho, não tem que achar que não! O que é que tem em ser velho?** E ainda tem uns velho “xarope”. **Não tem que ter preconceito de ser chamado de velho, não.** Ela fica brava se eu chamar e diz que ‘veia é seu passado’ (risos) (Sr. Wilson, 67 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR, grifo nosso).

[...] É, não por ser tratada. A gente sente, **eu mesma sinto, que eu não tô escutando bem, que eu não tô enxergando bem**”, essas coisas (risos). **Para mim envelhecimento é uma coisa natural, coisa de Deus, naturalmente a gente vai adquirindo experiência e eu acho que não tem nada de ruim nisso e cada ano que vai passando é uma novidade, que é a primeira vez que estou com 80 anos (risos)** (Dona Sara Miko, 80 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

Embora nessa narrativa do Sr. Wilson e da Dona Sara Miko, a velhice ganhe uma visualidade no corpo que parece não incomodá-los – pelo contrário, eles a afirmam – essa não foi uma atitude que percebemos em outras narrativas que se expressaram por meio das entrevistas, assim como em conversas informais nos intervalos do curso de filosofia, observadas na UNATI/UEM. Nessas ocasiões, eles afirmavam não gostar de serem chamados de velhos, uma vez que associavam o termo a algo obsoleto, sem função ou mesmo em desuso. Essa visão era igualmente compartilhada por alguns familiares. Além disso, também foi possível observar essa concepção em alguns participantes e familiares do VIVER MELHOR/UNESPAR, porém, em menor proporção.

Sobre a afirmação da velhice como uma etapa natural da vida, associada ao corpo, às possíveis limitações e à morbidade, alguns velhos disseram não considerar a velhice como sinônimo de felicidade. Ou seja, admitem a velhice como um processo natural e de perdas, referenciando-a como fechamento de “ciclos de existência”. Ademais, não se identificam com algumas campanhas midiáticas estereotipadas que vinculam essa fase como a “melhor idade”.

[...] A velhice é feliz, quando tu tens saúde. É o primeiro quesito, se tu tens saúde, tu passas uma velhice boa. Mas sem saúde, minha filha, é a coisa mais triste que tu podes imaginar! Você se sente, incapaz. Se sente não, você é! E ainda chamam isso de melhor idade. Eu quero enforcar, quem chama isso melhor idade! Tudo é fake! Onde eles colocam melhor idade, eu sempre ponho lá:- Melhor idade, de jeito nenhum. Melhor idade para os cirurgiões plásticos, dentistas que faz prótese, reumatologista. Pra eles a nossa idade é a melhor. Pra nós né não! Melhor idade quando tu tens teus quinze, quatorze anos, que tu estás com teus pais e não tem compromisso com nada porque tá na dependência de teu pais. E se tu tens saúde né?! Porque isso também é um quesito. Porque essa dependência, não é só de idade. Porque tu podes ser jovem e sofrer um acidente e ficar paraplégico. Então essa não é a melhor idade, não! (Dona Iulia, 82 anos - UNATI/UEM).

Compactuamos dessa percepção crítica, isto é, da velhice estereotipada como “fase da melhor idade”, entretanto, percebemos em algumas narrativas uma vinculação excessiva no sentido de associar velhice à doença, como se a doença fosse algo próprio da velhice e o seu combate algo necessário. Ou seja, polarizam o debate, no qual, para alguns, a “velhice sentida” passa a ser mais importante do que a “velhice vista”. Pois a segunda pode ser “maquiada” e, portanto, negada, mas a primeira – a velhice sentida – é “implacável” e impossível, tornando-se “limitante e infeliz”.

[...] Quando somos menino é uma coisa, quando somos velhos é outra [...] (Dona Régia, 60 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR, grifo nosso).

[...] Eu acho que o mais importante é a saúde e não têm importância pintar cabelo pra parecer que é novo, isso não tem importância! (Sra. Tina, 72 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] Percebo que estou em outro momento. O que era importante hoje não é mais, por exemplo na saúde, percebo que deveria ter valorizado mais, assim como à família. E hoje, priorizo! Antes “tudo era possível, hoje não é mais, pois tudo muda! (Dona Teodora, 63 anos - UNATI/UEM).

[...] Ah, pra mim, é do dia a dia, né?! É no dia a dia que você vai envelhecendo ali. Dá impressão que ontem eu estava mais nova do que hoje, não é assim?! A gente sente na hora que levanta da cama. “Tá no gen” da pessoa, no ser humano. Você tá escovando o dente e olha no espelho e diz :-Nossa, olha uma ruga aqui, outra aqui, como eu “tô pelancuda”! Mas eu não me acho velha, eu posso tá com dor, dor, mas eu não falo, como ele fala:- “ôce tá veia”, daí eu falo, “veia tá tua mãe”, daí esses dias ele disse, a mãe “tá veia mermo”. Daí eu falo, veio é teu passado (risos). Eu não gosto que me chama de “véia” (velha) também, Não é que eu tenho nada contra o idoso, mas é porque eu sei que eu sou, eu tenho mais que sessenta ano, mas eu acho assim :- Que ninguém gosta, de ficar “veio”(velho). Igual ele, ele fala que gosta, mas eu falo:- Será? Eu acho que ele também não gosta, porque ele reclama demais. Ele deita aqui e depois para levantar eu tenho que ajudar. Por causa da coluna. Daí ele fala, Deus, já podia me levar, eu não tô aguentando mais ficar em pé. Tudo isso é a idade né?! (Dona Zuide, 61 anos - Esposa do Sr. Wilson, 67 anos - VIVER MELHOR).

[...] Eu não me julgo velha, porque, “meu ideá” é de jovem, não aguento fazer mais nada, mas “meu ideá”, é de jovem. Sra. Bira, 86 anos - Mãe de Dona Teodora, 63 anos - UNATI/UEM).

Essa necessidade pela busca da felicidade e estereótipos de velhice feliz, como aquela que se vincula ao corpo saudável, está presente nos discursos hoje, associando a velhice como processo natural de perdas. Tal associação, por sua vez, limita outras possibilidades, por exemplo, a velhice como afirmação da existência, como afirmação da vida.

Não concordamos com os estigmas dos discursos atuais, que vinculam a velhice feliz ao corpo saudável. Tais discursos, aliados ao exibicionismo, legitimam as perdas do processo de envelhecimento, vinculando-as às incapacidades que vão surgindo na vida de forma equivocada, uma vez que estas incapacidades não estão diretamente relacionadas

com o envelhecimento, ou seja, não se trata de uma relação de causa-efeito, mas sim parte do desenvolvimento humano ao longo da vida.¹⁴¹ No que se refere a essa percepção estigmatizada da velhice, é possível verificar os ensaios fotográficos¹⁴² a seguir (Figuras 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, e 16).

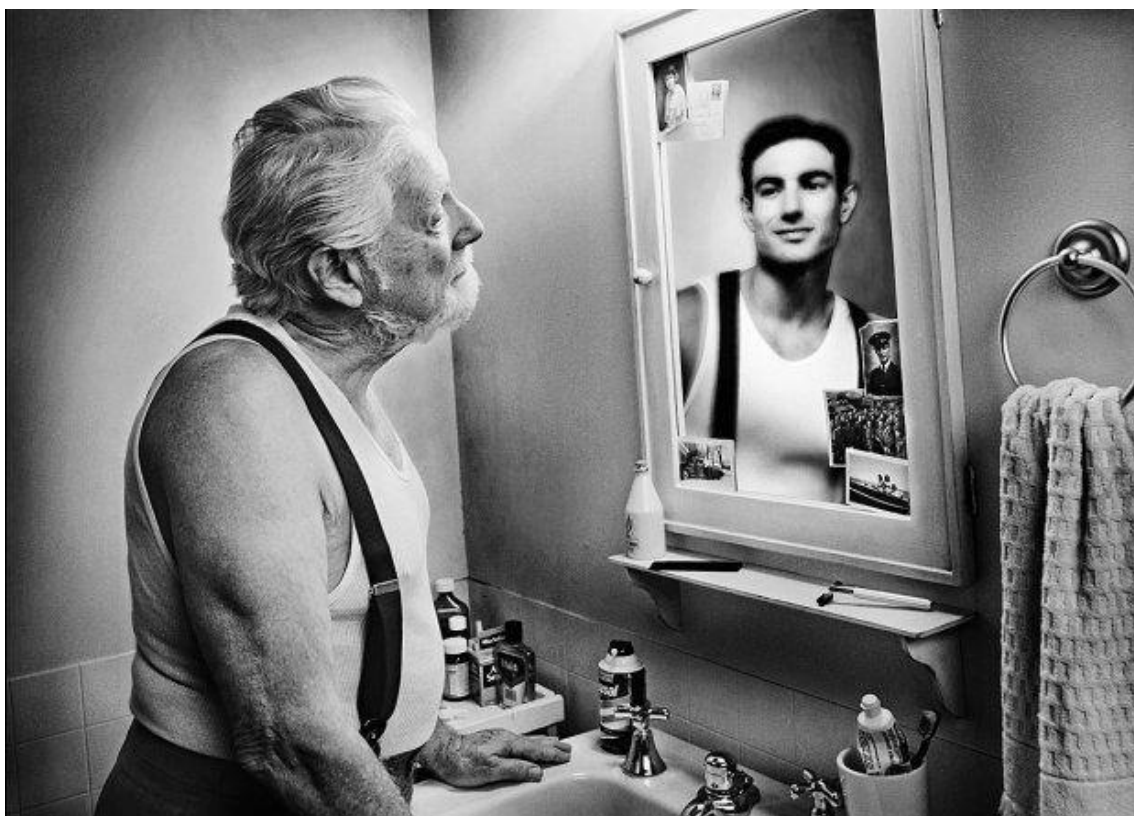
Figura 9 - Ensaio Fotográfico 1



Fonte: Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2012/12/fotografo-faz-reflexao-sobre-velhice-mostrando-idosos-se-enxergando-jovens-no-espelho/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

¹⁴¹ VAZ, Júlio Machado. Psiquiatra português, afirma em sua coluna “Por falar nisso” no texto *É preciso falar mais do envelhecimento do que da velhice em si*. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/e-preciso-falar-mais-do-envelhecimento-do-que-da-velhice-em-si/>. Acessado em: 29 de outubro de 2019.

¹⁴² Nossa percepção diante do ensaio

Figura 10 - Ensaio Fotográfico 2

Fonte: Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2012/12/fotografo-faz-reflexao-sobre-velhice-mostrando-idosos-se-enxergando-jovens-no-espelho/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

Figura 10 - Ensaio Fotográfico 3

Fonte: Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2012/12/fotografo-faz-reflexao-sobre-velhice-mostrando-idosos-se-enxergando-jovens-no-espelho/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

Figura 11 - Ensaio Fotográfico 4

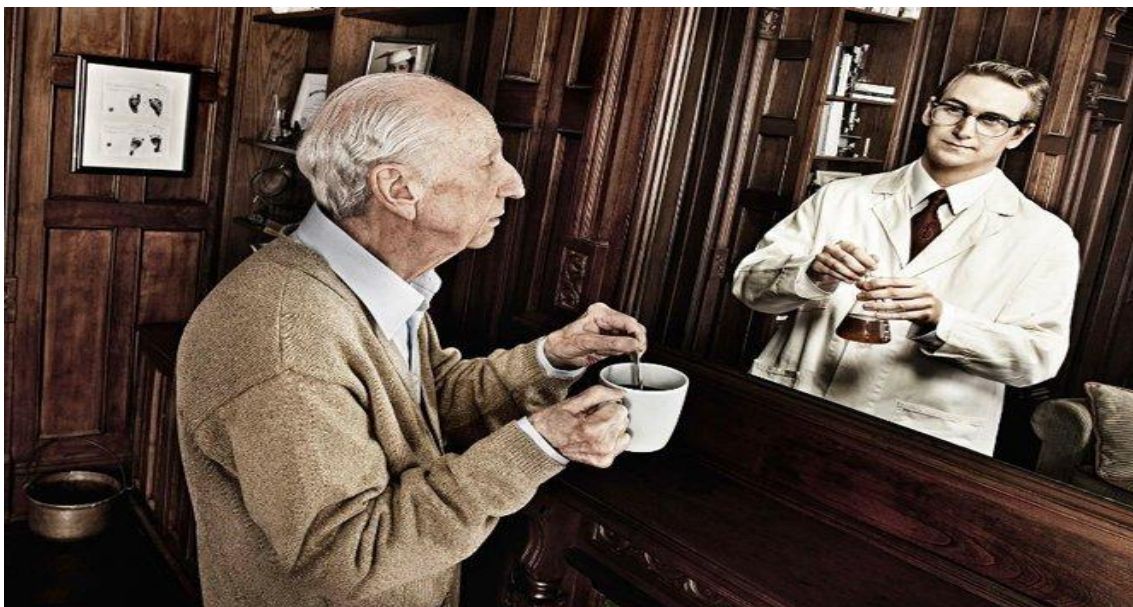
Fonte: Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2012/12/fotografo-faz-reflexao-sobre-velhice-mostrando-idosos-se-enxergando-jovens-no-espelho/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

Figura 12 - Ensaio Fotográfico 5

Fonte: Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2012/12/fotografo-faz-reflexao-sobre-velhice-mostrando-idosos-se-enxergando-jovens-no-espelho/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

Figura 13 - Ensaio Fotográfico 6

Fonte: Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2012/12/fotografo-faz-reflexao-sobre-velhice-mostrando-idosos-se-enxergando-jovens-no-espelho/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

Figura 14 - Ensaio Fotográfico 7

Fonte: Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2012/12/fotografo-faz-reflexao-sobre-velhice-mostrando-idosos-se-enxergando-jovens-no-espelho/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

Figura 15 - Ensaio Fotográfico 8

Fonte: Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2012/12/fotografo-faz-reflexao-sobre-velhice-mostrando-idosos-se-enxergando-jovens-no-espelho/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019. Consideramos que essas “perdas”, quando são percebidas, não precisam ser combatidas ou vivenciadas de forma melancólica e saudosista, como no ensaio fotográfico exposto. Pelo contrário, é necessário, no nosso entendimento, vivenciá-las e experimentá-las, pois são elas que possibilitam ao indivíduo a condição de reconhecer a sua potência: de vida e da velhice!

Sobre isso TÓTORA (2015), contribui afirmando que envelhecer com saúde é tornar-se cada vez mais jovem e portanto, deixar o corpo frágil e asséptico é diminuir a vontade de potência (p 48). Nesse sentido, combater doenças a qualquer custo é estancar o processo de envelhecimento. É o mesmo que paralisar a vida, considerando que um corpo excessivamente medicado se torna enfraquecido e vulnerável (p.48) Percebemos que a proposta dela é ultrapassar a representação dicotômica por vezes, padrão de: ‘jovem- saúde x velho-doente’, pensando, o envelhecimento como uma “escolha ética, ligada a uma estética da existência e de uma grande saúde, como uma dimensão da vida que não excluí a morte e a doença” (p.51), afinal, parafraseando Nietzsche (2008 *apud* TÓTORA, 2015), “a nossa vida como qualquer vida, é um morrer permanente”.

A preocupação dos velhos em associarem a velhice à doença, como se essa fase fosse ruim, talvez se justifique pela dependência de terceiros. Essa dependência é uma limitação que muitos temem, uma vez que ela expressa para muitos a falta de liberdade e os voos que não serão mais capazes de realizar, caso sejam privados de andar, viajar, movimentar-se.

[...] A importância é viver. **Ter saúde e a vivência de ficar livre!** Tô vivendo, tô comendo, tô indo para uma igreja, cantar hino, louvor, sentir Deus no meu coração, falar de Deus para os outros”; [...] ‘O dia de amanhã quando eu tiver velhinho ela tem que cuidar de mim e eu dela. **Agora filho não vai cuidar. Se cuidar é sorte! Tenho fé e Deus que ele vai me libertar e me levar para perto dele para eu não dar trabalho para os outros, porque é duro né?!**’ (Sr. Wilson, 67 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR, grifo nosso).

[...]- “Eu estou velha, eu sinto que estou com bastante idade sim! **Pra mim importante é ter saúde, vida saudável,** ter amigos, participar da UNATI, da igreja e **não importante é ficar em casa, ficar em casa não é muito bom!**’ (Dona Sara Miko, 80 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] **Pelo ‘meno’ uma saúde mais o ‘meno’ para viajar, pra não ficar só em casa. É ‘compricado’, vai chegando a idade, vai chegando tudo né?!’** (Lisandro, 30 anos - Filho de Dona Josefina, 62 anos - VIVER MELHOR, grifo nosso).

Cabe ressaltar que esse “movimentar-se” está ainda no campo físico, haja vista que, alguns, em um primeiro momento, não imaginam outra dinâmica de movimento que não seja a física, ligada ao corpo. Contudo, na sequência, os velhos tendem a mencionar outras formas de movimento, como o “movimento do pensamento positivo”, isto é, aquele que os impulsiona a andar, a fazer atividade física etc. E para o que difere disso, costumam atribuir o ato de “se entregar” e, portanto, morrer.

[...]- “O velho também tem que andar, **se movimentar!** Digo para meu amigos, se você não consegue andar um quarteirão, ande meio. Você vai ver que logo estará andando mais e mais”. **A pior coisa que têm o ‘sedentarismo do velho’.** Tenho amigos um pouco mais novos que eu, que **já morreram, porque se entregaram.** Sempre trabalharam muito e **nunca se preocuparam em movimentar-se!** (Sr. Aurélio, 88 anos - UNATI/UEM).

Essa busca pela autonomia é, para muitos velhos, sinônimo de liberdade. Trata-se de um mecanismo de resistência na recusa à submissão das imposições de terceiros, familiares ou institucionais¹⁴³.

Quando indagados sobre como acham que os seus familiares percebem a velhice/envelhecimento e se identificam algum tipo de rejeição, alguns sujeitos responderam:

[...] Não. Eu acho que não, não tem rejeição! (Dona Sara Miko, 80 anos - UNATI/UEM).

[...] Eles têm cuidado! (Dona Isis, 71 anos - UNATI/UEM).

[...] Com normalidade. Como eu ensino para eles! (Sr. Aroldo, 79 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] Acha que é naturalmente, lá em casa minha filha é enfermeira, as vezes falo alguma coisa e ela fala: – é assim mesmo! Então eu acho que é naturalmente! (Dona Sara Miko, 80 anos - UNATI/UEM).

Porém, reiteramos que, mesmo que a maioria dos velhos tenha verbalizado que não há rejeição por parte dos familiares, ainda assim eles não desejam ser dependentes dos cuidados dos familiares e mantêm o foco na autonomia e liberdade, como afirma Dona Iulia, 82 anos - UNATI/UEM: “[...] considero importante nesse momento da vida não me sentir um ‘estorvo’, um peso!”.

Ademais, apesar de os sujeitos entrevistados não citarem diretamente preconceito dos familiares, muitos deles trazem nas narrativas rejeições por parte dos indivíduos mais novos, rejeição esta atribuída à sociedade de maneira geral.

[...] muita rejeição pelos mais jovens, a gente é descartável pra eles, invisível!, descartável (Dona Iulia, 82 anos - UNATI/UEM).

[...] o que não gosto é quando fazem ‘pouco causo’ de nós! [...] tem gente que é assim¹⁴⁴ (Dona Régia, 60 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] Sim. Não respeitam! Acham que estão acima. Os jovens de hoje têm muita oportunidade e antigamente não tínhamos, então acham que

¹⁴³ Ressaltamos que as duas experiências investigadas, possuíam como público, idosos “autônomos”. Essa autonomia, citada nos projetos, é no sentido de “irem e virem”. Ou seja; possuírem mobilidade para participarem das atividades promovidas pela IES. Isso foi evidenciado nos documentos institucionais que tratavam do público –alvo e nas entrevistas, quando alguns participantes rememoraram participantes que se afastaram das atividades por estarem acamados sem possibilidade de locomoção etc.

¹⁴⁴ Gesticula com a cabeça com movimentos de afirmação, referindo-se a rejeição dos velhos, por parte dos mais jovens.

os velhos, já eram! (Sr. Aroldo, 79 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] Sim, sem dúvida! Na verdade, à rigor, é talvez a manifestação mais clara do preconceito com o idoso é a invisibilidade, a falta de reconhecimento e desconhecimento, isso eu acho que é de maneira generalizada (Sr. Bino, 71 anos - UNATI/UEM).

Ainda sobre a autonomia, acreditamos que esta seja, em parte, relativa, pois, apesar de termos visto em capítulos anteriores que a dependência da família com relação a esses idosos costuma maior do que o contrário, esse aspecto limita alguns deles, que deixam de participar de atividades em virtude da necessidade de cuidar de netos, sobrinhos, cônjuges etc. Isso coloca em questionamento a autonomia e ou /independência que eles acreditam possuir. Esse cenário é ainda mais comum entre as mulheres, caracterizando as submissões e obrigações sociais e culturais que reproduzem desigualdades de gênero.

Além disso, para todos os sujeitos, ainda existem as submissões às normas e regras das instituições¹⁴⁵ às quais esses velhos encontram-se vinculados em nossa sociedade de controle, demonstrando, portanto, que a discussão sobre a autonomia não se restringe unicamente à possibilidade e condição desses sujeitos se locomoverem, mas também à sujeição às instituições como a família, a igreja e, também, a universidade.

Nesse sentido, autonomia e independência se complementam. A primeira, para a filosofia, determina a liberdade do indivíduo de gerir livremente a sua vida, efetuando racionalmente as suas próprias escolhas. Já a segunda caracteriza-se como a dissociação de um ser em relação ao outro, do qual dependia ou era por ele dominado. Neste caso em questão, referimo-nos para além da mobilidade de deslocamento e de realização dos cuidados pessoais com o corpo. Portanto, apesar de os velhos se sentirem autônomos em sua capacidade de mobilidade e autocuidado, eles não são independentes para viver suas próprias escolhas, pois muitos são sujeitados às instituições e ao que elas, subjetivamente, lhes impõem.

Para os familiares, a velhice/envelhecimento está associada ao que está visto e sentido.

Aí, eu quero ficar uma “velha da hora” (risos), eu espero que eu envelheça só o corpo, a mente não. E que os órgãos públicos, melhorem cada vez mais, para tudo, tanto para saúde, lazer. É uma fase da vida que a gente merece ser feliz, né?! Já sofreu tanto até chegar lá né?! (Alice, 48 anos- Filha de Dona Tina, 72 anos, do VIVER MELHOR);

¹⁴⁵ Apesar do que; como discutimos em capítulos anteriores, as normas e regras institucionais dessas experiências, são pouco mais flexíveis, por não se vincularem ao MEC. Apesar de acontecerem no lócus de IES.

[...] eu acho uma coisa totalmente natural e espero ficar velha né, isso é uma graça, uma benção, a gente conviver com os idosos. Só traz benefícios às outras gerações [...]. você pode ficar velha, tendo pouca idade também. Eu acho que é natural da vida né, muitas pessoas não chegam a velhice. Mas acho a velhice é a biológica né?! (Maria Valentina, 53 anos - Filha de Dona Iulia, 82 anos da UNATI/UEM).

É relevante perceber que a velhice/envelhecimento é algo que parece “transcender” a eles próprios. Em outras palavras, independentemente da idade, condição social, cultural, econômica, política etc., poucos familiares entrevistados se reconheceram no processo de envelhecimento, como se este fosse algo longínquo e exterior a eles.

[...] **Não me sinto velha, eu vivo um dia de cada vez.** Eu espero realmente de saúde e dinheiro (risos). Ser independente, né?! Não depender dos filhos e ter saúde com certeza. **Espero ficar velha!** [...] **Ficar velha não, espero ficar idosa [...]** **Velho é uma coisa ruim (risos) igual um pão duro, um ovo velho (risos), melhor idosa!** (risos). (Maria Valentina, 53 anos - Filha de Dona Iulia de 82 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] **Aí, eu quero ficar uma “velha da hora”** (risos), **eu espero que eu envelheça só o corpo, a mente não.** E que os órgãos públicos melhorem cada vez mais, para tudo, tanto para saúde, lazer. É uma fase da vida que a gente merece ser feliz, né?! **Já sofreu tanto até chegar lá né?!** (Alice, 48 anos- Filha de Dona Tina, 72 anos - VIVER MELHOR, grifo nosso).

[...] Pelo ‘meno’ uma **saúde mais o ‘meno’ para viajar, pra não ficar só em casa. É ‘complicado’, vai chegando a idade, vai chegando tudo né?!** (Lisandro, 30 anos - Filho de Dona Josefina, 62 anos - VIVER MELHOR, grifo nosso).

[...] Ah, eu penso, bastante (risos). **Eu penso em cuidar mais da saúde, essas coisas assim. Porque véio ninguém quer ficar né?! Mas, não tem outro jeito** (Zonica, 24 anos - Filha de Dona Teodora, 60 anos - VIVER MELHOR, grifo nosso).

[...] **Eu não me sinto velha não. Ah, tá na mão de Deus, pode ser que amanhã eu me sinta velha, hoje eu não tô me sentindo, mas amanhã, pode ser que amanhã eu me sinta** (Dona Zuide, 61 anos - Esposa do Sr Wilson, 67 anos- VIVER MELHOR, grifo nosso).

[...] **Quero viver com saúde, qualidade de vida, me divertindo, viajando muito, sem rugas (risos)** (Sra. Leila, 41 anos - Filha de Dona Isis, 71 anos – UNATI/UEM)

Assim sendo, a percepção que se tem é que, falar em velhice na sociedade atual é, necessariamente, falar em corpo associado à doença, à perda de força e de vitalidade, no

caminho da finitude, sem um devir com “invenções e saídas artísticas” (TÓTORA, 2015, p. 221).

A velhice apresenta-se como uma “ameaça permanente” a que os velhos estão submetidos nas relações de poder. Segundo Foucault, as biopolíticas são tecnologias de governo da população com vistas a “fazer viver e deixar morrer”, e os dispositivos biopolíticos de governo, por sua vez, são estratégias para controlar os riscos de adoecer e de morrer. Nesse sentido, a velhice é um alvo desses dispositivos, uma vez que esta é considerada o “prenúncio” da morte. Assim, vidas e corpos são governados e sujeitados a tratamentos que possam retardar, postergar ou paralisar esse processo que é natural, mas que passa a ser temido e recusado.

[...] biopolítica é uma modalidade de controle e de regulação social dos corpos pela normalização das individualidades, cujo registro está diretamente relacionado à produção de riqueza. Sugere estar na politização da vida o evento marcante da modernidade, aquilo que uniu a vida nua (*zoé*, isto é, a vida comum ao vivente) à existência política (*biós*, ou seja, o modo de viver a própria vida), [...] vida nua é excluída no processo de expropriação da potência humana pelo poder que modula essa mesma vida a partir de uma biopolítica. Entretanto, é nesse jogo de exclusão da vida nua que esta passa a fazer parte do espaço político, ou seja, que ela é incluída. Afinal, segundo Agamben, a vida nua é uma produção do poder que tem como consequência uma indistinção entre *zoé* e *biós*, ou seja, uma indistinção entre a vida orgânica e a vida politizada (ZORZANELLI & CRUZ, 2018, p. 726 *apud* AGAMBEN, 2002).

É sabido que o ciclo da vida se inicia com o nascimento, podendo ser interrompido em qualquer fase e, por isso, compactuamos com uma visão de tempo de vida mais incomum: a da não linearidade. Essa visão contraria a visão mais difundida na sociedade, que pensa a velhice carregada pelo estigma de morte anunciada, como afirmou a entrevistada, Dona Zuide, 61 anos - esposa do Sr Wilson, 67 anos- VIVER MELHOR “[...] Porque quanto mais o tempo passar a gente tá mais próximo de ir” – fazendo associação com a finitude.

Reiterando Tótor (2015) “[...] muitos nascem e morrem sem nunca terem vivido um minuto sequer”. Essa percepção ultrapassa visões pragmáticas de temporalidade linear ou de sucessão cronológica, dando sentido maior à temporalidade da vida, que passa a ser como “um fazer-se a cada momento” em que a vida e a morte convivem no ato de se reinventar. Nessa perspectiva dual de “vida e morte”, para além de um binômio ou de visões pragmáticas e polarizadas e, acreditando que não se trata de fatos isolados,

mas de ideias que “convivem entre si”, optamos por observar nas narrativas que elucidam sobre finitude, a concepção de vida e/ou vivências desses sujeitos que trazem essa relação, complementando a perspectiva do que percebem e/ou sentem por velhice/envelhecimento.

Essa opção estimula o entendimento da concepção de vida que está subjetivada nas narrativas de nossos entrevistados: temporal/linear, cronológica ou de momento da existência.

[...] Envelhecimento, portanto são às manifestações e percepções da própria idade e essa percepção como eu aprendi também com meu pai, **de uma contagem regressiva, aí já é quase uma dimensão psicológica ou filosófica, que é esse sentimento claro que você está com dias contados né?! E isso realmente é um drama, um paradoxo terrível!** E a gente se apoia aonde? **‘A gente se apoia, em tudo que a gente fez e a percepção do que ainda temos por fazer’**, que no meu caso especificamente, é passar a vivência, a experiência, o conhecimento, que é o que a gente tem de mais relevante em termos de conhecimento. Esse é o sentimento eu acho mais profundo, **na verdade do envelhecimento, ou do estar. Agora daí para frente, a partir disso, eu continuo apostando em estar me identificado com todas as mudanças, todas as alterações, com todas as transformações, que eu trago desde a minha adolescência, é a percepção de que eu tenho que estar batalhando por todas elas! [...] A princípio eu diria que não tem nada que hoje seja menos relevante do que antes, o que tem é um pouco de atitude prática, essa percepção dessa finitude, de que a gente já não tem como dá conta, que a gente já não tem mais a energia, a força física, a capacidade de influenciar, tudo isso em conjunto Juliana, vai nos levando a compreensão do que a gente considera o mais relevante do mais relevante.** Digamos assim, claro que **a gente vai abrindo mão de certas coisas, devido as doenças por exemplo.** Eu pratiquei esporte durante muito tempo, essa é aí é uma questão batida, mais que com muito mais esforço passa pela busca da razão e da compreensão pessoal. **É evidente que eu venho deixando de fazer o exercício, e uma porção de coisas, é como se a gente abrisse mão em função das limitações de tempo, de energia, de recursos, apesar de achar relevante. Ou seja; essa percepção prática de finitude, nos faz ver que não temos mais energia e precisamos nos concentrar nas coisas que nos faz bem! Vamos sendo mais seletivos, na busca da razão e da compreensão** (Sr. Bino, 71 anos - UNATI/UEM).

Percebemos na fala do Sr. Bino, uma tendência da concepção de vida voltada para a linearidade e a presença da “vida e morte” como binômio. Porém, mais adiante, ele complementa argumentação, trazendo afirmações mais potentes de busca pela reinvenção. Essa argumentação evoca a ideia de finitude como motivação para repensar a vida e elucidar o que é prioridade para a sua vivência no momento. Com isso, Sr. Bino

demonstra a busca por um sentido maior de sua existência como potência de vida. Existe uma arte de viver que não ignora a morte e a finitude¹⁴⁶, pelo contrário – ele as elucida, potencializando o momento vivido e a necessidade de selecionar o que passa a ser prioridade e o que lhe faz bem, na busca pela arte de viver, distanciando-se portanto da ideia da finitude associada à velhice como momento isolado

Isso nos provoca um repensar para a seguinte questão: o que pode a velhice em vida, na concepção de nossos investigados? O que os velhos consideram ser mais e menos importante, nesse momento de experimentação da vida, ao se sentirem “ameaçados” pela ideia da morte, tendo em vista a percepção de velhice como antecâmara da morte?

Nesse contexto, será que os sujeitos investigados passam a experimentar a velhice/envelhecimento, vivenciando o devir da existência, a partir das singularidades do ato da reinvenção (morte-vida-morte-vida-morte-vida...) a todo instante, como vontade de potência – potência esta expressada com leveza e bom humor?

[...] Essa história de viver com qualidade de vida, eu acho que a maioria não tá, mas puxa pra si. Uma dorzinha você tem, eu por exemplo quando levantar daqui¹⁴⁷, uma dorzinha eu vou sentir, e daí eu tenho que dá uma esticada, para depois sair. Mas a maioria fica: - ‘aí, aí, aí’, sabe como é que é?! ‘eu não guento!’ (gesticulando com a mão na coluna)

[...] O meu filho, esse que mora aqui, fala brinca comigo: “pai, o senhor não vai morrer eu não, o senhor tem muito pecado para resolver” (risos), daí eu falo: “E filho, se for por conta de pecado tá difícil, porque continuo fazendo meus pecando (risos)”. Ele fala: “Eu acho que eu não vou chegar aos oitenta e oito anos, como o senhor, pai”. O Sr. Aurélio mesmo explicita: Porque a média do brasileiro é de 77 anos, então eu já passei da hora de morrer (risos). Era para eu te morrido quando fiz minha cirurgia cardíaca com 73 anos e depois tive o AVC. Se não morri naquela época, eu não morro mais (risos). Eu pensei, comigo quando fui fazer a cirurgia, bom se morrer já tá na hora. Fui fazer minha cirurgia em Arapongas, aqui ia demorar muito, fiz pelo SUS. Aplicaram uma injeção e eu não lembro nada, se tivesse morrido também não teria nem percebido (risos) (Sr. Aurélio, 88 anos - UNATI/UEM).

O ato de se reinventar, percebido de forma bem-humorada, também expressa na ideia de velhice e finitude, o afeto impactado pelo enlutamento como processo singular de existência, transparecendo para alguns, que é mais fácil lidar com a finitude de si, do que com a finitude das pessoas próximas.

¹⁴⁶A ideia de finitude é expressa mais adiante, com base no Kairós, que prega a vivência desse momento da velhice com muita potência.

¹⁴⁷ Referindo-se ao tempo que ficou sentado durante a entrevista, aproximadamente, 02h12 min (verificado no cronômetro na transcrição da entrevista).

[...] O pior de envelhecer, não é o envelhecer em sim, sabe?! É ver as pessoas ligadas a você que falecem, os amigos, a família... isso é o mais doloroso! Eu nunca pensei que minha mulher iria morrer primeiro do que eu. Ela era 4 anos mais nova que eu, e o Alzheimer foi comendo ela aos pouquinhos. (Sr. Aurélio, 88 anos - UNATI/UEM).

[...] Considero tudo importante. Tenho minha família unida. O que tenho é pouco, mas o pouco com Deus é muito! Gosto de lembrar o passado bom, mas nem todo passado é bom, porque perdi minha primeira esposa, foi quando fiquei viúvo! (Sr. Aroldo, 79 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR).

O luto é o processo de elaboração de perdas. Ele não é considerado doença, mas provoca sofrimento, necessitando, portanto, de cuidados (KOVÁCS, 2009). Porém, esse sofrimento não precisa ser lamentado, podendo ser encarado como afirmação do processo da existência.

Além disso, a morte de alguns pode ser a possibilidade de vida de outros, como no caso de Dona Sara Miko, 80 anos (UNATI/UEM), que relata com entusiasmo e superação a entrada dela na UNATI após a morte de seu companheiro e sua mãe.

[...]- “mudou muita coisa, conversar com colegas, saber das coisas, porque eu ‘tava’ muito fechada em casa. Fiquei dez anos cuidando do meu marido que estava doente, depois que ele morreu fiquei cuidando mais sete anos de minha mãe doente. Fiquei dezessete anos fora do mundo das colegas e da igreja, só em função dos outros e fazem 3 anos que estou na UNATI”.

Já no caso do Sr. Aurélio, 88 anos - UNATI/UEM e do Sr. Aroldo, 79 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR, o lamento é justificado pelo que chamam de companheirismo diante da ausência dos cônjuges.

[...] foram mais de 60 anos de convivência, porque na minha época tinha namoro, noivado e casamento. De casados foram 59 anos, ela adoeceu do Alzheimer 12 anos antes de falecer, e viveu os últimos 9 anos da vida dela numa clínica. Faleceu faz uns 6 meses, e as pessoas diziam quando ela faleceu: “Ela descansou”, e eu respondia “ôpa, eu queria que ela ficasse cansada mas eu queria que ela ficasse comigo”. Mesmo ela estando na clínica¹⁴⁸. Mas eu ia todo dia visitá-la, mesmo sem ela falar, nem me reconhecer. Certa vez um funcionário falou: “Mas você vem muito aqui”, eles não gostavam que eu ia todo dia, e eu respondi: “Se eu não puder vê-la, eu a levo de volta”. E complementa

¹⁴⁸ Ele explicitou durante a entrevista que não foi de sua vontade que a companheira, estivesse ido para clínica. Mas ela foi, por decisão dos filhos, que acharam mais seguro devido risco que eles corriam por ela esquecer fogo ligado, risco de se perder, e outros riscos quando ela saia de casa, mesmo ele acompanhando ela, depois ela não queria voltar porque não reconhecia à casa deles como sendo dela e se angustiava com isso, depois que o Alzheimer avançou.

com voz embargada e lágrima nos olhos: “Eu não posso ficar sem ela!” (Sr. Aurélio, 88 anos - UNATI/UEM).

Nesse sentido, é possível observar que nem sempre a desesperança do lamento diante da perda provocada pela morte se apresenta de forma passiva e tolerante, podendo ser singularizado na condição de enfrentamento, algo parecido com um duelo, na percepção de (Sr. Aurélio, 88 anos - UNATI/UEM, grifo nosso): “[...] **a perda** da minha mulher **foi uma derrota**, é o que digo sempre. Foram 59 anos de casados, e na minha época tinha namoro, noivado, então foi mais de 60 anos”. Ou seja, para ele a vida dela, mesmo acometida pela doença, era sinônimo de reinvenção. Tal reinvenção era percebida no olhar confuso, acometido pelo Alzheimer avançado dela, quando o esposo ia visitá-la. Nesse olhar pausado ela demonstrava que não se lembrava de quem era ele, tampouco de detalhes da história de suas vidas. Porém, para ele isso não se constituía em um problema, pelo contrário, preferia tê-la em sua vida reinventando-se cotidianamente diante da doença do que “perdê-la” para a morte do corpo.

O esquecimento que acomete os portadores de Alzheimer não simboliza a morte, ao contrário – é um mecanismo de defesa do cérebro para manter-se na busca cotidiana do retorno à vida, em que o esquecimento passa a ser a busca pela felicidade e o Alzheimer a possibilidade de certa autonomia do sujeito de administrar sua “fonte de esquecimento”. Assim, o cérebro, como mecanismo de defesa, seleciona as coisas que angustiam os indivíduos e que precisam ser esquecidas, dando possibilidade portanto, do sujeito viver alucinações da memória que são reais para ele, ativando a potência do ressurgimento do passado com possibilidade de reatualização.¹⁴⁹

Diante das narrativas expostas até aqui, pudemos perceber que a velhice é percebida como fato, corpo e finitude, das mais variadas formas e expressões.

Porém, como já foi dito, um dos aspectos que nos chamou atenção foi o fato de alguns entrevistados afirmarem nos depoimentos que não se sentem desconfortáveis em serem denominados velhos, contudo, em nossa observação participante, pudemos perceber o contrário. São essas contradições que nos impulsionam a continuar a investigação, buscando a percepção desses entrevistados quanto à velhice/envelhecimento.

¹⁴⁹ Observações feitas, a partir de anotações feitas por mim, com base na palestra: “Envelhecimento, Alzheimer e pulsão de morte”, ministrada pelo psicanalista francês André Chevance, membro do laboratório de análise em psicanálise da Sociedade, promovida pelo departamento de psicologia da UEM, em 4 de fevereiro de 2019.

4.2 Velhice: Velada ou Negada

Apesar de entendermos que a concepção de velhice/envelhecimento é múltipla e se apresenta de várias formas em diferentes contextos, sendo uma construção social – como já dito em vários trechos desta tese –, após leituras fica cada vez mais evidente a tendência à dicotomia das diferentes percepções. Em outras palavras, de um lado existem autores que defendem a velhice em uma perspectiva que eles acreditam ser otimista, isto é, o “grupo melhor idade”. Do outro lado, por sua vez, há os que assumem a perspectiva fatalista como “grupo da pior idade”. Tais visões tornam quase que obrigatória a opção por algum lado.

Mesmo não compactuando com essas expectativas dicotômicas, é possível dizer que, ao contrário do que possa parecer, em nada elas se antagonizam, pelo contrário. No nosso entendimento, essas visões acabam sendo complementares no aspecto da negação inconsciente da velhice/envelhecimento. Isso fica evidente quando os autores utilizam, por exemplo, “cuidados especiais” para tratar do tema, padronizando as pessoas de idade, classificando-as, decodificando padrões de comportamento e colocando-as “dentro de caixinhas” correspondentes.

Essa necessidade de valorização ou desvalorização da velhice/envelhecimento como fase e/ou ciclo de vida, acaba por distanciar aspectos de vivência da existência. O que aproxima essas visões, no nosso entendimento, da negação velada, ou mesmo explícita, do momento vivenciado.

Na tentativa de agirmos na “contramão” dessa dicotomia, e apoiados (a) por Vera Ramos¹⁵⁰ [...] “ Negamo-nos a aceitar paradigmas que se apoiam na separação entre homem e mundo, sujeito e objeto, corpo e espírito, saúde e doença, e que definem o ser sob uma perspectiva biomecânica, behaviorista ou cibernética” , buscamos assim , observar elementos que respondam ao que pode a velhice na sua singularidade como perspectiva de vida e de um tempo *Kairós*, sinônimo de existência, isto é, um fazer-se a cada momento.

Assim, procuramos observar, no decorrer das entrevistas, os elementos que provocam a contradição percebida inicialmente nas narrativas de alguns entrevistados: a

¹⁵⁰ Disponível em:

http://fapmg.org.br/uploads/convencoeseacordos/pdf/f454093502d836143a520fc411e06aeeCorpo_e_Movimento_-_Vania_Ramos.pdf

afirmação da falta de constrangimento ao serem chamados de velhos e a verificação, em momentos posteriores, de falas que contrariavam a afirmação anterior.

[...] Então, que nem eu falo: “A idade vai chegando, mas se eu vivesse mais sessenta anos..., **do jeito que eu tô, eu vivia feliz!**” **Porque eu não sinto preguiça de andar daqui ali (risos). Eu não me sinto “véia”, me sinto jovem mesmo. E meu apelido é esse!** Porque quando eu morava lá no sítio, um dia que tava meio frio e estava vindo para cidade, na estrada, esperando o onibu, e tava meio friozinho. E eu vinha com uma vizinha, amiga minha. E estava de camiseta cavada e ela de blusa. Daí ela disse: “Oê não vai passar frio, não?!” Eu respondi: “**Não, gente jovem não passa frio!**” **Daí o apelido “JOVEM”, ficou.** Eu tinha de 38 para 40 anos (risos). **Mas eu não ligo se me chamam de “véia”. As vezes meu menino ‘sem vergonha’ aqui fala : “hô véia” chata, mas eu nem do liga’ (risos). Às vezes outras pessoas chamam, eu nem ligo. Às vezes o povo chama de gorda, mas eu também não ligo, não!** (Dona Josefina, 62 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR, grifo nosso).

Percebemos que, apesar de Dona Josefina afirmar que não se sente constrangida em ser chamada de velha, ela ressalta nos encontros do Viver Melhor, que se identifica com o apelido de “jovem”, destinado a ela por uma amiga que cultivava há 22 anos. Como se o tempo, para ela, tivesse parado na fase da juventude, sendo permitido, em suas vivências, apenas as características daquele momento de vida. Ou seja, há necessidade de “envelhecer permanecendo jovem”, pois o contrário disso é o feio, o triste, o infeliz: “[...] não me sinto não. Eu chego num canto é brincando com um, com outro”.

Consideramos que essa “permissão para envelhecer” sob critérios inconscientes condicionados à “permanência na juventude”, constitui-se em um negação velada da velhice/envelhecimento, reforçada, inclusive, por familiares.

[...] Se eu conseguir envelhecer que nem minha mãe, ‘tá bão (risos)’. Com a disposição que ela tem animação... têm muita gente que tá lá¹⁵¹ e não tá fazendo nada. Para no tempo e não quer saber de mais nada! (Lisandro, 30 anos- Filho de Dona Josefina, 62 anos - VIVER MELHOR).

[...] acho que tem mudado bastante, né?! De quando tu era aquele velhinho deveria ficar em casa, eu vejo por mim, a minha avó era uma velha e hoje a bisavó do meu neto é uma pessoa super atuante na sociedade. Não fica mais em casa né?! E se vê os benefícios disso (Maria Valentina, 53 anos - Filha de Dona Iulia, 82 anos da UNATI/UEM)

¹⁵¹ Lisandro refere-se aos outros participantes do projeto Viver Melhor/UNESPAR.

Isso ocorre, segundo Beauvoir (*apud* ALENCASTRO, 2013, p. 102), porque:

[...] o nosso consciente ignora a velhice e alimenta a ilusão da eterna juventude, por isso surpreendemo-nos quando alguém nos identifica como alguém de terceira idade [...] desse modo, o anseio de viver o máximo possível é antagônico ao desejo de não envelhecer [...] todos querem viver sempre, mas sempre jovem.

Mais um exemplo dessa visão:

[...] É quando não temos mais disposição pra vida, né?! Quando a pessoa é nova é uma coisa, quando é velho, é outra... ninguém quer envelhecer, **porque acha sempre que vai ficar novo, né?!** Não ligo quando me chamam de avó nos cantos, fiá! (Dona Régia, 60 anos- VIVER MELHOR/UNESPAR, grifo nosso).

[...] **Eu não me julgo velha, porque, ‘meu ideá é de jovem’**, não aguento fazer mais nada, mas ‘meu ideá, é de jovem (Sra. Bira, 86 anos - Mãe de Dona Teodora, 63 anos – UNATI/UEM).

Essa “paralisia no tempo da juventude” é aplicada para alguns como sendo característica da velhice, porém, ela também possui outra perspectiva, como explicita dona Maria Amélia, 64 anos- UNATI/UEM) “[...] a velhice não são os anos passados, são os anos estagnados, parados! Não me sinto velha, por isso não tenho constrangimento. Se for sobre anos de vida, eu aceito”. Interessante perceber que, apesar de ela afirmar não se sentir velha, negando, portanto, a velhice, complementa sua argumentação trazendo a potência do momento em que vive a velhice: “[...] na velhice não precisa se abalar mais com nada que te faça”. Essa afirmação confere aos anos de vida a possibilidade de não os estagnar e de vivê-los como momento de vida e, para isso, o que os outros fazem ou deixam de fazer não tem importância.

Diante do exposto, foi possível perceber que nem sempre as afirmações da velhice/envelhecimento possuem a característica da negação por completo. Há, diversamente a isso, a afirmação para o momento vivido trazida de maneiras diferentes¹⁵², como na narrativa de Dona Isis, 71 anos - UNATI/UEM: “[...] acho um processo natural, normal, não me aborrece olhar para o espelho e ver que estou cheia de rugas”. E complementa: “[...] não me sinto velha, o que vale é o que tenho por dentro”.

No contexto atual, com o avanço do conceito de envelhecimento na perspectiva da longevidade, a velhice negada ou velada torna-se cada vez mais evidente, eternizando

¹⁵² Outras argumentações dessa natureza serão trazidas mais adiante no tópico “Velhice como política de vida”.

e atrelando o “efeito da juventude” para aqueles que acreditam possuir as mesmas características “dos jovens” – sejam elas físicas (biológicas) ou de comportamento (psíquicas). Em outras palavras, os velhos não se sentem velhos, pois usam os indivíduos de mais idade do que eles como referência de velhice. Além disso, eles também acreditam que as pessoas de menos idade não os percebem como velhos em virtude do fato de não se “sentirem ou aparentarem a idade que possuem”, como se o processo de envelhecimento fosse cronológico e linear. É o que ocorre, por exemplo, com Dona Teodora, 63 anos - UNATI/UEM, ao ser questionada se sente rejeição da sociedade por ser velha:

[...] Dentro do meu ciclo, os jovens me tratam bem! Me respeitam e não me tratam como coitada. A sociedade de um modo geral tem rejeição, porém **eu não me sinto porque eu também não me vejo!** [...] **já minha mãe às pessoas tratam com respeito por ser idosa, tem oitenta e seis anos** [...] Os filhos não percebem que sou idosa, **porque eu não me sinto idosa! Já em relação à minha mãe, avó deles, eles tem cuidado!** (Dona Teodora, 63 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

Alguns filhos, quando falam de seus pais, assumem inconscientemente a negação velada da velhice em suas narrativas, associando o velho ao obsoleto. Ou seja, corroboram com a ideia da “velhice ativa” como “aquela tecnologicamente conectada”. A esse respeito, podemos citar (Maria Valentina, 53 anos - Filha de Dona Iulia - 82 anos da UNATI/UEM, grifo nosso) que, quando indagada sobre a velhice hoje, respondeu:

[...] é mais ou menos, isso já melhorou muito para mim. **A minha avó, mãe da minha mãe, era bem velha. Minha mãe, não! Para os meus filhos também avó é super nova** [...] **é só falar de computador e celular essas coisas** (risos).

Porém, dona Iulia de 82 anos, destaca inconscientemente outra perspectiva de afirmação da velhice, um pouco diferente da manifestada pela filha, quando, de forma descontraída e espontânea, transparece que essas novas ferramentas lhe proporcionam o ato de se reinventar. Isso ocorre quando perguntamos para filha sobre a mãe: “[...] E ela domina?”. Ao que ela responde: “[...] Ela vai bem!”. No entanto, dona Iulia de 82 anos da UNATI/UEM, interrompe dizendo: “[...] **quando eu tô aprendendo já tem outra coisa (risos)**” (grifo nosso).

A velhice/envelhecimento passa a ser velada ou negada quando não é encarada como momento de vida, seja para os velhos ou seus familiares. Contudo, isso não significa

que ela precisa ser bem-aceita, sem questionamentos e/ou reflexões, mas sim que as vivências precisam ser encaradas com um pouco mais de leveza e afirmadas na condição de potência. Quer dizer, como momento de força em vida no ato de existência, com suas doenças e limitações – se for o caso – que, inclusive não são características exclusivas da velhice.

O que se percebe, ao longo desta tese, são elementos estereotipados sobre velhice/envelhecimento introjetados na sociedade contemporânea. Elementos adjetivados de “velhice boa” ou “velhice má”, que associam esta fase à saúde e à doença, respectivamente, além de outras características de vinculação utilizadas para velar e negar esse processo natural.

[...] Complicou (risos). Eles não tão sentindo, **porque eles têm mais problema que eu**¹⁵³ (risos) (Dona Tina, 72 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR, grifo nosso).

[...] Eu nem posso falar nada. Minha irmã tem 52 anos, é mais nova que eu dez anos e **não se sente muito animada**. Os meus filhos não reclamam de nada. **Eles sentem jovens e não reclamam de nada!** Meu filho diz, brincando: “Oh, veia chata” comigo, tirando sarro, brincando comigo (risos) (Dona Josefina, 62 anos, VIVER MELHOR/UNESPAR, grifo nosso).

[...] Eles aceitam bem sim! Eu tenho uma nora que se preocupa comigo, e **fala que eu não dou trabalho nenhum! (risos)**. Ela tem a mãe dela que tem 60 anos e ela fala que tá “uma bagaça”, ela fala: “**O senhor não dá trabalho nenhum com os 88 anos que tem, o senhor tá muito bem!**” (risos). **Eles falam que querem chegar aos oitenta e oito anos como eu (risos)** Mas eu acho que esse meu filho vai chegar, sim. Porque ele nada todo dia! Sr. Aurélio- 88 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] “**Ah, eu queria que se demorasse mais um pouco seria bom (risos). Mas não tem jeito, né?! Todo mundo vai ficar veio um dia né?! Se ficasse tudo novo, era bom!** Mas tem uns veinho que são mais novos, né?! **Tem uma mulher que vai lá na igreja onde que eu vou, que é bem nova. Nossa, acho que tem uns 58 anos, mas você não dá isso para ela, você dá uns 30.** Quando ela falou pra nós, nós não acreditamos. Daí ela me mostrou a identidade. **Nossa, eu falei: “quero ficar assim (risos), nem parece!”** E ela já é bisavó, já tem bisneta. (Zonica, 24 anos - Filha de Dona Teodora - 60 anos - VIVER MELHOR, grifo nosso).

¹⁵³ Isso foi capturado da narrativa da familiar, relacionando a velhice como problema, registrado no caderno de observação participante, na realização da reunião em 20 de setembro de 2017, do Projeto Viver Melhor na UNESPAR intitulada “Relações intergeracionais: Processo de reintegração dos Velhos na Contemporaneidade”.

Há, também, casos em que a velhice é afirmada e, em seguida negada. Como foi possível observar na fala de alguns familiares:

[...] Há, pra mim, é do dia a dia, né?! É no dia a dia que você vai envelhecendo ali. Dá impressão que ontem eu tava mais nova do que hoje, não é assim?! A gente sente na hora que levanta da cama. Tá no ‘gen’ da pessoa, no ser humano. Você tá escovando o dente e olha no espelho e diz: “Nossa, olha uma ruga aqui, outra aqui, como eu tô pelancuda!” [...] **mas eu não me acho veia, eu posso tá com dor, dor, mas eu não falo, como ele fala**¹⁵⁴: “**ôce tá veia, daí eu falo, veia tá tua mãe.**[...]” ninguém gosta, de ficar veio (Dona Zuide, 61 anos - Esposa do Sr. Wilson, 67 anos - VIVER MELHOR, grifo nosso).

[...] Não, eu vivo um dia de cada vez [...] eu espero realmente de saúde e dinheiro (risos). Ser independente, né?! Não depender dos filhos e ter saúde com certeza. Espero ficar velha! [...] Ficar velha não, espero ficar idosa. [...] velho é uma coisa ruim (risos) igual um pão duro, um ovo velho (risos), melhor idosa! (risos) (Maria Valentina, 53 anos - Filha de Dona Iulia - 82 anos da UNATI/UEM).

Isso também ocorre com os próprios velhos entrevistados, que afirmam ou negam a velhice/envelhecimento de diferentes formas, dependendo daquilo que é indagado. Por exemplo, quando os entrevistados foram questionados se acreditavam na existência de formas de preconceito contra a velhice na sociedade contemporânea e, em seguida, quando foram questionados sobre como eles consideravam que a família percebia a velhice.

[...] Sim. Por exemplo, meu neto fala: ‘Eu não gosto da professora, ela é uma velha’, e complementa: [...] **isso é a discriminação velada** [...] **eles acham que é um processo natural e que cada um tem que aceitar** [...] **talvez porque nunca tenham chegado, porque eu não concordo!** (Dona Maria Amélia, 64 anos - UNATI/UEM)

[...] acho que não, têm ‘brincadeiras’, mas rejeição mesmo não né?! Se existe eu não percebo (risos), e completa [...] pode existir mesmo, do tipo: **“eu não vou convidar mesmo o velho, porque ele, né?!”** (risos) [...] **Eu tenho impressão que sou chato (risos)**¹⁵⁵ [...] minha filha me convidou para morar com ela e eu disse: “filha, eu vou tirar a sua liberdade e você vai tirar a minha!” (risos). Mas daí, depois de um tempo, tive uma experiência de passar uns três dias na casa dela depois que sofri uma queda aqui na UEM, e não sei até hoje porque em um determinado dia minha filha chamou o irmão – meu outro filho – e disse para ele me levar para ficar com ele, daí meu filho disse: “bora, pai!”. Eu disse:- “O que foi que eu fiz de errado (risos)?”! Ele disse: “nada

¹⁵⁴ Referindo-se ao Sr. Nilson, o esposo.

¹⁵⁵ Esclarecendo por que preferiu morar sozinho depois que ficou viúvo, apesar de que já morava só há algum tempo, devido aos filhos terem colocado a mãe em uma clínica de repouso, por considerarem mais seguro em virtude do Alzheimer dela em estágio avançado.

não”, dando risada” Mas eu tenho impressão que fiz alguma coisa de errado e queria pedir desculpas, mas até hoje não sei o que foi! Daí resolvi fazer o que queria, voltar para meu apartamento e até hoje estou lá (risos) Sr. Aurélio, 88 anos- UNATI/UEM).

Dona Maria Amélia em um primeiro momento se posiciona de forma crítica, afirmando o preconceito velado do neto sobre a velhice. Porém, na sequência, ela explicita que a família considera a velhice como algo natural, diferentemente da percepção dela sobre o assunto, negando, de forma inconsciente, o que havia afirmado no momento anterior. Sr. Aurélio, por sua vez, posiciona-se nesses trechos, afirmando a velhice com base na característica da “chatice”, autodenominando-se dessa forma, levando em conta suas vivências, porém, com leveza, longe de “armaduras” ou “autodefesa” que poderiam obscurecer a singularidade da sua existência.

Diante do contexto narrado pelo Sr. Aurélio, foi percebido que essa “chatice do velho” que ele diz possuir relaciona-se com a chamada “teimosia dos velhos”, analisada por Tótorá (2013) como “sabedoria da velhice”: um mecanismo de resistência às imposições de uma sociedade que coloca os velhos na condição de doentes e impotentes. Em outras palavras, essa chatice e/ou teimosia, pode ser definida como potência singularizada, uma vez que Sr. Aurélio satisfaz sua vontade de morar sozinho, já que estava em desacordo com o que os filhos planejaram para a vida dele.

Acreditamos que a ideia de dicotomia, mencionada anteriormente, é algo para ser considerado como elemento importante nessas expressões, uma vez que ela torna as percepções sobre velhice/envelhecimento confusas, contraditórias e desafiadoras para os entrevistados. Isso porque é desafiador romper com esses campos opostos e estereotipados da “velhice boa” e “velhice má” estabelecidos pela sociedade de controle.

Diante disso, foi percebido que alguns depoentes acabam “se curvando” para um dos lados dessa “dicotomia”, sem se dar conta que, ao escolher um dos lados, acabam por reforçar o outro e vice-versa, corroborando, por vezes, para a velhice velada ou negada.

Assim sendo, esse conflito presente em algumas narrativas revela posicionamentos “a favor” ou “contra” a velhice. Outrossim, mais adiante, alguns assumem o posicionamento inverso ao que foi colocado inicialmente. Porém, essas percepções acabam por reiterar o que vem sendo mencionado, ou seja, as experimentações de velhice são múltiplas e variáveis, não podendo ser classificadas e/ou decodificadas como formas padronizadas e engessadas de comportamento, ou mesmo ignoradas pela racionalidade de natureza universal, desprovida de sensibilidade para lidar com afetos humanos singulares (TÓTORA, 2013).

Dessa forma, acreditamos que a velhice, compreendida como singular e múltipla ao mesmo tempo, apresenta-se como expressão da longevidade, sujeitada à sociedade de controle, no entanto, resistente a ela – como ondas que se chocam produzindo devires no ato da reinvenção hoje e para o amanhã, conforme será tratado a seguir.

4.3 Velhice e Longevidade: o “Hoje” para o “Amanhã”

Como já dito no início desta pesquisa, as bibliografias sobre velhice/envelhecimento, em sua maioria, evidenciam o aumento da população de idosos como fenômeno mundial que teve início no século XX, mantendo-se no atual século XXI. Neste século, há a estimativa de que no ano de 2050 existirão cerca de 2 bilhões de pessoas idosas em todo mundo, de acordo com estudo divulgado pelo Fundo das Nações Unidas para a População (2012).

Segundo o IBGE (2012), no Brasil, até 2020 a população idosa irá compor um contingente estimado em 31,8 milhões de pessoas. Esse segmento populacional crescerá 15 vezes no período entre 1950 e 2020, em contraste com a população total que terá crescido apenas cinco vezes, ocorrência que situará o Brasil como o sexto país do mundo em termos de massa de idosos (VERAS, 2004).

Porém, o assunto não pode ficar restrito aos termos demográficos, utilizando apenas o corte da idade para definir quem é idoso¹⁵⁶, para pautar pesquisas e política públicas. É preciso avançar na discussão, trazendo outros argumentos que compõem o universo da velhice, como já foi mencionado ao longo deste texto, tratando das suas singularidades como experimentações múltiplas e variáveis para além da idade cronológica do sujeito, na tentativa de desmitificar a velhice padronizada e engessada.

Existem várias possibilidades de situar a velhice, que se correlacionam. Por exemplo, no Dicionário de Houaiss (2009), o sentido etimológico de velhice é o ato ou efeito de envelhecer, tornar-se velho, mais velho ou aparentar velhice. Para antiguidade, por sua vez, ela é entendida como característica ou qualidade de longo tempo, da duração, da vida mais longa que o comum. Além disso, ela pode ser avaliada também sob o aspecto do planejamento familiar, político, demográfico; como coadjuvante, com foco na qualidade de vida, acompanhada de aspectos de alimentação, saúde, educação etc

Significando portanto que, quanto mais longeva a pessoa, mais envelhecida ela é, porém, isso não implica necessariamente que os anos de vida estão relacionados com o viver melhor, pelo contrário (DORONIN&TÓTORA:2019).

¹⁵⁶ A exemplo do Estatuto do Idoso no Brasil que define o começo da “terceira idade” aos 60 anos: “Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta anos) e o Benefício de Prestação Continuada – BPC/LOAS – que considera a população idosa, para efeito de recebimento do benefício, a partir de 65 anos.

Dando continuidade à busca por compreender as percepções dos entrevistados sobre a velhice/envelhecimento e suas expressões, percebemos que os termos velhice e longevidade estão entrelaçados nas narrativas deles, demonstrando que, para eles, a segunda é uma expressão da primeira, em que o raciocínio se completa mais adiante, quando refletem sobre a velhice hoje e para o amanhã.

Ao mencionarmos o termo longevidade para alguns entrevistados, a concepção de morte ressurge nas narrativas de forma temida, pois a compreendem como “o fim dos anos de vida”, reiterando a associação da doença com a velhice, proclamando a saúde. Consideram que o velho hoje vive mais, devido às melhores condições de vida nos aspectos de saúde e convivência.

Então, hoje em dia tá muito bom né?! Porque a pessoa envelhece com mais saúde, quem quer tem muita coisa para participar para fazer, pelos benefícios. Eu acho que nos dias de hoje tá melhorando. **O idoso só fica abandonado, se ele quiser né?! Tem o que fazer, como cuidar a saúde, como cuidar da cabeça. Tanto é que agora se demora para morrer, né?! (risos). Antigamente, já dava sessenta anos, já tava... né?! Agora não.** Eu mesmo tive um patrão que morreu com 94 anos, **a coisa mais linda, cabeça boa...** só no finalzinho da vida dele que sofreu um pouco, mas era uma pessoa assim, sabe?! **Então, para mim tá melhorando, a nível de velhice, tá melhorando** (Alice, 48 anos - Filha de Dona Tina, 72 anos - VIVER MELHOR, grifo nosso).

[...] **Sim, meu pai morreu com 45 anos. Morreu sem remédio por falta dinheiro, por falta de tratamento.** E hoje, a pessoa corre no PA, na Santa Casa, vai para Arapongas se aqui não tiver vaga (Berenice, 64 anos - Esposa do Sr. Aroldo, 79 anos - VIVER MELHOR, grifo nosso).

Apesar de alguns elucidarem o já tratado como paradoxo, quando trazem a afirmação da “[...] velhice ter melhorado devido o afastamento da doença”, eles estão negando veladamente a velhice. Os depoentes também trouxeram outro fato interessante por acreditarem que, atualmente, as pessoas de menos idade têm morrido mais cedo, em virtude de não se cuidarem mais como em séculos passados, sobretudo até o século XIX.

[...] Quando eu era pequena andei 14 km para socorrer meu pai. Hoje a gente tem o socorro na porta. A doença avançou, mas o tratamento também. Agora, as pessoas de antes tá vivendo mais que as de hoje. As de hoje tá se acabando mais. Criança dando derrame com 20 anos, infarto... (suspiro). Naquele tempo, eu lembro dos meus avós, eles tinham mais saúde, não tinha nada industrializado igual hoje, com corante. Eu não bebo refrigerante, se eu beber um copo, passo mal. Não posso nem ver linguiça, salsicha, torresmo, presunto. Antigamente não tinha nada disso, ‘os porcos eram criados com ‘mió’ de galinha. Não tinha aquele negócio de aplicar nas galinhas o hormônio pra os

pintinhos, né?! Para puder crescer mais. Ficava lá embaixo do pé de café com os porcos. Também o leite da vaca que tirava ali na hora, da teta, sem comprar essas latinha que tem hoje em dia, com conservante, que serve até para passar no cabelo, por conta do formol que tem nesse leite de hoje que só dá doença. (Dona Zuide, 61 anos - Esposa do Sr. Wilson, 67 anos - VIVER MELHOR).

[...] Certas coisas deram melhorada. Pelo menos na questão de saúde, essas coisas tá "mió. Pelo menos pra mãe. Ela consegue as coisas mais fáceis. E com a vó era tudo mais difícil, mais demorado. Não tinha o recurso que a gente tem hoje! (Lisandro, 30 anos- Filho de Dona Josefina de 62 anos - VIVER MELHOR).

As mudanças no mundo contemporâneo estão diretamente vinculadas à longevidade através de fatores como os avanços tecnológicos e científicos. A esse respeito, é possível citar os novos produtos farmacológicos, que corroboraram para redução da mortalidade por doenças infectocontagiosas, aumentando a expectativa de vida dos indivíduos (BEZERRA *Et Al.*, 2012, p. 155-167).

Dessa maneira, também é possível dizer que algumas mudanças, por exemplo, no estilo de vida, poderão interferir na longevidade, como a prática de atividade física, destacada por Carvalho, Fernandes e Mota (2001). No que se refere a isso, é possível destacar que a prática regular de exercícios físicos pode ser um indicativo de melhoria de qualidade de vida do idoso. O ser humano, quando se exercita, pode ter suas carências físicas, biológicas, psicológicas e emocionais atingidas obtendo, assim, socialização e bem-estar.

[...] Ah, em relação ao passado, acho que tá melhor. A gente faz caminhada, toma remédio, que ajuda, essas coisas... (Dona Josefina, 62 anos, VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] Sim, as pessoas procuram viver mais e se cuidarem mais. Não como eu gosto. Aquilo que me é permitido e me faz bem naquele aspecto (Dona Maria Amélia, 64 anos- UNATI/UEM).

[...] Tem velho que tá vivendo mais de noventa anos. Sr João ali que tá com uns 90 anos, tem também Sr. Fatto tá com 103 anos. As pessoas de antigamente que tá vivendo mais e as de hoje tão se acabando mais. Tão dando derrame com vinte anos, criança com infarto... (Sr. Wilson, 67 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR).

É observado pelos entrevistados, como foi dito por Dona Zuide, que antigamente as pessoas tinham uma expectativa de vida menor, apesar de cultivarem hábitos, em geral, mais saudáveis do que os de hoje. Em contrapartida, os entrevistados também relatam que, atualmente, apesar de existirem mais recursos de saúde, além de

políticas públicas que corroboram com a longevidade, as pessoas mais jovens estão indo a óbito mais cedo – como foi dito por Sr. Wilson

Porém, sem tomarmos essa afirmação como verdade, a observação do entrevistado suscita uma provocação: é possível pensarmos na hipótese de que os jovens da atualidade estão morrendo mais cedo por terem hábitos menos saudáveis do que os jovens de antigamente. Em outras palavras, mesmo se cuidando, esses jovens não conseguirão alcançar a longevidade dos velhos atuais. Nesse sentido, será que mesmo que os jovens da atualidade estão indo a óbito mais cedo?

Corroborando com a observação de Sr. Wilson, é perceptível que atualmente os jovens estão cada vez mais acometidos pelas exigências impostas pelo capital, em uma “sociedade do cansaço”, em que o sujeito acaba por desenvolver maus hábitos alimentares e a ter poucas horas de sono, desenvolvendo estresse, depressão, fadiga etc. Esse termo, sociedade do cansaço, é utilizado para intitular a obra de Byung-Chul Han (2010). Tal obra, por sua vez, mostra que a sociedade disciplinar e repressora do século XX, descrita por Michel Foucault, perde espaço para uma nova forma de organização coercitiva: a violência neuronal, na qual as pessoas se cobram cada vez mais para apresentar resultados. Em outras palavras, elas mesmas se tornam vigilantes e carrascas de suas ações.

Em uma época em que poderíamos trabalhar menos e ganhar mais, a ideologia da positividade opera uma inversão perversa: nos submetemos a trabalhar mais e a receber menos. Essa onda do “Eu consigo!” e do “Yes, we can!” tem gerado um aumento significativo de doenças como depressão, transtornos de personalidade, síndromes como hiperatividade e *burnout*¹⁵⁷, ou seja, essas são as “mazelas” de nossa sociedade atual.

Isso é evidenciado no momento em que falamos de públicos diferentes em contextos históricos diferentes, não correspondendo, portanto, à expectativa e à lógica dos avanços da ciência. Ou seja, o prognóstico é que a longevidade almejada pela ciência alcance hoje as pessoas de mais idade, que eram os jovens de ontem, porém, os jovens de hoje não atingirão a longevidade amanhã. É o que evidencia Dona Tina, 72 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR “[...] Ah, eu acho um privilégio a velhice, porque hoje, as pessoas estão morrendo tão novinho, não viveu nada da vida!”

Dessa maneira, percebemos que os avanços nos recursos tecnológicos e na medicina não são os únicos que, necessariamente, contribuem para o alcance da

¹⁵⁷ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Sociedade-do-cansa%C3%A7o-Byung-Chul-Han/dp/8532649963>. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

longevidade, uma vez que os índices de jovens que estão indo a óbito cada vez mais cedo têm crescido mais e mais na atualidade, inclusive por suicídio, pois eles não conseguem sobreviver à sociedade do cansaço. Esse fato nos leva à hipótese de que talvez os velhos utilizem suas forças interiores – de artistas – para se reinventarem, fazendo das dificuldades e sofrimentos ocasionados pela “sociedade do cansaço”, bem como das doenças provenientes dela, momentos de potência¹⁵⁸.

Em síntese, os entrevistados Dona Josefina, dona Maria Amélia, Sr. Wilson e Dona Tina corroboram com o conceito do Chul Han sobre a sociedade do cansaço para situarmos a crítica a sociedade atual, uma vez que elementos como hiperatividade e desempenho e/ou produtividade passam a ser mais que coercitivos no século XXI. No que se refere à hiperatividade, Byung-Chul Han utiliza citação da obra *Humano, demasiado humano*, em que Nietzsche defende o fortalecimento do elemento contemplativo da humanidade em oposição ao seu caráter hiperativo, tratado por Brum (2016) como¹⁵⁹ [...] “por falta de repouso, nossa civilização caminha para uma nova barbárie”. Já o desempenho e/ou produtividade caminha junto com o adoecimento das pessoas, que focam e se preocupam com o desempenho predominante e imperativo do poder ilimitado.

Esse poder é subjetivo e percebido no “excesso de positividade” do “eu posso, eu consigo”, contribuindo para adoecimentos da saúde mental e física. Tal estilo de vida é excessivamente desumano, condenando o tempo para o descanso “saudável” – nos casos dos “empresários de si mesmo” – e/ou o descanso “vigiado” – nos casos dos trabalhadores que possuem espaços de descanso temporizados nas empresas onde trabalham. Além disso, falta a alimentação adequada, como afirmaram os entrevistados, entre outros aspectos relacionados à qualidade de vida.

Se retomarmos o conceito de grande saúde do Nietzsche, podemos fazer um contraponto crítico a esse momento atual. Nesse sentido, velhice é o momento privilegiado para experimentar a grande saúde do pensamento de Nietzsche, discutida por Tótor, pois trata-se de uma nova saúde: “uma saúde mais forte [...] a grande saúde [...]

¹⁵⁸ Essa afirmação não pode ser generalizada, pois dados do boletim epidemiológico de tentativas e óbitos por suicídio no Brasil, do Ministério da Saúde, apontam para o suicídio como sendo a quarta causa de morte entre jovens, porém; fazem também um alerta a alta taxa de suicídio entre idosos com mais de 70 anos, no qual foram registradas média de 8,9 mortes por 100 mil nos últimos seis anos. A média nacional é 5,5 por 100 mil. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/29691-taxa-de-suicidio-e-maior-em-idosos-com-mais-de-70-anos>. Acesso em 14 de novembro de 2019.

¹⁵⁹ Disponível em: www.portal-raizes.com/nossa-civilizacao-caminha-para-a-barbarie/. Acesso em 23 de setembro de 2020.

aquela que não basta ter, a que se adquire, que é necessário adquirir, constantemente, por ser necessário ser sacrificada sem cessar” (NIETZSCHE, 1996, §22 *apud* TÓTORA, 2015, p. 58). Além disso, “[...] o transbordamento de vida por não temer o lado mais terrível da existência, tomando-o como um desafio de seus lados mais fracos” (NIETZSCHE, 1996, §22 *apud* TÓTORA, 2015, p. 58).

Voltando à discussão da “prática de exercício físico” e, pensando no “cuidado de si como uma escolha ética”, percebemos uma contradição que diz respeito à “autonomia” desses sujeitos, pois de acordo com Borges *et al.* (2008), o exercício físico atua como forma de prevenção e reabilitação da saúde do idoso, haja vista que fortalece a aptidão física, melhora a independência e autonomia, mantendo por mais tempo a execução de atividades de vida diária. Ademais, muitos outros estudos comprovam igualmente a eficácia do exercício na vida dos velhos, porém, as “receitas padronizadas de comportamento” e o “engessamento de estilos de vida” a que esses sujeitos são impostos no que se refere aos cuidados com sua saúde tornam contraditória a afirmação de que dessa forma eles são “protagonistas de suas vidas” – é o que chamamos de contradição da suposta autonomia.

Isso porque a sociedade impõe modelos para serem seguidos, sem relacionar os elementos diversos que compõem as vivências desses sujeitos e suas potências, transformando o que seria o cuidado de si como escolha ética da existência ou, ainda, da grande saúde em Nietzsche, através de práticas singulares, para o “manda-se da moral” de quem não sabe obedecer a si mesmo. Isso é evidenciado nas narrativas a seguir.

[...] Sim. Eu não gosto, mas faço né?! (risos), andar! Faço porque é saudável. A filha interfere e indaga: “Quem disse que se faz, se vive mais né?!” (risos). Ela complementa: É, o que dizem, né?! Mas eu acho que precisa, porque faço meu trabalho muito sentada, tricô... **então a gente sabe que tem que andar né, mas não gosto?!** (Dona Iulia, 82 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] As pessoas tá vivendo mais. Tento ter vida saudável, **não pode comer muito nem o que gosta. Não pode ficar muito à vontade** (risos). (Dona Sara Miko, 80 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

Nesse sentido, é questionada a suposta “autonomia” que a prática do exercício físico colocada por Borges *et al.* (2008) promove na vida dos sujeitos, associada à ideia de vida saudável. Isso porque, que tipo de autonomia é essa na qual indivíduos são obrigados a fazer exercícios e dietas em cumprimento daquilo que os outros delegam ser melhor para as suas vidas? Parece que a autonomia, aqui, está sendo confundida com a

obediência e servidão dos modelos, como é evidenciado nas narrativas de Dona Iulia e Dona Sara Miko.

Percebe-se, portanto, que ambas estão mais próximas da submissão da biopolítica expressa na sociedade de controle para cumprimento dos padrões e alcance da longevidade do que do alcance de suas reais necessidades e desejos. Apesar das duas expressarem essa percepção mais adiante, o que de certa forma demonstra tendência à possibilidade de ruptura com essas relações de poder. Essa percepção é expressa sobretudo na fala de Dona Julia:

[...] quando fiquei viúva, há um ano, passei um ano com diarreia. Daí pensei, tenho que fazer alguma coisa pra melhorar, daí comecei a fazer kefir de leite, um iorgute com lactobacilos, vivos, e melhorei. **Porque pensei, quando a gente vai à médico, eles ficam passando aquelas coisas** (Dona Iulia, 82 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

Referindo-se de forma resistente a bateria de exames, medicações e padronização de receitas e complementou “[...] uso também, complexo vitamínico, não o hormonal, mas o vitamínico!”.

Essa percepção da longevidade como um sutil mecanismo da biopolítica, que possui como berço a sociedade de controle contemporânea, é combatida por alguns entrevistados de forma consciente, ou até mesmo inconsciente, quando resistem a práticas que possam afirmar a velhice como momento de existência – momento em que assumem o curso de suas vidas, com base no que acreditam, no que gostam, em como se sentem bem e não motivados por aquilo que a sociedade lhes impõe, uma vez que alguns não estão preocupados em prolongar a vida a fim de atender as pirâmides etárias, pelo contrário.

[...] **Hoje as pessoas vivem mais, porém eu não me preocupo muito com isso.** Hoje as pessoas têm se preocupado muito com a aparência (Dona Isis, 71 anos- UNATI/UEM, grifo nosso)

Não estou preocupado em viver mais[...] bebo meia taça de vinho seco sempre, mas não todo dia e nunca uma garrafa toda. **Não tenho preocupação em viver muito, mas quero meu bem estar [...]** tomei pinga, tomei whisky, tomei cerveja e deixei de tomar nem sei por que, mas deixei. **Sempre tomei pouco e hoje a única coisa que tomo de bebida alcoólica é vinho, que gosto e é saudável! Eu tenho até um ritual para tomar vinho (risos), tem que ter taça própria pra vinho, você coloca pouco, você gira para ver a tonalidade do vinho, você cheira para sentir o aroma da uva, você não toma nem bebe, você**

degusta! Você primeiro põe na boca e não engole, deixa na boca e sente ele passeando na bochecha e vai sentindo o aroma da uva. Não precisa fazer aquele negócio de jogar para um lado e para outro, você só sente e depois engole. **Então os meus amigos, falam: “Vamos tomar vinho?”, daí eu pergunto: “Tem taça?”, eles retrucam: “Ah, isso é frescura”, eu respondo: “Não, se não tiver taça eu não tomo de jeito nenhum!”** E eles dão risada, mas é porque eu não tomo mesmo! (Sr. Aurélio. 88 anos- UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] **Algumas pessoas têm medo de envelhecer, se preocupam com a estética e esquecem que melhoramos com o tempo.** Acham que velho é rabugento (Sra. Leila, 41 anos - Filha de Dona Isis, 71 anos – UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] Tá diferente hoje o envelhecimento, pelo tratamento que se tem hoje. Porque hoje se tem mais apoio, pelo tratamento que uma pessoa de idade que tem hoje, porque antigamente ‘os coitados’ eram mais abandonados! **Agora, esse negócio de querer o que não é pra gente, não dá. A gente tem que viver a vida como ela é. Esse negócio de ficar nova, sendo velha não compensa! Viver mais compensa, mas até certa idade,** depois que começa a dá trabalho para os outros, não compensa! (Dona Tina, 72 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR, grifo nosso).

Outros, por sua vez, não percebem esses mecanismos de controle e acabam por tentar se adaptar às mudanças, ou até mesmo negar o momento vivido atualmente, talvez porque não desejem afirmá-lo, ou por não o perceberem como potência de vida.

[...] **não precisei disso ainda, porque não me sinto velha!** (Dona Teodora, 63 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] evidente que tem mudado sim. Esse acesso aos serviços públicos e privados. Em termos do privado vemos uma presença muito maior do mercado nos serviços privados, no acesso, em termos de consumos, produtos específicos para o idoso. Em termos desses serviços públicos, de um modo ou de outro amparado por essas políticas! **Tudo isso que eu estou vendo são mudanças que estou procurando dá conta delas, otimizá-las e levá-las à diante. Seja no nível de consumo, de bens privados, de bens públicos, no nível da informação, tudo isso que tá sendo propiciado pelo envelhecimento, e claro que. de algum modo tá vivendo mais.** Enfim, essa **busca de qualidade paralelamente ao processo de envelhecimento** está presente o tempo todo! (Sr. Bino, 71 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

Segundo Tótor (2014), a velhice é destinação, e não cronologia ou castigo para aqueles que não obedeceram aos modelos alardeados. Envelhecemos com a idade, mas nos tornamos velhos por um acontecimento singular, delicado e nada ruidoso; audível apenas para ouvidos pequenos e seletivos. Aprender o envelhecer requer um aprendizado

único, sutil e imperceptível ao público majoritário. Estes últimos são aqueles sedentos por fórmulas prontas, na busca de um sentido para vida.

Tal afirmação provoca o desejo inquieto de continuar embarcando nas percepções da velhice/envelhecimento, dos entrevistados, tentando percebê-las enquanto o “hoje” e para “o amanhã”. Para tanto, foi indagado a eles suas apreensões sobre “como” gostariam de viver a velhice/envelhecimento e o que consideravam mais e menos importante no momento atual de suas vidas, a fim de perceber, com base em suas narrativas, que reflexões são feitas diante da existência singular experimentada na velhice: reflexões percebem a vida sob a ótica “temporal/linear”, “cronológica” ou que superam as duas primeiras, trazendo uma terceira, como “momento da existência” no ato da recriação – ótica discutida ao longo desse texto.

[...] gostaria de viver **do jeito que estou vivendo. Não gosto da expressão ‘no meu tempo’¹⁶⁰ pois o meu tempo é o hoje! Esse que estou vivendo! [...] - ‘Eu quero saber como se comporta as coisas. Fui outro dia num sex shop, por interesse e curiosidade. Daí minhas amigas falaram: “Você é louca!” Eu disse: “Não vou morrer sem saber essas coisas!” A alma é erótica, não o corpo! A alma não envelheceu, mesmo com idade do corpo. O teu erotismo não vem do corpo mas da alma. Se tu não provoca o erotismo da tua alma, não adianta apetrechos mil! É uma coisa muito interessante. Eles trouxeram essa discussão na roda de conversa, e eu disse: “Nossa, isso é muito interessante”. Você acredita que que tem um vibrador com GPS do ponto G?! (risos) Isso é sensacional! Tem mulheres com idade hoje que não sabem o que é um ponto G, tem pessoa que não sabem nem o que é um orgasmo. E por que elas não sabem significa que não existe?! Lógico que existe. Só que ela não conhece. Então, o mundo nosso é feito de coisas que você conhece, coisas que você não conhece não está no nosso mundo, não existe! Né?! E por que que com a idade que eu tenho hoje eu não vou desbravar o mundo todo?! Eu quero, sim, isso existe! Se eu não falar vai resolver?! A realidade a gente tem que falar. Não é porque eu escondo que vai deixar de existir. Por que eu vou negar uma coisa que existe? Se existe é melhor você entrar na questão e tentar entender. Eu amo gente, eu adoro gente, adoro conversar e saber como é que é. Por isso me sinto atuante, porque para mim toda pessoa para mim, é bom. É uma trocar energia, entender, isso é lindo! Eu sou apaixonada pela vida! Eu estou vivendo, se Deus me deu idade eu vou jogar no lixo?! Isso é pecado, no sentido comum de palavra não de dogma. Eu falo Deus, como vocábulo, que foi usado para expressar o nosso criador. Não interessa que nome que tem, Jeová ou qualquer outro. As pessoas dão tanta importância a isso. A gente tem que ter consideração pelo outro. O bem faz você evoluir. Isso que é gostoso, te dá bem estar. Não importa a igreja que tu vai, importa o bem que tú faz para o outro.**

¹⁶⁰ Se referindo ao passado.

Eu tenho idade com certeza para isso! (Dona Iulia, 82 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

Percebemos que a longevidade expressa na narrativa de dona Iulia, possui elementos de temporalidade, porém sem retomar coisas do passado, muito pelo contrário, destaca que; “seu tempo é o que está vivendo hoje” numa perspectiva de afirmação da velhice. Posicionando-se no combate aos estereótipos utilizados nos mecanismos de controle, que limitam o devir, demonstrando buscar a essência daquilo que acredita e dá sentido para sua vida hoje, como por exemplo, a pulsão por aprender coisas novas se reinventando diante das coisas que a impactam e dos afetos encontrados na relação com o outro, sob ótica do “momento da existência” no ato da recriação.

A velhice ou longevidade “temporal/linear” e “cronológica é percebida em outras narrativas, porém, com uma tendência mais comum, que é a saudosista, em que a memória do sujeito remete a algo que passou, às lembranças vividas ou pessoas de seu convívio que já morreram, manifestando o desejo de revê-las, como é o caso do Sr. Aurélio, 88 anos- UNATI/UEM:

[...] gostaria de viver com minha mulher, essa é a coisa mais importante da minha vida, a perda da minha mulher foi uma derrota, é o que digo sempre! Foram 59 anos de casados, na minha época tinha namoro, noivado, então foi mais de 60 anos e um detalhe, nós nunca brigamos, nunca tivemos discussão.

Ainda sobre a ótica “temporal/linear” e “cronológica”, alguns entrevistados, ao falarem do hoje, trouxeram uma tendência conformista, sem nada a esperar ou projetar para o amanhã.

[...] Como estou vivendo está bom demais! (Dona Tina, 72 anos, VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] Do jeito que estou vivendo, estou muito bem, estou feliz! Não mudaria nada, eu gosto de andar, não tenho preguiça, então tá bom! Não tô sentindo nada, então isso que considero importante! Tenho minha aposentadoria, minha casinha... não tenho vontade de ter um carro, uma coisa assim. Pra mim tudo tá bom! Porque pra gente ter um carro hoje, a gente tem que ter carteira, e pra ter carteira tem que ter dinheiro, tem que ter leitura, e a gente não tem cabeça mais pra essas coisas. Aquelas aulas ali (se referindo ao Projeto Viver Melhor), é boa se tiver dança, essas coisas que não dependem de ficar o dia todo sentado escrevendo! (Dona Josefina, 62 anos, VIVER MELHOR/UNESPAR)

[...] Da maneira como estou vivendo! (Dona Isis, 71 anos - UNATI/UEM).

[...] Do jeito que estou vivendo, está ótimo! (Sr. Aroldo, 79 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] Viver com saúde, paz, ter amigas, sair com amigas, conversar, tomar chá junto. Eu acho que tá bom assim”! (Dona Sara Miko, 80 anos- UNATI/UEM).

[...] Eu no momento sou feliz com o que tenho. Não tenho aquele desespero. Sou feliz. (Berenice, 64 anos- Esposa do Sr. Aroldo, 79 anos – VIVER MELHOR).

Ter saúde. Tendo saúde e um pouco para viver, tá bom. Estou ‘borocoxó’ porque estou gripada. (Sra. Bira, 86 anos - Mãe de Dona Teodora, 63 anos - UNATI).

Outros depoentes, por sua vez, manifestaram em suas narrativas, inspirações e desejos que gostariam de vivenciar no momento, expondo o que pensam sobre o amanhã, Contudo, cabe ressaltar que todos colocaram a velhice no momento presente e as projeções para o amanhã a partir desse momento. Em outras palavras, todos incorporaram os desejos do amanhã diante da velhice experimentada hoje. Como se fosse aspirações e desejo de antecipações para complementação do hoje, de um passado que já passou, um futuro que já chegou, complementando o momento presente

[...]- “Ixe, sei lá... gostaria de viver melhor, que tivesse politico que não tivesse roubando. (Sr Wilson, 67 anos- VIVER MELHOR/UNESPAR)

[...] Vishe! A minha vida hoje eu posso dizer que sou feliz por ter minha mãe por perto, têr saúde e condições de ir e vir! Ah, eu sou feliz! **eu queria ter dinheiro para viajar, mas...** (risos) (Dona Teodora, 63 anos- UNATI/UEM)

[...] **Gostaria que tivesse diferente. Que tivesse um lugar para passear. Dá uma viajada!** (Dona Régia, 60 anos- VIVER MELHOR/UNESPAR),

[...] Como estou vivendo, criatura! Se eu for colocar as vontades, os desejos exaltaria **o relacionamento das gerações, que deveria ser a questão central. Mais relações afetivas e efetivas com os filhos”!** A gente não consegue fazer aproximação com os jovens! Parece que é da natureza da pós modernidade, o distanciamento e a fragmentação! (Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM),

Com mais tempo disponível! (Dona Maria Amélia, 64 anos- UNATI/UEM),

Diferentemente do que pode ser observado sobre a velhice e longevidade na perspectiva dos familiares – estes postergaram a velhice em suas narrativas para um futuro

bem distante. A longevidade lhes pareceu ambígua e cheia de incertezas, de condicionalidades típicas de quem não dá conta, por natureza, da velhice como existência.

[...] Não, eu vivo um dia de cada vez. Eu espero realmente de saúde e dinheiro (risos). Ser independente, né?! Não depender dos filhos e ter saúde com certeza. Espero ficar velha! Ficar velha não, espero ficar idosa. Velho é uma coisa ruim (risos) igual um pão duro, um ovo velho (risos), melhor idosa! (risos). (Maria Valentina, 53 anos - Filha de Dona Iulia, 82 anos - UNATI/UEM).

[...] Aí, eu quero ficar uma “velha da hora” (risos), eu espero que eu envelheça só o corpo, a mente não. E que os órgãos públicos melhorem cada vez mais, para tudo, tanto para saúde, lazer. É uma fase da vida que a gente merece ser feliz, né?! Já sofreu tanto até chegar lá, né?! (Alice, 48 anos - Filha de Dona Tina, 72 anos - VIVER MELHOR).

[...] Pelo ‘meno’ uma saúde mais o ‘meno’ para viajar, pra não ficar só em casa. É ‘compricado’, vai chegando a idade, vai chegando tudo né?! (Lisandro, 30 anos - Filho de Dona Josefina de 62 anos- VIVER MELHOR).

[...] Ah, eu penso, bastante (risos). Eu penso em cuidar mais da saúde, essas coisas assim. Porque véio ninguém quer ficar né?! Mas, não tem outro jeito (risos) (Zonica 24 anos- Filha de Dona Teodora de 60 anos - VIVER MELHOR).

[...] Quero viver com saúde, qualidade de vida, me divertindo, viajando muito, sem rugas (risos) (Sra. Leila, 41 anos - Filha de Dona Isis, 71 anos – UNATI/UEM).

4.4 Velhice como Política de Vida

Sobre a “política de vida”, é necessário citarmos alguns trechos das ideias desenvolvidas por Gilles Deleuze, nos itens dedicados a Foucault, que nos ajudam na formulação do conceito da velhice como “política (da) vida”. A esse respeito, é possível destacar seu interesse pela lógica do pensamento que lhe parece:

[...] uma das filosofias mais importantes da modernidade. A lógica do pensamento não tem nada a ver com sistema racional e equilibrado. Inclusive a linguagem foi considerada por Foucault como um sistema desequilibrado [...] A lógica de um pensamento de acordo com Leibniz: quando pensávamos que tinha alcançado a porta, nós encontramos novamente no mar. Este é o caso de Foucault. **Seu pensamento continua a adicionar novas dimensões, nenhum deles estava contido pelo pensamento anterior. O que é que o obriga a aventurar-se nesta ou naquela direção, recorrer o caminho, sempre inesperado? Não há um só grande pensador que não atravessa essas crises, pois marcam as horas de seu pensamento** (DELEUZE, 1992, p 20)

Assim, podemos pensar a velhice e/ou o envelhecimento como possibilidade da existência como obra de arte, isto é, repleta de perspectivas de subjetivação; produção; modos de existência e invenção de vida. Para tanto, os sujeitos têm necessidade de liberdade para vivenciar novas dimensões, existindo e resistindo às “prisões” de pensamentos únicos e padronizados.

Nesse sentido, todas as expressões até aqui interpretadas nas narrativas dos entrevistados, bem como na nossa observação participante, foram apostadas em um caminhar para a experimentação da velhice como política de vida, com base nas reflexões das vivências da velhice subjetivadas nas ações cotidianas dos sujeitos, expressas nas narrativas, por acreditarmos que elas traduzem a subjetividade necessária das múltiplas expressões das velhices de nossa pesquisa.

[...] o homem é, o ser da subjetividade, esta entendida como um processo de apreensão, elaboração e devolução daquilo que transita no seu relacionamento com as coisas ou com os outros, no qual seu universo de signos ou da linguagem, coloca como tarefa primordial a organização das palavras no tempo e no espaço-base fundamental da experiência humana-, ou seja, a produção de narrativas. As palavras dispostas no tempo e no espaço, dentro das convenções de uma língua, formam narrativas pelas quais o homem se apreende como tal e apreende o mundo (JUSTO; ROZENDO; CORREA. 2010, p. 39).

No material empírico, percebemos a relevância de significados que ultrapassam padrões de comportamento, pois ora podem ser percebidas conexões entre as falas dos sujeitos entrevistados ora desconexões e, finalmente, bifurcações dos próprios entrevistados com eles mesmos, em virtude da complexidade da vida.

Nesse sentido, foram elencadas algumas narrativas que podem ser consideradas como parte das reflexões do vivido. Para tanto, temos como base as concepções da filósofa francesa Simone Beauvoir, em sua obra clássica *A velhice* (1970), na qual afirma que “só existe uma solução para que a velhice não seja uma paródia absurda da nossa vida anterior, e essa consiste em prosseguir naquelas ocupações que dão sentido à existência”.

Essa existência, múltipla e singular ao mesmo tempo, é expressa nas vivências dos sujeitos diante de reflexões afirmativas, não necessariamente positivas, que dão diferentes sentidos a respeito da existência deles. Tais afirmações expressam as diversas formas de enxergar esse momento da vida, contrapondo o que pode a velhice. Ou seja, como o velho se enxerga e enxerga os seus pares diante da sociedade contemporânea? Qual é a sua função social? E, principalmente, o que pode a velhice como afirmação de vida?

Como afirma Pio (2009, p. 36) a imagem da velhice é incerta, confusa e contraditória. Importa observar que, por meio dos inúmeros testemunhos, a palavra “velhice” tem dois sentidos diferentes. É certa categoria social, mais ou menos valorizada segundo as circunstâncias, e é, para o indivíduo, um destino singular – o seu próprio.

[...] eu acho muito importante eu falar isso para você, porque você vai falar de uma coisa, **você tem que saber de todas as fases. Porque é evidente que você pode entrevistar outra pessoa que não tem a mesma categoria social que eu. A questão econômica é muito importante, muito importante! Você não faz nada sem dinheiro.** Nem estacionar teu carro no hospital, nem pegar um ônibus. Porque mesmo que tu use o SUS e a passagem de graça para ir para o hospital, se tu não tiver quem vai contigo, se tu depender de uma pessoa que vai te acompanhar, é difícil... **por isso, eu falo para minhas amigas, não reclame de seus netos, de seus filhos. Minha utilidade hoje é criar harmonia na minha casa, porque eu não faço trabalho remunerado.** Eu falo para elas: “Te adoro, te amo de paixão, mas não sou eu quem vai cuidar de você quando tiver doente, é teu familiar! **Então tu tem que cuidar da harmonia dentro da tua casa**” (Dona Iulia, 82 anos - UNATI/UEM).

[...] - **É a percepção que saímos do mundo da produção e do trabalho, para um outro espaço que não sabemos bem qual é (risos) e que não é bem caracterizado. E de perdas físicas, orgânicas, progressivas. Isso é a marca digamos assim mais efetiva! E mentais, na verdade a perda da memória é uma coisa terrível viu Juliana?!** Eu como acompanhei o envelhecimento do meu pai da minha mãe. Ela

faleceu com noventa e cinco anos e ele com noventa e nove. E pelos estudos e leituras que já fiz na geriatria, à questão da demência é o que vem com mais força e é o que eu mais temo, a importância do conhecimento, essas coisas todas que a gente vai perdendo. (Sr. Bino, 71 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] hoje tem mais qualidade de vida, mais acesso ao lazer, sabe?! (a mãe Isis, 71anos (UNATI), interfere e esclarece): “minha mãe (se referindo a avó de Leila), **não é referência para velhice, porque ela tinha condição social mais alta**” (Sra. Leila, 41 anos - Filha de Dona Isis, 71 anos – UNATI, grifo nosso).

Como já foi dito anteriormente com base em Tótorá (2008):

[...] reduzir a multiplicidade de modos de envelhecer vem sendo a estratégia das relações de poder, ou seja; separar por segmentos, identificar e controlar os seres humanos, em velhos e jovens. Mas, dentro da categoria de velhos, existem, por um lado, aqueles que são classificados como produtivos e consumidores da indústria de lazer e planos de saúde, que oferecem serviços de laboratórios e hospitais cinco estrelas, por outro lado, há aqueles, que são tidos como inúteis, improdutivos, doentes, dispendiosos para o serviço público de saúde.

Essa questão fica evidenciada na fala de Dona Isis e de Dona Iulia. A primeira quando retruca a filha Leila ao citar a avó (mãe de Isis) para falar sobre velhice, esclarecendo que devido à condição social mais alta, a experiência da mãe dela não pode ser referência para velhice, talvez por acreditar que se tratava de uma “condição privilegiada”, diferente da realidade vivenciada por ela. A segunda quando demonstra se sobrepor ao modo como se enxerga diante de seus pares, evidenciando como se reconhece, em detrimento das frações de classe subjetivadas na velhice na condição de categoria social. No entanto, em parte de sua narrativa, ela destaca um elemento incomum entre ela e seus pares, que é a função social do velho: “[...] estar velho é perder sua individualidade, você não produz mais, então não é reconhecido, não faz falta tua produção, então as tuas realizações é ser o articulador do núcleo da família, procurando a harmonia!”. Em outras palavras, ela nos provoca a reflexão de que é necessário que haja harmonia na família, independentemente da condição econômica. É necessária a valorização do outro, especialmente dos familiares, uma vez que dependeremos dos cuidados deles na doença. Essa subjetivação também está relacionada a um papel social que se atribui a uma mãe de família (criar harmonia), nesse sentido, é possível dizer que a entrevistada Dona Iulia assume esse papel.

Porém, na sequência percebemos que a condição de dependência diante da possibilidade da doença na velhice citada por dona Iulia é, de fato, a motivação principal dessa atitude, e não a vontade de desenvolver a função social colocada por ela, pois, na sequência, ela afirma que:

[...] minha família, não percebe que sou velha, porque sou ativa. Meu marido por exemplo, que era doente, para eles, era velho. Eu também não sou muito fácil de temperamento, cada um nas suas particularidades. Tem pessoas que aceitam, eu não aceito muito bem, eu reclamo das coisas!

Nesse trecho fica evidente que a função social apontada por ela como “articuladora da harmonia familiar” não é totalmente, uma vez que ela expressa aqui uma atitude de rejeição ao papel social de pacificação, harmonização etc. Apostamos em uma forma de reinvenção, pois Dona Iulia faz autocrítica e verbaliza o quanto é uma pessoa difícil de se relacionar, ao mesmo tempo em que confessa ter necessidade trabalhar essa questão, que é prioridade no momento. Sobre isso, complementa “[...] se tu evolui é porque você deixa pra trás picuinhas, maldades, interpretação... que só prejudica teu crescimento”.

É importante destacar que essa harmonia na velhice não significa passividade ou aceitação diante das coisas que os sujeitos não acreditam, ao contrário, é nessa fase da vida, para Tótorá (2008), o momento privilegiado para afirmação da liberdade, livre de modelos impostos pela sociedade, aos quais se deseja combater [...] e construir novos modos de subjetivação que façam da potência expansiva da vida o único critério de avaliação, ou seja; o fazer de si mesmo uma obra de arte. Ou seja; percebemos que é o momento de “tirar as máscaras”. Mas como combater esses modelos mantendo a harmonia? E, além disso, que máscaras são essas?

Essa metáfora das máscaras foi usada por uma aluna durante a aula de filosofia da UNATI¹⁶¹, quando narrou que certa vez fez um trabalho acadêmico, no qual traçou uma relação entre a “chatice do idoso” e “o uso de máscaras”. Isso porque, na sua visão, esse aspecto seria uma questão de estereótipo, pois não existe idoso chato, tudo seria uma tendência de caráter. De acordo com ela, o que ocorre é que é na velhice, o sujeito tem a possibilidade de se revelar de fato, revelar sua real personalidade, que esteve o tempo

¹⁶¹ Registro de anotação feita no caderno do curso de filosofia ministrado pelo Professor Paulo Pedrozo, para esta pesquisa, compondo à observação participante em 15 de maio de 2018, cujo tema da aula era Platão, tendo como texto base da aula o “Envelhecimento: bisão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental”. Revista RENE, v.2, n.1, Fortaleza, 2001. p.88-94.

todo obscura diante da coerção social. Em outras palavras, é na velhice que o sujeito “mostra sua cara”, mostra quem ele é de verdade, pois está “livre das amarras da sociedade”, das sanções do patrão, do exemplo que precisa ser na educação dos filhos, da necessidade de conquistar novas amizades etc.

Todos os momentos que antes necessitavam de cumprimento de regras e controle para conquistar o trabalho, a família, os amigos, a credibilidade e o respeito da sociedade, além das conquistas materiais, não são mais tão importantes nessa fase da vida e, por isso, são dispensáveis. Dessa forma, na velhice é revelado quem de fato se é diante do momento vivido, bem como diante do sentido da vida como política de vida.

[...] Considero importante viver o meu dia da melhor forma possível e o que considero menos importante é a opinião dos outros. Eu sou mais eu e minha autoestima melhorou! (Dona Isis, 71 anos - UNATI/UEM).

Passada uma semana após entrevista, ela complementou através de postagem em rede social¹⁶² a mensagem do Poeta Mario Quintana (1906-1994), reiterando sua concepção sobre velhice.

De repente tudo vai ficando tão simples que assusta. A gente vai perdendo as necessidades, vai reduzindo a bagagem. As opiniões dos outros, são realmente dos outros, e mesmo que sejam sobre nós; não tem importância, vamos abrindo mão das certezas, pois já não temos certeza de nada e, isso não faz a menor falta. Paramos de julgar, pois já não existe certo ou errado e sim a vida que cada um escolheu experimentar. Por fim entendemos que tudo o que importa é ter paz e sossego, é viver sem medo, é fazer o que alegra o coração naquele momento. E só. (Dona Isis, 71 anos - UNATI/UEM).

[...] menos importante, não sei responder isso aí, eu acho que tudo é prioridade ainda, talvez de conquistar mais patrimônio, pois hoje eu só compro comida, nem roupa eu não compro. Não tenho mais essa preocupação! (risos) (Sr. Aurélio, 88 anos- UNATI/UEM).

Diante disso e, entendendo o momento da velhice como o momento de “libertação das máscaras” como reinvenção da potência e do combate aos modos de subjetivação da biopolítica, surge uma nova questão: como combater esses modelos da

¹⁶² Grupo de WhatsApp no qual participa com demais integrantes matriculados no curso de: Estudos em Filosofia “Repensar a Terceira Idade”, ministrado pelo Prof. Orientador: Paulo Ricardo Vijande Pedrozo, na UNATI/UEM.

sociedade de controle, mantendo a harmonia como função social, segundo foi colocado anteriormente por dona Iulia?

Nietzsche na obra *Humano, demasiado humano* fala em sabedoria e coragem “[...] para se tornar sábio, é preciso querer experimentar certas vivências, ou seja, cair deliberadamente em suas goelas. Algo certamente muito perigoso: mais de um ‘sábio’ já foi aí devorado”.

Nesse sentido:

[...] a sabedoria, minha filha, já não tem, quando tu não tem idade. Por isso que eu digo: “Para mim o Juiz não pode ser uma pessoa jovem, ele pode ter muito conhecimento, pode conhecer as leis à fundo mas esse conhecimento sutil da vida, ele não tem”. É só a idade que te proporciona. Pra tu ficar maduro, tu tem que ter um tempo. Você coloca um fruto ali, tu não vai comer ele verde, tu tem que esperar esse tempo de maturar. Não fui eu que disse, não foi Platão que disse... isso é da vida! A pessoa tem que entender isso! Tudo bem, têm pessoas de idade realmente que ainda não são maduras, mas estamos falando das pessoas maduras. Tu não é tua casca, tu é tua essência! Esse corpo aqui é um modelo idiota de fotografia¹⁶³, isso pra mim não me traz vantagem nenhuma. A minha aparência externa. A vantagem para quem se interessa por isso, para mim a vantagem que eu considero e que dou graças a Deus por ter isso, é entender as pessoas (Dona Julia, 82 anos- UNATI/UEM).

[...] não acho mais importante “discutir por amenidades”. Aquilo que me soma é mais importante! (Dona Maria Amélia, 64 anos- UNATI/UEM)

[...] Envelhecer é amadurecimento (Sra. Leila, 41 anos - Filha de Dona Isis, 71 anos- UNATI/UEM).

Dessa forma, a harmonia rima com sabedoria e maturidade, mas também com resistência e potência, através da atividade criativa, diante do experimento de situações indesejadas.

[...] às vezes me sinto rejeitada, ai, ai, ai¹⁶⁴ vou te dar um exemplo: eu te falei que ia ao baile na quarta- feira, não falei?!¹⁶⁵. Então, eu fui e fiquei sentada das 20h às 23h e ninguém me chamou pra dançar, não dancei uma música porque tinha as mais novas para “eles chamar”¹⁶⁶ [...] o baile não tá sendo mais só de idoso, misturou muito, perdeu a graça, porque vai menina jovem, “quase nua” e é lógico que “eles” irão

¹⁶³ Ela é modelo fotográfico profissional de agência especializada em campanhas e marketing sobre terceira idade, velhice, idoso, maturidade etc.

¹⁶⁴ Expressão com franzido na testa.

¹⁶⁵ Ela havia relatado com entusiasmo no encontro do Projeto Viver Melhor na UNESPAR, no período vespertino.

¹⁶⁶ Referindo-se aos idosos do gênero masculino.

preferir chamar elas, **mas não vou deixar de ir** (Dona Tina, 72 anos, VIVER MELHOR/UNESPAR, grifo nosso)

[...] A sociedade é muito machista né?! Eles acham que não vão ficar véio também, como eu, como ele. Você acha que nunca vai ficar véio? O ser humano é assim né?! Você tá na circular¹⁶⁷, tá lá, os meninos que vêm da escola tipo; eles entram e falam tia, senta aqui. Esses dias, eu entrei e falei, não. E eu falo não quero não, você tá mais cansado que eu. Eu tô voltando da minha casa, eu tava sentada costurando, **eu preciso ficar em pé**. E você vem do trabalho, da escola. Daí eles dão risada (Dona Zuide, 61 anos - Esposa do Sr Wilson, 67 anos- VIVER MELHOR, grifo nosso).

Parece-nos que o princípio do pensamento delas é não lamentar, pelo contrário, encarar com sabedoria a situação indesejada, utilizando a atividade criativa para afirmar a potência de vida que, segundo o pensamento de Nietzsche em *Crepúsculo dos ídolos*, consiste em “aquilo que não me mata, só me fortalece”, sobre o que ele chama da Escola de Guerra da Vida.

O preconceito, afirma¹⁶⁸ dona Isis, 71 anos - UNATI/UEM, não chega a incomodá-la mas existe e, para ela, é gerado pela falta de conhecimento. Ou seja, o reconhecimento da velhice como afirmação da vida, é um ato criativo quando se reconhece “o sentido da vida, enquanto você vive”. Isso porque, “[...] se tudo der certo, você vai chegar lá”, observa o Professor Paulo Pedrozo¹⁶⁹ referindo-se à velhice – o contrário é chegar à finitude.

A falta de conhecimento sobre o envelhecimento é um aspecto bastante discutido e evidenciado nos debates e pesquisas, justificado pelo aumento dos índices demográficos, entretanto, percebemos na prática algumas tentativas de aprendizado promovidas pela sociedade através da implementação das políticas públicas que destacam a necessidade de mais debate no que se refere à educação, saúde, assistência, assim como no campo das instituições como conselhos, escolas, universidades, família etc.

Todavia, diante da padronização e do engessamento da velhice não são consideradas as singularidades e a história de vida dos sujeitos velhos, bem como seus aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos. Assim, estes são sujeitados a cobranças de posturas às vezes das próprias famílias, em virtude do fato dos entes queridos não reconhecerem a velhice e sua existência.

¹⁶⁷ Termo utilizado na região noroeste do Paraná para referir-se ao transporte público, ônibus.

¹⁶⁸ Registro de anotação feita no caderno do curso de filosofia compondo à observação participante em 22 de maio de 2018, cujo tema da aula foi sobre Aristóteles.

¹⁶⁹ Ministrante do curso de estudos em filosofia “Repensar a Terceira Idade” em 2018.

[...] eu acho que eles percebem muito pouco criatura [...] ‘na família os filhos e demais parentes, continuam nos vendo como se a gente não tivesse envelhecendo, e é terrível isso também. A cobrança continua, tudo do mesmo jeito, para o bem ou para o mal! E principalmente, você tem razão em destacar, eu noto que eles reproduzem Juliana, o que restou não é?! Digamos assim, de mais desgaste de conflito, o que foi mais forte na vida deles, na adolescência. **Eu noto que como se eles quisessem nos cobrar o que cobramos deles quando eles jovens (risos), entendeu? Exatamente porque não percebem o que é que são as especificidades deles enquanto adolescentes e nós como idosos e daí dá esse desencontro que é terrível, é dramático, na verdade!** E eu digo isso porque eu explicito isso o tempo todo com eles, mas não vale nada (risos), porque **eles não conseguem ter essa percepção** (Sr. Bino, 71 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

Esse fator intergeracional, é destaque nas pesquisas sobre envelhecimento, tratado como sendo importante para as relações afetivas, porém, vemos outra questão relevante que acreditamos ser digna de discussão, a saber: o caminhar equivocado na direção de uma inversão de papéis sociais historicamente construídos entre pais e filhos e vice-versa, em que os sujeitos por vezes, experimentam na velhice, a imposições dos filhos sobre o seu dever. Essas imposições dos filhos ou netos geralmente são motivadas pelo apelo no cuidado de seus familiares idosos, atropelando os desejos e necessidades singulares deles, afetando, portanto, a perspectiva de liberdade, tratada nesse texto – o que, em contrapartida, motiva a potência de vida de alguns dos sujeitos que resistem a essas “amarras”.

[...] **Eu tenho impressão que sou chato (risos)**¹⁷⁰ [...] minha filha me convidou para morar com ela e eu disse: “filha, eu vou tirar a sua liberdade e você vai tirar a minha!” (risos). Mas daí, depois de um tempo, tive uma experiência de passar uns três dias na casa dela depois que sofri uma queda aqui na UEM, e não sei até hoje porque em um determinado dia minha filha chamou o irmão – meu outro filho – e disse para ele me levar para ficar com ele, daí meu filho disse: “bora pai!”. Eu disse:- “O que foi que eu fiz de errado (risos)?!” Ele disse: “nada não”, dando risada! Mas eu tenho impressão que fiz alguma coisa de errado e queria pedir desculpas, mas até hoje não sei o que foi! Daí resolvi fazer o que eu queria, voltar para meu apartamento e até hoje estou lá (risos) (Sr. Aurélio, 88 anos - UNATI/UEM, grifo nosso).

¹⁷⁰ Esclarecendo na narrativa que preferiu morar sozinho depois que ficou viúvo, apesar de que já morava só há algum tempo em virtude de os filhos terem colocado a mãe em uma clínica de repouso, por considerarem mais seguro devido ao Alzheimer dela em estágio avançado.

Segundo Tótor (2008), a liberdade de escolha inscreve-se no quadro não de uma regra de vida, mas de uma arte de viver, no dizer de Foucault: “fazer da própria vida uma obra – obra que seja bela e boa – implica necessariamente a liberdade e a escolha daquele que utiliza sua arte”.

A liberdade aqui mencionada implica responsabilidades, mas não no sentido moral de regras e condutas, mas sim na condição de ética do envelhecimento como estética da existência, em que a saúde não esteja vinculada à conservação de um corpo doente, mas de um corpo que se afeta e é afetado por suas vivências, sem exclusão da doença e da morte. Ou seja, a doença como dimensão da vida.

A bailarina Marika Gidali (79 anos), ao ser questionada em entrevista (2006) se considerava que a dança poderia ser uma ferramenta estratégica para fazer as trocas intergeracionais, afirmou:

[...] a pessoa tem que saber não envelhecer no mau sentido. Na verdade, é saber envelhecer no bom sentido. Aceitar. Não é que tudo continua, são duas coisas: uma, que o corpo fica difícil de carregar, e outra, a cabeça que vai, que vai... tem que saber jogar com isso 'daí, tem que saber administrar, vamos dizer, então, o cabelo é branco, loiro, cortou, tudo faz parte. Se tudo faz parte, tudo é muito bonito. Eu acho muito bonito, não que seja a 'melhor idade', isso não. Hoje, senti-me muito completa ao dar aula. Uma aula pra cima, que todo mundo saiu voando. Com os meus 79 anos, fiz uma de vinte pular, entendeu? E pular com vontade e sentir o corpo e sentir o prazer que eu sinto ao dar aula. Tudo que eu faço, eu faço com muita vontade. Não faço nada pela metade [...] esse negócio de envelhecer é uma coisa muito séria. Eu acho que começa pela epiderme. O jovem não chega perto do velho, porque o velho é uma coisa que cheira diferente, tem uma textura diferente, tem um tempo diferente, tem um pensar diferente, então o jovem não tem prazer de estar acompanhando esse tipo de assunto. Acho muito sério. É um tema que temos que 'correr atrás' porque é uma tradição, velho é velho, jovem é jovem, adolescente é adolescente, todo mundo taxado e cada um na sua prateleira, isolado, inclusive. Acho que a palavra "isolado" serve para todas as faixas. [...] essa coisa de falar 'melhor idade' eu acho besteira, considero preconceituoso porque não é 'melhor idade', dói tudo, como vai ser 'melhor idade' (risos). Para andar é difícil, para sentar é difícil para deitar é difícil, tudo é difícil, como é melhor idade? (risos); [...] acho que o grande lance é se impor dentro da sua situação (p. 79).

As reflexões da bailarina expressam uma percepção de velhice como atitude ética com relação à vida, observada por Tótor (2015) em Foucault, que, por sua vez, trabalhava essa percepção com base na ideia de Sêneca¹⁷¹. Para Foucault, trata-se do devir

¹⁷¹ Lucius Annaeus Seneca (em português, Lúcio Aneu Sêneca, ou ainda Sêneca, o Jovem - Córdoba, Hispânia, Império Romano, 4 a.C. - Roma, Império Romano, 65 d.C.)

que precisa ser praticado mesmo quando se é jovem: “consumar a vida antes da morte”; “nada esperar dela”; “viver a vida como se fora o derradeiro dia”.

Marika tem uma atitude singular no enfrentamento da velhice, como professora de dança partilha com os jovens uma energia de que seu corpo não dispõe mais. Ela experimenta devires nas suas relações. Por sua vez, situa com muita franqueza as mazelas que a idade impõe ao seu corpo, por exemplo, as dores.

Ocorre que, na atualidade, isso não está acontecendo, pois alguns jovens se prendem menos ao presente¹⁷² e às suas representações, abandonando a perspectiva de um futuro diferente dos valores atuais, ou seja, uma perda do senso crítico e de luta por um futuro mais justo. Porém, não podemos generalizar, uma vez que existe uma parcela considerável da juventude atual bastante crítica que se manifesta em grandes mobilizações e lutas potentes no mundo todo.

Queremos apenas alertar para a parcela dos jovens que, preocupados com o futuro de seus entes queridos, acabam por impedi-los de vivenciar seu presente “prendendo-os no passado”, sem se dar conta que essas temporalidades representam “a morte em vida”, haja vista que, “na juventude se deve acumular o saber e na velhice fazer uso dele”¹⁷³ sem pressa. Segundo Tótora (2020)¹⁷⁴ “envelhecer é aprender a calma e desaprender a pressa”. Ou seja, nos parece que é o momento de usufruir do saber adquirido com a liberdade conquistada.

Beauvoir (1970) trata da velhice como uma relação comum a todos os homens e traz desde sua época o anúncio dos recursos de transformações técnico-científicas disponibilizados para o corpo social como uma questão para aumentar a longevidade dos homens e mulheres, por exemplo, fármacos, exercícios físicos, atividades recreativas etc. Tudo isso provocou no Brasil o que estamos vivenciando como binômio hermético do desequilíbrio populacional jovem-idoso, ocasionando em muitos velhos o desejo pela retomada da juventude do corpo e, no jovem, o repúdio pelo corpo que possa dar sinais de envelhecimento e a tentativa de paralisação do processo.

Dessa forma, insistimos nas vivências esta pesquisa destaca, trazendo elementos de afirmação da vida como atividade criativa percebida e evidenciada, por exemplo, no

¹⁷² “[...] já foi o tempo em que os jovens queriam mudar o mundo e se sentiam com força para isso. Hoje, a juventude encontra-se não na oposição, mas sim na sustentação de todo o sistema econômico, social e político. Os jovens não representam mais uma força de mudança, ao contrário, estão aderidos que representam, isto sim, forças sociais conservadoras” (JUSTO; ROZENDO; CORREA. 2010, p. 46).

¹⁷³ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo e escritor suíço.

¹⁷⁴ Mencionado por mensagem eletrônica para orientanda (DORONIN) pela orientadora (TÓTORA) em 19 de junho de 2020.

primeiro encontro¹⁷⁵ do grupo Viver Melhor/Unespar, quando por sugestão dos participantes foi debatido o tema: “Idoso fede, mito ou verdade? O envelhecimento e seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais”. A esse respeito, uma das participantes relatou que sente discriminação ao pegar o ônibus, pois muitos jovens falam de forma preconceituosa que idoso fede. Sobre as ocorrências, ela afirmou responder: “Idoso fede, e daí?”. A percepção do envelhecimento a partir da epiderme é trazida também na entrevista da bailarina Gidali (2006), uma vez que ambas trazem a mesma questão como afirmação de vida, de momento vivenciado e partilhado, que na concepção da segunda, não tem nada de “melhor idade”, porém, tudo faria parte da vida e, por isso, seria muito bonito¹⁷⁶.

Esclarecemos que o adjetivo “bonito”, trazido na fala da bailarina e enfatizado por nós, está relacionado ao momento vivido da velhice traduzido no metabolismo, pensamento, aspirações vivências etc. E não à forma preconceituosa da violência sofrida pela idosa no transporte público. Contudo, não deixa de ser bonita a forma como esta idosa se posicionou diante da situação, pois não podemos deixar de problematizar o preconceito e a discriminação estigmatizada da velhice social, tendo em vista que é colocado pela sociedade que “velho rico não fede, apenas o pobre” e, talvez por isso, a velhice seja mais evidenciada para a segunda classe e suas frações.

Esse encantamento diante da vida, não significa a passividade com relação ao que não se concorda, tampouco demonstra romantismo no que se refere às adversidades vividas, naturalizando-as ou adequando-as às regras impostas pela sociedade de controle. Pelo contrário, significa a atividade criativa diante das situações, sem negar a vida como ação, sem negar a vida carregada de elementos do cotidiano que necessitam ser vivenciados e enfrentados com potência, na perspectiva de política de vida.

Em resumo, as diferentes formas de expressões da velhice/envelhecimento, evidenciadas nas narrativas dos entrevistados e observação participante discutidas neste capítulo – como corpo e finitude; a velada e a negada; da longevidade: o hoje para o amanhã; e política de vida –, são percebidas de forma cada vez mais múltipla e, ao mesmo tempo, singular. Isso nos provoca a pensar que, independentemente dos entrevistados se reconhecerem como velhos, a velhice aparece como uma construção social. Uma construção por vezes dicotomizada diante dos que a defendem em uma perspectiva que

¹⁷⁵ Em 2 de Junho de 2016, no salão paroquial da Igreja do bairro do Morumbi em Paranaíba-PR.

¹⁷⁶ Foi debatido na mesma reunião as formas de violência contra o idoso, Artº5º & 2 do Estatuto do Idoso (2003).

acreditam ser mais otimista versus os que assumem uma perspectiva menos otimista, sem perceber que esses posicionamentos não são antagônicos, pelo contrário, são complementares, pois convergem para a negação inconsciente do processo. Em outras palavras, são complementares por tratarem o tema de “forma especial”, como se existisse a boa velhice e a má velhice, padronizando, classificando e decodificando padrões de comportamento, de valorização ou desvalorização de uma determinada fase da vida, distanciando aspectos de vivências da existência e negando velada ou explicitamente o momento vivenciado.

Percebemos, também, a presença da perspectiva limitada da velhice sobre a ótica “temporal/linear” e “cronológica”. Contudo, verificamos, igualmente, narrativas cheias de inspirações, que incorporavam desejos do amanhã na velhice experimentada hoje – ao contrário dos familiares com tendência a postergá-la para um futuro longínquo, mesmo os que, pela legislação, já seriam inseridos “nessa caixinha” de classificação.

Por fim, procuramos extrair alguns elementos da experimentação da velhice como política de vida, com base nas reflexões das vivências da velhice subjetivadas nas ações cotidianas dos sujeitos entrevistados – reflexões estas que ultrapassaram padrões de comportamento, pois ora percebemos conexões entre as falas dos sujeitos entrevistados ora desconexões e, finalmente, bifurcações do próprio entrevistado com ele mesmo diante da complexidade da vida.

Além disso, percebemos o confronto de valores, afinal, os entrevistados estão no seu tempo, embora tentem ultrapassá-lo, revendo criticamente o passado. As falas, por fim, expressam um tempo que mistura valores presentes, passados e de futuros possíveis.

Capítulo V - A “Política” e suas Subjetividades

*A política é coisa antiga,
Ela tá em todo lugar,
Ela mexe com a vida,
Do sujeito popular!*

*A política de conduta,
Determina normas e modelos,
Para todo o povo seguir,
O povo do mundo inteiro!*

*No entrelaço da política de governo,
De Estado ou Nação,
Que gesta e legisla,
A vida da população!*

*Os direitos conquistados,
Não podem ser apagados,
Mas de que adianta,
Se corre o risco de ser violado?!*

*Cabendo aos velhos e as velhas,
Criarem às suas próprias estratégias,
Resistindo a essa política que engessa,
E que nada liberta!*

*Dando lugar à política da vida,
Do ato da recriação,
Criando suas próprias regras,
Sem precisar de autorização!*

*Para viverem à existência,
Do momento e da inspiração,
Elegendo suas prioridades,
Da sua própria vida, em questão!*

No capítulo anterior, trouxemos as diversas expressões da velhice encontradas nesta pesquisa, múltiplas e singulares ao mesmo tempo, e o que mais nos chamou a atenção foi o entrelaço nas narrativas, que não obedece a padrões de unanimidade.

Cada um expressa o que pensa com base em sua história de vida, no lugar que ocupa na sociedade, em suas singularidades, o que nos leva ao caminho da percepção da argumentação múltipla. Nesse sentido, apesar de em alguns momentos os velhos repetirem ideias e padrões pré-concebidos sobre o que foi explicitado agora, em certo momento alguns deles expressam suas próprias ideias singulares. Ato que talvez manifeste um desejo inconsciente de romper com as “amarras” do que está posto como

estratégia no combate aos mecanismos da biopolítica introjetados na sociedade contemporânea.

Esses atos expressam, portanto, o que pode a velhice. Em outras palavras, evidenciamos até então um entrelaço de múltiplas subjetivações do poder que a velhice expressa: como capital humano fabricado pelo mercado; como sujeito de direitos, perspectiva ligada à dimensão governamental por meio de estatuto jurídico “engessado e padronizado”, que não considera as singularidades dessa fase da vida; e, por fim, como estética da existência, perspectiva ligada à produção da subjetividade no “artista da vida”, com vontade de potência – vontade esta que aumenta positivamente ou negativamente a condução de vida desses sujeitos, independentemente de suas idades cronológicas e pirâmides etárias.

Retomando o objetivo geral da pesquisa¹⁷⁷, neste capítulo será possível extrair das narrativas e observação participante, elementos que possam esclarecer e nos auxiliar na compreensão da percepção dos participantes da IES, no campo da política, com base em reflexões como: de que forma a política é sentida na atualidade por esses sujeitos com relação a eles mesmos, suas famílias e sociedade? Qual a compreensão que eles têm sobre política e de que forma ela se apresenta em suas experimentações? Que mudanças em suas vivências e em suas subjetividades esses sujeitos experimentam a partir da política? De que política eles estão falando? E, finalmente, que novas percepções a partir das vivências experimentadas nas experiências são percebidas no campo da política?

Nas “entrelinhas” da subjetividade, é possível perceber que tipos de compreensão os sujeitos têm da política. Na sequência, é possível identificar quais os impactos que essas experiências com foco em cidadania promovem na vida deles no campo da política na condição de mecanismos de controle e reprodução do status quo, nas legislações e no engessamento de normas e padrões – tratadas neste capítulo como política de conduta e de governo. Além disso, é possível identificar também se em tais políticas há possibilidade desses sujeitos continuarem criando uma singularidade de existência – percebida como traços de um caminhar da velhice/envelhecimento –, e se são capazes de se reconhecer como artistas na condução da sua própria existência: inventando

¹⁷⁷ Avaliar o impacto que essas experiências em IES trazem na vida dos participantes de que maneira elas são evidenciadas na prática, no caminho da criticidade ou apenas reproduzindo o que traz as legislações sobre velhice, integrando o idoso na perspectiva de ser único independente da sua realidade histórico-cultural, na perspectiva de “padronização” e “engessamento” desses sujeitos, onde as necessidades e concepções tornam-se as mesmas para todos e em todo tempo.

regras facultativas, sendo capazes de resistir aos poderes que os aprisionam, na perspectiva da estética da existência como política não gerida, tratada no capítulo anterior e retomada, aqui, como política da vida.

5.1. A Política

Desde a Grécia antiga, no século V e VI a.C., com as contribuições de Sócrates, Platão, Aristóteles e seus discípulos, escutamos falar em política e filosofia ligadas à organização das *pólis*¹⁷⁸. Nesse período, a política se definia como essência do homem e justiça comum.

A primeira noção de justiça era mitológica e se dividia em três esferas: *themis* - a lei divina que ordena o universo; *cosmo* - a ordem universal estabelecida pela *themis*; e *dike* - a justiça entre as coisas e os homens, mas não significa que a justiça era uma realidade isolada, ao contrário, ela representava tudo no mundo grego, ela era a ordem natural que governava o mundo. Posteriormente, outras configurações marcaram a história socrática, incluindo elementos como ética, amizade, beleza, virtude e paradoxos dos pensamentos a partir da crítica nos sofistas; arte das perguntas e consciência do homem.¹⁷⁹

Diante disso, o desafio preliminar é retomar essa temática iniciada na Grécia Antiga, relacionando-a com a política nas experiências em IES contemporâneas. Esse objetivo é desafiador devido ao vasto tempo histórico e ao cuidado de não cometermos erros anacrônicos. Assim, escolhemos explicitar alguns elementos do governo grego que, de acordo com a História, se aproximam e se distanciam da democracia atual.

Sabemos que a Grécia foi o “berço da era democrática”, pioneira no quesito cidadania e no direito à participação política¹⁸⁰, que ocorria nas ágoras – famosas praças públicas –, pautada nos melhores discursos e argumentos, corroborando para o surgimento e consolidação da filosofia. Dessa forma, não se pode relativizar conceitos, tampouco comparar as IES contemporâneas às ágoras daquele tempo. Porém, tomamos como referência alguma contribuição do berço da política greco-romana para explicitar as expressões de política subjetivadas na nossa pesquisa empírica com foco em cidadania.

A ideia das ágoras no processo da democracia na Grécia Antiga remetia à praça pública como espaço privilegiado das discussões políticas para a vida social da época.

¹⁷⁸ Cidades-estados, que se autogeriam e que foram pioneiras na democracia.

¹⁷⁹ Registro de anotação feita no caderno do curso de filosofia ministrado pelo Professor Paulo Pedrozo, para essa pesquisa, compondo à observação participante em 24 de maio de 2018, cujo foco da aula foi: “A filosofia como um jeito de pensar”.

¹⁸⁰ No registro de anotação feita em caderno do curso de filosofia na aula em 15 de Maio de 2018, essa afirmação pode ser questionada, segundo o Professor Paulo Pedrozo, pois afirma que o regime não era democrático, uma vez que levou Sócrates à morte e explicita que por isso Platão não defendia a democracia, mas o totalitarismo.

Esse cenário tem um distanciamento com esta pesquisa, uma vez que as experiências pesquisadas, são desenvolvidas em IES. Ou seja, as discussões e encaminhamentos, diferentemente da praça pública, são tratadas dentro das instituições, que possuem burocracia e interesses de poder, além de serem regidas pelo Estado através das políticas “públicas”.

As praças na condição de espaço de discussões acerca da vida social, permanece de um lado, sendo estratégicas no incentivo da formação crítica e participação cidadã, reconhecidas, segundo José de Sousa Martins, como um precioso laboratório no combate à apatia política da contemporaneidade, além de espaço de direitos humanos desde a Constituinte de 1988, porém, por outro lado também se tornou mecanismo de poder no debate e integração entre a natureza e a formação moderna, atrelada, por exemplo, aos interesses de mercado e de lazer¹⁸¹, tornando-se cada vez mais privadas devido ao fato de remeter, para alguns, a ideia de local de violência e poucas vivências, sendo usada estrategicamente pelo poder público em alguns casos, para afastar o usuário da possibilidade de usufruí-las como cenário político em virtude da pouca iluminação, gerando insegurança para população etc.

Esse é apenas um exemplo para percebermos a possibilidade de aproximar a discussão da nossa pesquisa para o campo da política e da participação, pois, se considerarmos a Grécia Antiga como berço da discussão política e da “pseudodemocracia”, entendendo a política como campo de direitos para a prática de virtudes do bem comum.

Assim, chegaremos à prévia consideração de que essas experiências em IES estão distantes do conceito original dessa política, apesar do foco em cidadania proposto por elas, uma vez que estas não acontecem em praça pública, pelo contrário, acontecem dentro dos mecanismos de controle das universidades, estando, de certa forma, vinculadas aos interesses institucionais. E mesmo se fossem em praça pública, na contemporaneidade, não estariam distantes desses controles, como mencionado.

Retomando a nossa tese principal da pesquisa¹⁸², foi evidenciado nas narrativas de alguns participantes, que essas ações de assessoramento, acabam, de fato, por exaltar a

¹⁸¹ Atrelada ao consumo *a exemplo dos shoppings centers e suas* “praças de alimentação”, “vendidas” ao “consumidor” como o espaço do conforto e da segurança.

¹⁸² Idosos ativos vinculados a experiências promovidas por instituições públicas de ensino superior possuem comportamento político ativo, nas ações / reivindicações de cidadania, em seu (s) cotidiano (s), onde essas experiências de assessoramento e de troca de conhecimento que discutem políticas públicas propiciando

padronização presente do formato das políticas públicas que, por sua vez, impõem certo “engessamento” às necessidades individuais desses sujeitos, desconsiderando as realidades culturais, históricas e sociais deles – sem contribuir, portanto, em suas vivências, com novas formas de proposição de políticas.

[...] elas claramente, sem dúvida alguma, reproduzem o que está posto. A UEL, em Londrina nem se fala. Já na UNIOESTE, acho que tem uma perspectiva mais crítica. A nossa proposta por ser multidepartamental, teoricamente era para ser diferente, mas nem todos os professores tem a mesma perspectiva. O projeto aqui tinha que ser compatível com o perfil dos professores de cada departamento, e aqui contou-se, ou melhor, se conta com a maioria da educação, pedagogia. Alguns se aposentaram e continuam dando aula, ou mesmo se tornaram alunos da UNATI, o que é muito legal!”;[...] – ‘Esses professores da saúde, nos levava para ver as ações do SUS, que era muito bom e que eu saiba foi ficando para trás. Essa é a diferença do Rio, de onde a Regina se inspirou, que ela é de lá, trazendo a experiência (Sr. Bino, 71 anos-UNATI/UEM)

[...] praticamente não mudou nada. Foi bom saber sobre os direitos da gente, mas não mudou nada! (Sr. Wilson, 67 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR).

Embora não seja consenso, talvez pelo fato – já mencionado – de essas experiências não estarem vinculadas às exigências do MEC para a formação para o mercado de trabalho, sendo pautadas na formação da humanidade, procurando criar espaços de diálogo¹⁸³ com relação à noção de civilidade, socialização e coletividade com foco em cidadania e, depois, sobre velhice/envelhecimento, é possível perceber que as opiniões encontradas nas narrativas dessa tese não são unânimes, sendo, portanto, o diferencial necessário para compreender que não existem “padrões de entendimento sobre as experiências e suas vivências”, o que nos leva para o caminho da percepção da argumentação múltipla.

Isso reafirma, portanto, que as concepções iniciais quanto às expressões sobre velhice abordadas no capítulo IV e, agora, neste capítulo V, sobre as subjetividades da política, anunciam um caminhar na possibilidade de os sujeitos participantes dessas experiências recriarem a singularidade de existência, sendo capazes de se reconhecer

aos idosos tornarem-se mais politizados para reivindicarem no cotidiano a garantia de seus direitos coletivos.

¹⁸³ Através da educação não formal e permanente, onde os sujeitos são indagados sobre seus interesses, suas prioridades, suas necessidades, a exemplo dos conteúdos trabalhados na roda de conversa (UNATI/UEM) com o “tema de dobradiça” e “escuta aos idosos sobre temáticas de interesse” no levantamento de demandas de ementas para futura Universidade Aberta (VIVER MELHOR/UNESPAR).

como artistas na condução da sua própria vida, reinventando regras facultativas, resistindo aos poderes que os aprisionam na perspectiva da estética da existência, mesmo estando sujeitados às normas e condutas dessas instituições.

[...] Sim, a Régia mesmo! As vezes ela fala: “Não vou não!”. Daí eu falo:- “Vamo, Régia. Mió do que você ficar em casa sem assistir um rádio, uma televisão. Lá pelo menos as meninas falam as coisas, nós se distraí, deixa nossa cabeça leve, longe de preocupação”!¹⁸⁴ (Dona Josefina, 62 anos, VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] Dou força para muita gente continuar, muita gente! Aí o povo fala:- Mas é longe, daí eu respondo: É longe mais dá pra ir. E eu sempre dou carona, quando vou de carro, também! (Sr Wilson, 67 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR)

[...] Sobre o direito do idoso, que a gente não sabia qual era o direito (Dona Tina, 72 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] Os direitos foi um. Saber que a gente tem direitos. O Estatuto, mesmo, que eu não sabia! (Sr Wilson, 67 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] Escrita, conhecimento, relacionamento, humano. Conhecimento das relações com o outro. Eu converso muito com as pessoas, e as pessoas se sentem muito abandonadas e eu indico a UNATI, eu acho que isso é uma coisa prática, porque estou indicando algo que existe [...] o que me ajudou muito foram as aulas do Professor Raymundo, que são práticas para o dia a dia, mas daí para o relacionamento humano, que é o que eu faço. Conhecimento muito bom, mundial, como que as pessoas estão se comportando hoje? Isso me entrou numa compreensão muito boa. Na minha relação com as pessoas. Conhecer porque o comportamento dos jovens são assim? Porque hoje eles querem morar sozinhos? Como as construções hoje são feitas para as pessoas que querem morar sozinhos? Isso tudo é importante, para o relacionamento social. Sobre política pública me alertou, porque lá na UNATI, a gente sabe que temos direito de usar advogado, dentista, e falo para as pessoas. Nunca precisei para mim, falo para quem precisa, é bom sabermos que (Dona Iulia, 82 anos - UNATI/UEM).

[...] Não interfiro, se ela gosta ela vai. (Sra. Bira, 86 anos- Mãe de Dona Teodora, 63 anos- UNATI/UEM).

[...] Que vai ‘poquinha’ gente, mas ela fala que é boa. Ela perdeu uma, porque ela foi para o sítio, na casa do do meu irmão, dia do aniversário dela. Ela não gosta de perder não! (Zonica, 24 anos- Filha de Dona Teodora de 60 anos - VIVER MELHOR).

¹⁸⁴ A preocupação a que se refere está relacionada a perceber que a participante do grupo possui características de depressiva. Talvez por consequência de ser vítima de violência doméstica (Tal suspeita não foi relatado por essa entrevistada), porém foi denunciada à suspeita, para coordenação do projeto por outra moradora do mesmo bairro, e a coordenação fez os encaminhamentos necessários, acionando a rede de proteção e serviços do município.

[...] Ela ajudou uma amiga minha nossa A recuperar o que tinha perdido. O filho dessa amiga, tinha perdido o apartamento em dívida para o banco, e ela orientou como fazer para recuperar (Sra. Bira, 86 anos- Mãe de Dona Teodora, 63 anos- UNATI./UEM).

Quando questionados sobre a política para pessoa idosa, apesar de a maioria dos idosos entrevistados da UNATI/UEM relatarem que possuem algum conhecimento pelo tema, a maioria relata não ter interesse pelo assunto ou nunca ter ouvido falar de forma mais aprofundada, como é o caso do Sr. Aurélio, 88 anos “[...] eu não tenho mais interesse em participar de discussões sobre políticas públicas para idosos, e na UNATI, nunca ouvi falar nada, especificamente sobre isso”. O mesmo aconteceu com os participantes do VIVER MELHOR/UNESPAR¹⁸⁵.

O fato é que, em ambos os grupos, poucos mencionaram ter ouvido falar sobre o assunto especificamente nas IES, apesar do foco em cidadania e da suposta mediação através, por exemplo, do Conselho Municipal da Pessoa Idosa,¹⁸⁶ mencionada nos documentos institucionais das IES e do Conselho, enquanto esfera de participação pública e ferramenta de reivindicação de direito atendendo as necessidades e singularidades dos sujeitos para com o coletivo.

De um lado essas afirmações são interessantes, pois caracterizam a não reprodução ideológica da padronização e “engessamento” da legislação, mas por outro

¹⁸⁵ [...] Sobre conhecimento de políticas públicas do idoso (a) / participação em conselhos/conferências, os entrevistado(as) na UNATI revelam terem algum conhecimento em 100% dos casos. Porém; quando foram indagados sobre participação em Conselhos e/ou Conferências, apenas 43%, afirmam já terem participado, se opondo a 57% que nunca participaram ou nunca ouviram falar sobre, conforme gráfico 6. E para os idosos(as) do Viver Melhor, segundo Fernandes (2016), conforme gráfico 7, cerca de 60% não possuem qualquer tipo de conhecimento sobre a Política do Idoso. Talvez isso tenha ocorrido, devido pesquisa ter sido realizada antes, da participação destes, na escuta realizada pela equipe do viver melhor que participou do GT para elaboração do Plano Municipal do Conselho da Pessoa Idosa (2017-2021), realizado em 2017. De todo modo, é importante lembrarmos que tanto a UNATI quanto o VIVER MELHOR, são experiências com foco em Cidadania. E talvez, esse foco, para os idosos (a), ultrapassem a visão pragmática do entendimento que discutir cidadania esteja vinculada restritamente às legislações e diretrizes de uma Sociedade de Controle. Ou seja; o entendimento desses idoso(as), sobre cidadania, tenha um significado político mais abrangente, incluindo outros aspectos para além das leis. Esse comportamento sobre a legislação especificamente; suponhamos, com base na nossa observação, que se fundamenta na descrença, apatia, repulsa ou desconhecimento sobre as leis, numa perspectiva crítica do sentido generalista atribuído ao ‘empoderamento do idoso’, destacado em alguns programas de governo” (DORONIN & TÓTORA: 2019, pp.44)

¹⁸⁶ Citado na descrição desse texto, sobre as duas experiências no capítulo III “[...] a UNATI deverá, assim, cumprir um papel importante na consolidação da sociedade civil e na formação de uma cidadania que não seja apenas retórica da lei” [...] p.14 Op Cit, Manual do aluno da UNATI/UEM (2014). e no VIVER MELHOR [...] 1-Assessorar os idosos na materialização de propostas de intervenção para política do idoso [...] Foi realizado trabalho no GT onde foi adaptado/reelaborado instrumental de escuta aos idosos, aplicado e analisado as ações propostas nas conferências Municipais do Idoso realizada em Paranavaí (2008-2015). O material foi analisado, sistematizado e encaminhado para o CMDI, como proposições de ações para compor o plano municipal da pessoa idosa gestão (2017-2021)”.

lado demonstra a ausência de debate, analisada de forma crítica na visão do Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM), “[...] tá um pouco ali naquela linha: vocês já são idosos mesmo entendeu?! [...] querem mais elevar a autoestima [...] ‘tipo, vocês querem mais e mais paz e sossego, entendeu’?! mesmo constando nos documentos institucionais, o foco em cidadania”

Diante da ausência do debate político na experiência da UNATI/UEM, o Sr. Bino, aposta para o desenvolvimento da cidadania pela via da compreensão do bem comum individual agindo sobre o coletivo. A esse respeito, destaca a possibilidade de esses sujeitos avançarem em novas compreensões, caso possuam uma visão crítica, com enfoque para o debate no campo da política pública e participação, isto é, usufruindo desses espaços sociais nas IES para o embate com foco em cidadania, esboçado nos projetos investigados.

No entanto, observa e, ao mesmo tempo, lamentar que essa atuação aconteça longe do “palco” da participação em Conselhos, contradizendo e desmistificando, em parte, o que está descrito no regulamento do aluno da UNATI/UEM¹⁸⁷.

[...] sobre isso eu queria voltar naquela questão do Conselho, eu estou sabendo que agora a UNATI tem assento no Conselho, que é uma coisa que já tinha antes com a Regina, então eu procurei ver também, porque eu queria participar, mas vi que ficou na mão de uma professora que tinha esse distanciamento, essa coisa toda talvez essa foi a minha última frustração, foi essa, pelas razões que eu te falava. No caso a UNATI, até onde eu sei, é representado pelo professor e não pelo aluno (Sr. Bino, 71 anos - UNATI/UEM).

Essa realidade não é só local, mas também regional e nacional, haja vista que os conselhos estão cada vez mais sendo ocupados por representantes de instituições e cada vez menos pelos idosos “comuns”. Isso é perceptível pois, quando existe alguma representação deles – idosos – geralmente estes pertencem às classes abastadas. Não representando, portanto, a maioria.

Outros fatores corroboram para os “entraves” da atuação dos conselhos, segundo Almeida e Tatagiba (2012 *apud* DEBERT; OLIVEIRA, 2016, p.520), como: i) a frágil ancoragem institucional; ii) a frágil ancoragem societária; iii) a burocratização de suas rotinas de trabalho; e iv) a coexistência de narrativas muito distintas sobre os problemas

¹⁸⁷ “[...] a UNATI deverá, assim, cumprir um papel importante na consolidação da sociedade civil e na formação de uma cidadania que não seja apenas retórica da lei” [...] p.14 (Op Cit, recorte do rodapé anterior).

da velhice. Tudo isso afasta, portanto, o “velho comum” das tomadas de decisões, devido à burocratização excessiva e interesses sociais, políticos e econômicos individuais.

Pesquisas¹⁸⁸ apontam alguns problemas que afetam os conselhos de idosos nos 26 estados brasileiros e Distrito Federal, como: 50,0% não possuem estratégias para atrair a participação da pessoa idosa nas assembleias; 15,0% não possuem idosos como conselheiros (apesar de se tratar de Conselhos desse segmento); 44,5% não divulgam as ações realizadas.

Nesse sentido, Andrade (2007 *apud* JUSTO; ROZENDO; CORREA, 2010, p. 49) tece algumas considerações que ajudam a perceber até que ponto esses conselhos são, na prática, espaços que representam os interesses dos velhos que são, simultaneamente, coletivos e singulares? Até que ponto eles contribuem com a ativação da vontade de potência do artista legislador? Será que através desses entraves não acabam “engessando” os processos e comprometendo a atividade criativa dos velhos que acabam por encontrar em outros espaços, a exemplo da UNATI e VIVER MELHOR, a possibilidade de criação de regras facultativas capazes de resistir aos poderes que os aprisionam na perspectiva da estética da existência, mesmo estando sujeitados às normas e condutas dessas instituições?

[...] alguns Conselhos do Idoso criaram seu próprio regimento interno e passaram a criar cotas para garantir a participação dos longevos, como é o caso do Conselho Estadual do Idoso de São Paulo. Todavia, **essas reservas, na prática, muitas vezes acabam sendo ocupadas por idosos representantes das classes dominantes, ou ainda por membros de instituições e órgãos públicos diretamente envolvidos na prestação de serviços.** Muitos desses conselheiros, apesar de idosos, **privilegiam interesses pessoais e/ou institucionais em detrimento de interesses da população idosa em geral. Desse modo, a participação dos mais velhos nos Conselhos, quando raramente ocorre, acaba sendo motivada e determinada por fatores sociopolíticos-econômicos [...]** a criação de espaços **participativos por iniciativa do governo tem originado diversas críticas, por serem espaços criados de cima para baixo**, chamados de invited spaces (espaços a convite). Com isso, existe o risco de **excessiva burocratização da participação nesses espaços assim como o risco de deslegitimação de outros espaços participativos espontaneamente criados por dada comunidade.** Talvez a criação de espaços espontâneos e independentes, sem intervenção política ou estatal seja a garantia mais viável para o exercício da cidadania, assim poderíamos começar a construir novas formas de protagonismo com os próprios idosos ocupando a agenda de

¹⁸⁸ HAGEN, Suleica Iara. Políticas públicas para o envelhecimento: atuação dos conselhos de direitos da pessoa idosa. 2011. Dissertação (Mestrado em Assistência Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

discussões e reivindicações coletivas da categoria, atuando como atores no cenário social”. É certo que devemos celebrar as conquistas assinaladas no Estatuto do Idoso. No entanto, muitas vezes essa legislação acaba por tolher e minimizar a participação dos idosos, intervendo na lógica da democracia. O Estado, por intermédio do Estatuto do Idoso, pretende exercer o controle sobre os longevos mediante tutela e a propagação de concepções da velhice como uma fase da vida bastante fragilizada e dependente[...] percebemos que, na atualidade, essa mesma sociedade que nos incita a sermos protagonistas de nossas próprias histórias acaba muitas vezes por atribuir o papel de personagens secundários. Isso acontece quando delegamos ao outro o poder de tomar as decisões por nós, ou quando nos omitimos diante de importantes questões sociais e também pessoais ou ainda, quando um personagem ou uma classe de sobrepõe a outra (ANDRADE, 2007 *apud* JUSTO; ROZENDO; CORREA, 2010, p. 52)

5.1.1. Política de Conduta

De acordo com Tótor (2008), o envelhecimento vem se constituindo em um problema de natureza-ético política, ou seja, o velho na atualidade tornou-se alvo de inúmeras estratégias de poder. Um deles é a sujeição do controle de seus corpos através da conservação de um corpo que não envelhece. Além disso, há a censura da liberdade, por meio de códigos de conduta estabelecidos pela sociedade, pelo governo e por eles mesmos – sem contar os seus pares que aprovam ou reprovam o que seriam as condutas adequadas e inadequadas para idade deles, pautando-se em critérios estabelecidos principalmente pela moral, desconsiderando o exercício da liberdade e das necessidades e singularidades, o que implica no controle da existência.

Nesse caso, uma perspectiva criativa para a velhice, de acordo com Gilles Deleuze em entrevista¹⁸⁹ é ser deixado de lado, pois isso provocaria alegria, uma vez que o velho não estaria preso às amarras dos padrões e condutas.

O juízo moral para Nietzsche (1998a, *apud* TÓTOTA, 2015, p.163) “é sempre a alternativa dos preguiçosos, dos acomodados aos valores estabelecidos, e dos que também ignoram que a moral teve começo, e um começo baixo, banhado em sangue”. As invenções da velhice precisam partir da experiência do risco, do ato de se reinventar, pois, o contrário disso estará fadado à repetição, que é o sempre igual, o previsível. Assim sendo, o ato da repetição, através da obediência dos códigos de conduta, é o caminho mais

¹⁸⁹DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *L'abécédaire de Gilles Deleuze*. Paris: Éditions Montparnasse, 1994. Nasceu e morreu em Paris (1925-1995), após atirar-se pela janela do seu apartamento após ser afetado pelo câncer de pulmão, no qual respirava apenas com ajuda de aparelhos que não o permitia mais trabalhar, suas obras em vida deixou um legado: "Para ele, o trabalho do homem era pensar e produzir novas formas de vida".

fácil para controlar a sociedade e, dessa forma, dominá-la como um rebanho, tolhendo sua liberdade.

No século XIX, Tótorá (2008, p. 30) citando Foucault, afirma que, os regimes de verdade e as relações de poder se apropriam dos corpos, não para confiscar suas forças, mas para discipliná-las, ordená-las e majorá-las: as relações de poder do tipo disciplinar produzem corpos individualizados, classificados e hierarquizados sob intensa vigilância.

Essa liberdade ameaçada, regida pela política de conduta para a velhice, se expressa no formato de preconceito, preconceito este que alguns dos entrevistados associam à falta de respeito à prioridade ao idoso, apesar das regras de defesa impostas pela legislação.

Quando questionados a respeito da percepção da política para pessoa idosa, se sentiam diferença no tratamento dado ao idoso pela família, Estado ou sociedade, após sua implementação, ou mesmo se consideravam que, na prática, essa implementação tem sido realizada, as respostas provocam reflexões para falta de respeito às normas estabelecidas pela política, pois estas se sobrepõem por vezes, ao objeto dela – o velho. Nesse sentido, cada um demonstrou lidar de forma diferente com isso.

É suficiente para alguns entrevistados o fato de existir uma normatização, independentemente de ser seguida – talvez por refletir o desejo inconsciente de serem respeitados, sem se darem conta que muitas vezes esse respeito não é ao sujeito da política, mas apenas a normativa através da obediência às sanções impostas pela legislação. Isso viola de forma indireta o direito do velho ser respeitado por sua existência, o que no nosso entendimento, corrobora mais ainda para o preconceito.

[...] achei que melhorou a forma de tratar o velho sim, pelo menos eles sabem que existe, eles não cumprem, mas sabem que existe, à comunidade toda! [...] não acho que faz uma diferença, pelo menos por lei. Não sei se existe essa diferença, vou ver agora no meu processo. Eles só respeitam porque tem lei. Não utilizo a política pública para o idoso, pela minha condição econômica, mas a lei tá lá. Acho que se eu precisasse teria acesso. Acho que existe à lei, mas não é cumprida como deveria, pois um manda para lá outro para cá. Há uma indiferença da necessidade real e singular da pessoa! (Dona Iulia, 82anos-UNATI/UEM).

[...] não conheço, não tenho o que falar, mas percebo que se não temos aparência de velho parece que não podemos entrar em fila especial, as pessoas não aceitam (Dona Isis, 71 anos- UNATI/UEM).

Alguns respondem ao preconceito com atividades criativas, como destacado anteriormente no capítulo IV e nos depoimentos de Dona Tina, Dona Isis e Dona Zuide; outros com vitimização, ainda que de outras formas – independentemente de estarmos diante dos velhos ou familiares.

[...] **Ainda tem muito preconceito, né?! Mas acho que tão vencendo.** Porque assim, o próprio governo tá ajudando a melhorar a vida deles né?! A vida do idoso. Tipo esse projeto né?! E outras coisas que fazem. Pouco né?! Mas acho que tá... **mas ainda tem muito preconceito.** Muita gente que não vale nada! [...] melhorou assim, na parte da tecnologia, né?! No tempo dos meus avós, a vida deles era mais assim... como que eu vou dizer? Ah, eles viviam num mundo mais diferente. Agora não, o idoso tá mais junto com a juventude, tá junto com a molecada, eu acho que a tecnologia mudou muito a vida deles, dá para se divertir muito mais (risos). Por exemplo na época dos meus avós quando eram jovens, eles iam lá nos bailes, eles se divertiam, dançavam, bricavam. A partir do momento que ficaram idosos, não tinha isso para eles, e agora tem! Tá misturado mas têm... as viagens, os clubes, as atividades do sesc. **Então, eu acho que a vida tá melhorando, contando com a tecnologia. Só que por lado, tá se perdendo por outro lado, o respeito.** Na época dos meus avós **a gente tinha até medo de falar qualquer coisa perto deles. Hoje em dia não, chega um adolescente aqui falando palavrão. Então tem o lado bom e o lado ruim** (Alice, 48 anos- Filha de Dona Tina de 72 anos, do VIVER MELHOR, grifo nosso).

[...] **Depende da pessoa. Têm muita gente na sociedade que respeita, dá prioridade e têm gente que não respeita.** (Lisandro, 30 anos- Filho de Dona Josefina de 62 anos- VIVER MELHOR, grifo nosso).

[...] **Ah, tem uns lugares que é bem falta de respeito, né?! Aqui ‘mermo’ em Paranavaí a maioria, ninguém respeita véi não.** Daí tipo assim, é véi, deixa aí. Circular mermo, ninguém levanta para dar lugar, não, na fila de banco também não! [...] **Ela fala que piorou, que antigamente era mais respeitado. Respeito era mais cobrado antigamente.** Minha mãe fala que meu vó se tivesse conversando, ninguém passava no meio. Hoje, meu sobrinho passa no meio. Antigamente, o respeito era ‘maió (Zonica, 24 anos- Filha de Dona Teodora de 60 anos - VIVER MELHOR, grifo nosso).

[...] **Com discriminação. A gente é meio afastada, não faz diferença no meio. Em festa de família, fico escantilhada.** (Sra. Bira, 86 anos - Mãe de Dona Teodora, 63 anos – UNATI/UEM, grifo nosso).

[...] **Cinquenta por cento ‘desfaz’ dos velhos, destrata e os outros cinquenta por cento, trata bem. Porque tem gente que não aceita ‘judiar’ do velho.** (Berenice, 64 anos- Esposa do Sr. Aroldo, 79 anos - VIVER MELHOR, grifo nosso).

[...] até agora não vi isso não. **Não se pode rejeitar o outro porque é velho!** No meu tempo a gente não podia mesmo. Igual, eu tenho minha mãe que precisa de cuidado, ser cuidada! Mas eu não posso cuidar. **O juiz mesmo disse: “Que um velho não pode cuidar do outro”.**

Agora, eu vou nos asilos e vejo: “Gente do Céu”, os veinho lá sofrendo. Filho de gente que tem condições de cuidar, mas tem dinheiro, daí deixa lá para ser cuidado e “zuar” na rua e deixa o velho lá. Os jovens hoje não se importam em cuidar, largam mesmo de qualquer jeito! (Sr. Wilson, 67 anos- VIVER MELHOR/UNESPAR, grifo nosso).

Essa prioridade ao velho passa a ser sinônimo de respeito/falta de respeito para alguns deles sujeitados pela política, submetidos às normas de conduta da legislação, que estabelece o que é ou não prioridade, ditando critérios e protocolos a serem seguidos independentemente das singularidades desses sujeitos.

[...] não utilizo à política pública, só a aposentadoria do meu marido que veio para mim, o resto eu tenho que pagar. Que, aliás, não é um favor, é um direito porque meu marido pagava! E mesmo assim, fiquei nove meses sem receber à pensão. E só recebi depois que entrei com advogado contra o INSS, porque eu era a procuradora dele e tinha que ter ido no INSS com a certidão de óbito, avisar que ele morreu e que eu tinha interesse em ficar com a pensão. Um absurdo, porque eu estava fragilizada e diferente de outras coisas, como multas etc., não fui notificada disso! Não chegou nenhuma carta dizendo do prazo que eu tinha para ir lá me apresentar para falar disso, simplesmente não fui comunicada e deixaram de depositar. Daí tu tem que provar que tu precisa, mesmo fragilizada. Passei um tempo em depressão e nem percebi que não tinham depositado por meses. Quando percebi e fui lá, disseram que tinha passado o prazo. Daí eu disse: “Mas que prazo? Não fui notificada de nada!” Tu tem que saber de tudo, mesmo fragilizada. Tive que entrar com advogado, pagar caro, e agora meu processo tá na justiça, para receber o retroativo. Um absurdo! (Dona Iulia, 82 anos - UNATI/UEM).

Nessa perspectiva, o velho é “tolhido” de sua liberdade, diante da política de conduta introjetada subjetivamente na legislação, na qual são “julgados” pela sociedade, Estado, família, seus pares e até por eles mesmos, por suas atitudes e comportamentos, provocando diferentes reações.

[...] é engraçado, eu percebo quando você entra no ônibus, que só as pessoas de 20 anos em diante é que oferecem lugar, pois à ‘gurizada não dá lugar’. Fingem que estão dormindo, ficam no celular e fingem que não estão nos vendo! Uma vez eu fiz de propósito, quando o ônibus balançava eu colocava “a bunda” (risos), daí ele olhava e eu dizia: “Ôpa, desculpa, desculpa!” (risos). Mas eu também sou muito orgulhoso, não aceito o lugar. Falo para eles: “Pode ficar, fica tranquilo, senão vão pensar que sou velho!” (risos) [...] “Todo mundo reclama de tudo, mas considero a TCCC, boa! Tem até placa de reserva de assentos (referindo-se a empresa de ônibus intermunicipal). Tem que educar o usuário, as pessoas que não obedecem às leis tornando insuficiente,

então o problema não é a lei, mas o usuário, as pessoas que não obedecem! (Sr. Aurélio, 88 anos - UNATI/UEM).

[...] Não sei, não posso contribuir mas infelizmente muitos não se impõem, por exemplo não usam a fila preferencial”. Mas também não concordo com os idosos que usam o passe livre na hora de pico para irem a praça jogar (referindo-se ao entretenimento) [...] sendo que eles tem horário livre para irem quando quiserem, falta bom senso (Dona Maria Amélia, 64 anos- UNATI/UEM).

É preciso perceber que a política de conduta conecta-se com a moral e valores e tem o poder paralisar o “rebanho”, mas também de movê-lo – depende apenas das forças em luta, da potência e do rompimento com o mecanicismo. Além da compreensão de que não existe o bem e o mal como se fossem duas forças separadas, ao contrário, a força ativa é capaz de dominar o reativa e, nas relações, à medida que a força é fraca ela se afirma precisando da outra, ou seja, a todo tempo pode-se mudar de posição.

Nesse sentido, o homem moderno sujeitado a política de conduta tem o papel desafiador de questionar o sentido das coisas, ultrapassando a origem delas, como: qual é o valor do valor? Quem o dita? Quais são os afetos? O que importa? Quais são as forças? Qual é a vontade de potência? E, principalmente, quais são as forças que estão em jogo? Ação ou reprodução, “re-ação” ou “res-sentimento”? Todos esses questionamentos chamam para o “picadeiro da vida” o “artista legislador”, aquele sem Estado, que se autogoverna, reconhece seus pares e conhece as forças dessas relações.

Mas como isso é possível diante do “emaranhado” de legislações e códigos de condutas aos quais os velhos são sujeitados, a ponto de confundirem a ética¹⁹⁰ com as normas impostas nos estatutos jurídicos e legislativos?

A ética é multável, variável e permite um agir que constitui a arte de viver, que perdeu sua força com o Cristianismo, doutrina por meio da qual o sujeito passou a ser conduzido por educador, padre, psicólogo, como visto em Foucault sobre “pastorado”.

A preocupação de Dona Isis, 71 anos- UNATI/UEM), percebida na nossa observação participante, em diálogo com outra amiga através de rede social no grupo de filosofia e, depois, quando questionada por nós, serve de reflexão na perspectiva de perceber que, de um lado, apesar de ela demonstrar certo conformismo em querer manter a harmonia do grupo realizada até o momento, alimentando possíveis “amarras” interiores por querer evitar conflitos; por outro lado, demonstra certo receio em amarrar-se às regras

¹⁹⁰ Conjunto de valores, práticas e regras.

externas e sente o mesmo em relação aos seus pares no que se refere ao Estatuto Social do CATI - Centro Acadêmico da Terceira Idade da UNATI que está sendo discutido para aprovação e implantação.

[15:59, 28/11/2019] Isis (Aluna Unati): Oi quando você comenta que a coisa está feia, você está se referindo a política interna da Unati?;[16:00, 28/11/2019] Isis (Aluna Unati):[16:16, 28/11/2019] a outra (UNATI): Não, me referindo sobre a charge do macaco, estava brincando;[16:20, 28/11/2019] Isis (Aluna Unati): Ah, sim. Obrigada. **Fico apreensiva pois a criação deste estatuto pode criar algum conflito [...].** Tenho um pouco de receio que isto possa atrapalhar o bem estar dos alunos. Mas acho que vai caminhar tudo bem [...] – pesquisadora: Esse estatuto q vcs estão aprovando agora é uma revisão/ alteração de algum anterior, ou vcs n tinham estatuto?; [...] – Isis, responde: **Não tinha.** Nem sei se as outras Unatis têm. É uma curiosidade minha. **Eles criaram este, baseado em outros da própria Uem. Seria mais simples beber na mesma fonte, na minha opinião; [...] muita gente na Unati sabe da importância da sua existência mais pensando nos outros de que em si própria. Isto anima a gente a tratar com muita seriedade o tempo que lá estamos; [...] mas fico preocupada com alguma cláusula que na minha opinião pode distorcer o objetivo maior.** (grifo nosso)

Diante de modos de vida nos quais a moral é orientada para ética e não para códigos, a arte de viver sob a perspectiva dos velhos, ao perceberem que normativas são imposições desnecessárias do ponto de vista da ética, a exemplo da UNATI, que já existe há dez anos e sempre funcionou sem qualquer Estatuto.

Mesmo que o Estatuto Social do CATI (Centro Acadêmico da Terceira Idade) fosse regulamento que a princípio serviria para garantir direitos e reconhecer o DA (Diretório Acadêmico) e o DEC (Diretório Central de Estudantes) da UEM, promovendo o engrandecimento da UNATI ; congregando alunos e membros da UNATI; incrementando o intercâmbio com alunos e ex-alunos dos cursos; intensificando o intercâmbio entre a universidade e sociedade; elevando o nível de participação dos membros da UNATI e garantindo a “boa convivência” dos pares, alguns velhos perceberam que isso não precisava estar escrito para ser seguido, pelo contrário, a regulamentação da imposição institucional e jurídica poderia provocar o “homem ressentido” e o “soldado institucionalizado” do Estado, que são perspectivas destrutivas da relação¹⁹¹.

¹⁹¹ Analogia ao pensamento de Nietzsche trabalhado na ementa da disciplina - Nietzsche: Vida, Tempo e Política, ministrada pela Profa. Silvana Tótor, quando abordou a Genealogia da Moral, em 5 de maio de 2017.

5.1.2. Política de Governo

A arte da existência não se pauta na escolha do método para buscar a verdade, como entendem alguns filósofos. Ela é, na verdade, pensada como reprodução da verdade com base em Platão, Aristóteles, Sócrates e tantos outros pensadores, através de imposições de verdades.

Foucault resgata Pierri¹⁹², dizendo que a filosofia do conhecimento não é para se informar sobre a teoria dos clássicos, mas para se inserir e conhecer modos de se viver. É necessário, portanto, o entendimento de que aquele conhecimento era para reverter a nossa existência, cuidando de nós mesmos.

Esse cuidado de si é fundamental para cuidar do outro, pois o conhecer a si mesmo é o cuidar-se com ética, podendo utilizar as formas de problematização da Antiguidade na condição de ética como estética da existência.

Assim, podemos ultrapassar a velhice abordada como problematização populacional, pensando no envelhecimento como produção da subjetividade, que é diferente da singularidade como gestão da população como ocorre na contemporaneidade, em que cada um pode ser percebido particularmente como membro dessa população.

Outra questão notada é que essa subjetividade carrega a concepção de velhice categorizada em classe social, ou seja, de um lado a “velhice associada à questão social”, limitada e perversa, “além de velho o sujeito ainda é pobre dando despesa para o Estado”¹⁹³, e do outro lado a “velhice saudável”, representada pelo idoso cliente de agências de viagens e laboratórios de cosméticos, que são “bem aceitos” por serem alvos de consumo na busca da “longevidade mercadológica”. Porém, todos são pertencentes à

¹⁹² Recorte de registro das anotações feitas no curso para Pós-graduação da Gerontologia, ministrado pelo Prof^o Silva Tótora. Registro referente a aula realizada em 27 de outubro de 2017, no qual a professora citou Michel Foucault e Pierre Hadot para abordar sobre o conhecimento.

¹⁹³ Afirmação, utilizada como forma de “jargão”, pela elite de direita, quando se referem ao BPC da Lei LOAS, polemizado e ameaçado de ser extinto, abordado por Luciana de Barros Jaccoud; Ana Cleusa Serra Mesquita; Andrea Barreto de Paiva, no artigo intitulado- O BPC: dos avanços na seguridade aos riscos da reforma da previdência, no qual, [...] analisa as propostas de alteração no Benefício de Prestação Continuada (BPC) discutidas no âmbito da reforma previdenciária, tanto na original do governo de 2016 quanto no substitutivo apresentado pelo relator do projeto no Congresso em 2017, afirma que as mudanças aventadas incidem sobre dois aspectos: aumento na idade mínima de acesso e desvinculação do valor do benefício do salário mínimo. São discutidas no texto, as justificativas para a reforma do BPC, referentes tanto aos desestímulos à contribuição previdenciária como às mudanças demográficas, assim como são estimados possíveis impactos das alterações propostas. O estudo conclui que as medidas, se aprovadas, tendem a reduzir a cobertura e a ampliar a vulnerabilidade de renda de idosos e de pessoas com deficiência no país”. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017021103499. Acessado em 01 de dezembro de 2019.

mesma faixa etária e sujeitos dos mesmos direitos sociais previstos pela legislação que desconsidera as singularidades e subjetividades das realidades de cada um.

[...] Art. 1º A política nacional do idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Art. 2º Considera-se idoso, para os efeitos desta lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade (Lei nº 8.842 de 04 de Janeiro de 1994)

Esse processo que é considerado “democrático”¹⁹⁴ no Brasil, a partir das políticas públicas ditas como “universais”, nos faz refletir que há diferentes concepções de democracia “em jogo” quando se trata de lutas sociais, como afirma Saes (2017), com defesa de diferentes concepções que podem se repartir entre diferentes classes sociais, ou mesmo em uma mesma classe. Ou seja, tudo depende dos interesses e forças em luta.

Além disso, as determinações estruturais da sociedade não se restringem exclusivamente ao nível das relações econômicas, mas abrangem o nível das relações ideológicas e políticas, incluindo o pertencimento de classe dos diversos agrupamentos sociais (POULANTZAS, 1975).

Isso significa, portanto, que a categoria velhice está associada a diversas relações: econômicas, políticas e ideológicas, definidas e vivenciadas por sujeitos de uma mesma classe e/ou de classes diferentes e, também, das políticas públicas, independentemente de como são elaboradas, implantadas e implementadas. Essas são constatações que fazem parte de diversos interesses de classes, inclusive dentro de uma mesma classe ou categoria, aqui destacada como velhice, diante da perspectiva das políticas públicas.

[...] Sim. Por exemplo, víamos atitudes agressivas com os idosos em transporte público e agora os motoristas respeitam mais [...] mas é diferente no sistema público e privado, pois nos laboratórios privados hoje os idosos tem prioridade e nas consultas especializadas pelo SUS, não têm! Acho que precisa melhorar, talvez fazendo um local para atendimento exclusivo para os idosos, porque cresceu muito o número de idoso e doente em Maringá. (Dona Teodora, 63 anos- UNATI/UEM)

¹⁹⁴ Recorte de registro feito no debate após apresentações de trabalhos na seção I- Envelhecimento, desenvolvimento e Políticas Públicas, coordenado pela Profa Simone Dourado, no IV Seminário Participação Política e Democracia: Os Caminhos da democracia pós-eleição de 2018, realizado em 22 de à 23 de Maio de 2019, promovido pelo NUPPOL (Núcleo de Pesquisa em Participação Política) –UEM [...] Na pseudodemocracia, na nova PEC da previdência o tempo de contribuição e idade passa a ser obrigatório, retirando o direito da escolha do tipo de aposentadoria (se é por idade ou por tempo de contribuição) e não haverá mais diferença de gênero, ou seja; não se contempla as singularidades. Algumas pesquisas evidenciaram que o trabalhador idoso de baixa escolaridade após aposentar-se continua trabalhando, sem direito do tempo ócio que foi conquistada ao longo dos anos de contribuição”.

[...] no passado era melhor, porque tínhamos mais atendimento. De vinte anos pra trás, até o ano de 1985 era melhor do que hoje, a saúde, pois a população era menor, o povo era roceiro e não corria muito no médico. E hoje qualquer coisa se corre no médico. Eu tenho plano de saúde particular! (Sr. Aroldo, 79 anos – VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] Sim, diferença tem sim! (Dona Sara Miko, 80 anos- UNATI/UEM).

[...] Percebo, basicamente um ônibus e bancos, onde de explicitou mais o atendimento preferencial na ‘cidade canção’ (referindo-se a Maringá-PR) e na ‘cidade poesia’ (referindo-se a Paranavaí-PR), nos caixas dos mercados. Mas percebo que isso acontece mais no setor privado, pois nos serviços públicos, nas unidades de saúde da Federação, pelo SUS (Sistema único de Saúde) ou no SAS (Serviço de atendimento de Saúde aos servidores públicos do governo do Paraná, por incrível que pareça, isso não se aplica (Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM).

Trabalhamos, nesta tese, o contexto geral sobre velhice no capítulo I e as construções subjetivas dos sujeitos pesquisados acerca da velhice no capítulo VI, aliadas às diferentes percepções e contribuições que essas experiências em IES promovem ou não na vida deles, e acreditamos que essas percepções podem estar correlacionadas de maneiras diferentes, também ao campo da política, conforme exposto neste capítulo.

Essa compreensão tem como fundamento a reflexão de que esses grupos podem ser considerados como aparelhos ideológicos do Estado, uma vez que estão vinculados a equipamentos educacionais públicos da hegemonia discutida por CAVALCANTE, Apud GRAMSCI (2016) que propõe uma nova relação entre infraestrutura e superestrutura e tenta se distanciar da determinação da primeira sobre a segunda, mostrando a centralidade das superestruturas na análise das sociedades avançadas, ultrapassando, portanto, um conjunto de ideias, através de práticas, rituais e comportamentos instituídos dentro dos próprios grupos como forma de viver.

Nesse sentido, algumas questões novas são postas e outras retomadas: de que maneira esses sujeitos pensam a velhice e reconhecem a velhice e a política nesses espaços? Eles pensam e sentem a velhice aliada à política, a partir da mesma concepção, por se sentirem parte de um grupo? Ou percebem a velhice e a política de maneira diferente, associada às suas necessidades, pautadas nas suas construções históricas de vida, que são singulares e partem da realidade social particular vivida por eles? Em outras palavras, percebem, por exemplo, no campo da política, se existe um tratamento específico para a necessidade de cada um considerando a igualdade para todos os sujeitos da mesma política, mas também as diferenças singulares das necessidades individuais?

Dentro de uma mesma classe social há presença de estratificações e, também, de correlações de forças ou outros sistemas de conceitos nos quais a palavra classe “funciona dentro de corpos com diferentes significados”. Dessa forma, de que maneira esses sujeitos coletivos pesquisados, mesmo que pertencentes a um mesmo grupo – como é o caso dessa experiência em questão –, enxergam a velhice? Possuem diferentes interpretações¹⁹⁵ dentro de uma mesma classe social e, por conseguinte, na interpretação sobre política tratada neste capítulo com foco na cidadania e/ou democracia.

Nessas experiências com idosos, discute¹⁹⁶-se e vivencia-se diferentes formas e abordagens relacionando a velhice e/ou envelhecimento com temas contemporâneos ligados à educação, saúde, filosofia, política, tecnologia e outros.

Porém, a direção e a condução dos participantes do grupo (idosos e representantes institucionais) podem ser diferentes, pois muitas vezes estes reproduzem os interesses dos membros – dirigentes e/ou não dirigentes – e, por conseguinte, a forma de pensar e sentir a velhice podem estar associadas a esses interesses que são ideológicos, políticos e estruturais. Como exemplo disso, é possível destacar na observação participante uma situação que trata da política vivida no Brasil. Em um dos cafés filosóficos de que participamos, o tema “Maquiavel e a lógica da corrupção política”¹⁹⁷ foi relacionado indiretamente à gestão da população. Nele, o palestrante fez uma abordagem destacando quanto a corrupção é midiaticizada no Brasil e como o judiciário¹⁹⁸ passa a tratar publicamente de um assunto restrito a moral do indivíduo – nesse sentido, concordamos. Porém, mais adiante o palestrante fez analogia ao corpo saudável do indivíduo referindo-se à corrupção como doença, tratada por Maquiavel, sendo externa ao indivíduo – o que discordamos.

¹⁹⁵ Como evidencia o no capítulo IV.

¹⁹⁶ Como destacado nos capítulos, IV e V.

¹⁹⁷ 25ª edição do Café Filosófico “Maquiavel e a Lógica da Corrupção Política”, ministrada pelo Prof. Dr. José Antônio Martins, em 26 de junho de 2018, promovido pela UNATI/ UEM no SESC, Avenida Duque de Caxias, 1517, Zona 7, Maringá, Pr.

¹⁹⁸ Referindo-se à “Operação Lava Jato”, midiaticizada pelo Ministério Público como [...] maior iniciativa de combate à corrupção e lavagem de dinheiro da história do Brasil. Iniciada em março de 2014, com a investigação perante a Justiça Federal em Curitiba de quatro organizações criminosas lideradas por doleiros, a Lava Jato já apontou irregularidades na Petrobras, maior estatal do país, bem como em contratos vultosos, como o da construção da usina nuclear Angra 3. Possui hoje desdobramentos no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Distrito Federal, além de inquéritos criminais junto ao Supremo Tribunal Federal e Superior Tribunal de Justiça para apurar fatos atribuídos a pessoas com prerrogativa de função. Ainda há equipes da operação atuando nos Tribunais Regionais Federais das 2ª (RJ/ES) e 4ª (RS/SC/PR) Regiões. Estima-se que o volume de recursos desviados dos cofres públicos esteja na casa de bilhões de reais. Soma-se a isso a expressão econômica e política dos suspeitos de participar dos esquemas de corrupção investigados. Disponível em: <http://www.lavajato.mpf.mp.br/>. Acesso em 01 de dezembro de 2019.

Outrossim, parece-nos que tal afirmação precisa ser adaptada, ou melhor, explicitada, uma vez que o palestrante se encontrava diante de uma plateia de cerca de oitenta velhos, sendo alguns acometidos por alguma morbidade. Em outras palavras, essa fala caminhava no sentido subjetivo para a “busca pela velhice saudável”, pois o contrário disso é o temido, o reprovável e, nesse caso, “o corrupto”, corroborando indiretamente para gestão da população através da política de “produção dos corpos saudáveis”, intrínseca nas relações de poder e de controle do Estado.

Dessa forma, reiteramos o que foi dito anteriormente, isto é, que podemos pensar esses grupos como parte de aparelhos ideológicos tratados por Gramsci, uma vez que são formados pela sociedade civil (classes sociais e Estado), que discutem por meio de conjuntos de práticas, rituais e comportamentos em aparelhos físicos – nas reuniões –, formas de viver.

Portanto, esses grupos passam a ter um papel político importante¹⁹⁹, no sentido que podem ser pensados como espaços de esfera de produção da hegemonia através dos sujeitos, com a função de intelectuais orgânicos e, além disso, podem representar a concepção “instrumental” do Estado (MILBAND, 1972), uma vez que estão vinculados a organizações hierarquizadas – instituições educacionais públicas (UNESPAR/PR e UEM/PR). Em outras palavras, há a hegemonia sobre os dominados colocada por Gramsci, explicitada por um conjunto da sociedade subjetivado às relações de poder, a exemplo da imposição institucional para implantação do Estatuto dos alunos da UNATI/UEM, mesmo que alguns participantes não se mostrem de acordo, além de outras questões burocráticas, como as exigências no controle de frequência nos cursos da UNATI/UEM e nos encontros do VIVER MELHOR/UNESPAR, sob pena de não receberem certificações caso possuam faltas no limite permitido de trinta por cento, entre outras.

O direito do idoso é percebido de diferentes formas, nas entrevistas, a exemplo do PNI/Estatuto do Idoso, relacionado com outras políticas como saúde, educação, habitação

¹⁹⁹ Referimo-nos há espaços de esfera de produção da hegemonia, intelectuais orgânicos, recorte de texto de DORONIN; ARAUJO (2019). Repensando a Percepção da Velhice aliada à discussão de Classe e Hegemonia, In: "Ciências Sociais Aplicadas: Entendendo as Necessidades da Sociedade". Ponta Grossa-PR, Atena editora, 2019, p.p 166-171. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/07/E-BOOK-Ciencias-Sociais-Aplicadas-Entendendo-as-Necessidades-da-Sociedade-2.pdf>. Acesso em 13 de dezembro de 2019.

etc. Alguns avaliam a legislação de forma positiva no que se refere ao período anterior à sua implementação.

[...] mudou bastante, porque antigamente não tinha nada de ‘negócio de idoso’, vivia do ‘jeito que dava certo’, não se tinha direito nenhum, não; [...] em vários lugares a gente têm prioridade, né?! (Dona Tina, 72 anos, VIVER MELHOR/UNESPAR)

[...] Hoje a saúde tá ‘mió, antigamente era péssimo, não tinha um postinho para fazer uma consulta’, apesar que hoje as consultas com endócrino tem que melhorar mais. Eu fiz cateterismo em junho e já estamos em setembro e ainda não consegui consulta, acho que tem que miorá mais, né?! (Dona Josefina, 62 anos, VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] alguma coisa melhorou, por exemplo na saúde, não precisamos mais de carteirinha do IAPS... (Dona Isis, 71 anos- UNATI/UEM)

[...] Sim. Em relação ao respeito, à violência é mais controlada contra o idoso (Sr. Aroldo, 79 anos – VIVER MELHOR/UNESPAR).

Outros avaliam que a situação piorou ou que não teve impacto sob a vida deles, o que é sintetizado nos argumentos de Faleiros (2016) sobre o formato de políticas sociais presente na CF/1988, que se aproxima da articulação de uma provisão estatal ou social, e de uma provisão de mercado, em que a saúde é um direito universal, embora haja planos de saúde regulados pela Agência Nacional de Saúde e pela medicina privada. A previdência social tem um regime público contributivo, com um teto de benefícios, e existem fundos privados. Ademais, a assistência social garante uma renda mínima para os que não conseguiram um histórico de contribuição, além de oferecer serviços e parcerias com entidades filantrópicas e a atribuição da família em um papel significativo no cuidado dos idosos dependentes.

[...] não tem políticas públicas, ou tem poucas. Só tem o asilo, que vai cuidar”. Porque o remédio, chega uma hora que não adianta mais nada, porque não vai servir mesmo, se a pessoa tiver lá nas ultimas! (Sr. Wilson, 67 anos- VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] tinha mais antigamente do que agora! (Dona Régia, 60 anos- VIVER MELHOR/UNESPAR)

[...] Sim, um pouquinho aumentando, mas eu diria que elas são incipientes e portanto insuficientes! (Sr. Bino, 71 anos- UNATI/UEM).
[...] Atribuo uma porcentagem de 30%, apenas na aplicação do Estatuto, pois considero que a Política Brasileira é muito burocrática, emperra os

processos, sem falar em outras coisas... (Dona Isis, 71 anos - UNATI/UEM).

[...] Então, eu não entendo muito disso, mas igual eu falo pra você, se a gente quiser passar por um cardiologista, a gente tem que pagar particular. Porque se for pelo SUS, a gente tem que ir para Curitiba, porque tá péssimo os cardiologistas que a gente tem aqui. Então eu acho que não é legal não, acho que não tá bacana, falta muita melhoria ainda²⁰⁰. [...] Uns respeitam, outros não. Não esqueço que quando Tina caiu (se referindo a idosa de 72 anos que participa do projeto Viver Melhor, que passou por um episódio de queda da própria altura), as meninas atenderam ela por derradeiro, por último! Eu nunca esqueço, tadinha! Não é tanto o doutor, mas as meninas que fica ali na ficha, ali na frente! (Dona Josefina, 62 anos, VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] Acho que respeita menos, agora. (Dona Régia, 60 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR).

Outros entrevistados não conhecem à PNI (1996), tampouco o Estatuto Do Idoso (2003) ou passaram a conhecer por conta de cursos fora dessas experiências nas IES, apesar de alguns terem relato que já ouviram falar sobre o assunto em algum dos curso dos promovidos na UNATI/UEM e VIVER MELHOR/UNESPAR – mas não todos.

[...] nunca participei de conferências, a UNATI, me fez entrar nisso, que temos certo conhecimento” (Dona Iulia, 82anos- UNATI/UEM).

[...] Tenho conhecimento em políticas públicas pela minha formação em Serviço Social, mas o ano passado fiz um curso na UNATI de seis meses, com professora Ana Lúcia, que trabalhou o Estatuto (Dona Teodora, 63 anos- UNATI/UEM).

[...] Sim. Quando eu faço visita da pastoral, eu visito uma senhora que mora sozinha e filha mora na Bahia e ela só vai visitar a filha e filha não vem para cá. Ela diz que a filha fala que a saúde lá é ruim. E ela chora, se sente sozinha, a gente vê que ela precisa de ajuda, mas a gente não pode fazer nada. A gente sabe que filha tinha que cuidar. Na igreja falam e aqui a professora Regina falava muito também (Dona Sara Miko, 80 anos- UNATI/UEM).

²⁰⁰ Essa demanda também foi mencionada pela idosa, quando participou da reunião do Projeto Viver Melhor em 07 de Junho de 2017, intitulada “Escuta aos idosos (a), para sistematização das propostas de ações a serem incluídas na elaboração do Plano Municipal do Idoso de Paranavaí - 2017-2021- para ser cobrado do Plano Estadual, já que trata-se de consulta especializada que é demanda estadual conforme legislação.

Outro fato que chama atenção nos depoimentos são as narrativas nas quais os velhos não se reconhecem na política, mesmo se reconhecendo como velhos. Consideramos que essa falta de reconhecimento encontrada na pesquisa compromete moderadamente o nível de empoderamento no processo de construção social relacionado às forças individuais e ações proativas na perspectiva de possível mudança social – do individual para o coletivo –, conforme explicita Zimmerma (2000) quando destaca a importância de desenvolver a noção de “pertencimento”, de “sentir-se parte do grupo”, pois é justamente essa noção que legitima e fortalece a identidade de grupo.

Não conheço. Poucas coisas uso de público, não posso dizer porque nunca procurei. Tenho plano de saúde e esteira para exercício do neto em casa. Meus filhos infelizmente nunca estudaram em escola pública e se eu conhecesse poderia contribuir mais com a resposta (Dona Maria Amélia, 64 anos- UNATI/UEM).

[...] Olha, nessa parte eu não saberia responder porque eu nunca precisei dessas coisas. Mas existem divergências, diferenciações porque o próprio velho é que puxa isso. Tem idoso que quer ser “coitadinho”, que quer que as pessoas tenham pena dele! (Sr. Aurélio, 88 anos- UNATI/UEM).

Essa falta de reconhecimento diante da política talvez esteja vinculada a dois fatores. O primeiro é por alguns não se reconhecerem como usuários das políticas públicas e, portanto “abolirem” de seus repertórios qualquer assunto que esteja relacionado política, limitando-se ao exercício de votar – para os que ainda exercem essa ação. O segundo, por sua vez, é por desconhecimento da pauta, devido ao fato desta ser tratada insuficientemente nos cursos ²⁰¹ da UNATI/UEM, corroborando para a sujeição e controle do Estado sob a condução de suas vidas. Isso porque, não se reconhecem, mas estão intrinsecamente ligados a elas. No entanto, por outro lado essa falta de reconhecimento pode conferir aos participantes o ato da liberdade, uma vez que não sofrerão imposições ideológicas. Porém, esse segundo caminho, no nosso entendimento precisa fruto de uma escolha, a partir do conhecimento adquirido, não se justificando pelo “culto à ignorância”.

Tal lacuna foi percebida nas narrativas desta pesquisa, após o encerramento das entrevistas, quando na sequência foi iniciado um novo curso com o objetivo de preencher

²⁰¹ Eventualmente um ou outro curso até o momento das entrevistas, trabalharam essa questão (já mencionado anteriormente, a partir das narrativas de alguns participantes).

essa lacuna, intitulado “Direito Instrumental para a terceira Idade e Filosofia”²⁰². A esse respeito, o professor ministrante, considerou uma novidade no enfoque, abordando diversos temas²⁰³ relacionados ao direito dos idosos e as políticas públicas, porém, infelizmente, segundo relato de Dona Teodora, 63 anos - UNATI/UEM, o curso contou com menos de dez participantes frequentando com regularidade – apesar de observarmos que essa era uma demanda do curso²⁰⁴ ministrado pelo próprio professor quando realizamos a observação participante – devido ao fato de alguns alunos, naquele momento, não perceberem as relações que poderiam ser feitas entre a filosofia abordada no curso e o cotidiano deles.

Segundo relato do professor²⁰⁵ o objetivo foi, com ajuda da filosofia, partir da busca de compreensão do que está posto na legislação em direção a novas propostas. Sobre isso, ressalta que o Estatuto do Idoso traz prioridades em função da vulnerabilidade progressiva associada à terceira idade e percebe que filosofia contribui tanto para a melhor compreensão do que está posto quanto para a necessidade de mudanças quando estas são percebidas.

Sobre o tratamento dado pelos órgãos públicos, destaca o que ele trabalha: afirma que eles procuram atender às necessidades de cada pessoa, respeitando as diferenças e tendo em vista o direito de igualdade. Percebe que cada vez tem aumentado mais à procura por serviços, porém, a proporcionalidade ainda é pouca.

Quando indagados se eles consideravam haver diferenças no tratamento dado aos velhos pelos serviços que executam as políticas públicas, os entrevistados divergiram nas respostas, muito embora todos tenham tido o mesmo entendimento em sua essência, principalmente no argumento de que a política é igual para todos, mas não considera as diferenças, apesar de elas existirem – que são justamente as singularidades.

²⁰² Curso ministrado em 2019 na UNATI/UEM pelo Professor Paulo Pedrozo.

²⁰³ Alguns temas: “Contrato de mandato e a pessoa na terceira idade”; “O direito de habitação e a pessoa na terceira idade”; “O direito a greve e a Pessoa na Terceira Idade”; “Platão e a teoria das Ideias e o direito da pessoa na terceira idade à educação, à cultura; ao esporte e ao lazer; Os feriados como elementos de identidade cultural do Estado constitucional e o direito a participação cultural e política das pessoas na terceira idade”; “A filosofia da dignidade da pessoa humana, o Estado de Bem-Estar e Políticas Públicas de Assistência Social à pessoa na Terceira Idade”; “A filosofia da complexidade de Edgard Morin, a prevenção das demências e reflexos”; “A filosofia da Complexidade de Edgard Morin e a administração de questões jurídicas por e para pessoas na Terceira Idade”; Edgar Morin, o Pensamento Complexo e as Medidas de Proteção para as Pessoas na Terceira Idade”; “O direito das Sucessões”; “O direito a morte digna na Terceira Idade”; “A gratuidade no Transporte Público para Terceira Idade”, entre outros.

²⁰⁴ Curso de Estudos em filosofia “Repensar a Terceira Idade” realizado em 2018.

²⁰⁵ Relato informal realizado pelo professor Paulo Pedrozo para a pesquisa, no qual autorizou ser utilizado como dados empíricos em 26 de agosto de 2019.

[...] Pra mim idoso é tudo a mesma coisa. É tratado igual! **Não acho que todo idoso é igual, mas a política é a mesma para todos** (risos)! (Dona Tina, 72 anos, VIVER MELHOR/UNESPAR)

[...] Eu não sei se existe isso, será que existe?! **Acho que considera a igualdade para todos!** (Sr. Wilson, 67 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR)

[...] Não tem muita separação, lida no geral, atendem no geral... (Dona Isis, 71 anos- UNATI/UEM).

[...] Não tem tratamento igual. **Tá faltando o conhecimento das prioridades que consta no Estatuto, por exemplo, sobre o atendimento aos idosos acima de 90 anos.** Falta conhecimento sobre a legislação. Os serviços e o sistema são deficientes para atender às especialidades. (Dona Teodora, 63 anos - UNATI/UEM)

[...] **É tratado tudo do mesmo jeito. Sem responsabilidade do governo. Se você tem uma gripe e um câncer, somos tratados do mesmo jeito! O Estatuto fala em prioridade, mas...** (risos) (Sr. Aroldo, 79 anos - VIVER MELHOR/UNESPAR).

[...] Resumindo eu vejo, **igualdade, sim mas diferenças, não!** É esse acúmulo de demanda dos segmentos inclusive dos mais jovens, que não permitem, aliás não permite vírgula, porque é perfeitamente possível com os mesmos recursos e estrutura, mas é uma questão de cultura, orientação, gestão! (Sr. Bino, 71 anos - UNATI/UEM).

[...] Sim, **tem a necessidade de cada um, dependendo do caso, né?!** (Dona Sara Miko, 80 anos - UNATI/UEM)

Na percepção dos entrevistados, a política é “engessada” e “padronizada”, apesar do direito à personificação constar no artigo 8º do Estatuto do Idoso (2003) “O envelhecimento é um direito personalíssimo e sua proteção um direito social, nos termos desta Lei e da legislação vigente”. Isso é questionado também por Oliveira (2019), quando menciona²⁰⁶:

[...] a questão central é compreender o direito e intimidade da pessoa e seus reflexos no envelhecimento, como ele é percebido na legislação, na sociedade e também pela pessoa idosa? ; [...] a velhice é diversa e plural, mas como ela é vista? Sem direitos de opinião; de decisão; com perda de identidade, quando o velho é identificado, por exemplo, enquanto ‘aquele velhinho da fila’, perdendo sua identidade!; [...] quando é usado apenas o direito a prioridade na fila, mas em contra partida; é retirado o direito de chamá-lo pelo nome, tornando-se um

²⁰⁶ Registro de anotação feita, ao assistirmos a apresentação de Adriana Oliveira, intitulado “Políticas Públicas Para A pessoa idosa e as ações de garantia do direito a intimidade” no IV Seminário Participação Política e Democracia: Os Caminhos da democracia pós-eleição de 2018, realizado em 22 de à 23 de Maio de 2019, promovido pelo NUPPOL.

processo ‘natural’, à falta de reconhecimento pelo seu nome, se estendendo às necessidades e singularidades”.

Diante das discussões/reflexões apontadas, percebemos que a concepção de política na velhice pode ser sentida, percebida, reconhecida e tratada de diferentes formas e sentidos como categoria de classe, independentemente do grupo onde o sujeito está vinculado, pois a ideia de classe social não se limita à teoria da estratificação social e das condições exclusivamente objetivas, elas são também subjetivas e, portanto, além de econômicas, são ideológicas e políticas.

Dessa forma, experiências grupais que dialoguem sobre temáticas contemporâneas com foco na cidadania e/ou democracia, que se vinculam hierarquicamente a burocracia do Estado, motivadas pela busca do bem comum, na prática, podem ser pensadas como aparelhos ideológicos de experiências que vivenciam e reproduzem em seus espaços a esfera da produção hegeZonica do Estado.

Em síntese, para discutir aspectos de cidadania e/ou democracia com proposições, inclusive, de implantação e implementação de política pública para determinado segmento da sociedade – no caso o idoso –, é necessário perceber que diferentes concepções perpassam a definição desse sujeito, pertencente a uma classe com interesses objetivos e subjetivos que o definem como sujeito propositor e articulador.

Além disso, esses participantes tidos como intelectuais orgânicos, quando se vinculam à burocracia de Estado podem ser “usados” como “funcionários da hegemonia”, como foi o caso da participação dos integrantes do VIVER MELHOR/UNESPAR na “escuta aos idosos”. Pois, de um lado contribuíram para as propostas de ações a serem implementadas na elaboração do Plano Municipal da Pessoa Idosa (2017-2021); mas, do outro, foram “usados” em certa medida para legitimar o controle da máquina pública sobre eles, através da gestão da população promovida pela política pública municipal em suas vidas e prioridades. Estas últimas não dependem das necessidades singulares dos sujeitos, mas do que é de interesse político e será contemplado no orçamento²⁰⁷.

É preciso ficar atento a essas questões para defesa desses espaços como luta hegeZonica, assim como na educação política, igreja para transformação. Ou seja, a defesa desses espaços de experiência grupal como uma força contra hegeZonica burguesa do Estado, vinculada a essas experiências, pela burocracia.

²⁰⁷ Isso pode ser verificado nas planilhas de algumas ações que não foram contempladas no plano Municipal da Pessoa Idosa de Paranavaí e estão em anexo no documento, para ser revisto pelas próximas gestões.

Alguns participantes dessa pesquisa demonstram estar atentos a isso, pois percebem nas suas experiências a possibilidade de criação de regras facultativas capazes de resistir aos poderes que os aprisionam na perspectiva da estética da existência, mas não deixam de considerar que estão sujeitados às normas e condutas dessas instituições.

5.1.3. Política da Vida

Nesse panorama de “emaranhado” das relações de força, como desenvolver à estética da existência enquanto política não gerida, que segue na contramão da política de conduta intrínseca presentes na política de Estado e de governo? Como é possível criar uma singularidade capaz de “sobreviver” as formas e padrões engessados da política gerida?

Se fala de uma força de fora vergada sobre si, numa relação de dentro para fora, como dobrar a linha de força como invenção de possibilidades para a vida. Hoje as pessoas são administradas (sujeitadas) que é diferente de fazer os modos de existência, inventar regras de existência e fazer regras facultativas capazes de resistir aos poderes e se furtar aos saberes constituídos.

Nessa perspectiva, trata-se de um repensar no qual se faz a avaliação das regras de acordo com o que elas possam diminuir ou aumentar, provocando reflexões contínuas, como: quais as forças que nos aprisionam e como elas fazem isso? Vergando, portanto, esse mundo e criando um modo de ser que não é aprisionado. Outrossim, a individuação (singularidade) está ligada a um campo magnético que é diferente de identidade. Essa segunda está mais próxima do fascismo, pois se vincula à ideia de limitação, de algo estático.

A esse respeito, é possível trazer a reflexão²⁰⁸ à percepção de Foucault, trazida por Deleuze, para ilustrar a tentativa de rompimento com essas “amararras das relações de poder”, que provoca “sufoco” na metáfora: “Quando Foucault sentia-se seguro, jogava-se no mar”. É perceptível que não se tem um pensamento de linearidade e projeção de futuro, pelo contrário, há a tentativa de, através da individuação, como modo de subjetivação, possibilitar a recriação, vergando as forças do mundo e criando um “si”, ou

²⁰⁸ Reflexões a partir do recorte de anotações da aula de Prof^a Silvana Tótora realizada em 20 de outubro de 2017, para a Pós-graduação do curso de gerontologia, sobre os períodos de Foucault, trazidos por Deleuze, correspondendo ao terceiro a partir de 1984 até sua morte, no qual destaca os modos de subjetivação, após os períodos de 1960-1969 que corresponderam a arqueologia (saber ver e falar) seguido de 1969 – 1974/76 que correspondeu a genealogia (relações de força).

seja, usando uma relação da força do mundo (o que está posto), para criar força de si (potência da existência).

Não queremos dizer com isso que o caminho para os velhos “romperem com as amarras do poder” é se jogar no mar no sentido literal. Contudo, vale a metáfora no sentido de “reinventar-se diante do que está posto”, sem negá-lo ou velá-lo.

Assim, essa é a possibilidade encontrada para sobreviverem ao enfrentamento, produzindo suas próprias regras facultativas como “política de vida”, capazes de resistir aos poderes constituídos, em uma perspectiva não fluída do futuro, de criação e recriação do momento da existência²⁰⁹.

Nesse sentido, cabe a reflexão diante da motivação desta pesquisa, no sentido de perceber que a velhice não precisa ser estudada porque a população idosa tem crescido, mas sim para nós entendermos as possibilidades singulares dos sujeitos, conforme suas necessidades, sem seguir padrões e modismos de alienação ideológica.

Na retomada do objetivo de investigação deste estudo sobre o impacto que a UNATI e VIVER MELHOR traz na vida dos sujeitos, bem como de que maneira são evidenciadas na prática as contribuições²¹⁰, questionamentos diferenciados emergem sobre a política, considerando o foco da “cidadania” em ambas as experiências investigadas. Por exemplo, há uma percepção de reprodução do que está posto na legislação, engessada e padronizada, ou considera-se isso, mas é possível enxergar novas possibilidades?

[...] a Unati preenche algumas necessidades minhas: me traz novos amigos, me permite conhecer outras realidades sociais, me obrigada a sair da inércia intelectual e a procurar novos conhecimentos. Me tira do dia a dia e me obriga a entrar na roda estimulante que é a vida; [...] não existe regras únicas, nada é exatamente igual, embora seja legitimada por “leis” cabe a cada um de nós usarmos a parte que nos cabe dentro de nossas convicções ou necessidade (sic)²¹¹

²⁰⁹ Referente à “estética da existência”, como política de vida. Não gerida e enquanto forma de resistência que parte das singularidades (TÓTORA, 2015).

²¹⁰ No caminho da criticidade ou apenas reproduzindo o que traz as legislações sobre velhice, integrando o idoso na perspectiva de ser único independente da sua realidade histórico-cultural, na perspectiva de “padronização” e “engessamento”, no qual as necessidades e concepções tornam-se as mesmas para todos e em todo tempo.

²¹¹ Não divulgamos o pseudônimo da entrevistada, pois não temos o termo de consentimento especificamente desta, assinado. Apesar de ela ter autorizado por outros meios, o uso da narrativa para a pesquisa.

Na tentativa de extrair elementos da experimentação da velhice como política de vida, a partir dessas reflexões das vivências da velhice subjetivadas nas ações cotidianas dos sujeitos entrevistados, é possível notar diferentes perspectivas que se aproximam da existência, ultrapassando padrões de modelos de comportamento diante da complexidade da vida.

[...] a velhice, também tem muito disso, às vezes o excesso de cuidado com o velho, prejudica! Faz ele começar a se entregar, porque daí vem o sedentarismo ou as ‘doenças imaginárias’. Tenho um amigo, onze anos mais novo que eu, que é assim. Falo para ele que ele não tem nada, e ele fica bravo (risos). Eu falo para ele: “você enche tanto o saco do médico que daí ele tem que dizer que você tem alguma coisa (risos)” [...] Eu trabalhei muitos anos como representante de remédio e alguns médicos me diziam: “tem gente que não tem nada, mas se você não manda fazer uma ‘chapa’, vão dizer que você não atendeu bem e vai no outro! Porque ele tá com dor. É a ‘doença imaginária!’” (risos). Eu tinha um produto de vitaminas e sais minerais em três frascos de cores diferentes. Então, ele começou a receitar esse remédio, com recomendações de cada cor antes de cada refeição, e pedia para pessoa não trocar. Dava uma importância e ele disse que curou um monte de gente com ‘doença imaginária’, assim, com vitamina! (risos). (Sr. Aurélio, 88 anos- UNATI/UEM).

Outra perspectiva dessa necessidade de os velhos se sentirem doentes, mesmo que sejam “doenças imaginárias”, talvez esteja vinculada à “potência do reinventar-se”, uma vez que a doença pode ser a oportunidade de valorização da vida, como foi observado por Arantes²¹² ao lidar com cuidados paliativos de pacientes terminais. Segundo a geriatra, “as pessoas falam que a doença foi a melhor coisa que já aconteceu na sua vida”, pois aprenderam a viver a felicidade elegendo as prioridades”.

Traçando um paralelo com a gestão da população, percebe-se que o fato de haver ou não políticas públicas não significa que estas contemplem serviços que atendam às prioridades do velho, ou seja, os serviços precisam ser disponibilizados de forma eficiente, porém, o uso deles depende da necessidade e prioridade de cada um.

[...] tem bastante oportunidade de lazer em Maringá, existe hoje mais políticas públicas hoje para idoso mais não é colocado em prática. Teve mudanças, mas ainda precisa melhorar! Vou na UBS e tratam com muito respeito minha mãe de oitenta e seis anos, mais sinto que as vezes não tratam os outros da mesma forma, porque depende muito da pessoa

²¹² Palestra ministrada pela médica geriatra, Dra. Ana Cláudia Quitana Arantes no lançamento do livro de sua autoria, intitulado: A morte é um dia que vale a pena viver em 28 de setembro de 2019, no 2º Fórum da Longevidade, realizada palestra na FEITEP – Faculdade de Engenharia de Maringá-PR.

também. ‘Quando falo em educação não é letra, é de comportamento. Pois se você respeita você também é respeitado!’ Minha mãe precisou de cardiologista que estava de férias, faltou o atendimento necessário no primeiro momento, mas depois melhorou porque falamos com educação e depois disso disseram que ela poderia ir para o UPA caso tivesse febre. Talvez falte mais prevenção também, mais a UNATI, faz esse serviço, pois nos rejuvenece, evitando de ficar doente. Revigora, extravasa! (Dona Teodora, 63 anos- UNATI/UEM).

[...] o Estado precisa fazer coisas para o idoso (a) se movimentar. Evitar o sedentarismo! A média de vida de antigamente era de 60 anos. Eu trabalhei até 72 anos, e parei por conta da cirurgia. Aos 60 anos a pessoa não é velha. Montei uma loja com 70 anos e meu filho que mora nos Estados Unidos me perguntou: “Pai, porque você vai montar essa loja?” Eu disse: “Para ter o que fazer, eu tenho que me levantar para abrir a loja, tenho uma duplicata para pagar no dia, eu tenho que me ocupar com alguma coisa, porque ninguém iria me dar emprego. Se ela não me der prejuízo tá bom!” Não quero ter grandes lucros, claro que vou trabalhar para ter lucro, mas se ela não der prejuízo tá bom! Mas depois tive dificuldades e tive que vender por conta da cirurgia e parei. Depois eu soube que até falaram que a loja fechou porque eu morri (risos). Eu deveria ter ficado com a loja até hoje! Porque ter preocupação é bom e é bom divergir, também! Às vezes meu filho me censura, diz: “Pai, mas você critica muito” (risos) - porque às vezes vou à reunião e critico. Daí eu digo: “Mas isso é importante! É bom divergir! Eu critico, mas eu posso tá errado, e se eu estou errado, eu quero que o outro me prove que eu estou errado, e as vezes acontece!” Essa coisa que estão falando aí de aumentar esse negócio da idade da previdência, acho que tem que ser feita mesmo, porque tem que aumentar a idade para aposentadoria, porque essa população não morre mais, assim como eu! (risos) (Sr. Aurélio, 88 anos- UNATI/UEM).

Na observação participante, foi concedida a oportunidade de presenciar um dos encontros do café filosófico, com palestra²¹³ para os participantes da UNATI e, ao final da fala, o médico geriatra Marcos Cabrera, que evidenciava “o poder do protagonismo e empoderamento como forma de pensar a velhice”, com destaque para aspectos físicos, mentais, sociais, afetivos e espirituais, em uma tentativa de aproximar-se da temática da política pública, disse:

[...] antigamente idosos com setenta anos não estavam mais bem para votar, estavam no leito dos hospitais, e hoje isso mudou, no qual a busca pelo envelhecimento é maior que esses direitos por passagens, prioridades aqui e ali. **O idoso hoje quer muito mais do que esses direitos, ele busca pelo direito à sexualidade por exemplo. Ele(a), busca por tudo que lhe dá prazer.**

²¹³ 21ª edição do Café Filosófico com palestra ministrada pelo médico geriatra Prof. Dr. Marcos Cabrera (UEL), intitulada “Envelhecimento saudável: protagonismos e empoderamento”, em 27 de Março de 2017, promovida pela UNATI/ UEM no SESC EM Maringá-PR e contou com 117 ouvintes, que registraram seus nomes no livro de presença (ibid).

E complementa:

[...] amar aos setenta é muito mais forte do que amar aos trinta, pois ultrapassa o coito, o ato sexual. Aos trinta anos você consegue em média duas ejaculações seguidas em pouco intervalo de tempo; depois aos quarenta e cinco anos, isso espaça para uma ejaculação em média a cada doze horas e depois aos setenta no máximo uma ejaculação a cada dez dias, na melhor das hipóteses (risos). Voltando ao assunto de política, o que precisa é mobilização e mostrar que não temos nem idosos candidatos.

Reiterando a afirmação do profissional geriatra, as narrativas sugerem aproximações feitas por Dona Iulia 82 anos, UNATI/UEM, sobre as duas observações que ele trouxe no debate.

Primeiro, sobre a questão dos prazeres exemplificada por ele através da sexualidade, na qual ela destaca em sua entrevista que “[...] a alma é erótica, não o corpo! A alma não envelheceu, mesmo com idade do corpo. O teu erotismo não vem do corpo, mas da alma. Se tu não provoca o erotismo da tua alma, não adianta apetrechos mil!” Ou seja, corrobora com a ideia da busca pelo prazer na velhice como erotismo da alma, que vai além do corpo envelhecido.

A segunda questão sobre a ausência de candidatos velhos a cargos públicos, em que ela destaca a sabedoria como conhecimento sutil da vida, sendo o elemento necessário para ocupação de cargos de poder, exemplificando os magistrados:

[...] a sabedoria, minha filha, já não tem, quando tu não tem idade. Por isso que eu digo: - ‘Para mim o Juiz não pode ser uma pessoa jovem, ele pode ter muito conhecimento, pode conhecer as leis a fundo mas esse conhecimento sutil da vida, ele não tem’. É só a idade que te proporciona. Pra tu ficar maduro, tu tem que ter um tempo. Você coloca um fruto ali, tu não vai comer ele verde, tu tem que esperar esse tempo de maturar. Não fui eu que disse, não foi Platão que disse... isso é da vida! Tu não é tua casca, tu é tua essência! Esse corpo aqui é um modelo idiota de fotografia, isso pra mim não me traz vantagem nenhuma. A minha aparência externa; [...] eu sou apaixonada pela vida! Eu estou vivendo, se Deus me deu idade eu vou jogar no lixo?!

Nesse sentido, as considerações nos conduzem para pensarmos que os velhos estão sujeitados às políticas públicas engessadas, porém, as singularidades da existência provocam a potência de perceberem que, mesmo estando sujeitados aos mecanismos de controle da biopolítica, implícitos de forma mais forte ou menos forte nas IES investigadas, a política da vida é usada como estratégia de enfrentamento, através da recriação do momento.

Isso significa, portanto, que apesar dos direitos conquistados pela política serem importantes, não são eles que devem “ditar” as regras e condutas desses sujeitos, mas os próprios sujeitos que, sujeitados a essas regras existentes, a utilizam como contraforça que provoca a criação de suas próprias regras facultativas diante da existência.

Em outro café filosófico²¹⁴ para os participantes da UNATI, o palestrante afirmou que “os avós representam o afeto, no qual o rigor do acerto recai, então, sobre os filhos”. Essa não é uma realidade comum²¹⁵, utilizando como exemplo, para ilustrar a política de vida, com a leveza e sabedoria da velhice como arte, longe do “rigor e das amarras”, da conduta e do governo, que provoca o distanciamento dos prazeres do experimento da vida, ilustrado, por exemplo, em uma relação de afeto entre avós e netos que, como diz minha mãe, é uma percepção de “filho com açúcar”.

Assim, observamos relações por vezes “rigorosas” de pais para filhos e relações “afetuosas e leves” de avós com netos, que outrora já foram rigorosos também, mas que no momento buscam no cuidado de si e do outro, mecanismos de resistência contra a política de conduta (moral) e de governo (controle), no caminhar para a política da vida, através da liberdade da existência.

Dessa forma, esta segunda parte da pesquisa foi finalizada, trazendo apreensões com base nas narrativas dos sujeitos pesquisados e observação participante, sobre temas relacionados à: universidade, velhice e política. Este capítulo trouxe em um primeiro momento as múltiplas expressões da velhice, assim como as expressões sobre as experiências nas IES e, por fim, as percepções de política como conduta, governo e vida, compreendidas nas experimentações da existência.

²¹⁴ 29ª edição do Café Filosófico com palestra ministrada pelo médico psiquiatra Dr. Helio Borges intitulada "O papel dos avós na modernidade", realizado 25 de maio de 2019, no anfiteatro da UEM (ibid).

²¹⁵ Pois a dependência está cada vez maior entre das famílias para com os velhos e não o contrário (já tratado nessa tese). No qual os avós assumem as responsabilidades de pais diante de seus netos. Porém, mesmo assim, essa responsabilidade é assumida de forma afetuosa e leve, pautada na sabedoria e harmonia, destacada por Dona Iulia, 82 anos (UNATI/UEM), que não significa passividade diante do que discorda, mas a sabedoria para conduzir com leveza situações que provocam desconforto.

Parte III: Capítulo VI - A Rima da Velhice/Envelhecimento

6.1. A poesia de cordel como inspiração

Na introdução e epígrafes de abertura de cada capítulo desta tese, foram utilizados poemas como forma de criar e recriar novos conceitos, novas alternativas e possibilidades de velhice/envelhecimento, por meio da poesia.

A inspiração da poesia popular expressa uma dinâmica diferenciada, capaz de motivar a desconstrução parcial da formalidade das estruturas acadêmicas, mantendo a essência das introspecções e singularidades.

Fui impactada neste processo de doutorado por uma força que me desafiava a romper com tudo que aprendi até então e que já não fazia mais sentido para mim. Em outras palavras, comecei a refletir que, se os textos puramente cartesianos já não tinham mais significado para mim, provavelmente também não teriam tanto sentido para os leitores, pesquisadores ou simplesmente “curiosos” que queiram refletir sobre esta tese. Nesse sentido, encontrei-me em uma “encruzilhada” e entrei em um “embate de força” e “contraforça”, que me fez descobrir o talento expressado até aqui através das epígrafes e, agora, nesta terceira parte do texto, o talento de conseguir pensar e expressar o conhecimento apreendido nesta pesquisa, recriando-o através da arte das rimas, da poesia e do cordel encantado. Estou fazendo ciência, porém, com pulsão pela criação e recriação.

Nesse sentido, a poesia, para mim, passa a ser incorporada como “nova ferramenta” de fazer ciência, motivada por Dyson (2009), na obra *O cientista rebelde*: [...] “cientistas devem ser artistas e rebeldes [...] os cientistas são homens comuns, nem demônios, nem santos [...] a ciência é uma forma de arte, não um método filosófico”. Assim, pode-se dizer que os grandes avanços científicos, em geral, resultam de novas ferramentas, o que justifica minha interlocução entre o erudito e o popular.

Há de se esclarecer, também, que a poesia, segundo Auden (2014), no texto *Escrever*, não é mágica, “[...] na medida em que se pode dizer que a poesia, ou qualquer outra arte, possui um propósito velado, para dizer a verdade, desencantar e desintoxicar [...] a arte da literatura, oral ou escrita, é ajustar a língua de forma que ela dê corpo ao que indico”. Dessa forma, a poesia pode ser percebida como uma provocação à ciência como verdade objetiva, nos fazendo refletir, através de suas rimas, sobre as percepções encontradas no universo empírico desta pesquisa.

Ainda segundo Auden (2014), escrever um poema é escrever duas musas, pois a escrita poética é diferente da escrita literária, na qual o verso é superior a prosa e o poema é algo que instaura uma nova versão de mundo.

Na França, a reforma do ensino médio no século passado queria voltar a ensinar poesia, pois foi percebido que independentemente do curso, a poesia é inspiração para a apreensão do conhecimento criado, que se distingue do conhecimento reproduzido e/ou copiado, dando lugar para novas inspirações e motivações inconscientes de aprendizado.

Dessa forma, através da poesia do cordel, inspirada “veia nordestina”, tive o desafio fascinante de trabalhar elementos da velhice /envelhecimento em uma nova versão.

A etimologia da palavra cordel é ambígua, porém, alguns achados²¹⁶ mencionam que essa literatura:

[...] teve início no século XVI, quando o Renascimento passou a popularizar a impressão dos relatos que pela tradição eram feitos oralmente pelos trovadores” e que essa tradição vem da Europa. No século XVIII esse tipo de literatura já era comum e os portugueses a chamavam de literatura de cego, pois, em 1789, Dom João V criou uma lei em que era permitido à Irmandade dos homens cegos de Lisboa negociar esse tipo de publicação. No início, a literatura de cordel também tinha peças de teatro, como as que Gil Vicente escrevia. Essa literatura foi introduzida no Brasil pelos portugueses desde o início da colonização.

De acordo com LIMA (2004), a literatura de cordel – assim designada, pelo fato de serem os folhetos presos por pequeno cordel em exposição nas casas onde eram vendidos- penetrou no Brasil através dos colonos portugueses, por volta dos séculos XVI e XVII,. No entanto, não se trata de uma criação exclusiva do povo português, encontrando-se em outras partes da Europa.

No Brasil, tem sua origem em meio as camadas mais populares da sociedade, sendo uma criação demarcada por imagens e linguagens. Possibilita compartilhar idéias e sensações de mundo que se estabelecem nos versos dos poetas, dos editores e leitores. Indivíduos quase sempre oriundos das camadas mais populares , que constroem em suas poesias uma trama, onde símbolos de suas experiências e identidades estão amalgamados aos símbolos de suas experiências e trocas com as demais camadas da sociedade. Desta

²¹⁶ Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/literatura-de-cordel/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

forma o cordel se constituía em um solitário veículo de difusão das notícias , porém dizem que anteriormente à poesia escrita , já existia , no Nordeste do Brasil, uma forma de poesia que se realizava nos sertões das fazendas, e que tinha na maioria das vezes como criadores os vaqueiros e trabalhadores que , espontaneamente, teciam seus improvisos ou repetiam poemas decorados e só no final do século XIX, apareceram os primeiros folhetos em cordel.

Desde o ano de 2010²¹⁷, foi encaminhado pela Academia Brasileira de Cordel (ABCL) ao Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), o pedido para a literatura em cordel ser reconhecida como patrimônio cultural imaterial.

O cordel, contribui com discussões em varias campos e áreas de conhecimento, como: história, sociologia, antropologia, psicologia, serviço social, economia, política, entre outras. O gênero literário não é exclusivo de nenhuma delas, mas contribui com todas ao mesmo tempo.

Para ser reconhecida como patrimônio, a literatura de cordel necessitou adequar-se às características das referências culturais, a fim de ser reconhecida e registrada. Para análise e identificação do bem cultural, este precisa atender as três primeiras dimensões (expressiva/estética/histórica), que dizem respeito ao que seriam as principais características das referências culturais. Além disso, precisa atender igualmente às três seguintes (dimensão comunitária, memorial-indenitária e pragmática), que abordam diretamente os efeitos de tais referências. Destacamos a dimensão estética, por identificarmos como a escrita desta tese.

[...] a palavra gera convívio e é gerada pelo convívio. É ela que assegura a interação social e, nesse processo, qualifica coisas e práticas, estimulando distinções e seleções segundo a presença de atributos capazes de aguçar a percepção. Distinguindo, por exemplo, efeitos instrumentais de efeitos expressivos, isto é, diferenciando **(pela experiência, sem precisar racionalizar) o que nos faz entrar em ação e o que nos faz entrar em consciência** - ou então, mais comumente, integrando-os unitariamente na mesma coisa ou prática. **Os efeitos expressivos é que induzem, no cordel, a que a comunicação seja realizada com mais intensidade, por derivar de um contexto de emoção e afeto [...]**É isso que a métrica e a rima do verso procuram fazer, criando um clima sensível para que a “oração” se complete esteticamente, isto é, mobilize todas as percepções disponíveis para provocar entendimento e emoção[...]. Não é por acaso que os principais vocábulos usados para definir aspectos do cordel tenham uma carga importantíssima de sensorialidade, corporalidade.[...] É literalmente apropriado,

²¹⁷ Processo N. 01450.008598/2010-20

assim, dizer que a palavra do cordel é palavra corporal, sensorial - em suma, estética - pois ela tem como nos mover, tocar, empurrar, mudar de posição (MENESES, 2019, p. 335).

A literatura de cordel é provocativa e sedutora e pode ser usada em diversos espaços que lidam com o real e o imaginário das pessoas, através das reinvenções e do enfretamento de questões múltiplas e singulares.

De acordo com LIMA (Op.Cit.114), numa sociedade favorecida por generalização, dotada de poderosos meios centralizadores, o historiador²¹⁸ avança na direção das fronteiras das grandes regiões exploradas. ‘ Faz um desvio’, em direção à bruxaria, à loucura, à festa, à literatura popular, ao mundo esquecido camponês, à Occitânia etc., à todas até então zonas silenciosas”.

Por vezes ela pode ser interpretada como sendo a possibilidade de uma “rota de fuga” para situações de conflito, porém, tem quem diga ser o contrário, ou seja, uma alternativa estratégica de atividade criativa para tomada de decisão, exposição de argumentos, manifestação daquilo que se acredita e defende.

A história oral , à documentação iconográfica aos memoriais, e aos folhetins surge como forma de reconstruir o modo de vida, das idéias, os desejos e sonhos de uma parcela da sociedade, anteriormente, excluída da história como protagonista. Desta forma, essas fontes , passam a ser representações coletivas do povo, para além das representações das elites

Atualmente, a poesia é utilizada em diversos espaços formais, a exemplo da famosa petição intitulada Habeas Pinho²¹⁹ que ocorreu em 1955 em Campina Grande-PB²²⁰. Além de outras mais recentes em diversos tribunais judiciários²²¹. A esse respeito, é possível destacar inúmeras petições²²² e decisões de magistrados²²³; rituais de colação

²¹⁸ E não só o historiador, mas o universo multidisciplinar, à exemplo dessa tese em ciências Sociais.

²¹⁹ Disponível em: <https://youtu.be/Wbe-YEUhx0g> . Acesso em 12 de dezembro de 2019.

²²⁰ Consta que a motivação para o documento foi o fato de que, em 1955, um grupo de boêmios de Campina Grande fazia serenata numa madrugada do mês de junho, quando chegou a polícia e apreendeu... o violão!... Decepcionado, o grupo recorreu aos serviços do advogado Ronaldo Cunha Lima, na época recentemente saído da Faculdade, e que também apreciava uma boa seresta. Ele peticionou em Juízo, para que fosse liberado o violão. Aquele pedido ficou conhecido como “Habeas Pinho” e enfeita as paredes de escritórios de muitos advogados e bares de praia, no Nordeste Brasileiro, disponível em: <https://obemviver.blog.br/2014/10/31/habeas-pinho-uma-peticao-poetica-para-liberar-um-violao-genial/> Acesso em 12 de dezembro de 2019.

²²¹ Disponível em : <https://marcosmairton.jusbrasil.com.br/artigos/206897098/uma-peticao-em-versos-para-um-poeta-juiz>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

²²² Disponível em: <http://www.tjto.jus.br/images/NOTICIAS/PDF/2015/contestacaoexcecaoverso.pdf>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

²²³ Disponível em: <http://www.tjto.jus.br/images/NOTICIAS/PDF/2015/decisaoexcecaoverso.pdf>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

de grau, através de discursos calorosos de formandos, a exemplo da poerídica (poesia jurídica)²²⁴ e outras²²⁵; em interpretações legislativas²²⁶; e, inclusive, em trabalhos²²⁷ da academia, não necessariamente associados aos cursos de literatura.

Percebemos que a grande característica que a poesia traz está na inspiração que a move e, principalmente, no desejo inconsciente que atende à pulsação da criação.

²²⁴ Pelo escritor, poeta e advogado. Idealizador do projeto "Poesia Jurídica" (poesia jurídica) (fb.com/poesiajuridica). Vencedor do Prêmio Nacional UFF de Literatura 2009 e do IV Prêmio Moledo Sartori de Monografia Jurídica 2012. Servidor Público e pós-graduado em Gestão Pública na Escola de Contas e Gestão do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://youtu.be/e5z38TL6ltU>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

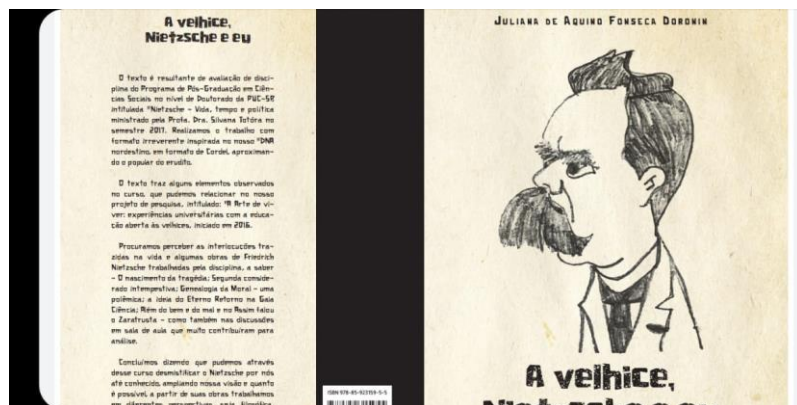
²²⁵ Disponível em: <https://universidadedasquebradas.pacc.ufjf.br/o-cordel-da-formatura/>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

²²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mmi7YTydxmM>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

²²⁷ Disponível em: <http://www.cfp.ufcg.edu.br/geo/monografias/GIZELIA%20FERREIRA%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

6.1.1. A Velhice, Nietzsche e Eu²²⁸

Figura 16 - Capa livro de cordel



Fonte: Arquivo Pessoal Digital.

Muito bem meus amigos prestem atenção no que vou lhes contar,
 Uma história sem remendo, mas com arte popular,
 Cheia de inspiração de quem nunca fez um verso, mas resolveu arriscar...

De um lado o filósofo Nietzsche e suas sábias reflexões,
 E do outro Eu, com minhas humildes interpretações...
 Resolvi pensar com ele sobre a vida, Refletir e arriscar
 E assim me tornar puro experimento de mente, alma e espírito
 Para um dia me transportar...

Vou tentar resumir o que aprendi com ele,
 Das aulas com um pouco de filosofia, política e sociologia
 Pra vida desbravada de coragem e sabedoria,
 Arelada à uma vontade de potência como ele mesmo dizia...

²²⁸ DORONIN (2017; 2018), Obra *A Velhice, Nietzsche e Eu* (Figura 21), publicada na versão impressa e digital, resultante de avaliação de disciplina do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais no nível de doutorado da PUC- SP, intitulada “Nietzsche- Vida, tempo e política” ministrado pela Prof^ª Dra. Silvana Totóra (orientadora dessa tese), no semestre 2017-1. Ousamos em fazer o trabalho com formato irreverente inspirada no nosso “DNA nordestino”, em formato de Cordel, aproximando o popular do erudito. As rimas foram revisadas e aprovadas pelo Sr. Gonçalo Ferreira da Silva (presidente da ABLC). Ele traz alguns elementos observados no curso, que pudemos relacionar no nosso projeto de pesquisa. Procuramos perceber as interlocuções trazidas na vida e algumas obras de Friedrich Nietzsche trabalhadas pela disciplina, a saber-Segunda consideração intempestiva; Genealogia da Moral- uma polêmica; a ideia do Eterno Retorno na Gaia Ciência; Além do bem e do mal e no Assim falou o Zaratustra, como também nas discussões em sala de aula que muito contribuíram para análise. Concluimos dizendo que pudemos através desse curso desmistificar o Nietzsche por nós até conhecido, ampliando nossa visão e quanto é possível, a partir de suas obras trabalhamos em diferentes perspectivas, seja filosófica, nas ciências sociais, ou até mesmo na política. Sobre a obra, disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV075_MD4_SA10_ID590_04072017130031.pdf. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

Do século XIX para o XXI...
 Um suspiro, um pulo... um logo ali...
 Eu avisto sem medida, uma vida de artista, como nunca vi!

Ele deixou seu pensamento,
 Seu estilo ativo de ser,
 Que muito me identifico
 E tanto quero aprender,
 Com muito humor e entusiasmo,
 Vou contar para você!

Mas um aprender singular,
 Sem rebanho “emburrecido”,
 Singular que questiona à vida do desconhecido!

O nascimento da tragédia foi uma forte inspiração,
 Com instinto de vitalidade o sofrimento passa a ser vida
 E o tempo passa à ser momento deixando de ser pura exatidão...

Com isso lembro dos idosos
 do meu estudo em questão.
 Trata-se de tese de doutorado
 E logo aprendi a lição,
 Que o tempo é diferente, cada um tem o seu...

Tempo e memória não se confundem, com história de Dirceu,
 Adelaide, Cicero ou Joana,
 Cada um têm a chance de fazer sua história, assim como eu...

O cabra pode usar o tempo no presente
 Mas uns se perdem no passado,
 Venerando – o como modelo,
 E ficando entediados!

Outros se agarram no que viveram,
 Enfraquecendo o que estar por vir,
 E outros, como diz minha mãe:
 — Fala que seu futuro chegou,
 Seu passado já passou,
 Valorizando o momento presente!

O eterno é movimento,
 Tempo certo de um momento,
 Como dizem em *kairós*!

Criativa, viva e oportuna,
A memória do passado é recriada e ganha força,
E a arte meu nobre cabra?
— Ela deixa de ser educadora passando a ser criadora!

Agora vos convido para darmos uma voltinha,
Trazendo mitologia grega para essa poesia...
De um lado Dionísio: Cabra da “peste popular”,
Deus das festas, dos excessos e do vinho no ar...

E do outro, Apolínio: um cabra da razão,
E da calma em questão,
Ambos não se confundem
Mas também não se separam, não!

E nossa vida nesse contexto?
Somos um pouquinho de cada um,
No qual todo homem é criador,
De uma vida vivida como obra de arte
Onde a arte imita a vida e a vida imita a arte,
Assim, somos todos criação,
Como fonte de inspiração!

Assim se faz a crítica,
Da metafísica filosófica
À metafísica científica!

Mundos opostos que buscam,
A verdade ou a razão,
Gerando uma triste confusão!

Para uma vida,
Que só precisa ser artista,
Longe da compaixão!

Nietzsche troca a metafísica,
Por um pulsar de artista,
Com a natureza em questão!

Ele se refere a um *UNO*,
Imaginário do oráculo,
Do Devir dos contrários!

Que ora destrói ora constrói,
Num movimento de repetição,
Como uma criança ou um idoso,
Que são chamados de teimoso,
Mas num fundo não são isso não!

São fonte de vida,
Fonte de inspiração,
De quem aprende com a natureza por definição!

Que o homem longe de ser produto,
É produção,
Enquanto processo,
De criação!

Desse jeito podemos analisar a velhice,
Como fonte de recriação,
Longe de ideias moralistas,
Passamos a ter outra visão...

No qual morrer passa a ser renascer,
Como uma planta com adubo,
Deixando de ser hipocrisia das indústrias de cosméticos,
Que insistem em mascarar o previsível, natural e certo!

Assim, a vida passa a ter um significado estético,
Longe da ideia de correção,
Que se tem hoje no mundo,
Ampliando a visão!

Para isso é necessário,
Muita coragem sem covardia,
Destruição e reconstrução,
São as palavras “de ordem do dia”!

Uma ordem não temida,
E por ora desconhecida,
De quem quer romper com seus limites,
Para aprender com a vida!

Essa vida com vontade,
Quando o homem mais que artista,
Se torna uma obra de arte...

Liberto dos seus contornos,
Ele passa a ser produção,
Já falado verso acima,
Reitero minha rima,
Com profunda admiração!

Foi assim que me senti,
Quando à Nietzsche fui apresentada,
Saindo da minha “zona de conforto”,
De toda teoria antes a mim, ensinada!

Ficava me questionando como entender a Sociedade,
E para onde iria a humanidade?
Longe de normas, regras e moral?
E qual o papel das Instituições
Nesse contexto político e social?

Foi então que mais tarde.
Pude então perceber,
Que para Nietzsche o que importava,
Era simplesmente viver!

A vida dentro de um querer,
Liberta das amarrações das leis e instituições,
Na busca por um ser livre ao seu bem querer!

Um querer que ultrapassa,
Uma visão pragmática de “homem-expectador”,
Seja teórico-crítico ou aventureiro...

Defende então,
O homem que é pura produção,
No sentido de processo,
Pulsão e sensação,
Onde a racionalidade.
É entendida como grande encenação!

Na *Segunda Consideração Intempestiva*,
Da utilidade e desvantagem da história para a vida,
Nietzsche fala de história, tempo e melancolia,
Destacando com coragem e muita sabedoria!

Que todos nós temos uma força de criação,
E transformação,
Com um pouco de razão e desvaria!

Força plástica que ativa,
E reativa no mesmo momento,
Força de afeção e afeto,
A “si” como produto de reproduções,
Na produção no concreto!

Vemos isso no idoso,
Como algo bem vivenciado,
Quando o homem sereno se alegra,
Para o presente,
Sem débito com o passado!

Quando não lembra que vai morrer,
Pois no momento está lembrando,
O quanto tem que viver,
Enquanto momento bem vivido e transformado em querer!

Essa transformação da vida,
Como vontade de potência,
É o exercício em ato,
Diferente de vontade, como fato!

Isso nos faz repensar,
Na nossa pesquisa de doutorado,
E o quanto ainda temos que caminhar...

Para compreender de fato,
E perceber o que a pesquisa mudou em mim,
E o quanto precisamos avançar no ato!

Na *Genealogia da Moral*,
Mostra a vontade de potência,
Como movimento real!

A vontade de potência é sentimento,
É pensar e é afeto,
Que se expandem sem se negar na luta.
Contra o concreto!

Com uma força enraizada de vontade e Afeto,
 No desejo de dominar,
 Sem ao menos eliminar!

Eliminar,
 É morrer com o inimigo,
 Força vence resistência,
 E domina o desconhecido!

Mas tomem tenência meus amigos,
 Para outra situação,
 Força não é só vontade livre,
 Do cabra em questão!

Não podendo ser responsabilizado,
 Por sua vida toda diante mão,
 Pois são muitas forças que estão jogo,
 Circulando o homem em questão!

Podem ser forças externas a ele,
 Podem ser forças do seu próprio eu,
 Pois o corpo é a vontade de muitas almas,
 Do bem, do mal, do seu, do meu...

Neste instante,
 Abro um parêntese,
 Para pensar: — quem sou eu?
 — E por que estudo velhice num terreno que não é meu?

Calo-me por alguns segundos e logo vem a resposta...
 Apesar dos meus recém-completos 41 anos,
 Já sou velha, mas não idosa!

Percebo em mim certo aforismo,
 Quando estou diante dos idosos,
 Algo visto em Nietzsche como um ruminar...
 Um desejo próprio de mascar o assunto,
 digerido- o sem terminar!

Quais as forças que estão em mim?
 E quais as que estão por vir?
 Força ativa ou reativa,
 Que trocam de posição,
 Lutando à todo instante,

Com uma razão!

Procuro descobrir nesse movimento,
Qual força em mim é dominante?
E descubro pelo tipo que não limita,
E portanto não destrói...

O desejo de continuar seguindo,
No caminho do desconhecido,
E na busca por realizações!

Mas não uma realização final,
De algo concluído,
Uma realização de algo,
Que não tá vencido!

Estudar velhice ou envelhecimento,
Como queiram tratar...
Não é algo já vencido,
Muito além do desconhecido,
Ou algo que se possa mudar!

Estudar política para idoso,
Pensando em Nietzsche,
É algo desafiador,
Mas encontramos a saída,
No “artista legislador”!

No movimento de luta constante,
Contra a “cidadania emburrecida”,
E a “cultura que domestica”...

Contra a moral do certo ou errado,
Dos hábitos e costumes vivenciados,
Como padrões de “modelos engessados”!

Os modelos universais,
Anulam a vontade de potência,
Deixando-a de violentar!

Essa violência como força interna ativa,
Que deixa de se expandir,
De mudar e recriar,
Dando lugar ao modelo em si!

Provoca o homem ressentido,
Do pântano, sorrateiro como à noite
Destruindo o outro por destruir,
E a si mesmo por não ter mais o que intuir!

Somos hoje no século XXI,
O chamado “ultimo homem”,
Num niilismo escancarado!
Uma preguiça exacerbada,
Com vontade de não fazer, nada!

Isso é uma grande questão,
Pois de um lado cria o homem da Guerra,
O sujeito bravo da destruição;
Do outro o homem da ciência,
Que se esquece do ato,
Se prendendo ao fato e a razão!

E por fim o homem do cansaço,
Que enfadado e doente,
Numa contra força sem força,
Perde toda sua inspiração,
Pois estamos diante do tempo,
Da história e da destruição!

Pensando no nosso estudo,
Arriscamos em dizer,
Que essa destruição falada.
E pouco divulgada tem sim um querer...

Ela parte do Estado,
Das leis e do direito,
Numa crueldade sem medida,
Mentirosa e descabida,
Motivado pelo discurso,
Do sujeito protagonista!

Danou-se meus amigos,
Agora o caldo entornou...
Pergunto a mim mesma:
— E onde danado tá à saída,
Nessa encruzilhada vida?!

Leio mais um pouco desse curso,
E escuto atentamente à explicação,
Da minha da nobre professora,
E dos colegas na situação!

Onde na ideia do *Eterno Retorno* na **Gaia Ciência**.
E no **Além do bem e do mal**,
Assim como na obra **O Zaratrusta**,
Eu encontro uma pista,
Para responder à questão!

Imaginemo-nos como Nietzsche,
Num grande navio em mar aberto na existência,
Sem rota de navegação,
Onde tudo parte do silêncio,
Que gera inspiração!

Longe de Instituições, regras, normas,
E leis que nos limita,
Testamos nossas forças internas,
Diante do desconhecido,
E do que está por vir...

Somos ao mesmo tempo,
Corpo, alma e mente,
Diante da vida que nos faz renascer!

E assim convidamos vocês colegas,
Leitores e idosos da nossa pesquisa,
Cada um na sua singularidade,
Para embarcarmos em suas navegações,
Rumo ao portal no infinito,
Onde o passado, o presente e o futuro do tempo da eternidade,
É o instante de *kairós*!

Sejamos águia,
Com vontade de potência,
Capazes de mudarmos perspectivas,
De vida e morte...

No *Devir* que é nascer e morrer,
Então, que você faça
O melhor na vida,
Se você quer que ela volte!

Mas para isso precisamos,
 Ficar com olho atento,
 Abandonando sentimentos de compaixão,
 Que só traz destruição,
 Pois o que não mata nos fortalece!

E encerro essa poesia,
 Atentando para o mais importante,
 Que a política da vida!

Saibamos lidar com a vida descobrindo,
 As forças que nos potencializa,
 Cuidando de nos mesmos
 E de nossos sentimentos,
 Pois como diz minha sexagenária mãe:
 — Felicidade, são momentos!

6.1.2- Tempo e Velhice no Século XXI²²⁹.

O século XXI é tempo de desafios,
 É tempo da computação,
 E também de depressão!

Tempo de quem nunca tem tempo,
 Onde o ócio é preguiça,
 E o trabalho é a solução!

E como ficam os velhos,
 Diante dessa situação?
 — Ficam num mato “sem cachorro”
 E longe da solução!

Correram uma vida toda para se aposentar,
 E agora não conseguem se acostumar,
 Com o tempo que se tem “livre”,
 E nem deixam de trabalhar!

Ser velho é saber lidar com o tempo,
 Que uns querem retardar,
 Outros preferem postergar,

²²⁹ Doronin; Araújo (2019). Tempo e Velhice no Século XXI. Revista Conviver- Unimed, Campina Grande (PR), Brasil. Jan 2019, Ano XI, nº22, p.p .54-55, 2019.

E outros simplesmente, estacionar!

Todo tempo e o tempo todo,
A velhice é discutida,
Na história e na política,
Na filosofia e na sociologia.

Seja no tempo de Platão,
Ou “ontem” do “véio” Gonzagão,
A velhice era temida,
E hoje se fala em velhice,
Como qualidade de vida!

Há três coisas certas nessa história:
Não dá para ser velho sem envelhecer,
Não dá para ser velho sem adoecer,
Significando, portanto, ser velho o ato de viver!

A velhice pode está associada,
À saúde ou condição social,
Pode ser a melhor idade,
Como também a pior idade!

Vai depender de como o sujeito lida com seu tempo,
E quais são os movimentos,
De forças que se impactam,
Provocando reação,
Ou de forças que mobilizam,
Provocando a depressão!

O segredo está em viver o momento presente,
E de forma intensamente,
Como uma criança inocente,
Que toma seu delicioso sorvete,
Sem se preocupar com o tempo,
Antes de evoluir!

Dessa forma, finalizamos a terceira parte desta tese, através da exposição dessas duas poesias, que nos possibilitou trazer alguns elementos apreendidos em nossa pesquisa empírica, nos permitindo refletir, problematizar e criar, novas formas de perceber a velhice como existência em uma perspectiva de política da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A liberdade que me permite,
Esse ser bifurcado,
Finalizar esse texto,
Depois de tanto tempo,
Despedindo-me de vocês!*

*No tempo que me perdi,
No tempo que me redescobri,
No tempo de quem não tem tempo,
Dando tempo ao momento,
No ato de resistir!*

*E quem sabe um “até breve”,
Já que a ciência se movimenta,
E temos a sensação,
De que outros trabalhos,
A partir desse, virão!*

*Já que esse não tá acabado,
Pois é complexa, “a questão”.
A velhice e o envelhecimento,
Enquanto atividade criativa,
Não se acaba, não!*

Ufa! Eis o momento de introspecção e de reflexão, no profundo misto de sensações da minha solitude...

Ora sinto o desejo de finalizar o trabalho, motivado pelo cansaço físico e esgotamento mental, resultante de anos, meses, dias e horas de dedicação a essa pesquisa...

Ora um desejo pulsante domina o cansaço em uma contraforça efervescente, de continuar nos desdobramentos dessa pesquisa, que nos inspira a todo instante...

Ora a saudade e a gratidão que invadem o peito, por todas as vivências e reflexões, experimentadas até aqui.

O processo de doutorado me fez perceber, o quanto me reconheço nos velhos da minha pesquisa, esses seres bifurcados e que se fundamentam na direção do complexo, na tentativa de superação da linearidade e segmentação da vida.

Isso foi evidenciado, quando extraímos elementos da experimentação da velhice como política de vida, com base nas reflexões das vivências da velhice subjetivadas nas ações cotidianas dos sujeitos entrevistados, em que os velhos ultrapassaram padrões de comportamento, pois ora percebemos conexões entre as falas dos sujeitos entrevistados ora desconexões e, finalmente, bifurcações do próprio entrevistado com ele mesmo, diante da complexidade da vida.

Somos todos, seres vivos fora do equilíbrio e temos uma pulsão para a homeostasia, que nos parece ser incompleta, além de sermos seres aleatórios, sublevados, bifurcados e pulsantes de vida.

Identificamos, nesta pesquisa, a presença do reencantamento das ciências, que sempre estão e estarão em choque, provocando a reorganização e a transformação das partículas que flutuam no devir até esse reencantamento.

Para nos aprofundarmos nessa temática da velhice/envelhecimento, foi necessário percebermos as aproximações das teorias apreendidas em sala de aula, com as vivências da nossa pesquisa empírica, nos dando conta, por exemplo, que flecha do tempo não é a linearidade, ela tem constante flutuação (movimento) e bifurcação.

Essa flutuação que é sempre luminescente em movimento, como uma flecha do tempo incessante, não linear, não fixa, provocando o reencantamento da ideia de que é preciso mudar as coisas, porém, para isso, é preciso antes perceber que a natureza não é autômata, ela também tem seus movimentos, e não são estáticos. É preciso ruminar, aprofundar e ampliar a visão de mundo, no entanto, conscientes de que ninguém estará à altura de dominar os sistemas dinâmicos e complexos da natureza, dos seres, desse mundo, requerendo, portanto, o entrelaço da arte, filosofia e ciência na tentativa de entender o sistema dinâmico e complexo que é sempre imprevisível.

Isso nos faz compreender, a priori, a sensação de trabalho inacabado que nos entranha o pensamento nesse momento, nos ampliando a ideia de estarmos diante do encantamento da ciência, ou seja, a sensação de que a descoberta científica nunca é uma descoberta, pois se trata de um sistema dinâmico, complexo, não simétrico na equação do tempo; e auto-organizado no sentido da implicação do outro, em que somos uno e múltiplos o tempo inteiro, implicando na organização e reorganização das ideias.

Estamos diante da metamorfose da nova ciência, do reencantar que é a nova aliança, da história dos homens com a história da natureza, com a história das sociedades e da ciência interdisciplinar.

Assim, sentimo-nos parte dessa metamorfose do reencantamento da ciência, à medida que descobrimos nesse processo de doutoramento, teorias até então vistas na superficialidade, ou vistas até então por um único ângulo.

Esse processo nos proporcionou novos olhares diante da complexidade da vida, nas vivências experimentadas na pesquisa empírica e na descoberta pela vocação cordelista.

Reitero que a escolha do objeto foi um reencontro que já estava marcado, pela minha trajetória de vida, pessoal e profissional, isto é, “não fui eu que escolhi o objeto, mas o objeto que me escolheu”, em um grande reencontro “de mim, comigo mesma”.

Porém, apesar de sempre estar motivada pelo desejo de trabalhar e pesquisar com temáticas voltadas para a velhice/envelhecimento, nesse reencontro, pude perceber através de leituras mais filosóficas e artísticas que eu estava em um campo de ordem e desordem, no qual o idoso que eu tratava antes, era o velho que estava em mim e em todos nós, seres vivos e submetidos ao envelhecimento, enquanto estivermos neste plano.

Além disso, as leituras e a articulação com a coordenação do projeto de extensão (Viver Melhor) e com outras experiências (UNATI) me possibilitaram e acrescentaram o desejo de trabalhar com os velhos. Nesse sentido, assumi preconceitos antes despercebidos, quando me referia ao velho como idoso, terceira idade, melhor idade sem me dar conta de que estava reproduzindo o discurso politizado e engessado de padrões da biopolítica, desconsiderando a singularidade da existência.

Passei a pensar no envelhecimento como produção de subjetividade, não na singularidade como gestão da população que temos hoje nas políticas públicas, mas cada um particularmente como membro dessa população.

Houve a necessidade de pensar os códigos como subjetivação, orientada para a ética na condição de modos de vida, e não como códigos de conduta que determinam padrões a serem seguidos, pautados na moral e valores.

Foi um caminhar desafiador e motivador, iniciado na nossa experiência de assessoramento da extensão em IES, quando nos inquietamos no sentido de buscar respostas e reflexões para o trabalho desenvolvido e quando propusemos para nós mesmos o desafio da pesquisa empírica, cujo objetivo geral era avaliar o impacto que essas experiências educacionais e de assessoramento a comunidade idosa promovia na vida desses sujeitos e, principalmente, perceber de que maneira se evidenciava na prática tais ações: contribuindo através da criticidade para formação de novas propostas de

políticas públicas ou reproduzindo o que traz as legislações sobre velhice, integrando o idoso na perspectiva de ser único, independentemente da sua realidade histórico-cultural.

Nossa tese constituiu-se de três partes: na primeira, foram abordadas as experiências pesquisadas, da UNATI/UEM e projeto de extensão Viver Melhor/UNESPAR, no qual foi apresentado o contexto do panorama das experiências educacionais voltadas para população idosa no Brasil e a descrição das duas experiências respectivamente pesquisadas. Na segunda parte, por sua vez, fizemos algumas reflexões a partir das apreensões feitas com base nas narrativas dos sujeitos pesquisados e na observação participante, sobre temas relacionados à universidade, velhice e política. Dessa forma, evidenciamos que as narrativas não são unânimes, e é justamente isso o que nos fascina, uma vez que não existem “padrões de entendimento sobre as experiências e suas vivências”, o que nos leva para o caminho da percepção da argumentação múltipla sobre a percepção da universidade nas suas vivências, as diferentes expressões da velhice e da política – na condição de conduta, governo e de vida –, demonstradas nas experiências. Por fim, na terceira parte, fomos autoagraciadas pela possibilidade de criar e inserir duas poesias de autoria própria, que versam sobre elementos apreendidos na pesquisa e reflexões em direção à velhice como existência em uma perspectiva de velhice como política da vida.

Esta foi uma pesquisa empírica de cunho qualitativo, no qual foram realizadas entrevista e observação participante com vinte entrevistados, sendo doze participantes das experiências com média de idade de 71 anos e oito familiares com média de idade de 51 anos (dentro desses familiares estava a mãe de uma participante da IES, com 86 anos). Sem ela, a média de idade dos familiares cairia para 45 anos – isso demonstra mais uma vez a diversidade dos estudos em velhice/envelhecimento, no qual a idade cronológica não é determinante para expressar as vivências, papéis e posições sociais, que são múltiplos e singulares ao mesmo tempo.

Vale esclarecer que, apesar de não considerarmos a idade cronológica como determinante para a formação de grupos sociais, ou para qualquer tipo de comportamento humano, no caso desse estudo evidenciou-se idades iguais ou superiores a 60 anos para os entrevistados participantes do grupo, em virtude desse ser o principal critério para que eles estejam inseridos nas IES. E sobre os familiares o critério de seleção para contribuir com a pesquisa, foi que o familiar residisse com o velho, ou fosse o familiar mais próximo e disponível para entrevista.

Perpassamos por diversos conceitos teóricos ou não, sobre velhice/envelhecimento, pautados em discursos que possuíam em seu cerne a ideia do envelhecimento como “um problema do presente”, no qual padrões de envelhecimento são impostos. Em outras palavras: na contramão do processo natural que acreditamos, isto é, da potência da velhice como obra de arte e de existência. Esses discursos utilizam-se de clichês que associam “envelhecimento saudável” e “envelhecimento ativo” como modelos que passam a representar o combate ao próprio envelhecimento (TÓTORA, 2015) no qual, nos tornamos alvos de controle e monitoramento do governo, instituições, mercado etc – o que é chamado por Foucault de biopolítica.

Reiteramos Tótorá (2015) e a conexão entre os termos conceituais de vida e tempo que compõem o conceito de velhice como acontecimento, já mencionado anteriormente, conceito que utiliza as coordenadas de Deleuze: uma velhice... existência como dobra do tempo do acontecimento, atualizando, a cada momento vivido (kairós), a vida como [d]obra de arte nos destaca que envelhecemos em nosso corpo biológico, mas a vida como acontecimento renova nossas existências. O tempo passa como as idades, mas nada passa e tudo muda com o tempo da velhice como acontecimento (TÓTORA, 2015. p. 15).

Nesse sentido, o conceito se expande e é direcionado para o tema, pensando, portanto, não apenas na necessidade de garantir as políticas públicas no exercício da cidadania do velho, mas também ultrapassar esse universo de políticas, ampliando-o, a fim de “garantir” as necessidades desses sujeitos, cidadãos nas suas singularidades e coletividade e, ao mesmo tempo, refletir com esses sujeitos sobre esses mecanismos de controle.

Assim, tínhamos como hipótese o fato de que as universidades que realizam atendimento aos idosos pela Universidade Aberta, com foco na cidadania, por meio do assessoramento nas comunidades ou sediando cursos para terceira idade, possibilitavam, através de experiências, o estímulo e a promoção de idosos críticos e conhecedores do seu papel como cidadãos, atuando no desenvolvimento das práticas fortalecidas pelas políticas públicas existentes no Estado brasileiro.

Contudo, essa criticidade mostrou-se limitada no sentido de ações que promoviam apenas reflexões para o campo da avaliação e fiscalização da formalização da legislação – o que está sendo cumprido e o que não está –, sem problematizações e avanços no campo de novas propostas com base nas necessidades dos sujeitos individuais e suas necessidades atuais, considerando as transformações societárias. Ou seja, essas experiências se focam nas legislações que trazem a integração da pessoa idosa em uma

“padronização” e “engessamento” desses sujeitos, como se as necessidades dos velhos e concepções de velhice fossem a mesma para todos e para sempre, legitimando, portanto, os mecanismos de controle, apesar de não estarem vinculadas ao ensino formal regular, isto é, apesar de terem como proposta a educação permanente.

Evidenciamos na pesquisa empírica questões importantes sobre: a velhice, a universidade e a política, como:

- A velhice e suas múltiplas subjetivações de poder: A velhice como capital humano fabricado pelo mercado; A velhice no sujeito de direitos; A velhice como estética da existência;
- A velhice/envelhecimento como construção social, dicotômica , que converge para “negação inconsciente”, provocada pela negação velada ou explícita do momento vivenciado;
- A velhice limitada à ideia de “temporal/linear” e “cronológica” e outras narrativas inspiradoras com desejos do amanhã na velhice experimentada hoje;
- A velhice postergada por familiares para um futuro longínquo, mesmo os que, pela legislação, já estão colocados “nessa caixinha” de classificação;
- O entrelaçamento dos projetos investigados na essência e no formato: tratam de velhice/ envelhecimento; possuem vínculo com Universidades Públicas e; possuem foco em cidadania;
- Dinâmica contraditória de lutas e de forças entre estruturação legal e a vida social real, sobre o direito de acesso à educação, que passa a ser reduzido à sua cidadania, dessa forma, não o ter significa a inviolabilidade dessa cidadania, independentemente da tipologia da educação, seja ela formal ou não formal.
- A inexistência de unanimidade diante da noção de civilidade, socialização e coletividade com foco em cidadania, rompendo entendimentos padronizados e ampliando as múltiplas argumentações sobre a ideia do bem comum;
- A Universidade considerada por alguns entrevistados como espaço social de embate, através do individual agindo sobre o coletivo, a partir da visão crítica da realidade;

- A percepção de que as vivências coletivas entre os velhos colaboram para vinculação hierárquica da burocracia do Estado, pensado como aparelho ideológico de produção hegemônica e o posicionamento contra hegemônico de alguns participantes, contra a política de conduta e de governo subjetiva;
- A concepção de política na velhice como categoria de classe social, que não se limita a teoria da estratificação social e das condições exclusivamente objetivas, isto é, elas são também subjetivas e, portanto, além de econômicas, são ideológicas e políticas;
- Os velhos como protagonistas de sua própria história, propositores e articuladores de suas vidas em comunidade, com interesses objetivos e subjetivos que os definem como sujeitos múltiplos e singulares;
- Ausência de banco de dados formais para o MEC/ Inep, no qual conste disponível para consulta, o panorama nacional das experiências com idosos nas IES, tornando-os cada vez mais “invisíveis” diante dos requisitos do próprio funcionamento da máquina capitalista e os dispositivos de poder de subjetivação .

Em síntese, as percepções trazidas nas narrativas dos participantes foram múltiplas, destacando-se a concepção da política de vida, através do ser bifurcado, oposto e complementar – singular e múltiplo ao mesmo tempo, que possui a leveza e sabedoria da velhice como arte, mas ao mesmo tempo não exclui posicionamentos mais afirmativos, da velhice como o momento de “chatice” no qual as máscaras caem rumo à liberdade desejada.

Nesse sentido, consideramos diante de tudo que foi experimentado nesse processo que: 1) Não há convicções prontas e acabadas que respondam objetivamente a inquietação inicial, pois somos seres bifurcados e em constante movimento de experimentações, movidos por impulsos da subjetividade. Elementos que alimentam a ciência no sentido de percebermos o quanto ainda é necessário avançar, diante da complexidade da pesquisa e das suas diversas formas de experimentações; e 2) Os velhos estão submetidos às políticas públicas “engessadas”, contudo, as singularidades da existência provocam em alguns a potência de perceberem que, mesmo estando sujeitados aos mecanismos de controle da biopolítica, implícitos de forma mais ou menos intensa nas IES, utilizam-se da política da vida como estratégia de enfrentamento, através da recriação do momento.

Assim, apesar dos direitos conquistados pela política serem importantes, não são eles que devem “ditar” as regras e condutas desses sujeitos, mas os próprios sujeitos que,

submetidos a essas regras existentes, a utilizam em uma contraforça, provocando a criação de suas próprias regras facultativas diante da sua própria existência.

E, finalmente, usamos a metáfora do “doce com açúcar”, atribuído às relações dos avôs e avós com os netos, se contrapondo às relações por vezes “rigorosas” de pais para com filhos, em uma perspectiva de relação “afetuosa e leve”, inspirada pela atividade criativa, e que outrora já foi rigorosa também, quando estavam na função de pais e mães.

Essa metáfora pode ser interpretada também como um alerta provocativo, no sentido de nos questionarmos, parafraseando Simone de Beauvoir, “qual o sabor da minha vida?”, e refletirmos sobre a necessidade de viver o momento, buscando no autocuidado e no cuidado com o outro, mecanismos de resistência contra a política de conduta (moral) e de governo (controle), no caminhar para a política da vida, através da liberdade da existência.

REFERÊNCIAS

- ABESS/CEDEPSS. “Diretrizes gerais para o curso de Serviço Social.” In: *Cadernos ABESS* nº 7. São Paulo: Cortez, p. 58, 1997.
- ALCANTÂRA, A.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. *Política nacional do idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.
- ALENCASTRO, Eurídice Ribeiro. “A importância dos cuidados na elaboração de alimentos para a terceira idade”. In: *As interfaces da velhice na pós-modernidade: Avanços e desafios na conquista da qualidade de vida*. Cascavel: Edunioeste, 2013.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. “O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe”. *Revista Lua Nova* no.80 São Paulo 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452010000200004> Acesso: 09/11/2017.
- AMMANN, Safira B. *Participação social*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- AUDEN, W.H. “Escrever”. Tradução José Rubens Siqueira. *Serrote*, v. 16, março 2014, pp.185-201. São Paulo; Instituto Moreira Sales.
- AVRITZER, Leonardo. “Teoria democrática, esfera pública e participação local”. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, jul/dez 1999.
- ALBUQUERQUE, Sandra Márcia Ribeiro Lins de. *Envelhecimento ativo: desafio do século*. São Paulo: Andreoli, 2008.
- ALVES, Pontes; ANTONIO Carlos; MENEZES Filho; ABEL; COSTA; André Monteiro. “O processo criatividade e a tessitura de projetos acadêmicos de pesquisa”. *Interface- Comunicação, Saúde, Educação*, vol.9, núm,17, março-agosto, 2005, p.439-450.
- ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca; DORONIN, Juliana A. F. “Tempo e velhice no século XXI”. *Revista Conviver*, v. 1, p. 54-55, 2019.
- ALENCAR, Raimundo Silva de. “Envelhecimento Ativo e Vida Social precária: Exclusão ou paradoxo do nosso tempo?” In: CURY, Mauro José Ferreira *et al.* (org.). *As interfaces da velhice na pós-modernidade: Avanços e desafios na conquista da qualidade de vida*. Cascavel: Edunioeste, 2013.
- ASSIS, M. G; DIAS, R.C; NECHA, R. M. “Universidade para a terceira idade na construção da cidadania da pessoa idosa”. In: ALCANTARA, A. O. *et al.* (Orgs.). *Política nacional do idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: IPEA, 2016.
- BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Tradução de M. Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

- BEZERRA, F. C. *et al.* Estudos sobre o Envelhecimento no Brasil: Revisão bibliográfica. Disponível em: scielo.br/pdf/rbpg/v15n1/17pdf. *Revista Brasileira de geriatria*. Rio de Janeiro, 2012, 15 (1): 155-167.
- BIDERMAN, Iara. *Agnósticos da Idade têm mais de 50 anos, gostam de tecnologia e podem gastar*. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mpme/2019/11/agnosticos-da-idade-tem-mais-de-50-anos-gostam-de-tecnologia-e-podem-gastar.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa. Acesso em: 04 de novembro de 2019.
- BRAGA, Pérola Melissa Vianna. *Curso de Direito do Idoso*. São Paulo: Atlas, 2011.
- BRASIL. *Política Nacional do Idoso*. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994.
- _____. *Estatuto do Idoso*. Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 11 abril 2019.
- BRUM, Eliane. *Nossa civilização caminha para a barbárie*. Disponível em: [www.portalaízes.com/nossa-civilização-caminha-para-a-barbarie/](http://www.portalaízes.com/nossa-civilizacao-caminha-para-a-barbarie/). Acesso em 23 de setembro de 2020.
- BRUSOTTI, Marco. *Descrição comparativa versus Fundamentação: o quinto capítulo de Para Além de Bem e Mal: “Contribuição à história natural da moral”*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-82422016v37n1mb>. Acesso em: 04 de novembro de 2019.
- BORGES, L.J. *et al.* “Teste de resistência de força e membros superiores para idosos: comparação entre halteres com pesos diferentes”. *Ver. Bras. Cineantropom. Desempenho Hum.*, v.3, n.10, p.261-65, 2008.
- BRUNO, Marta Regina Pastor. “Cidadania não tem idade”. In: *Velhice e envelhecimento*. Revista Serviço Social & Sociedade. Nº 75- ANO XXIV. Pp. 74-83. Ed. Cortez, São Paulo- SP, 2003.
- BÚFALO, K.S. Aprender na terceira idade: educação permanente e velhice bem-sucedida como promoção da saúde mental do idoso. *Revista Kairós Gerontologia*, 16 (3), pp. 195-212. Junho, São Paulo -SP, 2013.
- CACHIONI, M (2003). *Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade*. Campinas: Editora Alínea, 2003.
- _____. M. & Neri, A. L. “Educação e velhice bem-sucedida no contexto das universidades da terceira idade”. In A. L. Neri & M. S. Yassuda (Orgs). *Velhice bem-sucedida*. Campinas: Papyrus, 2004.

_____.M. “Universidade da Terceira Idade”. In A. L. Neri (Org.), *Palavras-chave em Gerontologia*. 207-210. Campinas: Alínea, 2005.

_____. “Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e o idoso”. In: EV Freitas. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2 ed Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

CARVALHO, M.J.; FERNANDES, R.; MOTA, J. Efeito do exercício físico na aptidão física de mulheres idosas. *Kinesis*, Santa Maria, n. 24, p.197-205, 2001.

CALVINO, I. Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CASARA, Mirian B., CORTELLETTI, Ivonne A., BOTH, Agostinho. *Educação e envelhecimento humano*. Rio Grande do Sul: EDUCS, 2006.

CASTRO, O. P. “Vivendo em seu corpo: uma questão de consciência e de criatividade”. In O. P. Castro (Org.), *Envelhecer: revisitando o Corpo*. Sapucaia do Sul-RS: Notadez: 2004.

CANONGIA, Claudia. *Implantação de sistema de inteligência competitiva para dinamização e inovação da rede Antares – rede de serviços de informação em C&T*. 1998. 269f. Dissertação (Mestrado em Monitoração e Inteligência Competitiva – Informação estratégica) – CRRM, Marselha, França, 1998.

CERTEAU, M. de. “Os sistemas de sentido: o escrito e o oral”. In: *A escrita da história*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Forense-Universitária. 2008, pp. 211-242.

CÔRTE B, et al (org). *Velhice, envelhecimento, complex (idade)*, São Paulo, Vetor, 2005.

CORTELLETTI, IA, Casara MB, Both A. (organiz.). *Educação e envelhecimento humano*. Caxias do Sul: EducS, 2006.

CURY, Mauro J., OLIVEIRA, Rita de Cassia da S., COENGA, Rosemar E. *As interfaces da velhice na pós-modernidade avanços e desafios na conquista da qualidade de vida*. Cascável: Edinuoeste, 2013.

DAL BELLO , M; SILVA, R . Famílias contemporâneas e suas interfaces com a pobreza. *Revista Cesumar* v.13, n.2, p. 313-323, 2008.

DAMASIO. A. *A estranha Ordem das Coisas- a vida, os sentimentos e as culturas humanas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2017.

DEBERT, Guita Grin; OLIVEIRA, Glauca S. Destro. “Os dilemas da democracia nos conselhos de idosos”. In: *Política nacional do idoso: velhas e novas questões / Alexandre de Oliveira Alcântara, Ana Amélia Camarano, Karla Cristina Giacomini* - Rio de Janeiro: Ipea, 2016

DELEUZE, Gilles. III Michel Foucault. In: *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992. p.105-229.

- DELEUZE; GILLES; GUARRARI Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado r/Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: Ed 34, 1994. Cap 2. O que é conceito? Pp.25/4.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *L'abécédaire de Gilles Deleuze*. Paris: Éditions Montparnasse, 1994.
- DEMO, P. *Desafios modernos da educação*. 13. ed. Petropolis: Vozes, 2004.
- DORONIN, Juliana de Aquino Fonseca. *Projeto de TIDE. Viver Melhor com cidadania*. UNESPAR, Paranavaí, 2016.
- DORONIN, Juliana de Aquino Fonseca. *Relatório Final do Projeto Viver Melhor*, UNESPAR, Paranavaí, 2017.
- DORONIN, Juliana de Aquino Fonseca; Tótora, Silvana Maria Corrêa. *Demarcações sociais de velhice(s) ilustradas em indicadores socioeconômicos de experiências universitárias no Paraná-Br*. Maringá, PR: Sinergia Casa Editorial: 2019
- DORONIN, Juliana A. F. *A Velhice, Nietzsche e Eu*. 001. ed. MARINGÁ: Sinergia Casa Editorial, 2018. 24p.
- DORONIN, Juliana A. F. “Discutindo Cidadania enquanto Arte de Envelhecer”. *Revista Portal de Divulgação*, v. 55, p. 59-61, 2018
- DORONIN, Juliana de Aquino Fonseca. “Algumas percepções sobre mapeamento de experiências com idosos em universidades no Brasil”. In: *VI Congresso Internacional de Envelhecimento Humano.*, 2019, Campina Grande-PB. VI CIEH. Campina Grande-pb: realize, 2019. v. 01.
- DORONIN, Juliana A. F.; COITO, R.; SILVA, D. S. “Experiência de discentes com idosos em projeto de extensão universitária com foco na cidadania”. *Revista Longeviver*, v. 1, p. 66-70, 2019;
- DORONIN, Juliana A. F.; ARAÚJO, Giovanna; SANTOS, R. S. “Proposta de Educação Continuada: As áreas de conhecimento e o interesse dos idosos”. *Revista Longeviver*, v. Ano I, p. 49-56, 2019
- DORONIN, Juliana A. F.; SANTOS, T.. Experiência de extensionista com idosos do projeto Viver Melhor no aprendizado discente. *REVISTA PORTAL de Divulgação*, v. 25, p. 38-47, 2017.
- DORONIN, Juliana A. F.” Conhecimento sobre a Gênese das Universidades Medievais e Experiências Contemporâneas com Idosos nas Universidades”. *Revista Cesumar ciências humanas e sociais aplicadas*, v. 22, p. 129-143, 2017.
- DORONIN, Juliana de Aquino Fonseca. *Programa de Bolsa de Estudo para o Ensino Médio de FASFIL em Análise*. Rio de Janeiro: Editora Gramma, 2016.

DORONIN, Juliana A. F.; ARAUJO, Giovanna de Aquino Fonseca. “Repensando a Percepção da Velhice aliada à discussão de Classe e Hegemonia”, In: *Ciências Sociais Aplicadas: Entendendo as Necessidades da Sociedade*. Ponta Grossa-PR, Atena editora, 2019, p.p 166-171. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/07/E-BOOK-Ciencias-Sociais-Aplicadas-Entendendo-as-Necessidades-da-Sociedade-2.pdf>. Acesso em 13 de dezembro de 2019.

DORONIN , Juliana A. F. Doronin, Giovanna Araujo. “Tempo e Velhice no Século XXI”. Revista Conviver- Unimed, Campina Grande (PR), Brasil. Jan 2019, Ano XI, nº22, p.p.54-55, 2019.

DORONIN, Juliana A. F. “Sobre a Obra- A Velhice, Nietzsche e Eu”. *Anais do V congresso Internacional de Envelhecimento Humano- CIEH*, Maceió-CE. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV075_MD4_SA10_ID590_04072017130031.pdf. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Tradução Rubens Figueredo. São Paulo: Rocco:1994, p. 11-49.

DYSON, Freeman. “O cientista rebelde”. *Em serrote*. V.3; tradução Cristina Fino *et ali*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, nov.2009, pp.155-167.

ELTZ, G.D., ARTIGAS, N.R., PINZ, D.M., MAGALHÃES, C.R. *Panorama Atual das Universidades Abertas à Terceira Idade no Brasil*. Disponível: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/23555/16900>. Acesso em: 10 de Maio de 2019.

FALEIROS, Vicente de Paula. “Cidadania e Direitos da Pessoa Idosa”. *SER Social*, Brasília, n.20, Jan/Jun 2007, p. 39.

FALEIROS, Vicente de Paula. “A Política Nacional do Idoso em questão: Passos e Impasses na efetivação da Cidadania”. In: ALCANTARA, A. O. *et al* (Orgs.). *Política nacional do idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: IPEA, 2016.

FALEIROS, Vicente de Paula. “Direitos da pessoa idosa: sociedade, política e legislação”. Disponível: <https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/outras-publicacoes/volume-v-constituicao-de-1988-o-brasil-20-anos-depois.-os-cidadaos-na-carta-cidada/idoso-pessoa-com-deficiencia-crianca-e-adolescente-direitos-da-pessoa-idosa-sociedade-politica-e-legislacao>. Acesso em: 28 de abril de 2020.

FERREIRA, M. de M. e Amado, J. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *Aprendendo com a Própria História II*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, *Educação e atualidade brasileira* v. 3. Ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GARRIDO, J. del A. I. “As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate”. *Revista Brasileira de História*, 25/6, 1996.

GIDALI, Marika. *Entrevista para Revista Mais 60: Estudos sobre envelhecimento*, vol.27 n. 65. São Paulo: SESC, 2016, pp. 70 -79.

GOLDENBERG, Mirian. “Corpo, gênero e envelhecimento na cultura brasileira”. In: *A terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento*, SESC- São Paulo. Vol.24, n.58, novembro 2013, p.69-81.

GOHN, M. G. *Movimentos Sociais no Início do Século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

HAGEN, Suleica Iara. *Políticas públicas para o envelhecimento: atuação dos conselhos de direitos da pessoa idosa*. 2011. Dissertação (Mestrado em Assistência Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

HALL, M. “História Oral: os riscos da inocência”. In: *O direito à memória*. Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo, 1992.

IAMAMOTO, Marilda Villela. *O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. São Paulo: Cortez, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *IBGE: população brasileira envelhece em ritmo acelerado*. IBGE, 2008. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1272. Acesso em: 15 dezembro 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE: - *Tábua Completa de Mortalidade para o Brasil de 2012*. IBGE, 2012. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/2012/default.shtm>> Acesso em 15 dezembro 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades. Município de Paranavaí – PR*. Disponível em:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411840&search=parana%7Cparanavai>. Acesso em: Acesso em 15 dezembro 2016.

IBGE. *Censo Demográfico 2010. Características Gerais da População. Resultado da amostra*. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=411520>. Acesso em: 9 abril de 2019.

JACCOUD, Luciana de Barros; MESQUITA, Ana Cleusa Serra; PAIVA, Andrea Barreto. *O BPC: dos avanços na seguridade aos riscos da reforma da previdência*.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017021103499. Acesso em: 01 de dezembro de 2019.

JUSTO, José Sterza; ROZENDO, Adriano; CORREA, Mariele. “O idoso como Protagonista Social”. In: *A terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento*, SESC- São Paulo. Vol.21, n.48, julho 2010, p.39-53.

JUNIOR, Francisco. “Música Popular Brasileira e Encontro de Gerações: Reflexões de uma experiência Docente”. In: TEXEIRA, Solange Maria (org.). *Envelhecimento na Sociabilidade do Capital*. Campinas: Papel Social, 2017.

HOUAISS. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KACHAR, Vitória. *Longevidade, um novo desafio para a educação*. 1o ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

KOVÁCS, Maria Júlia. “Doença e morte no imaginário do homem velho”. *Revista A Terceira Idade: Estudos sobre envelhecimento*, SESC-SP, edição especial. Vol. 20, nº46, p. 63, Ano: 2009.

LAZZARATO, Maurício. *Signos, máquinas, subjetividades*. Tradução Paulo Domenech Oneto. São Paulo:n.1, SESC Edições, 2014. Pp 13 a 51.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da Escola Pública - A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos*. 18º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LIMA, Raymundo. *Projeto de TIDE. Roda de Conversa para Idosos*. UEM, Maringá, 2018.

LIMA, Marinalva & MARQUES, Roberto (Org). *Estudos Regionais: Limites e Possibilidades*. Crato: NERE/CERES Editora, 2004.

LOBATO, A. T. G. “Programa de ações de participação social e cidadania com idosos da Unati/Uerj: uma proposta educativa do serviço social”. In: TONI, I. M.; VIEIRA, C. M. S. S. (Org.), Dossiê: *Experiências de educação para a velhice - universidades abertas à terceira idade*. Ilhéus-BA: UESC: 2011

MARSHALL, T. H. *Cidadania, Classe Social e Status*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MARSHALL, T. H. *Cidadania e Classe Social* [Ed. atual trad. e rev. Por EaD/CEE/MCT], 2. ed. Brasília: Senado Federal, Centro de Estudos Estratégicos, Ministério da Ciência e Tecnologia, 2002.

MAY, T. *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

MARCIEL, Victor. *Taxa de suicídio é maior em idosos com mais de 70 anos*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/29691-taxa-de-suicidio-e-maior-em-idosos-com-mais-de-70-anos>. Acesso em 14 de novembro de 2019.

MANUAL DO ALUNO, UNATI-UEM, MARINGÁ-PR, 2013.

MEDEIROS, Almira Lins de. *Governabilidade, Educação e Normatização: As práticas de subjetivação da Universidade Aberta à Maturidade*. Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais da UFCG, 2013.

MEDEIROS, Suzana A. R. “Como pensar a Vida”. In: *Velhice e envelhecimento*. Revista Serviço Social & Sociedade. Nº 75- ANO XXIV. Pp. 187-190 Ed. Cortez, São Paulo- SP, 2003.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. 4ª edição. São Paulo: Edições Loyola. 2002.

MEIHY, J. C. S. B. (org.). “(Re) introduzindo História Oral no Brasil”. Xamã. São Paulo.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “A literatura de cordel como patrimônio cultural”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 72, p. 225-244, abr. 2019.

MONTEIRO, Pedro Paulo. “Espaços internos e externos do corpo: envelhecimento e autonomia. Como pensar a Vida”. In: *Velhice e envelhecimento*. Revista Serviço Social & Sociedade. Nº 75- ANO XXIV. Pp. 143-152. Ed. Cortez, São Paulo- SP, 2003.

MOSÉ, Viviane. *Nietzsche Hoje: Sobre os desafios da vida contemporânea*. Petrópolis, RJ; Vozes, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MORIN, E. (1996). A noção de sujeito. In D. F. Schnitman (Org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 45-58). Porto Alegre: Artes Médicas.

MONTENEGRO, A. T. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto. 1992.

MATOS, Geranne; ALCANTARA, Adriana. “Na ciranda da vida: um estudo sobre o papel das relações intergeracias no processo de (re) integração social dos velhos na contemporaneidade”. In: *A terceira Idade- Estudos sobre o Envelhecimento*. V. 22; n. 52. P. 21-31, nov.2011. SESC. São Paulo.

MILIBAND (Ralph). *O Estado na sociedade capitalista*. Rio de Janeiro. Zahar. 1972.

NETTO, J. P. *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*. 2 Ed. São Paulo, Cortez 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano: Um livro para espíritos livres – Volume II, Segunda parte: O andarilho e sua sombra*. Disponível em: http://filosofia.com.br/figuras/livros_inteiros/283.txt. Acesso em: 26 de setembro de 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos – Como filosofar com o martelo*.

Disponível em:

<http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Nietzsche,%20Friedrich/Friedrich%20Nietzsche%20-%20Crep%C3%BAsculo%20dos%20%C3%8Ddolos.pdf>. Acesso em 26 de setembro de 2020.

LODOVICI, Moreira; SILVEIRA, Nádia. Interdisciplinaridade: desafios na construção do conhecimento gerontológico, *Revista Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento*. v.16, n.2, p. 291-326, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/24814/15444>. Acesso em 20 de dezembro de 2020.

OLIVEIRA, T.F.S. *Viver Melhor: Uma Experiência com Idosos na Extensão Universitária*, 2016. 110 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR/Paranavaí, 2016.

OMS. (2015). *Organização Mundial de Saúde. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*. Disponível em: <http://sbgg.org.br/wpcontent/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em 05 de abril de 2020.

OPAS, OMS. (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Suzana Gontijo, Trad. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde / Organização Mundial de Saúde, 2005. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/4478.pdf>. Acesso em 05 de abril de 2020

PASSETTI, E. (2013). Transformações da biopolítica e a emergência da ecopolítica. In: *Revista Ecopolítica*, 5, pp. 02-37. São Paulo, SP: Nu-Sol / PUC-SP. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/15120/11292>. Acesso em 10 de Abril de 2020.

PASSETI, T. F. S.; DORONIN, Juliana A. F. *A velhice como questão social, frente ao capitalismo*. REVISTA PORTAL de Divulgação, v. 54, p. 20-28, 2017.

ONU, Organização das Nações Unidas. Brasil. Disponível em: <http://www.onu.org.br/>. Acesso em: 12 abril de 2019.

PLANO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA PESSOA IDOSA DE PARANAVAÍ – PR Gestão 2018 – 2021.

PIO, Cleuza. Da beleza do corpo à beleza da alma. In. *A terceira Idade> Estudos sobre Envelhecimento*, SESC- São Paulo. Vol.20, n.44, fevereiro 2009, p.33-46.

PMP/SEMAS - PREFEITURA MUNICIPAL DE PARANAVAÍ. SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. *Plano Municipal da Pessoa Idosa 2017-2022*. Paranavaí: SEMAS. 2017.

POPPER, K.R. *Em busca do mundo melhor*. Trad: Milton Camargo Mota. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PORTELLI, A. "O que faz a história oral". *Revista Brasileira de História*, v.9 n°19: 1990, pp. 219-243.

POULANTZAS, Nicos. *As Classes Sociais no Capitalismo de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *A nova aliança: Metamorfose da Ciência*. tradução Miguel Faria, Maria Joaquim Machado Trincheira. Brasília: Editora da UBN, 1984. Conclusão: O reencaminhamento do mundo, p. 203-226.

RAYMUNDO, R. S; SARRAIPO, M.A. S; LEAO, M.A.B. G; *et al.* (2012). *Idoso no Ensino Superior: uma análise dos indicadores oficiais da educação na Região Sudeste*. http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2012/anais/arquivos/0397_1163_01. Pdf. Consultado em 09 de maio de 2019.

RAMOS, Vânia. Momentos do corpo: corpo e movimento
http://fapmg.org.br/uploads/convencoeseacordos/pdf/f454093502d836143a520fc411e06aeeCorpo_e_Movimento_-_Vania_Ramos.pdf

_____, Vânia. Velhos e velhas conquistam espaços nas universidades de São Paulo: Política, Sociabilidade e educação, 2008. PUC-SP, São Paulo.

ROSSATO, Geovanio. "Limites e desafios da educação escolar: reflexões críticas a partir de François Dubert". *Caderno dos Anais do X CONPE - Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional*, 3 a 6 de julho de 2011. UEM, Universidade Estadual de Maringá (PR).

SAES, Décio Azevedo Marques de. "Cidadania e capitalismo: uma crítica à concepção liberal de cidadania". São Paulo, abr. 2000- Série Especial da Coleção Documentos, n. 8

SCHIRRMACHER, F. *A revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SALGADO, Marcelo Antônio. Os grupos e a ação pedagógica do trabalho social com idosos. Políticas Públicas para a habilitação do idoso. *A Terceira Idade*, v.39, São Paulo, 2007.

SANTOS, Boaventura. *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, Silvana S. C. Envelhecimento: Visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental. *Revista RENE*, v.2, n.1, Fortaleza, 2001. p.88-94

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 7 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SPIRDUSO, Waneen W. Dimensões físicas: do envelhecimento. São Paulo: Manole, 2005.

TAAM, Regina. "A educação do idoso: Uma questão contemporânea". In: ALTOÉ, A. (org.). *Temas de educação contemporânea*. Paraná: EDUNIOESTE, 2008.

TAVARES, Ademário Andrade; LEITE, Glauco Salomão. “A Proteção Constitucional da Pessoa Idosa.” In: MENDES, Gilmar Ferreira *et al.* (coord.). *Manual dos Direitos da Pessoa Idosa*. São Paulo, Saraiva, 2017; Constituição de 1988; Estatuto do Idoso em 2003 e Política Nacional do Idoso (1994).

TAMER, Norma. “El envejecimiento humano: sus derivaciones pedagógicas”. OEA, *Colección INTERAMER*, n. 51, série educativa. Departamento de Asuntos Educativos. Centro Editorial. Washington, DC.USA, 1995.

TEIXEIRA, Anísio. “A universidade de ontem e de hoje”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.42, n.95, jul./set. 1964. p.27-47.

TEIXEIRA, *A educação no Brasil*. São Paulo: Cia. Nacional, 1969.

TONI, Isabel Marrachinho. (2019). As instituições de ensino superior e as Unatis brasileiras. https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/artigo_raimunda_sup-e-unatis.pdf. Acesso em: 08 de maio de 2019.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1998.

TEXEIRA, Solange M. (Org.). *Envelhecimento na Sociabilidade do Capital*. Campinas: Papel Social, 2017.

TÓTORA, Silvana. “Ética da vida e o envelhecimento”. In: CÔRTE, Beltrina; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich; ARCURI, Irene Gaeta. (Org.). *Envelhecimento e velhice: um guia para a vida*. São Paulo: Vetor, 2006.

TÓTORA, Silvana (2017). “Envelhecimento ativo: proveniências e modulação da subjetividade”. *Revista Kairós* Nº 20(1), pp. 239-258. São Paulo- SP. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/2176-901X.2017v20i1p239-258/23081>. Acesso em: 05 de abril de 2020.

TÓTORA, Silvana. *Velhice: Uma estética da existência*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2015.

TÓTORA, Silvana. “Governabilidade da velhice e a invenção de resistências”. In: Anais eletrônicos do XXI Encontro Estadual de História da ANPUH-SP. Santos, 2014.

TÓTORA, Silvana. “Velhice e olhar: O corpo concentrado nos olhos”. *Revista Portal de Divulgação*, vol. 38, São Paulo: 2013.

TÓTORA, Silvana. “Velhice e Amor Fati:- Uma poética da vida”. *Revista literária Polichinello*, n. 16, Belém do Pará: 2014.

- TÓTORA, Silvana. “Apontamentos para uma ética do Envelhecimento”. *Revista Kairós*, n. 11(1), São Paulo: 2008, pp.21-38.
- UNESPAR Projetos. Disponível em: <<http://www.fafipa.br/site/index.php/ext>>. Acesso em: 05 de abril de 2019.
- UNESCO. “Declaración mundial sobre la educación superior en el siglo XXI”: Visión y acción. Paris: UNESCO, 1998.
- UNITED NATIONS POPULATION FUND (UNFPA). *Ageing in the Twenty- First Century: a celebration and a challenge*, 2012.p.19-20. Disponível em: <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Ageing%20report.pdf> Acesso em 04 de Novembro de 2019.
- VELLAS, Pierre. *As oportunidades da Terceira Idade*. 1o ed. Paraná: Eduem, 2009.
- VERAS, RP, Caldas CP. “Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade”. *Ciênc. Saúde Coletiva*, 2004.
- VALLADARES, Lícia. “Os dez mandamentos da observação participante”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - Vol. 22. Nº. 63. Resenha de WHYTE, William Foote. Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- VAZ, Júlio Machado. *É preciso falar mais do envelhecimento do que da velhice em si*. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/e-preciso-falar-mais-do-envelhecimento-do-que-da-velhice-em-si/> Acessado em: 29 de outubro de 2019.
- VILIONE, G. C. C.; SOARES, N. “A materialização da Política de “Envelhecimento Ativo” no Tempo da Ofensiva Neoliberal”. In: TEXEIRA, Solange Maria (org.). *Envelhecimento na Sociabilidade do Capital*. Campinas: Papel Social, 2017.
- WALLERSTEIN, Immanuel. Fund. Gunbelkian. “Para abrir as Ciências Sociais.” São Paulo: Cortez, 1996. Resenha de: NEVES, L.A. *Novas propostas metodológicas em Ciências Sociais: os desafios da história oral*. Associação Brasileira de História Oral. São Paulo, v. 4, p. 178- 182, 2001.
- WORLD Health Organization. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.
- WOTLING, Patrick. *Nietzsche e o problema da civilização*. Trad. Vinicius de Andrade. São Paulo: Editora Barcarolla, 2013.
- ZIMERMANN, Guite I. *Velhice: Aspectos biopsicossociais*, Porto Alegre Artmed: 2000.
- ZIMMERMAN, M. A. “Empowerment theory”. In: RAPPORT, J.; SEIDMAN, E. (Eds.). *Handbook of Community Psychology*. Nova York: Kluwer, 2000. P.43-63.

ANEXOS

ANEXO 1 - Parecer do CEP - Comitê de Ética em Pesquisa PUC-SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Título-A Arte de Viver : Experiências universitárias com educação aberta às velhices.

Pesquisador: Juliana de Aquino Feminino Doronin

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 00534818.1.0000.5482

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Sociais da PUC/SP

Patrocinador Principal: Fundação São Paulo

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.991.642

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Tese de Doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais (PEPG em CSO), vinculado à Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Juliana de Aquino Fonseca Doronin, sob a orientação da Profa. Dra. Silvana Maria Corrêa Tótoro.

A proposta indica resumidamente que visa "(...) A pesquisa em curso trata do acompanhamento de duas experiências com educação da Universidade aberta à Terceira Idade: projeto "UNATI", já consolidado desde 2009 da UEM (Universidade Estadual de Maringá) de cunho permanente e projeto extencionista "Viver Melhor", mais recente (2015-2018) da UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná-Campus Paranavaí), além de outras experiências² com foco na cidadania. Possui como objetivo principal a percepção do impacto que essas experiências trazem na vida dos idosos e de que maneira elas são evidenciadas na prática, - no caminho da criticidade ou apenas reproduzindo o que traz às legislações sobre velhice, integrando o idoso na perspectiva de ser único independente da sua realidade histórico-cultural. Será utilizada como metodologia, a observação participante e entrevista, onde algumas questões nortearão a pesquisa como: De que forma o problema da velhice é sentido na atualidade por esses sujeitos em relação à Família-Sociedade- Estado? ; Que mudanças em suas vidas, e em suas subjetividades, esses idosos

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 2.991.642

experimentam ao participarem dos projetos educacionais pesquisados? Na sequência levantaremos os problemas e questões dessas experiências de assessoramento das IES, a partir de estudo histórico das origens e proposições que as fundamentam, normatizada na Constituição Federal Brasileira (1988) e Estatuto do Idoso (2003).”

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Objetivo Geral: Avaliar o impacto que experiências com educação e de assessoramento a comunidade idosa promovem na vida desses sujeitos e perceber de que maneira se evidencia na prática tal ação, contribuindo através da criticidade para formação de novas propostas de políticas públicas ou reproduzindo o que traz as legislações sobre velhice, integrando o idoso na perspectiva de ser único independente da sua realidade históricocultural.

Objetivo Secundário:

Objetivos Específicos: Pesquisar as origens da universidade e identificar elementos de aproximação das universidades (formais) e abertas à terceira idade (não formais) Levantar e contextualizar os problemas e questões das experiências contemporâneas pesquisadas com idosos e relacionar com as origens das universidades. Mapear no Brasil os núcleos de atendimento ao idoso (social, jurídico e psicológico), universidades abertas à terceira idade que tratam do tema cidadania como objetivo central; Traçar o perfil socioeconômico e cultural dos participantes das experiências dos projetos pesquisados (Unati/UEM e Viver Melhor/UNESPAR). Investigar junto aos participantes das experiências universitárias (Unati/UEM e Viver Melhor/UNESPAR) as construções desse sujeito acerca da velhice e as contribuições dessas experiências percebidas no seu (s) cotidiano (s) relacionado aos aspectos da cidadania. Verificar a percepção dos familiares sobre as mudanças ocorridas na vida dos idosos a partir da participação destes nas experiências pesquisadas; Relacionar à percepção dos idosos e dos familiares quanto às mudanças e os impactos trazidos a partir dessas experiências para a vida dos mesmos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado na Resolução CNS/MS n. 466/12 que trata das pesquisas que envolvem seres humanos.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	
Bairro: Perdizes	CEP: 05.015-001
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@puccsp.br



Continuação do Parecer: 2.991.642

- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem Pendências e Lista de Inadequações, portanto, somos de parecer favorável à aprovação e realização do projeto de pesquisa em tela.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1217435.pdf	08/10/2018 14:21:07		Aceito
Parecer Anterior	PARECER.pdf	08/10/2018 14:14:43	Juliana de Aquino Feminino Daronin	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	08/10/2018 14:10:39	Juliana de Aquino Feminino Daronin	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	11/09/2018 14:30:32	Juliana de Aquino Feminino Daronin	Aceito
Declaração de Pesquisadores	oficio.pdf	11/09/2018 14:29:23	Juliana de Aquino Feminino Daronin	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	VIVER_MELHOR.pdf	11/09/2018 13:52:48	Juliana de Aquino Feminino Daronin	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	UNATI.pdf	11/09/2018 13:52:29	Juliana de Aquino Feminino Daronin	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	11/09/2018 13:40:32	Juliana de Aquino Feminino Daronin	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	CEP: 05.015-001
Bairro: Perdizes	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466
	E-mail: cometica@puccsp.br



Continuação do Parecer: 2.991.642

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O trabalho encontra-se em boa fase de desenvolvimento; é bem estruturado e bem escrito; prenuncia resultados bastante contributivos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

1. Folha de Rosto - OK;
2. TCLE - OK;
3. Ofício de Apresentação - OK;
4. Projeto de Pesquisa - OK;
5. Autorização para realização da Pesquisa - OK;
6. Parecer de mérito acadêmico - OK;

Esta lista está disponível no site: www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios

Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido sítio, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	CEP: 05.015-001
Bairro: Perdizes	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466
	E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 2.991.642

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:



Não

SAO PAULO, 30 de Outubro de 2018

Assinado por:
Antonio Carlos Alves dos Santos
(Coordenador(a))

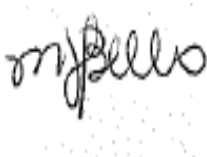
Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@puccsp.br

ANEXO 2 - Autorização para realização da observação participante no VIVER MELHOR/UNESPAR

 <p>UNESPAR Universidade Estadual do Paraná Campus de Paranavaí</p>	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - UNESPAR CAMPUS DE PARANAVAÍ</p> <p>Campus Universitário "Frei Ulrico Goevert – Av. Gabriel Esperidião, S/N Caixa Postal, 306 – CEP 87703-000 – PARANAVAÍ – PARANÁ www.unespar.edu.br</p>	 <p>PARANÁ GOVERNO DO ESTADO Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior</p>
---	--	--

AUTORIZAÇÃO

Eu, Profa. Dra. Marília Gonçalves Dal Bello, coordenadora do Curso de Serviço Social, após ter lido e entendido as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas referente à pesquisa do Projeto de Doutorado, intitulado "A Arte de Viver: Experiências universitárias com educação aberta às velhices", vinculada ao Programa de Pós Graduação da PUC-SP, sob orientação da Profa Dra. Silvana Tótora, concordo, **VOLUNTARIAMENTE** em autorizar a sua realização com os idosos participantes do Projeto de extensão Viver Melhor, vinculado à este colegiado.



Marília Gonçalves Dal Bello

Coordenadora do curso de Serviço Social Unespar/Paranavaí

Paranavaí, Agosto de 2017.

ANEXO 3 - Autorização para realização da observação participante na UNATI/UEM



Universidade Estadual de Maringá
Universidade Aberta à Terceira Idade



AUTORIZAÇÃO

Eu, **PAULO LOPES**, coordenador geral da UNATI, após ter lido e entendido as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes à pesquisa do projeto de doutorado da aluna Juliana Aquino Fonseca Doronin, intitulada "A arte de viver: experiências universitárias com a educação aberta às velhices", vinculada ao Programa de Pós Graduação da PUC-SP, sob a orientação da Profª. Dr. Silvana Tótora, concordo, **VOLUNTARIAMENTE**, em autorizar a sua realização com alunos da UNATI.

Maringá, 19 de fevereiro de 2018.


Prof. Paulo Lopes,
Coordenador geral.

ANEXO 4 - Comprobatório de observação no Grupo de Estudos em Filosofia “Repensar a Terceira Idade” (UNATI/UEM)



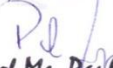
Universidade Estadual de Maringá
Universidade Aberta à Terceira Idade



DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que **Juliana Aquino Fonseca Doronin**, freqüenta o grupo de estudos em Filosofia “Repensar a Terceira Idade”, coordenado pelo professor Paulo Ricardo Pedrozo, na condição de pesquisadora, referente à pesquisa do projeto “A arte de viver: experiências universitárias com a educação aberta às velhices”, no período de 03/04 a 13/07, realizado por esta Universidade Aberta a Terceira Idade.

Maringá, 07 de maio de 2018.


Prof. Ms. Paulo Lopes,
Coordenador Geral.

ANEXO 5 - Comprovatório de observação na Roda de Conversa (UNATI/UEM)

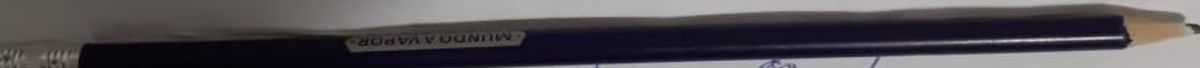
Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.
Departamento de Filosofia

**DECLARAÇÃO**

DECLARAMOS, para os devidos fins, que **Juliana de Aquino Fonseca**

Doronin, frequentou do período de 17/08/2018 a 19/10/2018, o Projeto de Extensão "Roda de Conversa da UNATI", coordenado pelo Prof. Dr. Raymundo de Lima na condição de pesquisadora VOLUNTÁRIA de Doutorado, do Projeto intitulado : "A arte de viver: experiências universitárias com educação aberta às velhices", vinculado a PUC-SP, sob orientação da Profa. Dra. Silvana Tótora .

Maringá, 24 de Outubro de 2018.



Raymundo de Lima
Prof. Dr. Raymundo de Lima

-Coordenação-

ANEXO 6 - Comprovatório de participação no grupo de extensão VIVER MELHOR/UNESPAR

Universidade Estadual do Paraná

CERTIFICADO

Conferimos a Juliana de A. F. Doronin, o presente certificado por Coordenar o Projeto de Extensão - VIVER MELHOR, promovido pelo Colegiado do Curso de Graduação em Serviço Social - Bacharelado desta Universidade Estadual do Paraná - Campus de Paranavaí, realizado no período de 01 de Setembro de 2016 à 14 de Outubro de 2017, com a carga horária total de 606 horas.

Paranavaí, 16 de outubro de 2017



Edmar Bonfim de Oliveira
Diretor da UNESPAR - Campus de Paranavaí

Virgílio Manuel Pereira Bernardino
Chefe da Divisão de Extensão e Cultura



Registro:
Livro: nº 02
Folha: 54 - B
Data: 26/09/2017

PROGRAMAÇÃO

- Rede Socio-assistencial com ênfase no acolhimento Institucional;
- Apresentação do Campus da UNESPAR/Paranavaí aos idosos com Tour pelas diversas instalações como laboratórios diversos, biblioteca, centro de eventos, mini- auditório, projetos de extensão, salas de aula, centro administrativo;
- As subjetividades das expressões da velhice para os participantes do projeto;
- Exposição de discentes para idosos de algumas pesquisas relacionadas ao Projeto- ?A experiência do projeto de extensão Viver Melhor, envelhecimento populacional e o olhar de discentes sobre experiência extensionista e universitária com os idosos?;
- Exposição sobre ?Boa Alimentação e visitação de Idosos a Horta Orgânica da UNESPAR;
- Protagonismo e empoderamento da pessoa idosa com estudos sobre legislações sobre direito do idoso (Política Nacional do Idoso ; Estatuto do Idoso e Constituição de 1988);
- Análise, sistematização, levantamento, discussão e assessoramento sobre as deliberações das Conferências do Idoso (2008 e 2015) realizadas em Paranavaí-Pr;
- Exibição e discussão sobre o filme: O Estudante- do diretor e roteirista Roberto Giraul abordando a importância da Educação para o Idoso;
- Motivações e expectativas dos idosos contemporâneos;
- Elaboração de Instrumental, aplicação, análise, sistematização e assessoramento junto aos idosos na construção de proposições de ações para composição do Plano Municipal da Pessoa Idosa (gestão 2017-2021) nos eixos de: Saúde; Educação, Ciência e Tecnologia; Justiça e Segurança Publicam; Cultura, Esporte e Lazer; Promoção e Assistência Social; Habitação, Transporte e Urbanismo; Ações transversais e financiamento; Trabalho e Previdência Social;
- Concepções e percepções sobre o envelhecimento na contemporaneidade/ Mal estar diante dos valores de produção;
- Relações Inter geracionais positivas com realização de oficina de artes na integração de idosos e jovens;
- Debate filosófico com idosos na exposição da obra: ? A Velhice, Nietzsche e EU?;
- Elaboração de instrumental e aplicação e sistematização com levantamento de interesses sobre temáticas ligadas ao envelhecimento para composição de futuras ementas em caso de implantação de Universidade Aberta a Terceira Idade e Núcleo de Atendimento Psico-Jurídico e Social no Campus de Paranavaí;
- Mobilização do enfrentamento da violência contra o Idoso;
- Importância do trabalho em Rede;
- Refletindo sobre seu Município (Território);
- Aproximação com a comunidade externa na vivência de trabalho em grupo;
- Aprofundamento teórico sobre temática do envelhecimento para planejamento das reuniões;
- Elaboração e execução de planos de trabalho;
- Participação nas Reuniões do GT do CMDI para elaboração do plano municipal da pessoa idosa gestão (2017-2021);
- Participação e/ou Apresentação com publicações de trabalhos Científicos-acadêmico sobre a temática do Idoso.

ANEXO 7 - Resolução N° 034/2009-COU, sobre criação da UNATI/UEM**RESOLUÇÃO N° 034/2009-COU****CERTIDÃO**

Certifico que a presente resolução foi afixada em local de costume, nesta Reitoria e no site <http://www.scs.uem.br>, no dia 21/12/2009.

Isac Ferreira Lopes,
Secretário.

Aprova criação da UNATI/UEM e adota outras providências.

Considerando o conteúdo do **Processo n° 2.345/2008-PRO**; considerando o disposto no Inciso VI do Artigo 3º, Inciso VI do Artigo 4º, Parágrafo único do Artigo 4º e no Artigo 43 do Estatuto da Universidade Estadual de Maringá;

considerando o disposto no Artigo 5º do Regimento Geral da Universidade Estadual de Maringá; considerando o disposto no Artigo 25 do Estatuto do Idoso; considerando o disposto no Parecer n° 009/2009-PLAN,

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO APROVOU E EU, REITOR, SANCIONO A SEGUINTE RESOLUÇÃO:

Art. 1º Aprovar a criação da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Maringá (UNATI/UEM), como órgão suplementar, vinculado a Reitoria.

Art. 2º Aprovar o Regulamento da UNATI, conforme Anexo I e o Organograma, conforme Anexo II, partes integrantes desta resolução.

Art. 3º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Dê-se ciência.
Cumpra-se.

Maringá, 14 de dezembro de 2009

Décio Sperandio,
Reitor.

ADVERTÊNCIA:

O prazo recursal termina em 6/1/2010. (Art. 95 - § 1º do Regimento Geral da UEM)

ANEXO

REGULAMENTO DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE DA UEM (UNATI/UEM)

CAPÍTULO I DOS PRINCÍPIOS

Art. 1º A Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI/UEM), órgão suplementar, vinculado ao Gabinete da Reitoria, tem por princípios:

- I - compromisso com a luta nas diferentes formas de exclusão social do idoso;
- II - compromisso com a promoção da autonomia, da dignidade e da cidadania do idoso;
- III - a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;
- IV - perspectiva da horizontalidade entre os diferentes campos do conhecimento: a inter, a multi e a transdisciplinaridade;
- V - compreensão do envelhecimento, no curso da vida nas dimensões biológica, psíquica e social;
- VI - a gratuidade dos trabalhos educativos.

CAPÍTULO II DAS FINALIDADES

Art. 2º A UNATI, tem por finalidades:

- I - desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão nas áreas da gerontologia e da geriatria;
- II - produzir e socializar o conhecimento norteando-se pelo princípio da inter, da multi e da transdisciplinaridade;

- II - Coordenação Geral;
- III - Coordenadoria Pedagógica;
- IV - Secretaria.

SEÇÃO II

DA COMUNIDADE UNATI

Art. 5º A comunidade da UNATI/UEM é composta por:

- I - docentes da UEM que desenvolvam projetos de pesquisa, de ensino ou de extensão relativos à temática da terceira idade;
- II - servidores técnico-universitários vinculados a atividades relacionadas à temática da terceira idade;
- III - servidores aposentados da UEM admitidos em caráter voluntário, conforme legislação em vigor;
- IV - alunos, estagiários e bolsistas, com orientador e atividades vinculadas à UNATI.
- V - outras pessoas credenciadas pelo COEPE.

CAPÍTULO IV

DAS COMPETÊNCIAS

SEÇÃO I

DO COLEGIADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (COEPE)

Art. 6º O COEPE, instância deliberativa máxima da UNATI, compõe-se dos seguintes membros:

- I - coordenador geral da UNATI, que o preside;
- II - coordenador pedagógico;

III - quatro docentes do quadro efetivo da UEM vinculados à UNATI há, pelo menos, dois anos, eleitos pelos seus pares;

IV - um representante docente de cada centro, indicado pelo Conselho Interdepartamental (CI);

V - um representante da Secretaria Municipal de Educação;

VI - um representante indicado pelo Conselho Municipal do Idoso;

VII - um representante dos movimentos sociais, eleito pelos seus pares;

VIII - um representante dos alunos da UNATI, eleito pelos seus pares;

Parágrafo único. Os membros referidos nos Incisos III, IV, V, VI, VII e VIII devem ter suplentes.

Art. 7º Os representantes eleitos e indicados para o COEPE têm mandato de dois anos, com a possibilidade de uma recondução sucessiva.

Art. 8º No processo eleitoral para escolha dos representantes docentes, constantes no Artigo 6º, Inciso III, para o COEPE, observa-se o seguinte:

I - podem ser candidatos os professores efetivos da UEM que estejam exercendo atividades de ensino ou de pesquisa ou de extensão relativas à terceira idade há pelo menos um ano;

II - os candidatos a representantes dos docentes, titular e suplente, devem ser inscritos por chapa;

III - são eleitores os docentes, os servidores técnico-universitários e os servidores aposentados da UEM pertencentes à comunidade universitária e que desenvolvam ações junto à UNATI.

Art. 9º O COEPE reúne-se ordinariamente uma vez por semestre e, extraordinariamente, tantas vezes quantas forem necessárias, convocado pela coordenação geral ou por um terço dos seus membros.

§1º O membro que não comparecer a três sessões sucessivas, sem justificativas ou a 25% do total de sessões anuais, deve perder o direito à continuidade de seu mandato.

§ 2º Nos casos do contido no Artigo 6º Incisos III, VI, VII, VIII o respectivo suplente pode assumir a representação para complementação de mandato.

Art. 10. Na vacância do representante dos docentes da UNATI, observa-se o seguinte:

I - decorridos mais de dois terços do mandato, o suplente assume a titularidade para complementação do mandato;

II - não decorridos dois terços do mandato, o suplente assume a titularidade e a coordenação geral deve convocar nova eleição no prazo de 30 dias;

III - o suplente pode concorrer à titularidade da representação para complementação do mandato.

Art. 11. Compete ao COEPE:

I - indicar ao Conselho Universitário (COU) o coordenador geral e o coordenador pedagógico da UNATI, que os homologa e empossa;

II - aprovar as atividades de ensino, de pesquisa e de extensão vinculadas à UNATI, após consulta aos departamentos sobre a liberação de carga horária;

III - aprovar o planejamento e o relatório anual das atividades previstas para a UNATI;

IV - deliberar sobre eventos e outras atividades de caráter científico, político ou cultural;

V - elaborar orçamento anual interno e o plano de aplicação dos recursos financeiros e encaminhar às instâncias superiores da UEM para análise e deliberação;

VI - elaborar o relatório financeiro anual, para posterior encaminhamento e aprovação pelas instâncias superiores da UEM para análise e deliberação;

VII - propor e aprovar mudanças regulamentares da UNATI/UEM, por deliberação favorável de dois terços dos seus membros, para posterior deliberação do COU;

VIII - aprovar as propostas de parcerias e/ou convênios institucionais para posterior encaminhamento as instâncias deliberativas competentes;

IX - elaborar propostas e avaliar o cumprimento das metas do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) afetas à UNATI;

X - deliberar sobre os casos omissos neste regulamento, desde que, por sua natureza, não sejam da competência de outros órgãos;

XI - convocar sessão e pautar assunto de sua competência mediante requerimento assinado por maioria simples de seus membros;

XII - credenciar pessoas de outros órgãos e entidades.

SEÇÃO II

DA COORDENADORIA GERAL

Art. 12. A administração da UNATI é exercida por coordenador geral, eleito pelo COEPE e nomeado pelo reitor após homologação do COU.

X - encaminhar para aprovação, anualmente ao Conselho de Administração (CAD), os relatórios financeiros apreciados pelo COEPE;

XI - encaminhar para aprovação do COEPE, relatório anual relativo às ações realizadas na UNATI e ao CEP para ciência;

XII - nomear comissão eleitoral e promulgar o edital das eleições;

XIII - zelar pelo bom funcionamento administrativo da UNATI;

XIV - cumprir e fazer cumprir o presente regulamento;

SEÇÃO III

DA COORDENADORIA PEDAGÓGICA

Art. 18. A Coordenadoria Pedagógica da UNATI é exercida por um coordenador, docente, eleito pelo COEPE e nomeado pelo reitor, de acordo com as normas vigentes.

Art. 19. São elegíveis para o cargo de coordenador pedagógico professores efetivos da UEM que estejam exercendo atividades de ensino ou de pesquisa ou de extensão na UNATI, pelo período mínimo de dois anos.

Parágrafo único. O coordenador pedagógico deve ser graduado preferencialmente em pedagogia.

Art. 20. O mandato do cargo de coordenador pedagógico tem a duração de dois anos, com a possibilidade de uma eleição sucessiva.

Parágrafo único. Na vacância do cargo de coordenador pedagógico, o coordenador geral deve, num prazo de 15 dias, instituir o processo eleitoral para preenchimento do cargo vago e para complementação de mandato.

Art. 21. Ao coordenador pedagógico compete:

I - elaborar com o coordenador geral a política pedagógica da UNATI, de acordo com suas finalidades;

II - conduzir a política pedagógica da UNATI;

III - acompanhar e apoiar as atividades pedagógicas da UNATI;

IV - analisar, em conjunto com o coordenador geral, os projetos de ensino, de pesquisa e de extensão, encaminhados à UNATI;

V - encaminhar às chefias de departamento, a demanda anual de carga horária de ensino dos docentes interessados em atuar na UNATI;

VI - acompanhar o desenvolvimento dos projetos aprovados pelo COEPE;

Art. 13. São elegíveis para o cargo de coordenador geral, professores efetivos da UEM que estejam exercendo atividades de ensino ou de pesquisa ou de extensão relativas à terceira idade há pelo menos um ano.

Art. 14. O cargo de coordenador geral tem mandato de dois anos, com a possibilidade de uma recondução.

Art. 15. Na vacância do coordenador geral, observa-se o seguinte:

I - se transcorridos dois terços do mandato, o coordenador pedagógico assume o cargo para complementação do mandato;

II - não decorridos dois terços do mandato, o coordenador em exercício deve, num prazo de 30 dias, instituir o processo eleitoral para o preenchimento do cargo de coordenador geral e para complementação de mandato;

III - o coordenador em exercício não pode concorrer à complementação do atual mandato.

Art. 16. Na vacância dos cargos de coordenador geral e coordenador pedagógico, a Coordenação Geral da UNATI deve ser exercida pelo membro do COEPE mais antigo na carreira docente.

Parágrafo único. No prazo de 30 dias após sua indicação, o coordenador em exercício a que se refere o *caput* deste artigo deflagra o processo eleitoral para o preenchimento dos cargos de coordenador geral e coordenador pedagógico para complementação de mandato.

Art. 17. Compete ao coordenador geral:

I - exercer as atividades políticas e administrativas da UNATI em todas as instâncias da Universidade;

II - promover atividades pedagógicas e administrativas de acordo com os princípios e finalidades da UNATI;

III - convocar o COEPE e presidir suas reuniões;

IV - promover intercâmbio em âmbito nacional e internacional com outras instituições, objetivando o desenvolvimento da UNATI;

V - propor parcerias e/ou convênios visando obtenção de recursos financeiros e humanos para a UNATI, respeitados os princípios e finalidades do órgão;

VI - criar comissões para a realização de eventos científicos e para avaliação de propostas de trabalhos e de projetos encaminhados à UNATI;

VII - elaborar o orçamento anual e definir alocação dos recursos orçamentários, em conjunto com a Coordenadoria Pedagógica;

VIII - supervisionar a aplicação dos recursos orçamentários;

IX - encaminhar, anualmente, relatórios financeiros para apreciação do COEPE;

VII - promover a inter, a multi e a transdisciplinaridade;

VIII - articular os projetos de ensino, de pesquisa e de extensão otimizando recursos materiais e humanos;

IX - elaborar com o coordenador geral, a proposta orçamentária anual da UNATI;

X - elaborar com o coordenador geral, o plano de aplicação dos recursos orçamentários oriundos das fontes financiadoras internas e externas;

XI - avaliar os resultados das atividades pedagógicas;

XII - elaborar o relatório anual relativo às ações realizadas na UNATI, encaminhar ao COEPE para aprovação, e ao CI onde houver maior número de professores que ministrem atividades didáticas, para ciência;

XIII - aprovar e acompanhar o desenvolvimento das atividades de estágios de alunos da UEM na UNATI;

XIV - contribuir para constituição e atualização do acervo bibliográfico e zelar por sua preservação;

XV - promover, junto com a Coordenação Geral, seminários e outros eventos científicos, político-jurídico e culturais.

XVI - cumprir e fazer cumprir o presente regulamento;

XVII - outras atividades correlatas.

SEÇÃO IV

DA SECRETARIA

Art. 22. A secretaria é a unidade de apoio técnico-administrativo da UNATI e é administrada por um servidor, nomeado pelo reitor, de acordo com as normas vigentes.

Art. 23. Compete ao secretário:

I - coordenar todas as atividades da secretaria;

II - encarregar-se dos serviços de redação e digitação;

III - preparar e distribuir as correspondências interna e externa;

IV - manter atualizados os arquivos, catálogos e fichários;

V - administrar e zelar pelo uso e conservação dos materiais de uso administrativo, equipamentos e instalações;

VI - responsabilizar-se pelos serviços de recepção da UNATI;

VII - cumprir e fazer cumprir o presente regulamento;

VIII - outras atividades correlatas.

SEÇÃO V

DA COMUNIDADE UNATI

Art. 24. Compete aos membros da UNATI:

I - observar e cumprir o estabelecido neste regulamento e nas normas internas da UNATI, bem como o disposto no Estatuto e Regimento Geral da Universidade Estadual de Maringá e outras normas e determinações superiores;

II - participar de reuniões convocadas no âmbito da UNATI;

III - zelar pelo material científico, dados, equipamentos, acervo bibliográfico e outros bens patrimoniais vinculados à UNATI;

Art. 25. Aos servidores docentes que desenvolvam atividades na UNATI compete:

I - desenvolver projetos de ensino ou de pesquisa ou de extensão que atendam às finalidades da UNATI;

II - submeter ao coordenador pedagógico o planejamento das atividades educativas, atendendo aos prazos estabelecidos;

III - zelar pelo bom funcionamento administrativo da UNATI;

IV - cumprir o presente regulamento.

Parágrafo único. Os servidores docentes que desenvolvem atividades na UNATI têm o direito a computar em sua carga horária de ensino as atividades educativas desenvolvidas.

CAPÍTULO V

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 26. O primeiro COEPE deve ser composto pelos membros da comissão responsável pela elaboração do projeto de criação da UNATI, instituída pela Portaria nº 995/07-GRE.

§ 1º Cabe ao COEPE, assim constituído, eleger entre seus membros, o coordenador geral e o coordenador pedagógico.

§ 2º É ressalvado, aos ocupantes dos cargos, o direito a participar da próxima eleição.

Art. 27. Os casos omissos neste regulamento são resolvidos pela Reitoria, ouvido o COEPE.

ANEXO 8 - Plano de Curso do Grupo de estudo filosofia: “Repensar a Terceira Idade” (2018)

CONTEÚDOS DOS COMPONENTES CURRICULARES

CURSO: Grupo de estudos em Filosofia “Repensar a Terceira Idade”

PROFESSOR/Orientador: Paulo Ricardo Vijande Pedrozo

CARGA HORÁRIA			Nº alunos	PERIODICIDADE		
Teórica	Prática	TOTAL			Annual	
		68 horas-aula	12			Grupo permanente

Encontros semanais nas terças-feiras, das 17h10min às 18h50min

EMENTA: Terceira idade. Conceito. Qualidade de vida. Saúde. Cuidados com a saúde. Relações Sociais. Afeto. Trabalho. Aposentadoria. Terceira idade ativa. Questões filosóficas correlacionadas com a terceira idade. Humildade: teoria e prática. Humildade e perdão.

OBJETIVOS E ATIVIDADES:

Repensar a terceira idade por meio de atividades em sala de aula, auxiliando cada um a viver mais e melhor. Como era a nossa vida em 1993 e como é hoje? Como podemos usar a nossa experiência para ajudar os mais jovens a Viver Melhor? O que fizemos nos últimos 15 anos para termos uma vida com saúde e bem-estar, individual, familiar e social e quais são os reflexos hoje? O que fizemos antes e o que deve ser mudado? Planejamento do dia, da semana, do mês e do ano. Como foi e como é a nossa vida profissional? O que é humildade? Como ela nos auxilia a Viver Melhor nas diversas fases de nossas vidas? Os participantes serão convidados a se manifestar sobre possíveis respostas a tais questões, e a fazer novos questionamentos que considerem relevantes a respeito do assunto. O professor organizará as manifestações individuais e as respostas que forem sendo alcançadas, com a utilização de recursos didáticos como o quadro, e incentivará a realização de anotações individuais. Serão realizadas orientações sobre atividades individuais, com amigos e com familiares. Será solicitada a contribuição de professores e profissionais de várias áreas do conhecimento

PROGRAMA:

1. O que é a terceira idade? Como se chega a ela com qualidade de vida?
2. Estatísticas sobre a terceira idade no Brasil e no mundo.
3. Reflexão sobre notícias e matérias publicadas na Internet sobre a terceira idade. Criação de conta no Google e utilização do recurso de alerta para se obter matérias sobre a terceira idade que serão utilizadas pelos participantes em sala de aula.
4. Reflexão sobre a importância da alimentação, das atividades físicas e atividades intelectuais, da vida social e da prevenção de doenças e cuidados com a saúde.
5. Reflexão sobre o trabalho e a terceira idade. Trabalho e aposentadoria. A Organização Mundial da Saúde e o conceito de terceira idade ativa.
6. Utilização da minissérie "Merlí", de LOZANO, CORTÉS e FITÉ (2015-2018), com 40 episódios em 3 temporadas, disponível no Brasil na Netflix, para correlacionar as questões filosóficas e os autores nela tratados com temas da terceira idade.
7. Humildade: teoria e prática. Humildade e perdão.

BIBLIOGRAFIA

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CÍCERO. **Saber Envelhecer**: Seguido de Lélío, ou A Amizade. Tradução de Paulo Naves. Porto Alegre: L&PM, 1997.

LEME, L. E. G. A gerontologia e o problema do envelhecimento: visão histórica. In: _____ **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1997, p. 13-25.

LOZANO, Héctor; CORTÉS, Eduard e FITÉ, Menna. Merlí. Barcelona, Nova Veranda e Corporació Catalana de Mitjans Audiovisuals, SA, 2015-2018. Minissérie em 40 episódios, disponível na Netflix.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Envelhecimento: Visão de Filósofos da Antigüidade Oriental e Ocidental. Disponível na Internet em: <<http://periodicos.ufc.br/index.php/rene/article/view/5837>> Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

SÊNECA Da Tranqüilidade da Alma. Tradução de Giulio Davide Leoni. In: SENECA. São Paulo: Nova Cultura, 1982. (Os Pensadores)

Bibliografia Complementar

INSTITUTE FOR HEALTH METRICS AND EVALUATION, "Country Profiles". Disponível na Internet em: <<http://www.healthdata.org/results/country-profiles>> Acesso em: 18 de fevereiro de 2017.

INSTITUTE FOR HEALTH METRICS AND EVALUATION, "Brazil". Disponível na Internet em: <<http://www.healthdata.org/brazil>> Acesso em: 18 de fevereiro de 2017.

"Rethinking Ageing: Are we prepared to live longer?" Curso à distância na plataforma Coursera. Disponível na Internet em: <<https://www.coursera.org/learn/ageing>> Acesso em: 17 de fevereiro de 2017.

Millane *et alli*, Emily. "Living Life Loving Life Young & Old". Disponível na Internet em: <http://www.futureleaders.com.au/book_chapters/search/chapters_book_6.php> Acesso em: 18 de fevereiro de 2017.

SKLAR, Tara, "Retirement and Ageing: A Reordering of Priorities". Disponível na Internet em: <http://www.futureleaders.com.au/book_chapters/Living-Life-Loving-Life/Tara-Sklar.php> Acesso em: 18 de fevereiro de 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. "Active ageing: A policy framework, 2002". Disponível na Internet em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67215/1/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf> Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

WORTHINGTON JR., Everett L. *et alii*. (ed). Handbook of Humility: Theory, Research, and Applications. Nova Iorque: Routledge, 2017. Uma prévia do livro eletrônico pode ser encontrada no Google Books em: <<https://books.google.com.br/books?id=02muDQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2018.

ANEXO 9 - Lista de Cursos ofertados (2019-2)



Universidade Estadual de Maringá
Universidade Aberta à Terceira Idade



HORÁRIO 1/2018 – 9ª ETAPA

SEGUNDA-FEIRA

Horário	Curso	Local	Período/início
7h45m – 10h30m	Insetos e plantas: convivendo na horta e no jardim (UNA7865)	E46-07	19/03
8h – 9h30m	→ Grupo de Estudos em Língua Italiana – turma 2	E46-05	19/03
9h30m – 11h	→ Grupo de Estudos em Língua Italiana – avançado	E46-05	19/03
9h-11h	→ Inglês para iniciantes – nível básico - T-3 (aulas- 2ª e 4ª)	Bloco 29/ILG	26/03
13h30– 15h10m	→ Nutrição VII (UNA9694) Continuação	E46-05	19/03
14h-16h	→ Inglês para iniciantes – nível básico - T-1 (aulas 2ª e 4ª)	Bloco 29/ILG	26/03

TERÇA-FEIRA

Horário	Curso	Local	Período /início
8h – 9h	→ Hidroginástica (UNA5863), 3ª e 5ª, mod.1/2	DEF/Piscina	20/03
8h30m - 10h30m	→ A Matemática em Exposição (UNAxxxx) (aulas: 20 e 27/03, 10 e 17/04, 08 e 22/05, 05 e 19/06)	A confirmar	
9h40m - 11h20m	Leitura e interpretação de mapas, plantas e gráficos UNA(9514)	E46-05	20/03
9h40m - 11h20m	→ Vida Saudável: benefícios da ciência e a prática diária (UNA9684)	E46-07	20/03
9h40m - 11h20m	→ Literatura e Formação Humana no Ocidente (UNAXXXX)	I12-201	20/03
13h30m - 17h30m	→ A Terceira Idade e a Internet I (UNA9677)	PDE-BI33- sala de computação	20/03
13h30m - 15h10m	→ Origami Básico III (UNA7436) - quinzenal, mod.1/2	BI 25 – 02	20/03
13h30m - 15h10m	→ Influências do Clima na Agricultura (UNAxxxx)	E46-07	27/03
14h-15h30m	→ Fotografia e seus encantos (UNA9027), T-1	E46 - 05	20/03
14h – 15h	→ Academia (UNA5868) 3ª e 5ª, mod.1/2	Tatame M-8	20/03
13h30m - 15h10m	→ Origami II (UNA xxxx) - quinzenal, mod.1/2	BI 25 – 02	27/03
14h-16h	→ Inglês para iniciantes – nível básico - T-2 -(aulas 3ª e 5ª)	Bloco 29/ILG	27/03
17h10m– 18h50m	→ Grupo de Estudos em Filosofia “Repensar a Terceira Idade” – anual	E46-05	03/04

QUARTA-FEIRA

Horário	Curso	Local	Período/início
9h-11h	→ Inglês para iniciantes – nível básico- T-3 - (aulas 2ª e 4ª)	Bloco 29/ILG	26/03
9h40m – 11h30m	→ Relacionamentos humanos - continuação (UNA7873) – turma 1	E46-07	21/03
9h40m – 11h20m	→ Evitando doenças promovendo saúde (UNA5870) Mod. ½	I-90-sala 16	04/04
9h40m – 11h20m	→ Mundo dos insetos e a saúde humana (UNA5996) – mod. ½	E46-05	21/03
13h30m – 15h	→ Produção e compreensão Oral língua inglesa (UNA8510) – mod. ½	H12-04	04/04
14h-16h	→ Inglês para iniciantes – nível básico - T-1 – (aulas 2ª e 4ª)	Bloco 29/ILG	26/03
14h-17h	→ História das Artes Visuais: práticas artísticas - T-1	A confirmar	21/03
14h-17h	→ História das Artes Visuais: práticas artísticas - T-2	A confirmar	21/03
13h30m – 15h10m	→ Brinquedos e Brincadeiras: registro de memórias (UNA9678)	A confirmar	21/03
14h20-16h50m	→ Oficina de Música (UNA9681)	E46-07	21/03
14h-15h30m	→ Fotografia e seus encantos (UNA9027) T-2	E46-05	21/03
15h30m – 17h30m	→ Informática Básica - intensivo (UNA5858) – Turma 1 (4ª e 6ª)	O-33 / MUDI	21/03 a 25/04
15h30m – 17h30m	→ Informática Básica - intensivo (UNA5858) – Turma 2 (4ª e 6ª)	O-33 / MUDI	04/05 a 06/06
15h30m – 17h30m	→ Informática Básica - intensivo (UNA5858) – Turma 3 (4ª e 6ª)	O-33 / MUDI	13/06 a 13/07

QUINTA-FEIRA

Horário	Curso	Local	Período/início
8h – 9h	→ Hidroginástica (UNA5863), 3ª e 5ª, mod.1/2	DEF/Piscina	20/03
8h – 12h	→ Floricultura (UNA9689)	E46-07	22/03
7h45m – 9h20m	→ Notícias e redes sociais: como interpretá-las? UNA9674	E46-05	29/03
9h30min-11h20m	→ As plantas e seus segredos (UNAxxxx)	G80- confirmar sala	22/03
13h30m-15h10m	→ Viver e Sobreviver nas Cidades (UNA9685)	Bloco 12-05	22/03
14h-15h30m	→ Tratando a Fotografia (continuação) – T-1	E46-05	22/03
14h – 15h	→ Academia (UNA5868) aulas 3ª e 5ª, mod.1/2	tatame	20/03
13h30m – 15h10m	→ Caçando o Tesouro escondido no assoalho paranaense (UNA74676)	J-12-02	22/03
13h30m – 15h30m	→ Coral (UNA5877)	PEC/BI. A34	22/03
14h-16h	→ Inglês para iniciantes – nível básico - T-2 - (aulas 3ª e 5ª)	Bloco 29/ILG	27/03

SEXTA-FEIRA

Horário	Curso	Local	Período/início
---------	-------	-------	----------------

8h – 9h35m	→ A Produção de Medicamentos e a Saúde da População (UNA7059–01)	K68-12	19/0 3
7h45m-9h20m	→ Equilíbrio corpo mente IV: desenvolvimento humano, autoconhecimento e espiritualidade (UNAxxxx) - turmas 01 e 02	E46-05	23/0 3
9h40m-11h30m	→ Equilíbrio corpo mente no cotidiano das pessoas I (UNA7430) - T-3	E46-05	23/0 3
15h30m – 17h30m	→ Informática Básica - intensivo (UNA5858) – Turma 1 (4ª e 6ª)	O-33 / MUDI	21/0 3 a 25/0 4
15h30m – 17h30m	→ Informática Básica - intensivo (UNA5858) – Turma 2 (4ª e 6ª)	O-33 / MUDI	04/0 5 a 06/0 6
15h30m – 17h30m	→ Informática Básica - intensivo (UNA5858) – Turma 3 (4ª e 6ª)	O-33 / MUDI	13/0 6 a 13/0 7

- Monitoria de Informática sexta-feira 13h30m às 15h, Bl. O-33/MUDI

ANEXO 10 - Lista de temas discutidos na Roda de Conversa para Idosos

TEMAS PARA RODA DE CONVERSA

1. AS REGRAS DA MORAL PROVISÓRIA por Rêne Descartes (1596-1650).
2. A CAIXA DE BRINQUEDOS (sobre o ócio da 3ª idade).
3. TRAJETÓRIA DA VIDA (bifurcação da vida: eu poderia ter escolhido outro caminho e daí eu seria...).
4. RECOMECE – por Bráulio Bessa (Poesia com Rapadura).
5. PELA PARTE DE CIMA por Carlos Heitor Cony (Crônica sobre controvérsia irrelevante)
6. TURISTA OU PERGRINO? (metáforas) Por Ives de La Taille: cita Zigmunt Bauman
7. NÃO (As facetas do NÃO/ Por Pe.Vieira
8. AMIGOS ANTIGOS.
9. FESTA DE ANIVERSÁRIO (lembranças de infância).
10. SUPERSTIÇÃO.
11. TEMPOS DIFERENTES.. Gerações em conflito
12. AMIZADE (livro do Francesco Alberoni/ BALDINI, Amizade e os filósofos)
13. PRESENTE DE AMIGO SECRETO (como escolher e comprar).
14. TRABALHO E LAZER.
15. SEXUALIDADE NA 3ª IDADE.
16. FELICIDADE (como ser feliz com nossas limitações).
17. RODA DE AMIGOS, PAPOS LONGOS, AMIZADES SINCERAS.
18. O TEMPO. (texto de Danuza Leão)
19. PAIS QUE AJUDAM FINANCEIRAMENTE OS FILHOS. (generosidade ou exploração?)
20. HUMOR, MÚSICA, ALEGRIA.
21. CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA.
22. ÉTICA e MORAL
23. AUTO-ENGANO. Texto de Raymundo de Lima. Livro de Eduardo Gianetti
24. AUTO IMAGEM...quando crianças, jovem, adulto e idoso.
25. "É PRECISO IR EMBORA", por Fabricio Carpinejar.
26. A PERIGOSA NOSTALGIA DOS IDOSOS. Por Contardo Calligaris. (Folha de S. Paulo:30/06/2016.
27. "PARA QUE SERVE A EMPATIA?" Texto de Raymundo de Lima.
28. "A DIGNIDADE DA VELHICE". Texto de Raymundo de Lima.
29. VISTA CANSADA. Por Otto Lara Resende.
30. ENCONTRAR O PROJETO DE VIDA. Por Mirian Goldemberg (A Bela Velhice).
31. CONQUISTA A LIBERDADE. Por Mirian Goldemberg (A Bela Velhice).
32. "VIVER O PRESENTE". Por Mirian Goldemberg (A Bela Velhice).
33. "Poema em linha reta" (Fernando Pessoa)
34. Sobre chatos e chatices
35. Eu me preparei para me aposentar? (distinguir "tempo livre" de "ócio", por Domenico De Masi).
36. Tolerância e intolerância
37. "O recomeço" (lembança sobre momento da vida que conseguiu recomeçar).
38. O que é estar na 4a.idade (depois dos 80)?

APÊNDICES

APÊNDICE 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A ARTE DE VIVER: EXPERIÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS COM A EDUCAÇÃO ABERTA ÀS VELHICES

Prezado (a) Senhor (a):

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa de doutorado, cujo objeto é avaliar o impacto que experiências com educação e de assessoramento a comunidade idosa promovem na vida desses sujeitos e perceber de que maneira se evidencia na prática tal ação, contribuindo através da criticidade para formação de novas propostas de políticas públicas ou reproduzindo o que traz as legislações sobre velhice, integrando o idoso na perspectiva de ser único independente da sua realidade histórico-cultural.

A sua participação é muito importante e ela se daria por meio de entrevista. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto que acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Esclarecemos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Informamos ainda que não haverá benefícios diretos e indiretos provenientes desse trabalho, ou seja, o (a) senhor (a) não pagará nem será remunerado por sua participação.

Caso tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode entrar em contato com a orientanda e/ou orientadora:

- Juliana de A. F. Doronin (44) 999517603, Rua: Basílio Sautichuk, 356, centro, Maringá-PR, e-mail: julianadoronin@hotmail.com e Orientadora Profª Dra. Silvana Tótora e-mail: silvanatotora@gmail.com

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você. Maringá, _____ de _____ de 2018.

Juliana de A. F. Doronin RG: 2125452 SPP-PB

Eu _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____ RG: _____ CPF: _____

								r c a p i t a

1.3 Outra Pessoa contribui com a renda?

Nome:	Valor da contribuição:

1.4 Despesas Mensais Fixas (Considerar último mês):

Água e esgoto	R\$	Alimentação	R\$	Saúde	R\$
Empregados/Cuidadores Diarista/Enfermeiros	R\$	Impostos: IPVA/IPTU/IR	R\$	Transporte Combustíveis	R\$
Empréstimos/ Financiamentos	R\$	Luz/Gás/Telefone Internet.	R\$	Clube/lazer	R\$
Outros	R\$			Total	R\$

1.5 A casa em que o Sr. (a) reside é:

() Própria em pagamento () Própria quitada () Alugada () Empréstada () Cedida

1.6 Assinale os itens que o Sr (a) possui em casa?

Marque X	Itens	Quantidade	Marque X	Itens	Quantidade
<input type="checkbox"/>	Tv		<input type="checkbox"/>	Fogão	
<input type="checkbox"/>	Videocassete e/ou DVD		<input type="checkbox"/>	Micro-ondas	
<input type="checkbox"/>	Rádio		<input type="checkbox"/>	Telefone fixo	
<input type="checkbox"/>	Microcomputador		<input type="checkbox"/>	Telefon/celular	
<input type="checkbox"/>	Automóvel		<input type="checkbox"/>	Acesso à Internet	
<input type="checkbox"/>	Máquina de lavar roupa		<input type="checkbox"/>	Tv por assinatura	
<input type="checkbox"/>	Geladeira				

1.7 O Sr. (a) já trabalhou? () Sim () Não

1.7.1 Trabalha atualmente? () Sim () Não

a) Onde? _____

b) Quantas horas semanais o senhor (a), trabalha?

() Sem jornada fixa, até 10 horas semanais. () De 11 a 20 horas semanais. () De 21 a 30 horas semanais. () De 31 a 40 horas semanais. () Mais de 40 horas semanais.

1.8 Recebe Aposentadoria? () Sim () Não

Se sim, que tipo de aposentadoria? Aposentadoria por idade, Aposentadoria por tempo de serviço, Aposentadoria por doença / invalidez, BPC (Benefício de Prestação Continuada), Outra? Qual?

(descreva): _____

Recebe outro tipo de Benefício? () Sim () Não. Se sim, qual? _____

1.9 No quesito dependência, o Sr. (a) considera que depende de alguém economicamente e /ou socialmente? Se sim, que tipo de dependência? E de quem?

1.9.1 Ainda sobre o quesito dependência há alguém dependente economicamente ou socialmente do senhor (a)? Se sim, que tipo de dependência e quem?

Eixo 2: Sociocultural

2.1 Qual seu nível de escolaridade? a) () Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário) b) () Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio) c) () Ensino Médio (antigo 2º grau) d) () Ensino Superior e) () Especialização f) () Cursou EJA (Educação de Jovens e Adultos) e) () Não estudou f) () Não sei

2.2 Tem interesse em voltar a estudar? Por quê?

() Sim _____

() Não _____

2.3 Se sim, o que o Senhor (a) gostaria de estudar?

2.4 Como se mantém informado? () Tv () Jornal () Revista () Internet () Rádio

2.5 Qual seu lazer preferido? () Dançar () Teatro/ Shows Musicais () Cinema () Ler

() Esportes () Outros _____

Eixo 3: Sociopolítico

3.1 O Senhor(a), participa ou já participou de algum grupo social além do grupo do projeto Viver Melhor? () Sim () Não. Se sim, que tipo de grupo?

3.2 Se não, tem interesse em participar? Por quê? _____

3.3 Quais os assuntos que mais gosta de debater em grupo?

3.4 O que lhe motivou a participar do projeto Viver Melhor?

3.5 Têm conhecimento das políticas públicas para o Idoso?

3.6 Já participou de conferências e ou/ conselhos? Não () Sim ()

() Idoso () Saúde () Criança/Adolescente () Mulher () Pessoas com Deficiência

4- Percebeu mudanças em sua vida desde que começou a frequentar esse grupo?

O que mudou?

5- O que o motiva a continuar participando desse projeto?

6- Já indicou alguém? () não () sim quem? _____

7- Incentivou alguém a não desistir? () não () sim quem? _____

Qual argumento utilizou? _____

8 - Qual o maior conhecimento adquirido durante os encontros? Ou seja, o que o senhor(a) não sabia e passou a saber?

9- O senhor (a) lembra de algum episódio na sua vida cotidiana que utilizou os conhecimentos adquiridos no projeto para auxiliá-lo(a)? Se sim, o quê e em qual situação?

10- Para o senhor(a) o que seria a velhice? Ou envelhecer? Sente algum constrangimento em ser tratado como velho(a)?

11- Referir-se ao tratamento aos idosos(as). Percebe alguma rejeição em relação à velhice ou ao envelhecimento por parte das pessoas mais jovens?

12- Em relação à sua família, como eles percebem a velhice e o envelhecimento?

13- E o Estado? Existem políticas de saúde, lazer, cultura e educação para esse momento da vida em que estamos velhos? Percebe diferenças em relação ao passado?

14- Sente alguma diferença após os Estatutos no tratamento ao idoso(a)? O senhor percebe se as pessoas respeitam esse Estatuto? Considera que a sua aplicação tem sido realizada?

15- Considera importante essa questão?

16- Qual a sua posição em relação ao tratamento dado aos idosos pelos órgãos públicos de saúde, previdência, de lazer, de cultura e de educação? Existe um tratamento específico para as necessidades de cada um? Considera-se a igualdade para todos? E também as diferenças?

17- Se olharmos para o passado, na época de seus pais o senhor consegue perceber alguma diferença em relação ao tratamento dado aos idosos? Acha que melhorou? Piorou? Em que?

18- Em relação ao passado, considera alguma diferença em relação ao envelhecimento ou a velhice? A possibilidade de viver mais tempo (a longevidade) provoca alguma mudança em seu modo de vida? Quais?

19- Fale um pouco o que seria envelhecer ou estar velho(a) para o senhor(a)? Quais as suas realizações neste momento de sua vida? O que considera importante? E o que não mais considera importante? (a repetição dessa importante questão poderá complementar alguma omissão anterior)

20- Como gostaria de viver esse momento de sua vida?

Obs 1 : Para os participantes da UNATI, foi utilizado todo o questionário e para os do VIVER MELHOR, apenas das questões 4 à 20 (conforme exposto na metodologia).

Obs 2 : Parte desse questionário foi adaptado da FONTE: OLIVEIRA, T.F.S. Viver Melhor: Uma Experiência com Idosos na Extensão Universitária, 2016. 110 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR/Paranavaí, 2016, no qual estive como orientadora, por tratar-se de parte da amostra dessa pesquisa, no caso; o grupo de extensão VIVER MELHOR/UNESPAR.

APÊNDICE 3 - Roteiro de entrevista com Familiares

Roteiro de entrevista para os familiares dos idosos do Grupo Viver Melhor e da UNATI:

1.1. Identificação:

Nome		Idade	
Pseudônimo ou abreviatura do nome			

1.2. Grau de parentesco com idoso (a)

() filho (a) () neto(a) () enteado (a) () sobrinho(a) () afilhado (a) () cuidador (a)

1.3. Quanto tempo mora com idoso

() Menos de 1 ano () entre 2-5 anos () mais de 6 anos () sempre morou

1.4. O idoso com quem convive participa de que projeto:

() Projeto Viver Melhor

() UNATI

1.5- Acha importante a participação dele (a) nessas atividades regulares?

() Não por que? _____

() Sim por que? _____

1.6- Quando chega em casa, o que ele (a) costuma comentar?

1.7- Percebe mudanças nele (a) após a participação das reuniões/aulas? Quais?

1.8- O senhor (a) se recorda de algum episódio na vida cotidiana do idoso que percebeu e/ou ele(a) comentou, ter utilizado o (s) conhecimento(s) adquirido(s) na UNATI para auxiliá-lo(a)? Se sim, o quê e em qual situação?

1.9- E quanto ao senhor(a), qual a sua visão sobre a velhice e o envelhecimento?

1.10- Como percebe que a sociedade enxerga a velhice?

1.11- E o Estado? Existem políticas de saúde, lazer, cultura e educação para esse momento da vida em que estamos velhos? Considera suficientes essas políticas para atender a população de idosos? Percebe diferenças em relação ao passado? Considera que a velhice deveria merecer tratamento prioritário? Sim e não e porque?

1.12- Conhece o estatuto dos idosos? O que acha dele? Apresenta alguma falha? Se pudesse fazer alguma alteração, faria? Em que? O que falta? Sente alguma diferença após os Estatutos no tratamento ao idoso(a)? O senhor percebe se as pessoas respeitam esse Estatuto? Considera que a sua aplicação tem sido realizada? Quais as suas sugestões para melhorar sua aplicação?

1.13- E sobre a Constituição? O que acha dela? Apresenta alguma falha? Se pudesse fazer alguma alteração, faria? Em que? O que falta?

1.14- Todos os idosos são iguais? Tem as mesmas necessidades? Qual a sua posição em relação ao tratamento dado aos idosos pelos órgãos públicos de saúde, previdência, de lazer, de cultura e de educação? Existe um tratamento específico para as necessidades de cada um? Considera-se a igualdade para todos? E também as diferenças?

1.15- Se olharmos para o passado, na época de seus avós o senhor consegue perceber alguma diferença em relação a vida do idoso (a) que é responsável. Acha que melhorou? Piorou? Em que?

1.16 - Possui alguma expectativa em relação à velhice. Quais?

APÊNDICE 4- Lista de temas discutidos no VIVER MELHOR/UNESPAR

LISTA DE TEMÁTICAS DOS ENCONTROS COM IDOSOS DO VIVER MELHOR

(Setembro de 2016 a Outubro de 2017)

- Rede Socio-assistencial com ênfase no acolhimento Institucional
- Apresentação do Campus da UNESPAR/Paranavaí aos idosos com Tour pelas diversas instalações como laboratórios diversos, biblioteca, centro de eventos, mini-auditório, projetos de extensão, salas de aula, centro administrativo.
- As subjetividades das expressões da velhice para os participantes do projeto.
- Exposição de discentes para idosos de algumas pesquisas relacionadas ao Projeto- “A experiência do projeto de extensão Viver Melhor, envelhecimento populacional e o olhar de discentes sobre experiência extensionista e universitária com os idosos”.
- Exposição sobre “Boa Alimentação e visitação de Idosos a Horta Orgânica da Unespar
- Protagonismo e empoderamento da pessoa idosa com estudos sobre legislações sobre direito do idoso (Política Nacional do Idoso; Estatuto do Idoso e Constituição de 1988)
- Análise, sistematização, levantamento, discussão e assessoramento sobre as deliberações das Conferências do Idoso (2008 e 2015) realizadas em Paranavaí-Pr
- Exibição e discussão sobre o filme: O Estudante- do diretor e roteirista Roberto Giraul abordando a importância da Educação para o Idoso
- Motivações e expectativas dos idosos contemporâneos
- Elaboração de Instrumental, aplicação, análise, sistematização e assessoramento junto aos idosos na construção de proposições de ações para composição do Plano Municipal da Pessoa Idosa (gestão 2017-2021) nos eixos de: Saúde; Educação, Ciência e Tecnologia; Justiça e Segurança Pública; Cultura, Esporte e Lazer; Promoção e Assistência Social; Habitação, Transporte e Urbanismo; Ações transversais e financiamento; Trabalho e Previdência Social.
- Concepções e percepções sobre o envelhecimento na contemporaneidade/ Mau estar diante dos valores de produção
- Relações Intergeracionais positivas com realização de oficina de artes na integração de idosos e jovens.
- Debate filosófico com idosos na exposição da obra: “ A Velhice, Nietzsche e EU”
- Elaboração de instrumental e aplicação e sistematização com levantamento de interesses sobre temáticas ligadas ao envelhecimento para composição de futuras ementas em caso de implantação de Universidade Aberta a Terceira Idade e Núcleo de Atendimento Psico-Jurídico e Social no Campus de Paranavaí.
- Mobilização do enfrentamento da violência contra o Idoso
- Importância do trabalho em Rede
- Refletindo sobre seu Município (Território)
- Aproximação com a comunidade externa na vivência de trabalho em grupo
- Aprofundamento teórico sobre temática do envelhecimento para planejamento das reuniões
- Elaboração e execução de planos de trabalho
- Participação nas Reuniões do GT do CMDI para elaboração do plano municipal da pessoa idosa gestão (2017-2021)
- Participação e/ou Apresentação com publicações de trabalhos Científicos-acadêmico sobre a temática do Idoso.

APÊNDICE 5 - Lista de temas discutidos no Café Filosófico (UNATI/UEM)**LISTA DE TEMAS DO CAFÉ FILOSÓFICO (UNATI)**

- ✓ 21ª edição do Café Filosófico "ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL: PROTAGONISMOS E EMPODERAMENTO" ministrada pelo Cardio-geriatra Dr. Marcos A. S. Cabrera" em 27 de Março de 2018 UNATI/ UEM no SESC -Avenida Duque de Caxias, 1517, Zona 7, Maringá, Pr.
- ✓ 25ª edição do Café Filosófico "MAQUIAVEL E A LÓGICA DA CORRUPÇÃO POLÍTICA", ministrada pelo Prof. Dr. José Antônio Martins em 26 de Junho de 2018 UNATI/ UEM no SESC- Avenida Duque de Caxias, 1517, Zona 7, Maringá, Pr.
- ✓ 29ª edição do Café Filosófico "O papel dos avós na modernidade", ministrado pelo Dr. Hélio Borges-Psiquiatra em 28 de Maio de 2019 Auditório do Bloco H-35 na UEM

